

ILÍADA

Homero

InfoLivros.org



SINOPSE DA ILÍADA

A *Ilíada* é um poema épico, atribuído ao autor grego Homero, que narra alguns dos eventos da Guerra da Tróia. Embora a guerra tenha durado 10 anos, a *Ilíada* só narra, em 24 cantos, o que aconteceu em 51 dias do ano passado.

É assim que ele se concentra no que seria o episódio que iniciaria o resultado da história: a ira de Aquiles. Tudo começou com o sequestro de Helena por Paris. Paris era filho do rei da Tróia, Príamo, e Helena era a esposa de Menelaus, o rei de Esparta. Agamenon, que era o rei dos gregos e irmão de Menelaus, naturalmente o apoiou, o que desencadeou a famosa Guerra da Tróia.

Após 9 anos de conflito sobre o sequestro de Helena, acontece algo que irrita Aquiles. Agamemnon decide sequestrar Briseis, seu escravo favorito, então Aquiles decide retirar-se da batalha.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link

[Ilíada por Homero em InfoLivros.org](#)

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [Iliada author Homero](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [Iliada autor Homero](#)
 - Francês InfoLivres.org: [Iliada auteur Homero](#)
-

Se quiser ler e descarregar mais livros de Homero em formato PDF, convidamo-lo a visitar esta página:

- [Homero em formato PDF em InfoLivros.org](#)
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

L I V R O I

Canta-me, ó deusa, do Peleio Aquiles A ira tenaz, que, lutuosa
aos Gregos,

Verdes no Orco lançou mil fortes almas, Corpos de heróis a
cães e abutres pasto: Lei foi de Jove, em rixa ao discordarem O
de homens chefe e o Mirmidon divino.

Nume há que os malquistasse? O que o Supremo Teve em
Latona. Infenso um letal morbo

No campo ateia; o povo perecia,

Só porque o rei desacatara a Crises. Com ricos dons remir viera
a filha Aos alados baixéis, nas mãos o cetro E a do certoiro
Apolo ínfula sacra.

Ora e aos irmãos potentes mais se humilha: “Atridas, vós
Aqueus de fina greva,

Raso o muro Priâmeo, assim regresso Vos dêem feliz do Olimpo
os moradores! Peço a minha Criseida, eis seu resgate;

Reverentes à prole do Tonante,

Ao Longe-vibrador, soltai-me a filha.”

Que, aceito o preço esplêndido, se acate O sacerdote
murmuraram todos;

Mas desprove a Agamemnon, que o doesta E expele duro: “Em cerco às naus bojudas Não me apareças mais, quer ouses, velho, Deter-te ou retornar; nem áureo cetro,

Nem ífula do deus quiçá te valha. Nunca a libertarei, té que envelheça Fora da pátria, em meu palácio de Argos A urdir-me teias e a compor meu leito.

Sai, não me irrites, se te queres salvo.” Taciturno o ancião treme e obedece, Busca as do mar flutissonantes praias. Ao que pariu pulcrícoma Latona Afastando-se impreca: “Arcitenente, Ouve, Esminteu, que Tênedos enfreias, Crisa proteges e a divina Cila,

Se de festões colguei teu santuário, Se de cabras e touros coxas pingues

Te hei queimado, compraze-me os desejos, A tiros teus meu choro os Dânaos paguem.” Febo, a tais preces, arco e aljava cruza,

Do vértice do céu baixa iracundo;

Vem semelhante à noite, e a cada passo Tinem-lhe ao ombro as frechas. Ante a frota Suspenso, a farpa do carcás descaixa, Terrível o arco argênteo estala e zune: Moles primeiramente a cães e a mulos, Depois com vira acerba ataca os homens, De cadáveres sempre a arder fogueiras.

As tropas dias nove asseteadas,

Ao décimo as convida e ajunta Aquiles; Inspiração da
bracinívea Juno,

Que seus Dânaos morrer cuidosa via. Ele, em pinha o
congresso, velocípede

Se alça e diz: “A escaparmos, julgo, Atrida, Retrocedermos
errabundos cabe:

Peste os nossos consome e os ceifa a guerra.

Eia, adivinho, arúspice, ou de sonhos (Jove os envia) convector
se inquiria,

Que explique a ofensa do agastado Febo: Se a votos e
hecatombes lhe faltamos;

Se, para desarmar-se, olor de assados

Cordeiros nos reclama e nédias cabras.”

A seu lugar tornou. De áugures mestre, No passado e presente
e porvir sábio, Surgiu Calcas Testórides, que a Tróia Por influxos
de Apolo as naus guiara, E concionando exordiou prudente:

“Mandas-me, ó caro a Júpiter, o agravo Do grã frecheiro expor.
Aqui prometas

Com braço e voz cobrir-me: o fel eu temo Do amplo-reinante
que domina os Graios; E ao fraco se um monarca ódio concebe,
Cose-o e concentra, enquanto o não sacia.

Tu me assegura.” — “Afouto, brada Aquiles, Vaticina. Por Febo,
a Jove grato,

A quem rogas e oráculos te ensina, Nenhum, desfrute eu vivo o
térreo aspecto, Nenhum violentas mãos te porá, Calcas;

Nem que seja Agamemnon, que entre Aquivos De mais
prestante e augusto se ufaneia.” Anima-se o bom velho:

“Sacrifícios

Nem votos pede Apolo; em nós o ultraje Punindo vai do Atrida,
que ao ministro O livramento rejeitou da filha;

Nem grave a destra poupará castigos, Se não reverte a jovem
de olhos pretos, Sem resgate ou presente, ao pai querido,
Remetendo-se a Crisa uma hecatombe.

Com isto por ventura o deus se aplaque.” O áugur mal se
abancava, o rei soberbo, Senhor pujante, merencório ergueu-se:
Raiva as entranhas lhe intumesce e afuma, Cintila a vista em
brasa; esguelha a Calcas Tétrico cenho: “Desastroso vate,

Nunca essa boca aprove-me: o teu ponto É pregoar desditas;
nem palavra

Nem obra tens que preste. Agora os Dânaos, Pena-os Febo em
vingança da retida

Criseida em quem me inflamo, a quem pospunha Clitemnestra
gentil que esposei virgem,

Que não lhe cede em garbo, engenho e prendas. Pois mais convém, liberta a restituo;

Sadio o anseio, não padeça o povo.

Mas preparai-me um prêmio; eu só dos Gregos Dele excluído ser não me é decente;

O meu, testemunhais, me foi roubado.”

Controverte o Peleio: “Vanglorioso Avidíssimo Atrida, que outra paga Exiges dos magnânimos Aquivos? Por dividir ignoro onde haja espólio; Partiu-se o das cidades saqueadas; Hoje um novo sorteio é repugnante.

Ao deus concede-a; recompensa triple, E quádrupla terás, quando o Satúrnio Derrocar nos outorgue a excelsa Tróia.”

Retorque o rei: “Se és bravo ó divo Aquiles, Com dolo e subterfúgios não me enganes: Possuis tua cativa, eu perco a minha;

E impões que de perdê-la me contente? Meu peito satisfaçam de igual prenda Os liberais Aqueus; senão, teu prêmio, De Ulisses ou de Ajax, trarei comigo: Amargará quem for.

Sobrestejamos Nisto por ora. Ao pélago deitemos Negra nau bem remada, que transporte A hecatombe e Criseida esbelta e linda. Um dos cabos, Ajax, o egrégio Ulisses, Idomeneu comande-a, ou tu Pelides,

Tremendíssimo herói, para que Apolo Nos tentes granjear com sacrifícios.”

“Ah! como, o vulto fecha e estronda Aquiles, Vulpina alma sem pejo, a teus acenos

Há quem marche a conflitos e emboscadas? Não vim bater os valorosos Teucros

Por queixa pessoal: corcéis nem reses Me furtaram, nem agros destruíram

Da altriz guerreira Ftia; entre nós muita Serra medeia opaca e o mar sonoro.

Vimos, cão protervo, para em Tróia A Menelau e a ti lavar a nódoa.

Alardeias, ingrato, e nos desprezas; Audaz cominas arrancar-me a escrava, A dádiva de Aqueus por tantas lidas. Caia Ílion famosa: embora o peso

Da guerra em mim carregue, o mais opimo Quinhão terás; com pouco eu volte a bordo Sem boquejar, de choques fatigado.

A Ftia me recolho e os meus navios, Já que aviltas a mão que de tesouros A fome te fartava: eu te abandono.”

“Foge, Agamemnon replicou-lhe, foge,

Se é teu prazer; que fiques não te imploro: Honram-me outros, e em Júpiter confio.

Dos reis alunos dele és quem detesto; Só respiras discórdias,
rixas, pugnas. Tens valor? agradece-lho. Os navios

Recolhe e os teus; nos Mirmidões impera: Não te demoro; esse
rancor desdenho.

Priva-me de Criseida Febo Apolo:

Em nau minha esquipada vou mandá-la. À tenda hei de ir-te
mesmo, eu to previno, Tomar-te a elegantíssima Briseida;
Sentirás em poder como te excedo,

E outrem se me antepor e ombrear trema.” Chameja o herói, no
hirsuto peito volve

Se de ante o fêmur desbainhe o estoque E por entre os Aqueus
lho embeba todo, Ou se o furor no coração reprima.

Já meia espada a cogitar sacava:

Eis da alva Juno, que os escuda e preza, Por ordem Palas
desce, e aos mais invisas, Atrás o aferra pela flava coma.

Volta-se ele espantado e a reconhece Pelo medonho olhar, e
sem demora: “A que vens ó do Egífero progênie?

A assistir aos convícios de Agamemnon? Pois to declaro, e
conto já fazê-lo,

Tem de acabar a vida esse orgulhoso.” E a déia olhicerúlea:
“Vim, de acordo Com Juno albinigente, amiga de ambos,

Comedir-te e amansar. Anda, em palavras Tu desabafa, a lâmina embainha.

Por esta injúria, to predigo certo,

Inda haverás em triplo insignes prêmios. Sê-nos pois dócil, a paixão modera.” “Cumpre, o fogoso torna-lhe, é cordura Mesmo irado curvar-me a tais preceitos:

Quem se submete, os deuses mais o escutam.” Logo a pesada mão no argênteo punho Conteve, encasa e esconde o gládio horrendo. Ela a Júpiter se ala e às mais deidades.

Não deposto o furor, contra Agamemnon: “Ébrio, acérrimo Aquiles vocifera,

Cara de perro e coração de cervo,

Nunca te armas e à liça te abalanças, Nunca às ciladas os homens acompanhas: Isto te é morte. Em vasto acampamento, Sim, mais vale esbulhar os que te arrostando: Cobardes reges, vorador do povo;

Senão, tanta insolência aqui findara. Por este cetro juro, que estroncado Jamais rebentará, pois na montanha Folhas e casca cerceou-lhe o gume; Por este, que os Grajúgenas arvoram Do justo guarda e das leis divinas, Juro, Atrida, é solene o juramento, Suspirarão sem falta por Aquiles;

Nem lhes serás de auxílio, quando em barda Esse Heitor homicida os vá segando.

Então de raiva e nojo há de comer-te, Porque o maior dos Gregos rebaixaste.” Nisto, arrojando o cetro auricravado, Sentou-se. O Atrida em cólera abafava. Nestor Pílio intervém, de cuja língua Doce eloqüência mais que o mel fluía.

Dos falantes que, nados na alma Pilos,

Criaram-se com ele, idade duas Decorridas, reinava na terceira. Discreto e afável, o discurso tece: “Numes eternos, oh! que luto à Grécia! Oh, que júbilo a Príamo e seus filhos!

Folgue Ílio à nova de que assim litigam Os de mor pulso e tino. Obedecei-me, Sou velho, ó moços. Tido em boa conta Com melhor que vós me dava outrora. Varões vi nunca, nem verei, qual Drias Das gentes regedor, Ceneu e Exádio, Um Piríto, um divo Polifemo,

Teseu Egides a imortais parelho. Outros como estes não nutria a terra: Feros pugnaram trucidando a feros Montícolas Centauros. Lá de Pilos,

Da Ápia eu vinha rogado; conversava-os, Quanto era em mim nas lutas me exercia. Ninguém dos vivos de hoje os contrastara; Atendiam contudo os meus conselhos: Atendê-los vos praza. Ao mais estrênuo Tu não tomes dos nossos a só paga;

Nem de ao rei contravir, Pelides, cures; Dos eleitos que Júpiter estima, Cetrígero nenhum se lhe equipara: Mãe deusa te gerou, valor te sobra;

Tem ele mais poder, que impera em muitos. Eu to suplico, Atrida, a fúria amaina,

Sê brando para quem nesta árdua empresa É baluarte e escudo aos Gregos todos.”

E Agamemnon: “Com tento nos falaste,

Reto ancião. Primar quer sempre esse homem, Poderio se arroga, e eu não lho sofro.

Se os imortais invicto o constituíram, Permitem-lhe por isso os impropérios?” “Fraco eu seria e vil, o atalha Aquiles, Se inda me sujeitasse: os mais o aturem;

Cesse em mim teu domínio, eu to recuso. Digo, e na mente o grava: ao retomardes Meu galardão, contigo nem com outrem Pendência travarei; mas não me toques Al do que encerro em leve bojo escuro.

Ousa-o; que saberão como o defendo

Como em teu sangue impuro ensopo a lança.”

Finda a rixa, o congresso Aqueu dissolvem. O herói para seu bordo retirou-se,

A escolta e o seu Menécio. Ao mar o Atrida Baixel deita, e
remeiros vinte elege; Conduz no embarque a nítida Criseida,
Mais a hecatombe: sob o cauto Ulisses Fendem rápido as
úmidas campinas.

Com lustrações o exército Agamemnon Expurga e n'água a
lavadura atiram; Cabras e touros cento a Febo ao longo Do
inesgotável pego sacrificam:

Monta ao céu pingue cheiro envolto em fumo. Ali mesmo
efetua o chefe Argivo

Sua ameaça; dous arautos chama, Taltíbio e Euríbate,
expeditos servos: “Ide ao Pelides e agarrai-me a escrava; Aliás,
mais agro transe, à força aberta A formosa Briseida eu vou
tirar-lha.” E com ríspidas ordens os despede.

O infrugífero mar cercando invites, Junto ao real e à capitânia
quedo,

Entre os seus Mirmidões na praia o acharam:

Por certo não gostou de os ver Aquiles.

De assombro estacam, nem tugar se atrevem Ante o herói
formidável, que o percebe: “Salve, núncios de Jove e dos
guerreiros; Sus, não vos culpo, arautos. Agamemnon Vo-lo
ordenou. Vai tu, celeste aluno,

Vai por ela, Pátroclo, e a moça levem. Aos mortais, ao rei sevo,
às divindades, Vós mo atesteis, se for mister meu braço A
desviar dos outros a vergonha...

Que furor cego! alheio do presente,

O porvir não prevê, nem como os Dânaos Das naus sem risco
em derredor pelejem.” Da tenda, à voz do amigo, traz Pátroclo

E entrega-lhes Briseida fresca e bela,

Que os seguiu pesarosa à esquadra Argiva. Só, carpindo-se,
Aquiles na espumante Beira ficou-se; o ponto azul esguarda,
As palmas tende e à boa mãe recorre: “De curta vida, ó Tétis,
me pariste; Sequer me engrandecesse o Altipotente; Mas ele
não me outorga a menor glória.

Em meu despeito o soberano Atrida Arrebatou-me o prêmio e
dele goza.” Ao pé do anoso pai, lá no áqueo fundo Sentiu-lhe o
pranto a veneranda ninfa: Da salsa espuma, como névoa,
surde; Conchegada ao Pelides lamentoso, Com mão fagueira
consolando o anima:

“Choras? que ânsia te aflige? Nada encubras, Comunica-me,
filho, as penas tuas.”

Do íntimo o celerípede suspira: “Sabes; que val dizer-to? A sacra
Tebas De Eetion depredada, o espólio todo Arrecadou-se, e em
regra o dividimos: Teve o Atrida a pulquérrima Criseida. Remir a
filha com riqueza imensa

Do Longe-vibrador veio o ministro Às lestes naus de cobre
encouraçadas;

Nas mãos faixa Apolínea e o cetro de ouro, Roga e aos dous
potentados mais se abate: Que, em reverência ao cargo, se
receba

O esplêndido resgate, áfio aprovam; Menos o Atrida, que o
repulsa e afronta.

Parte o velho indignado; e o deus que o ama, Dele a instâncias,
vibrou feral contágio,

De que a gente em cardumes fenecia, Pestíferas as setas
rechinando

Por todo o exército. Eminente vate O oráculo solveu-nos; e eu
primeiro

A apaziguar o nume exorto os sócios. Furente ergue-se o rei,
minaz fulmina,

E não debalde; que olhi-espertos Gregos Em ágil nau Criseida
reconduzem

Com pios dons, e arautos mesmo agora Do pavilhão
transferem-me a donzela

Que os Dânaos me doaram. Tu, que o podes, Socorre o filho, ao
grã Tonante ascende;

Se o já serviste com palavras e obras,

Hoje o depreca. A mim no pátrio alvergue, De única blasonavas
que entre os deuses Preservaste o nubícogo Satúrnio

Do feio opróbrio, quando, à frente a esposa E Minerva e
Netuno, o encadearam:

Mas tu, madre, lhe acorres e o desprendes, Convocas em auxílio
o Centimano,

Que é nos céus Briareu, na terra Egéon. Mais robusto que o pai,
da honra altivo, De Jove a par se teve, e de assustados Os
imortais do empenho desistiram.

Recorda-lhe isto, abraça-lhe os joelhos:

Que ajudar queira os Troas; que os Aquivos, Té às popas e ao
mar cerrados, paguem

Por seu tirano e a maldizê-lo expirem. O amplo-dominador
confesse a culpa De insultar o fortíssimo dos Gregos.” E em
lágrimas a déia: “Ai! Filho, como

Te amamentei gerado em hora infausta? Oh! se de mágoa ileso
a bordo fosses!

Urge-te a Parca, e mais que todos penas: Malfadado nasceste
em régios paços.

Em paz, nas prestes naus, teu ódio ceves; Que hei-de ao nevoso
Olimpo ir ver se dobro Quem se deleita com trovões e raios.

Ele e sua corte, às abas do Oceano, De inocentes Etíopes
desd'ontem A mesa logram. No dozeno dia, Ao voltar à mansão
de aênea base,

Revolvida a seus pés tocá-lo espero.” Nisto, sumiu-se-lhe e o
deixou raivando De o desfalcarem da mulher garbosa.

De Crisa em funda barra entrava Ulisses. Ferram-se as velas, no
atro bojo as metem; Enxárcias afrouxando, o mastro arreiam; A
remo aportam, a âncora seguram,

E atadas as rajeiras, desembarcam;

Pós a hecatombe do arci-argênteo Febo, Da sulcadora nau saiu
Criseida.

No altar o sábio Ulisses a apresenta,

Vira-se ao pai querido: “Aqui mandou-me, Crises, o rei dos reis
trazer-te a virgem

E estas cem reses com que o deus mitigues Que em dores nos
soçobra.” Alvorçado O velho ao peito ansioso aperta a filha.

A perfeita hecatombe então colocam Em torno da ara; e, os
dedos já lavados, Pegam do salso bolo. O sacerdote

Orando eleva as palmas: “Se a meus rogos, De Tênedos Senhor,
ó tu que amparas Crisa e a divina Cila, em desagravo

O campo Argeu feriste, hoje me escuta, Remove a peste que devora os Dânaos.” Febo o escudou. Completa a rogativa, Esparso o farro, à vítima o pescoço Vergam atrás, e degolada a esfolam; Cérceas as coxas, no redenho envoltas, Cobrem-nas vivas postas. Ao tostá-las Crises na lenha tinto baco asperge: Qüinqüedentado espeto lhe sustinha Cada servente. Provam-se as fressuras, Já combustas as coxas, e em tassalhos

A mais carne enroscada assam peritos,

E a obra é feita. Apronta-se o convívio: Ninguém do seu quinhão queixar-se pôde. Exausta a sede e a fome, das crateras Coroadas almo vinho os moços vertem; Cada qual auspicando os copos liba.

Por captarem favor, o dia inteiro Jovens Dânaos entoam ledo péan, E seus cantos o deus regozijavam.

Cedendo o sol à treva, ao pé repousam Do amarrado navio, e assim que alveja

A aurora dedirrósea, o porto largam. Ereto o mastro, as pandas brancas velas A brisa enfuna que o certoiro Apolo Bafeja, e a ressoar cerúlea vaga

Do buco em derredor, cortava a quilha O páramo salobre. No abordarem

O arraial dos Aqueus, varado em seco Sobre longos rolhões o bruno casco, Por tendas e outras naus se repartiram. Sempre

enfadado nos baixéis, o ardente Generoso Pelides na
assembléia

De heróis não comparece ou nas batalhas; Do ócio porém seu
coração ralado, Almeja o alarma e pela guerra brame.

Ao duodécimo dia, à casa etérea,

Em testa Jove, os numes se encaminham. Dos mares Tétis, sem
que olvide o filho, Surgindo matutina, ali se alteia;

Semoto encontra o providente Padre No fastígio do Olimpo
cumioso; Pára, da sestra prende-lhe os joelhos,

Da destra o mento afaga, e assim lhe implora:

“Se entre imortais, senhor, te fui profícua Por dito e ação,
preenche-me este voto: Orna a meu filho a vida, já que é breve;
Que o rei possante o assoberbou de insultos E retém-lhe o só
prêmio. Glorifica-o,

Ó pai celeste; aos Frígios dá vitória,

Té que de honras os Dânaos o acumulem.” O anuviador calou-
se, e ela mais insta: “Pois que receias? ou concede ou nega;
Que a deusa ínfima sou prove-se agora.”

Do imo geme o Tonante: “É mau que incites A com seus ralhos
molestar-me Juno,

Que, assídua em me aturdir perante os numes, Desses Troianos
parcial me acusa.

Vai-te, ela não te enxergue. A mim o tomo: Do certíssimo aceno
entre as deidades, Selo à minha promessa irrevogável.” Então
franze as cerúleas sobancelhas,

da cabeça imortal sacode a coma,

E estremece abalado o imenso Olimpo. Obtido o fim, do éter
puro Tétis

Pula ao mar, e o Satúrnio à régia passa.

Nenhum dos deuses o esperou sentado; Vão respeitosos
cortejá-lo todos.

Ele entronou-se; e Juno, que aventara Da Nereida argentípede
o segredo,

Assaltando o invectiva: “Quem, doloso, Fora de mim se conluiou
contigo?

Sempre agradam-te ajustes clandestinos; Nunca um só
pensamento me descobres.” E o rei supremo: “Em penetrar não
cuides Arcanos meus; esposa embora sejas, Penosos te serão.

Nem deus nem homem Quanto ouvir devas me ouvirá primeiro:
Mas o que a parte no ânimo concebo,

Não mo perguntes, nem mo inquiras, Juno.” A augusta irmã
contesta: “Que proferes?

Jamais pergunto nem te inquiri nada; A teu sabor tranqüilo
deliberas.

Mas temo te seduza, ó cru Satúrnio, A branca filha do marinho
velho: Madrugou-te abraçando-te os joelhos; E suspeito anuíste
a que ante a frota

Sucumbam Dânaos por amor de Aquiles.”

Redargúi o que as nuvens amontoa: “Ruim maliciosa, eu não te
escapo; No desagrado meu com isso incorres. Trago pior terás;
que lucro esperas?

Se é verdade o que dizes, foi meu gosto. Não mais, submissa
em teu lugar sossega: Se as mãos te calmo invictas, pouco
importa Que te acudam do pólo os moradores.”

A olhitáurea, trememente e silenciosa, Volve a seu posto, na alma
a dor sopeia; Os demais carregaram-se tristonhos.

Por consolar a bracinívea madre, Vulcano ínclito fabro assim
começa: “É praga intolerável que aos Supremos Questões
humanas alvoroto excitem;

Se o mal grassa, os festins seu preço perdem. À mãe discreta
aviso a que amacie

Meu pai dileto; a repreensão de novo Não nos turbe as delícias
do banquete: Pois, se tal se lhe antoja, o Onipotente Destes
assentos nos derriba a todos.

Sim, com ternos obséquios o acarinhos:

Plácido ele nos seja.” E em tom mais baixo; Duplicôncava taça,
erguido, oferta:

“Paciente, cara mãe, sufoca o anjo; Estes olhos batida ah! não
te vejam. Meu zelo e meu pesar que prestariam? Contra o
fulminador árduo é lutarmos. No acorrer-te uma vez, do pé
travado, Precipitou-me do limiar divino.

Toda a noite rolei na imensidade;

A Lemnos, posto o Sol, fui ter exânime, E os Síntios ao cair me
agasalharam.” Sorrindo, a clara déia o copo aceita.

Pela destra, em redor, seu filho aos numes Da cratera
entornava o doce néctar.

Os beatos celícolas romperam Numa infinita cachinada,
quando Vulcano a escancear se azafamava. É já tarde, e
regalam-se os convivas

De iguais porções de opíparos manjares. Tange na lira Apolo, e
as Musas cantam Com suave cadência e melodia.

Dês que a diurna luz desaparece,

Desencostados, cada qual procura Seu domicílio no
esplendente alcáçar, Do coxo mestre fábrica estupenda.

O fulgurante Olímpio ao toro sobe, Onde usa o meigo sono
acometê-lo; Dorme-lhe em braços a auritrônia Juno.

L I V R O II

Deuses e campeões a noite os lia;

Só vela o Padre, a ruminar de que arte Levante Aquiles e
escarmente os Gregos. A Agamemnon soltar por fim resolve Um
maléfico Sonho, e o chama e apressa: “Voa, Sonho falaz, do
Atrida às popas; Quanto prescrevo, exato lho anuncia: Que
arme os crinitos Graios e as falanges, De extensas ruas a
cidade expugne;

Que, intercedendo Juno, o Céu concorde

Ameaça de ruína a excelsa Tróia.” De cor este recado, o Sonho
parte

Às naus ligeiras, e acha o Atrida preso Do sono, que lhe cerca e
embebe a tenda. À cabeceira, os traços do Nelides

Nestor vestindo, a quem o Argeu potente Mais do que a todos
venerava, o argúi: “Dormes, de Atreu guerreiro ó nobre filho?

E dorme em cheio o próprio em quem descansa, A quem do
exército o cuidado incumbe?

Escuta; mensageiro eu sou de Jove, Que de longe em ti pensa e
te lastima: Arma os crinitos Graios e as falanges, De extensas
ruas a cidade expugna;

Por Juno o Céu concorde, a mão suprema De iminente ruína
ameaça Tróia.

Estas expressas ordens não te esqueçam, Do melífico sono ao
despertares.”

Eis some-se, e o rei fica em devaneios De ir assolar de Príamo a
cidade; Ignora o que o Satúrnio lhe maquina,

Suspiros e aflições que em duros transes A Troianos e Aquivos
se aparelham.

Acorda, e em torno inda a visão lhe soa: Sentado, a nova túnica
luzente

Mórbida enfia, embrulha-se no manto, Liga as sandálias que
nos pés lhe fulgem,

Do ombro suspende a claviargêntea espada, Cetro paterno
empunha incorruptível; Passa da tenda aos bronzeados bucos.

Do Sol embaixatriz à corte Olímpia,

A Aurora abria; com pregões o Atrida

Os comados Grajúgenas convoca, E à voz canora dos arautos
correm.

Primeiro, ante o baixel do rei de Pilos, Os príncipes longânimos
consulta: “Sócios, visão divina eu tive à noite; Era Nestor em
talhe, em gesto e porte. À minha cabeceira, assim me increpa:

— Dormes, de Atreu guerreiro ó nobre filho?

E dorme em cheio o próprio em quem descansa, A quem do
exército o cuidado incumbe?

Escuta; mensageiro eu sou de Jove, Que de longe em ti pensa e
te lastima: Arma os crinitos Graios e as falanges, De extensas
ruas a cidade expugna;

Por Juno o Céu concorde, a mão suprema Em Tróia pesa. O
mando não deslembres. — E evolou-se a visão, deixou-me o
sono.

De armar a gente o meio imaginemos. Quero apalpá-la,
intimarei que fujam Nossas naus; de propósito espalhadas,
Persuadi vós outros o contrário.”

Ei-lo assentou-se, e da arenosa Pilos

O cordato reinante em pé discorre:

” Da Grécia esteios, príncipes e amigos. Se outrem, que não do
exército o cabeça, Tal sonho referisse, de mentira

O tacháramos todos impugnando: Grave é seu testemunho e
irresistível. Arme-se a gente; examinemos como.”

Larga o velho o conselho, e o mesmo fazem, Obsequiando ao
maioral dos povos, Cetrados reis. A multidão fervia:

Quais de oca pedra, em sucessivos bandos, Brotam nações de
abelhas, pressurosas

No múltiplice adejo, e em cachos pousam Do verão sobre as flores; tais, brotando De naus e tendas, sobre a vasta praia Grupos e grupos à assembléia afluem.

Pica-os a Fama, que enviara Jove;

Cresce a balbúrdia, arengam, tumultuam. Do tropel freme a terra, o estrondo ecoa. De arautos nove a brados, o alarido

Lá cede à voz dos reis, do Olimpo alunos. Cala a turba e se abanca; alçou-se o Atrida.

O seu cetro esculpiu Vulcano a Jove,

Que ao de Argos matador brindou com ele, E ao cavaleiro Pélope Mercúrio;

Atreu régio pastor houve-o de herança: Depois coube a Tiestes pecoroso;

A Agamemnon Tiestes o transmite, Com a Argólida inteira e bastas ilhas. Neste se apóia, e rápido se explica:

“Ó fâmulos de Marte, amigos Dânaos, Enreda-me o Satúrnio em lance infesto: Selou que, Ílio extirpada, eu regressasse; Hoje enganoso, tanta vida extinta,

À pátria exige que eu reverta inglório. Do prepotente é gosto, cujo braço Pujante há mil cidades derrocado,

E mil derrocará. Mancha indelével! Ressoé no porvir que inumeráveis, Sem êxito nenhum, travamos guerra

Com tão poucos varões; pois, lealmente Ferida a paz, e os
Troas computados

E em decúrias os Gregos, vinho um Troa Vertesse a cada
Grego, faltariam

Escanções a muitas decúrias:

Tanto julgo aos de Tróia sobejamos. Porém grandes cidades a
auxiliam, Bravas lanças brandindo, que, mau grado, Reparos
seus desmoronar me tolhem.

De Júpiter nove anos decorreram, Lenhos já podres, cabos já
delidos;

E em casa à espera esposas e filhinhos Talvez estão. Da
empresa desistimos; Assim nos é forçoso: velas dadas, Volte-se
ao ninho pátrio; não podemos Ílio soberba conquistar;
fujamos.”

Isto comove os corações estranhos Ao privado conselho, e se
afervoram,

Quais do Icário as maretas que Euro e Noto, Fendendo a Jove
as nuvens, encapelam.

Como ao volúvel Zéfiro a seara Cicia em ondas, a assembléia
toda

Se atira às naus com militar celeuma,

E à marcha o pó se enrola e o céu remuge. Da volta ansiosos,
em limpar caneiros

E em deitá-las ao pélago porfiam.

As quilhas, dos rolhões desimpedidas, Iam partir, contra a fatal
vontade

Se não se dirigisse a Palas Juno:

“Quê! do Egíaco prole, em fuga os nossos Traçam por entre o
equóreo dorso imano Rever a pátria, a Príamo o triunfo

E aos dele abandonando Helena Argiva, Por quem tantos em
Tróia hão perecido Longe da mesma pátria? Ah! com doçura Os
Dânaos suadindo eriarnesados,

Coíbe homem por homem, que não desçam Ao mar nenhum
baixel que a remo vogue.” A olhigázea Minerva incontinente

Lá do pino do Olimpo se despenha; Baixa à frota veloz, de
Ulisses perto: Sisudo como Jove, em dor imerso,

Na embarcação, de apelo pronto, Pausado nem tocava;
e a deusa o aborda: “Generoso Laércio, astuto Ulisses,

Em bem providas naus fugis, a palma A Príamo deixando e em
Tróia Helena, Por quem já pereceram tantos Gregos

Longe da pátria? Sem tecer demoras, Revista o exército, e com
brandas vozes Coíbe homem por homem, que não desçam Ao

mar nenhum baixel que a remo vogue.” Ele a compreende, e arremessando a capa, Que, Ítaco e arauto seu, lhe apanha Euríbate, Ao quartel se encaminha de Agamemnon; Toma-lhe o cetro avito. As naus perlustra

E Aqueus de ênea loriga; e, se encontrava Magnata ou rei, dulcíloquo o detinha: “Quê! Trepidas, varão? Teu posto guarda, Sossega as tropas. O ânimo do Atrida Sondaste acaso? Agora os Gregos tenta,

E breve os punirá. Nem tudo ouvimos

Do que expôs no conselho. Contra os nossos A cólera do rei quiçá dispare.

Jove ao trono o moldou, Jove o protege.” Mas, se topa um plebeu vociferando,

Lhe imprime o cetro e grita: “Ímprobo, cal-te; Atende aos superiores. Néscio e ignavo,

No alvitre és nulo, és nulo nas pelejas. Pois tantos reinaremos? Dana e empece

De muitos o primado: um rei domine,

Que houve este cetro e o jus do deus supremo.” E assim refreia a chusma. A congregar-se

De naus e tendas outra vez ruíam Estrepitosos, qual batendo as praias Muge horríssima vaga e o mar reboa. Quietos já, Tersites

inda gane, Petulante motino que, de inépcias Pleno o bestunto,
contra os reis verboso Alterca e à soldadesca excita o riso: Dos
cercantes feiíssimo, era manco, Vesgo e giboso, e tinha o peito
arcado E em pontuda cabeça umas falripas; Mordia sempre a
Ulisses e o Pelides,

Cego de inveja; estruge então com ladros

O rei dos reis e a todos afeleia,

E quanto mais se indignam mais braveja: “Atrida, que te falta?
A rodo os bronzes, Tens contigo mulheres que, ao rendermos
Qualquer cidade, escolhes o primeiro.

Que inda cobiças? ouro que te oferte Éqüite Frígio em remissão
do filho,

Quer o eu traga em prisões, quer outro Grego? Ou moça que se
mescle em teus amores

E apartada retenhas? É miséria

Ser escândalo aos súditos. Voguemos, Gregas, não Gregos,
raça mole e inerte: Cá permaneça e o que tragou digira;
Aprenda se de ajuda ou não lhe somos Quem, de baldões
coberto o mais valente, A escrava arrebatou-lhe. Ah! se o
Pelides Não remitisse a cólera e afrouxasse,

O teu descoco, Atrida, último fora.” Assim contra Agamemnon
blasfemava. Carregado no vulto, o assalta Ulisses: “Pare a

cantiga, charlator Tersites, Abarbar-te com reis tu só não
queiras: Escória dos sectários dos Atridas,

Na língua os teus balofa e audaz censuras? Vil pela fuga
opinas: duvidamos

Se é bem, se é mal, que efeito isso produza; Mas porque
vituperas Agamemnon,

O maior potentado, nos é claro: De heróis te pesa dádivas
receba.

Guar-te que eu te inda veja em tais loucuras: Fora mesmo a
cabeça tenha Ulisses,

Nem pai do meu Telêmaco me chamem, Se não te agarro e
dispo-te os vestidos, Capa, túnica e o mais que o pudor vela,
Se, da assembléia expulso e azurragado, Choramingando às
naus te não remeto.” Na espádua eis o fustiga: ele se encolhe E
lagrimeja à dor; sangrento as costas

Lhe incha o vergão do cetro; indo sentar-se, Pávido e oblíquo
olhando, enxuga as faces; Do afogo em meio espraia-se a
risada.

Um virou-se ao vizinho: “À fé, que o douto Conselheiro sagaz,
na guerra instruto, Nunca entre Aqueus obrou com tanto
acerto, Como açaimando agora esse palreiro,

Que os reis há-de poupar de escarmentado.” Sussurra o vulgo,
e em pé de cetro acena

O de cidades vastador Ulisses;

De arauto em forma a deusa olhicerúlea Impõe silêncio nas
fileiras todas,

Para que simultâneo o sábio aviso

Do eloqüente orador nos Dânaos cale: “Querem-te, ó rei dos
reis, que o labéu sejas Dos falantes mortais, os que a ti mesmo
Juraram não rever da Grécia os campos, Sem que de Ílio as
muralhas destruíssem: Qual ou pobre viúva ou criancinha,

Da casa estão chorando com saudades. Após fadigas tais,
regresso triste!

Longe um mês da mulher definha o esposo Em nau remeira, de
invernais marulhos Retardada: nove anos devolvidos,

Como estranhar ao povo a impaciência? Porém se é torpe,
amigos, a demora, Não o é menos tornarmos de vazio.

Constância um pouco mais, e averigüemos As predições de
Calcas: bem nos lembram; Testemunhai-me, todos vós da Parca
Redimidos fatal. Inda ontem, Gregos,

Não foi que em Áulis congregou-se a frota Contra Príamo e
Tróia? Ante uma fonte, No imolarmos completas hecatombes,

De um plátano frondoso, donde mana

Límpida veia, surge grã prodígio:

Drago horrendo, malhado em sangue o lombo, (À luz o Olímpio
sumo o expediu mesmo)

Do supedâneo da ara deslizando, Ao plátano rojou. Nele
acoutadas

Sob a rama oito implumes avezinhas, Novena a mãe fagueira
as aninhava. Pipitando era dó se debaterem,

Quando ele as engolia, e a mãe carpindo Em torno revoar;
última o drago

Da asa lhe trava e súbito a devora.

Mas, durante o holocausto, em pedra o muda Quem o
mandara; e a nós, emudecidos

E extáticos do horrífico portentoso, Calcas vaticinou: — Comantes
Graios, Estupefatos sois? Previsto Jove

Daqui nos prognostica um tardo evento, Se bem de glória
eterna. As oito implumes, E nona a mãe, tragou-as a serpente:
Forçoso é pelejar por tantos anos,

Mas ao dezeno cairá Dardânia. — A profecia é tal, cumprir-se
deve.

Eia, grevados sócios, persistamos, Té sucumbir a soberana
Tróia.”

Um geral grito, horrendo retumbando Pelas côncavas naus
divino o aclama. Presto o Gerênio: “Discursais, oh! pejo, Fracos
meninos da milícia alheios.

Onde a jurada fé? Tem gasto o fogo Viris projetos e consultas,
pactos

Que as libações e as destras consagraram? Disputas vãs! o
tempo aqui perdemos.

Cessem palavras: como sempre, Atrida, Rege firme os
combates. Apodreçam Em ócio os raros díscolos; mas nunca
Tornar conseguirão, sem deslindarmos Se nos falseia o egífero
Satúrnio:

Ele anuiu, no dia em que embarcamos De Ílio trazendo o fado
em naus veleiras, E à destra fulgurou, propício agouro.

Com a esposa de um Teucro antes que durma, Rapto e mágoas
de Helena assim vingando, Nenhum se apresse; e quem, da
fuga amigo, De crenado baixel tocar nos bancos,

O mortal trago provará primeiro. Agamemnon, reflète e os bons
escuta, Nem este meu alvitre, ó rei, desdenhes: Divisa em tribos
toda a gente e em cúrias, Socorra cúria a cúria e tribo a tribo.

Coadjuvem-te os Dânaos; que, seu braço Na ação mostrando
cada qual, o esforço Distinguirás do chefe ou do soldado;

Se obstam os deuses a que expugnes Tróia, Ou dos teus a imperícia e cobardia.” Respondeu-lhe Agamemnon:

“Consumado Na eloqüência, ó Nestor, superas todos.

Júpiter, Palas, Febo, quem me dera Dez conselheiros tais! Breve arrasadas As muralhas de Príamo seriam.

De pesares transbordo! Em lide amarga Pelo Satúrnio imersos eu e Aquiles, Acres sobre a donzela contendemos;

Primeiro eu me irritei. Se inda o congração, Num só momento acabará Dardânia.

Ide comer, que pelejar nos cumpre: Afilem-se hastas, lustrem-se rodelas;

Bem fartos os sonípedes, os coches Bem revistados, cuide-se na guerra; É sacro o dia todo a Marte sevo.

Depois, nem trégua nem repouso, enquanto A noite resfriar o ardor não venha:

Quente o suor do escudo a soga banhe, Pulsos fatigue o menear da lança,

Ao carro terso o corredor espume. Porém se algum, para fugir à pugna, Eu souber se desleixa em nau rostrada, Aos abutres e cães fugir não conte.”

Alteia-se um clamor, qual de onda equórea Que arroja Noto sobre aguda penha, Sempre de opostos ventos combatida:

Já se levantam; pelas tendas lume Acendem logo, a refeição
preparam; Cada Argivo a seu nome ofrenda, roga Livre-o da
morte e bélicos perigos.

Ao pai sumo Agamemnon sacrifica

Pingue touro quinquene; os mais conspícuos, Nestor em frente e
Idomeneu, convida;

Um e outro Ajax, Diomedes; sexto Ulisses,

No siso igual a Jove: per si mesmo Vem Menelau guerreador,
ciente Dos generosos fraternais cuidados.

Com seus bolos nas mãos, a rês circundam, E ora o chefe de
heróis: “Senhor etéreo

Das cerrações, glorioso onipotente,

Antes que o sol transmonte e assome a treva, Dá-me o
esplêndido paço, em brasa as portas, A Príamo assolar; de
Heitor ao seio

Romper a brônzea túnica, e de rastos Os seus em torno dele a
terra mordam.” Sem que anua, lhe aceita a oferta Jove, E
aumenta o afã. Perfeita a rogativa, Esparso o farro, à vítima o
pescoço Vergam atrás, e degolada a esfolam; Cérceas as
coxas, no redenho envoltas, Vivas postas em cima, esgalhos
secos As vão tostando. As vísceras ao fogo

No espeto enroscam; mas, provadas estas, Já combustas as
coxas, em tassalhos

A mais carne enfiada assam peritos. Finda a obra, adereça-se o
banquete,

E das iguais porções nenhum se queixa. Exausta a sede e a
fome, assim perora O picador Gerênio: “Ó rei sublime,
Augustíssimo Atrida, ócios quebremos, Urge a façanha que nos
fia o Padre:

Os arautos na praia, eia, arrebanhem Emalhados Aqueus; pelo
amplo exército Vamos nós despertar mavórcios brios.”

Agamemnon concorda, e arautos manda O assalto apregoar:
crinita gente Convocada referve; os circunstantes

Reis da escolha de Jove as linhas formam; A gázea Palas a
imortal abraça

Égide incorruptível, donde pendem Cem franjas de áurea tela,
cada franja Do preço de cem bois: de fila em fila A vibrá-la, os
Aquivos apressura

A pugnar valorosos e incessantes;

E combater então lhes foi mais doce Que à pátria regressar.

Como edaz fogo, Selva imensa abrasando em serranias, Longe
fulgura; a hoste assim marchava

Entre aêneo esplendor, que inflama os ares. Como, aleando em batalhões volúveis,

Por Ásio pasto, em cerco do Caístro, Ora uns, ora outros a avançar, exultam Gansos ou grous ou colilongos cisnes, E o grasnido confuso atroa o prado; Assim da frota e pavilhões as turbas Ali se esparzem, do tropel medonho

De homens e de corcéis rebrama a terra; Tantos as veigas do Escamandro pisam. Quantas folhas vernais ou flores brotam. Quais erram moscas pelo estio, quando Nos tarros do pastor esguicha o leite;

É tal no plaino a soma desses Dânaos, Do sanguíneo triunfo ambiciosos.

Mas, de inúmeros fatos nos pastios Se o cabreiro separa as notas crias,

Seus soldados na ação discerne e alinha Cada chefe. Exalçava-se Agamemnon:

O Tonante emprestou-lhe o porte e os olhos, Netuno os peitos, a cintura Marte.

Entre novilhas armental o touro

A fronte eleva: Júpiter não menos Fez que o primaz Atrida aquele dia Entre celsos varões se abalizasse.

Oh! Celícolas Musas, inspirai-me;

Sois deusas e na mente abrangeis tudo: Roçou-nos único o rumor da fama.

Nem que dez bocas, línguas dez houvesse, Voz infrangível, coração de bronze, Pudera eu memorar quantia e nomes

Dos que às plagas Iíacas vieram: Isso às filhas do Egífero compete.

Vou pois enumerar as naus e os cabos. Os Beócios governa Peneleu, Protenor, Clônio, Leuto e Arcesilau:

De Aulide pétrea, Esqueno, Téspia, Escoló, Da Serrana Eteone íncolas eram,

De Híria, Graia e espaçosa Micalesso; Ou de Hile, Harma, Elíola, Hésio, Eritas, Péteon, Ocaleia, Eutresis, Copas,

Da columbosa Tisbe e torreada Medeona; ou de Glissa e Coroneia, Da virente Haliarto e de Plateias,

Ou de Hipotebas de edificios nobres; Mais do aprazível Netunino luco, Ou de Mideia e de Arne pampinosa,

Da augusta Nissa, Antédona postrema. Cada Beócia nau, de umas cinqüenta, Guerreiros tripulavam cento e vinte.

Os da Minieia Orcómeno e de Asplédon São com Iálmemo e Ascálafo, que a Marte Pariu de Actor Azida em casa Astíoque: À interna alcova da pudica virgem

O deus subiu furtivo e entrou com ela. Naus destes filhos
abordaram trinta.

Sob Epístrofo e Esquédio, nado insigne De Ífito Naubolides, os
Focenses,

Quer de Píton fragosa e augusta Crissa, Daulida, Ciparisso e
Panopeia,

De arredores de Hiâmpole e Anemória, Quer do ilustre Cefisso,
ou de Lilaia Dele matriz, em galeões quarenta,

Dos Beócios à esquerda os colocaram. Não como o Telamônio
alto e membrudo, Pequeno em corpo e o seu jubão de linho,

Mas no dardo excedendo Aqueus e Helenos, O lesto Ajax de
Oileu movia os Lócrios,

De Cino, Escarfe, Opóente e Calíaro, De Bessa a Angeia amena
habitadores, De Tarfe e Trônio, às abas do Boágrio:

Dos que d'além da sacra Eubéia moram, Seguem-lhe a voz
quarenta escuros vasos. Eubéia expede Abantes alentados:

São de Estira e Caristo, Erétria e Cálcis, De Histieia racimosa,
Dio alpestre

E litoral Cerinto. O Calcodôncio Príncipe Elefenor, de Márcia
estirpe, Em quarenta galés os petrechara; Ágeis, forçosos, de
comada nuca,

Destros na hasta fraxínea e aos tresdobrados Peitos hostis em desfazer couraças.

Os da orgulhosa Atenas (corte egrégia De Erecteu magno, da alma Télus parto, A quem Palas Dial, que o educara,

Deu sede em ricas aras, onde o povo

De lustro em lustro imola e de ano em ano Cordeirinhos e bois que a deusa abrandem)

Capitaneia-os Menesteu Petides.

Homem nenhum como ele ordenar soube Jungidos carros e adargadas hostes, Salvo o experto Nestor por mais longo. Cinquenta embarcações lhe obedeciam.

De Salamina as doze, reuniu-as O Telamônio às Áticas falanges.

De Tirinto munida, Argos, Trezene, Lá do golfo de Hermíone e de Asine, De Eiona e da vitífera Epidauro,

E de Egina e Masete a flor guerreira, Tidides fero, Estênelo do exímio Capaneu filho amado, os reprimiam; Mais o divino Euríalo, do régio Talaionides Mecisteu progênie: Diomedes belicoso o máximo era.

Bojos negros oitenta os encerravam. Os de Órnias, da magnífica Micenas, Da altaneira Cleona, áurea Corinto,

Sicione em que reinou primeiro Adrasto; Os da fresca Aretírea, os que Hiperésia, Agros de Hélice extensa e a costa habitam,

E Gonoessa altiva, Égion, Pelena:

Todos em cascos cem trouxe Agamemnon. Tropa extremada e imensa o rei mantinha; Em bronze reluzindo, galhardeia

De ser entre os Aqueus o assinalado, Em forças o maior e o mais possante. Os do vale da grã Lacedemônia,

Fáris e Esparta, Messa altriz de pombas, De Amiclas, Lãa, Brísea e leda Augia; De Helos marinha, de Étilo e contornos: O estrênuo Menelau, segundo Atrida, A parte armou-os em galés sessenta.

Afouto os acorçoa, ardido anela Desagravar o rapto e ais da esposa. Nestor o velho de Gerena, em cavos Baixéis noventa, presidia os Pílios, Os de Épi encastelada e Arena aprica, De Trio vou do Alfeu, Ciparessenta,

Ptéleon e Anfigênia, de Helos, Dórion, Onde ufanoso, ao vir de Eurito e Ecália, A cantar provocou Tamires Trácio

As do Egíaco filhas doutas Musas,

Que o tino e a vista irosas lhe apagaram: Da alma a poesia lhe fugiu celeste,

Nem na cítara mais dedilhar soube. Os de perto pugnazes, das da Arcádia Cilênicas faldas, junto à Epítia campa,

De Feneu, Ripe e Orcômeno armentosa, Tégea, Estrátia e
risonha Mantineia, Ventosa Enispe, Estínfalo e Parrásia, Práticos
na milícia, os acaudilha

Em naus sessenta, cada qual mais cheia, O Anceides Agapénor.
Para o ponto Cérulo transfretano atravessarem,

Pois que eles da marinha careciam, Deu-lhas aparelhadas
Agamemnon. Os de Hirmine e Buprásio, Elide santa, Mírcino
extrema, Alísio, Olénia sáxea, Em dez quadripartida ocupam
frota Que Epeus esquipam. De Cteato filho, Os manda
Anfímaco; após ele Tálpio, Do Actoriônio Eurito; o Amarineides
Belaz Diores é terceiro; é quarto

O divinal formoso Polixino,

Do Augeiada Agastenes procriado.

Os Dulíquios e os mais das ilhas sacras Equínades, ao mar de
Elide sitas,

Em quarenta baixéis com Márcio arrojo Meges dirige: a vida a
Fileu deve, Équite a Jove grato, que em Dulíquio Emigrando
esquivou paternas iras.

Os Cefalenses e Ítacos briosos,

Os da áspera Egilipe e de Crocílio, Zacinto, Samos, Nérito
sombria,

E os do Epiro e fronteiro continente, Ao divo prudentíssimo
Laércio

Em doze rubros galeões seguiam. Em quarenta os Etólios
velejaram, De Olenos, de Pleurona e de Pilene, Cálcis marinha e
Cálidon fragosa,

Sob o Andremônio Toas, que imperava; Eneu já sendo e a boa
prole extintos, Pois nem restava o louro Meleagro.

Fuscos oitenta cascos, das famosas Licto, Mileto, Rício, Festo e
Cnosso, Da murada Gortina, alva Licasto,

Na hecatômpola Creta abastecidos, Anima Idomeneu de
invicta lança, E o de Belona Merion querido.

Nove outros forneceu dos Ródios feros, Entre Jalisso, Linde e a
branquejante Camiro tripartidos, grande e forte

O hábil hasteiro Tlepolemo, estirpe

De Astioqueia e de Hércules, que a trouxe De Efirio e do Seleis,
cidades várias Tendo a alunos de Jove derruído.

Crescendo em casa, ele matou Licinos, Idoso de seu pai
materno tio,

Renovo do Gradivo. Esquadra a furto Forma e guarnece, e
escapa-se dos netos E outros filhos de Alcides à vingança.

Flutua e a Rodes, pesaroso, arriba: Em tribos três seu povo ali
segrega, Povo benquisto ao nume soberano, Que largueou-lhe
pródigas riquezas.

Nireu três naus irmãs de Sine ostende, Nireu do rei Caropo e
Aglaiá prole,

O Grego mais gentil que veio a Tróia,

Depois do em tudo sem senão Pelides; Mas, pusilânime,
arrebanha poucos.

Fidipo e Antifos trinta bucos enchem (Tessalo Heráclida é seu
pai) de quantos Cultivam Cason, Crápato e Nisiro,

E Cós ilha de Eurípilo e as Calidnas.

De Álope, Argos Pelasga, Álon, Trequina, De Ftia e de Hélade
em beldades fértil, Os Mirmidões e Aqueus e Helenos ditos,
Aquiles em cinqüenta os refreava.

De horríssonas contendidas se deslembram, Falta-lhes capitão;
que, ausente a jovem Crinipulcra Briseida, o herói a bordo Irado
jaz. Tomou-a de Lirnesso,

Que ele a bem custo soverteu com Tebas, Mortos Mínete e
Epístrofo belazes,

De Eveno Selepiáda nascidos. Mas do ócio ainda surgirá
terrível.

Os de Filace e Itone mãe de ovelhas, Do Pirrásio de Ceres flóreo
parque, De Ptélon pascigosa e Ântron costeira,

Denodado os juntara em naus quarenta

Protesilau, que a terra já cobria: Primeiro no saltar, um Teucro o
mata; No inacabado alvergue as faces rasga Em Filace a
mulher. Saudosos dele, Do em rebanhos ali possante Ificlo
Nado menor, Podarces ordenava-os; Tão prestante não era e
apessoado, Mas dignamente pelo irmão supria.

Dos de Glafire e altíssima Iaolcos, Beba e Feres ao pé do lago
Bébis, Tem galés onze Eumelo, prenda cara

De Admeto e Alceste, exemplo de matronas, Das que Pélias
gerara a mais formosa.

Das sete em que os Metónios e os Taumácios, Os da tosca
Olizona e Melibeia,

Continha o magno archeiro Filoctetes, Remavam sagitíferos
cinqüenta

Cada bélica popa. Em Lemnos sacra Dos seus desamparado,
ele agras dores Da úlcera de tetra e feroz hidra Mestíssimo
curtia. Os próprios Gregos Se hão-de amiúde lembrar de
Filoctetes;

Mas, bem que tarde por seu rei suspirem, Submetem-se a
Medon, que em Rena espúrio Houve o urbífrago Oileu. — Tem
Podalírio

E Macaon, herdeiros de Esculápio, Trinta vasos de Trica e
bronca Itone, Também de Ecália capital de Eurito.

De Evemon garfo ilustre, manda Eurípilo, Da alva serra Titane,
Hipéria fonte, Ormênio e Astério, embarcações quarenta.
Noutras tantas os de Orte, Elon, Gírtone, Da branca Oloossona
e Argissa, o firme Campeador Polipetes sujeitava-os.

Do rebentão de Jove Pirítoo

Bela Hipodame o concebeu, do Pélion Nesse dia em que às
Étices montanhas Ultriz lançara os hispídeos Centauros. Leonteu
se lhe agregou de Márcio esforço, Digna vergôntea de Coron
Cenides.

Em vinte duas traz Guneu de Cifo Agueridos Perebus e Enienes,
Os da fria Dodona, os que residem Nas lavras do suave
Titarésio,

Que sem mesclar-se no Peneu deságua De vórtices de argento
e pulcra a veia Como óleo sobrenada; pois da Estige, Grave
para jurar-se, ele dimana.

Em quarenta os Magnetes, do frondoso Pélion e margens de
Peneu, vogaram Sob o veloz Protôo Tentredônio.

Tais são da Grécia os cabos. Lembra, ó Musa, Qual o mais forte
assecla dos Atridas,

Quais dos ginetes os melhores eram.

De um nível, pêlo e dorso, equevas ambas, Éguas de Feres que
maneja Eumelo, Alípedes que Apolo arco-de-prata

Na Piéria nutrira, muito excelem,

Fêmeas de ímpeto e fogo e as mais tremendas. O Telamônio
Ajax vencia a todos,

Enquanto Aquiles, que sem par sofria Os mais guapos frisões,
raivoso estava Nos bicudos baixéis contra Agamemnon. Nas
tendas a coberto, junto aos carros, Aipo os corcéis palustre e
loto pascem.

Pela praia os soldados se divertem

Ao disco, ao dardo e seta; ou, desgostosos Da inação, na peleja
o herói ver querem, Nos arraiais aqui e ali vagueiam.

Os demais Graios fervem, qual se a flama Vorasse a terra; e a
terra do estrupido Muge e calcada geme, como quando

Em cólera o Tonante o chão verbera

De Arima, em que Tifeu se diz repousa. Eles transpunham
rápido a campina.

Mais que o vento ligeira, aos Teucros Íris Do Egífero desceu
com triste anúncio: Mistos velhos e moços discutiam

Aos pórticos reais; com rosto e fala Do Priâmeo Polites,
sentinela

De Esiete no túmulo vetusto,

Que, em pés fiado, a ponto vigiava Se do recinto os Gregos se
buliam, Acomete a celeste mensageira:

“Como em dias de paz, senhor, debates, E a guerra hoje
rebenta inelutável.

Afeito a pugnas, tropas tais e tantas Nunca vi: da cidade
assaltadores

Iguais às folhas e às areias marcham. Heitor, ouve-me agora.

Auxiliares

De vária casta e língua em Tróia abundam. Cada príncipe os
seus, tu firma os nossos; Mas a suma ordenança a ti pertença.”

Heitor, apenas reconhece a deusa, Despede o parlamento; o
al’arma soa.

Abertas, precipitam-se das portas

Em burburinho equestres e pedestres. Ante Ílio na planície
avulta um cole, De caminhos cercado, que os humanos Batícia,
imortais sepulcro chamam

De Mirina agilíssima: distintos Aí perfilam Teucros e aliados. Dos
Troianos à testa, o Priamides

Cristado exímio Heitor em cópia armara Seletos belacíssimos
hastatos.

Os Dardânios alenta o grande Eneias: A deusa Vênus do mortal
Anquises Teve-o no cume Ideu. Com ele Acamas E Arquíloco
Antenóridas comandam, Em omnígeno prélio examinados.

Aos que às raízes do Ida em Zélia bebem Água do fundo Esepó,
venturosos,

De Licaon precede o claro filho Pândaro, a quem doou seu arco
Apolo. Nos de Pitieia, Adéstria, Apeso e Térias, Alto monte,
imperava Adrasto e Ânfió De couraça de linho; irmãos que o
padre Percóssio Méropo, adivinho e cauto,

Vedou que entrassem na homicida guerra: Surdos a nera Parca
os atraía.

Os varões de Percote, Sesto e Abido, Prátio e Arisba divina,
desta o Hirtácio Príncipe Ásio os viera estimulando; Ásio que
doma férvidos cavalos,

Das ribas do Seleis famosas crias. Das Larisseias glebas os
Pelasgos

Lanceiros com Pileu manda de Hipotoo, Do Teutamides Lito
márcios filhos.

Do estuoso Helesponto rege Acamas

E herói Piroo os Traces. — Rege Eufemo Sagitários Cicones, de
Trezênio

Ceades geração, diletta a Jove.

Tem Pirecme os Peônios de arco e amentos, Lá de Amídone, do
Áxio largo à margem, Do Áxio que inunda límpido a campanha.
Pilemeneu veloso os Paflagônios

De Enete move, altriz de agrestes mulas, Os que o Citoro e
Sésamo possuem,

As lindas várzeas do Partênio rio, Comna e Egíalo e os celsos
Eritinos.

Da longe Aliba vêm de argênteas minas, Sob Epistrofo e Hódio,
os Halisones.

Os Mísios Crómis guia, e o vate Enono, A quem da morte
agouros não livraram: Furente o Eácida o prostou no rio,
Que rubro intumesceu de humano sangue. Acesos Fórcis e o
deiforme Ascânio

Da Ascânia os Frígios à batalha impelem. Das Tmólias faldas os
Meônios seguem A Antifo e Mestles, Pilemênios ambos, Da
Gigeia lagoa produzidos.

Os Cares de Mileto e Ftiro umbroso, Do Meandro e Micale de
árduos picos, De linguagem barbárica, os sopeiam

Os filhos dois de Nómion preclaro, Nastes e Anfímaco. Este,
qual donzela De ouro enfeitado, insano floreava:

O enfeite o não salvou; que às mãos de Aquiles Tem de haurir
no Escamandro o gole amaro, Será do vencedor esse ouro
presa.

Os Lícios lá do Xanto vorticoso

Conduz Sarpédon, e o sem mancha Glauco.

L I V R O III

Os Teucros em batalha, após seus cabos, Gritando avançam:
tal se eleva às nuvens Dos grous o grasno, que em aéreas
turmas, Da invernada e friagens desertores,

Contra o povo Pigmeu com ruína e morte, O Oceano
transvoam. Desejosos

De entreajudar-se, tácitos os Gregos, Força e coragem
respirando, marcham.

Qual se, ingrato ao pastor, Noto enche os cumes De névoa,
mais que a noite ao furto asada,

Pois que a tiro de pedra mal se enxerga; Aos pés túrbido pó
não menos surge Dos que iam pelo campo acelerados.

Perto eles já, da prima Tróica fila Páris nítido sai: com arco e
espada,

Pele de um pardo enverga; de ênea ponta A vibrar dois hastis,
os mais valentes

Um por um desafia. Em grave passo Vendo-o vir Menelau,
como esfaimado Leão exulta que, ao topar fornido

Galheiro cervo ou corpulenta corça,

Ferra-o voraz, embora em cerco o apertem Viçosos moços,
vívidos sabujos.

Do coche em armas vingativo salta; Mas Alexandre, que na frente o avista, Para os seus retraiu-se estremecendo.

Se alguém no serro ou brenha encontra serpe, Trépido recuando empalidece:

O deiforme elegante assim do Atrida Aos soberbos Troianos retrocede.

Agro o invectiva Heitor: “Funesto Páris, Mulherengo falaz, nunca nasceras;

Ou solteiro acabar melhor te fora

Que escárnio a todos ser. És sim bonito; O Argeu comado, que pugnaz te cria, Ri de que alma tão vil teu corpo aloje.

A navegar, poltrão, forçaste amigos, Da Ápia ousando a beleza peregrina,

Consorte e irmã de heróis, trazer contigo? E és a teu pai flagelo, aos teus e à pátria, Mofa de estranhos, de ti mesmo opróbrio? Fugiste a Menelau? provaras que homem

Houve as primícias da mulher que usurpas: Cítara, nem madeixas, nem beldade,

Nem Vênus com seus mimos te valera, No pó submerso. Por devida paga,

Se os nossos Teucros tímidos não fossem, Tu já vestiras túnica de seixos.”

E o formoso Alexandre: “Essa fraterna Mereço, Heitor; mas no âmago tens rijo Coração, qual secure que, aumentando Ao pulso a robustez, penetra o lenho, Talha e em navais aprestos o afeiçoa.

Da áurea Vênus os prêmios não me exprobres; Nem são de recusar os dons celestes,

Nem alvedrio é nosso o consegui-los. Se me queres na liça, Aqueus e Troas Sossega: eu só com Menelau a braços Dispute Helena; o vencedor aceite

E reconduza a dama e os seus tesouros. Ferido o pacto, em sólida amizade

Neste pingue torrão fiquem-se os nossos; De cavalos fecunda aqueles Argos

E Acaia busquem de gentis mulheres.”

Folga Heitor, e hasta em punho, os seus retendo, Se adianta; mas alvo era de pedras,

Frechas e lanças, té bradar o Atrida: “Basta, Aquivos, cessai, crinita gente; Que acena o galeato herói Priâmeo.” Ei-los subitamente se aquietam,

E chama Heitor: “Sabei de mim, Dardânios E Aqueus de fina greva, o que Alexandre Propõe, da guerra autor. De parte a parte Largadas no almo chão fulgúreas armas, Menelau marcial a sós com ele

Dispute Helena; o vencedor aceite

E reconduza a dama e os seus tesouros; Nós outros aliança e paz firamos.” Calam-se, e Menelau sonoro troa:

“Sede-me atentos; esta angústia é minha. Atormenta-me a guerra: Aqueus e Troas Por mim, por Alexandre origem dela, Nímio têm padecido! Os mais pactuem;

Morra qualquer um dos dous que a Parca assine. Preta imole-se à Terra uma cordeira,

Cordeiro branco ao sol, branco ao Satúrnio.

Mas Príamo o tratado ratifique;

Seus filhos com perfídia os juramentos Podem quebrar, sem pejo do Supremo. Dos mancebos a mente é sempre instável: O ancião, reportando-se ao passado, Olha ao futuro, concilia todos.”

Alegram-se os Trojúgenas e Aquivos, Terminar concebendo a luta infausta. Dos coches apeando, os enfileiram;

As armas despem, que ante si descansam: Breve espaço medeia. Dois arautos Expede logo Heitor, que as reses tragam, E a Príamo convida. A rês terceira

Manda vir Agamemnon por Taltíbio,

Que ao rei submisso para as naus caminha. A Helena bracicândida vem Íris,

Nas feições de Laódice, do Antenório Príncipe Helicaon dileta
esposa,

E a mais bela de Príamo gerada. Acha-a tecendo em casa
dupla trama,

Luzida e larga, onde as ações bordava Que arnesados Aqueus
e éqüites Frígios

Sustentavam por ela encruécidos.

Chega a nuncia veloz: “Sus, ninfa amada, Contempla e admira
os Graios e os Troianos: Não há muito, em combates
lagrimosos Ardiam por matanças; quedos ora,

Sem contenda, arrimados aos escudos, Os longos piques junto
a si pregaram. Só lança a lança Menelau com Páris Vai duelar:
do que vencer o nome

Terás de queridíssima consorte.”

Assim na alma a saudade se lhe estampa Do marido e dos lares
e parentes.

De véu cândido ao rosto, água nos olhos, Saiu do gineceu; não
vai sozinha,

Vai com fâmulas duas, a Pitéia Etra e Climene de bovinos
lumes.

Às portas Ceias já de assento encontra A Príamo na torre, e
Panto e Clício, Hiceteon belaz, Timetes, Lampo,

Mais Antenor e Ucalegon sisudos,

Que por velhos abstinham-se da guerra; Porém, bons oradores,
semelhavam

A cigarras que, n'árvore pousadas, A selva adoçam com suave
canto.

À torre vendo aproximar-se Helena, Dizem baixo entre si: “Não
sem motivo Povos rivais aturam tantos males!

Que porte e garbo! efígie é das deidades. Mas, tal qual seja,
embarque; a nós de exício Não continue a ser e a nossos filhos.”

Então chamou-a Príamo: “Anda, ó cara, Teu cônjuge primeiro e
afins e amigos Atenta ao pé de mim. Não és culpada; Guerra
tão crua, os deuses ma enviaram. Aquele Argeu quem é, bizarro
e esbelto? Outros se lhe avantajam na estatura;

Mas nunca os olhos meus tamanho viram Decoro e majestade:
um rei parece.” Respondeu-lhe a mais nobre das mulheres:

“Amado sogro, temo-te e venero;

Oh! morte eu padecera, antes que o toro Por teu Páris tivesse
abandonado,

E os irmãos e a só filha e as companheiras! Eu vivo e em mesto
pranto me definho.

Mas vou satisfazer-te: o herói que apontas É rei sublime e
campeão tremendo,

O pujante Agamemnon; que vergonha! Se um dia o mereci, foi
meu cunhado.” Pasma e exclama o ancião: “Feliz Atrida!
Mimoso da fortuna, que em florentes Graios dominas! Muitos vi
peritos Cavaleiros da Frígia pampinosa,

E as de Migdon divino e Otreu falanges, Que do Sangário às
bordas acampavam; Lá como auxiliar no ataque estive

Das viris Amazonas: mor quantia

De olhi-negros Aquivos se apresentam.” Prossegue a interrogá-
la: “A quem do Atrida Sobrepuja a cabeça, dize ó filha,

E é dos peitos mais largo e das espáduas? Em terra as armas,
as fileiras corre:

De espessa lã guieiro se me antolha

Que entre infindo passeia alvo rebanho.” Torna a Dial
vergôntea: “Esse o prudente Laércio Ulisses é, de Ítaca rude,

Em todo estratagemas e ardis sabido.”

E Antenor: “A verdade, ó mulher, falas. Por teu respeito aqui já
veio Ulisses

De embaixador com Menelau: prestei-lhes Uma franca e
amigável hospedagem.

Discerni a cordura e o gênio de ambos. Eles em pé, dos Teucros no conselho, Menelau sobranceiros tinha os ombros; Sentados, o Laércio mais nobreza.

Não multiloquo e vago, embora jovem, Sim conciso os discursos bem tecendo, Razões argutas Menelau volvia.

Mas, se o Ítaco a orar se levantava,

No chão pregada a vista, o cetro imóvel, Direito e sem pender, o creras homem Inexperto, iracundo, ou quase louco;

Do imo ao soltar a voz, qual neve hiberna As palavras em flocos lhe choviam:

Com ele então ninguém se comparasse; Na facúndia e no gesto era um portento.” “Quem é, pergunta Príamo, o guerreiro Que, espadaúdo e grande, a fronte acima

Dos Dânaos assoberba?” — “É, disse a nora,

Ajax, dos Gregos fortaleza e muro. Idomeneu Cretense ali dos cabos,

Como um deus, se rodeia: ao vir de Creta, De Menelau nos paços o acolhíamos.

Outros vejo daqui de negros olhos, Que eu fácil nomeara; mas não vejo Castor na picaria, insigne Pólux

No pugilato, príncipes das gentes, Maternos meus irmãos: ou não largaram Da leda Esparta, ou nos baixéis detidos, Pejam-se

de empenhar-se nas pelejas Que, por meu vitupério, se
prolongam.” Oculto lhe era que ambos já na doce Pátria
Lacedemônia descansavam.

Traziam da cidade os mensageiros As hóstias e odre cheio de
jucundo Bom licor de natio; Ideu cratera Também traz luzidia e
copos de ouro,

E assim convida o rei: “Sus, Laomedôncio; Magnatas Frígios e
emalhados Gregos Rogam desças e o pacto nos confirme.

De hastas com Menelau contenda Páris:

Quem vencer haja Helena e seus tesouros. Ferida a paz, em
Tróia ficaremos;

De cavalos fecunda aqueles Argos

E Acaia busquem de gentis mulheres.” Manda o coche arrear
trêmulo o velho: Obedecem-lhe; sobe e os loros tira; Sobe
Antenor com ele; os corredores, Das portas Ceias despedidos,
param.

Já do assento vistoso desmontados, Entre Aqueus e Troianos
caminhavam; Ergue-se o mor Atrida e o cauto Ulisses. Prestes
as reses, na cratera o vinho

Os arautos resplêndidos misturam, Água às mãos régias
cristalina vertem. Puxa Agamemnon do cutelo, apenso Da
bainha da espada formidável, Raspa a moleira às vítimas, e o
pêlo Os arautos aos próceres dividem;

Ele alça deprecando a voz e as palmas: “Do Ida augusto
senhor, máximo padre, Sol que vês e ouves tudo, rios, Terra,
Vós que no inferno castigais perjuros,

Desta aliança fiadores sede.

Se Páris vence a Menelau, conserve

Toda a riqueza e a dama, e nós voguemos; Se o vence o louro
Atrida, aqui nos rendam Helena e o seu tesouro, e por memória
Multa condigna paguem: morto Páris,

Se Príamo e seus filhos ma refusam,

Té que os force ao dever, não largo as armas.” Nisto, as
gargantas aos cordeiros sangra: Exânimes no solo e
palpitantes,

Do éreo instrumento ao gume a vida perdem. Rasos os copos, a
cratera esgotam,

E ao Supremo libando o voto expressam, Ou cada Argivo ou
Teucro: “Jove eterno E mais deuses, no chão, como este vinho,
Dos que primeiro o pacto violarem Esparjam-se os miolos e os
dos filhos, Sejam dos outros as mulheres suas.” Nada firma o
Satúrnio, e o rei Dardânio: “Ó Troas, balbucia, Aqueus, ouvi-me:
Volto a Ílion ventosa; que estes olhos Entre o rival belígero e o
meu Páris

O duelo cruel suster não podem. Júpiter sabe e os imortais qual deles

Chamam seus fados.” — O varão divino Monta, no coche as vítimas coloca;

Tem consigo Antenor, e as rédeas bate: Ambos à desfilada se recolhem.

Eis Ulisses e Heitor o espaço medem, Eis num elmo sorteiam quem da lança Aênea encete o bote. Frígio ou Graio,

Súplice as mãos estende e aos céus implora: “Do Ida augusto senhor, máximo padre,

Quem quer que o mal causasse, a Dite o entregues; Nós de amizade o pacto mantenhemos.”

Sacode o elmo Heitor, e o rosto vira; Sai o nome de Páris. Em fieira,

Têm seus donos ao pé cavalos e armas. Arnesa-se Alexandre, o pulcro esposo Da emadeixada Helena: as caneleiras Com prata afivelando, ao peito a coura

Do irmão seu Licaon, que bem lhe quadra, Lâmina aênea claviargêntea ombreia,

De grande escudo sólido se adarga;

Flutua-lhe à cabeça o capacete,

De crina e hórrida crista, primoroso; Pique válido empunha. De iguais armas Galhardo Menelau se adorna e veste.

De ponto em branco, ao meio avançam torvos: Frio estupor, a tal conspecto, assalta

Bem grevados Aqueus e éqüites Frígios. Sanhudos no recinto se acometem, Hastas brandindo. A sua arroja Páris; Rasca o broquel do Atrida sem rompê-lo, Na brônzea rigidez se amolga a ponta.

Menelau, por seu turno, impreca: “Ó Jove, Dá-me a injúria anular que hauri primeira; No sacrílego autor meu braço a puna.

De atraíçoar vindouros estremeçam

O hóspede lhano que os receba amigo.” A lança aqui desfere, que no instante Ao Priâmeo entra aguda o reforçado Fúlgido escudo, rasga-lhe a excelente Loriga e malha, a túnica penetra

No quadril: curva-se ele e a morte esquiva. De argênteos cravos puxa o Atrida o gládio,

Que na cimeira voa-lhe em pedaços; Fitando os céus então, suspira e geme: “És o mais sevo nume, ó tu Satúrnio, Cuidei nesse traidor vingar a afronta: Estalou-me nas mãos, oh! raiva, a espada, E arremessei frustrâneo um tiro cego.” Nisto, pelo cocar o aferra e empuxa

Para os Aqueus: o pespontado loro Que ao mento o elmo liga, a mole goela Cerra e o sufoca; eterna glória obtendo, Firme o arrastara, se a Dial Ciprina Rapidamente não quebrasse o atilho,

De hóstia bovina espólio. O herói, sacado O elmo vazio, a revoltões remete-o

Aos contentes consócios, que o recadam. Por matá-lo inda enrasta acesa lança; Mas fácil, como deusa, em névoa grossa Vênus o leva ao tálamo fragrante.

À torre mesma corre, onde acha Helena Entre as Dardânias: unectário peplo Abanando-lhe, o vulto imita e as rugas Da fiel cardadeira que na Esparta

As lãs curava e as boas lhe escolhia; Disfarçada comete-a: “Vem, que Páris No toro conjugal te aguarda, filha: Enfeitado e gentil, não de um combate

Livre o julgaras, sim que a dança o espera, E que já de um folguedo refocila.”

A Helena isto comove; mas, donoso Vendo-lhe o seio, o colo de alabastro, Dos olhos o fulgor, pávida exclama:

“Bárbara, em fascinar-me assim prossegues? Rojar-me intentas à Meônia ou Frígia?

Lá tens algum mimoso entre esses povos? Quando, o guapo Alexandre hoje abatido, Ré Menelau me aceita e me perdoa, Traças com teus enganos empecer-nos?

Vai tu própria; não ponhas pés no Olimpo. Esquece os deuses, dele sempre ao lado, Suporta-lhe o desdém, até que esposa Tu sejas de um mortal, ou sua escrava. Não mais, desse cobarde o leito ornando Quero a fábula ser das Teucas damas, Curtir nova desonra e mágoas novas.”

E a deusa irada: “Não me apures, teme Que eu te persiga, mísera, e aborreça Quanto hoje te amo: excitarei discórdia, Que os Dardânios e os Gregos exaspere, E vítima serás de horrendos fados.” Estremece a Ledéia, e silenciosa,

Do peplo candidíssimo velada,

Às Troadas se furta, e a guia Vênus. No palácio elegante apenas entram, As servas todas no lavor se apressam; Monta à câmara sua Helena bela.

Numa sede a coloca a mãe dos risos Em face de Alexandre; aversa olhando A do Egífero neta o argúi severa:

“Pois te salvaste? aos golpes sucumbisses Do meu primeiro esposo! Em destra lança E em força te gabavas de excedê-lo: Anda, provoca a Menelau brioso,

Torna ao duelo agora. Estulto, crê-me, O louro Menelau nem mais encares,

Que da hasta e forte mão serás prostrado.” Brando se escusa
Páris: “Doce Helena,

Com essas lancetadas não me punjas: Venceu-me o Atrida por
favor de Palas; Deuses mais faustos me farão vencê-lo. Vamos
em nossa cama congraçar-nos: Tal ardor nunca tive e tais
desejos;

Nem quando, arrebatada à meiga Esparta, Velejava contigo, e
a vez primeira

Na ilha Cranaé do amor gozamos; Hoje mais te apeteço e mais
te anelo.” Então sobe adiante, e o segue a esposa; No
entalhado seu leito adormeceram. Menelau, como fera, escuma
e vaga Em busca do formoso e divo Páris: Nem Troa algum,
nem ínclito aliado Ao valente rival mostrará-lo pôde;

Que nenhum o escondera, a todos sendo Ódio mortal. —

Bradou-lhes Agamemnon: “Teucros e auxiliares, atendei-me:

Claro a vitória a Menelau pertence; Rendei pois a riqueza e
Helena Argiva, Muita pagai-nos que o porvir memore.” Dos seus
o aplauso unânime retumba.

L I V R O I V

Em consulta com Jove recostados, Néctar Hebe louçã tempera
aos deuses

Na régia de áureo solho, e de áureas taças Mutuam brindes a
atentar em Tróia.

Eis, com mordaz cotejo, a irmã Satúrnio Remoca: “A Menelau
protegem duas, Juno Argiva e Minerva Alalcomênia, Que de
olhá-lo tranqüilas se comprazem; De Páris guarda assídua, a
mãe dos risos Da Parca o subtraiu, tem-no em seguro. Ao bravo
Menelau coube a vitória.

Deliberemos se é melhor de novo Encarniçar a guerra, ou
congraçá-los. A ser a paz jucunda às partes ambas, Habite-se
de Príamo a cidade,

O Atrida reconduza a Grega Helena.” Contíguas, gemem
comprimindo os lábios Juno e Minerva, e dano aos Teucros
urdem. Cala e a seu pai Minerva oculta a raiva;

Mas Juno estoura: “Atroz Satúrnio, como!

Corcéis tenho estafado em colher tropas Contra Príamo e os
seus; e frustrar queres Meu suor, meu trabalho? Embora o
faças; Nunca os deuses porém to aprovaremos.” O anuviador
se indigna: “Endiabrada, Em que Príamo e os filhos te pecaram,
Para afanares sempre arrasar Tróia?

Só fartarás esse ódio quando, as portas E os muros
conquistados, cru devores Príamo e os Priamidas e o seu povo.

Bem; não seja entre nós de briga acerba Este o motivo. Mas na
mente o grava:

Se extirpar me aprouver cidade que ames, Não me embargues
a cólera; que à tua,

A meu pesar, entrego Ílio sagrada;

Que eu, sob o pólo e o sol, nenhuma honrava Tanto como essa,
nem terrestres homens Como ao bélico Príamo e os Troianos:
Recendiam-me sempre as aras pingues, Nunca a nós outros
libações faltavam.”

E a de olhos majestosa: “Três cidades

Às mais prefiro, Esparta, Argos, Micenas

De amplas ruas: soverte-as, se as odeias, Que não to levo a
mal: e, se o levasse,

Que lucrava em me opor, se és mais potente? Convém não
malograres meus desígnios, Nasci também do perspicaz
Saturno,

E às deidades precedo, irmã e esposa Do rei dos imortais:
guardemos ambos Mútuo respeito para exemplo deles.

Manda já Palas excitar a pugna; Trace o como Trojúgenas
infrinjam, Não triunfantes Gregos, a aliança.”

Concorda o pai supremo, e volto a Palas: “Já, passa aos dois
exércitos, sem mora Traça o como Trojúgenas infrinjam,
Não triunfantes Gregos, a aliança.” Propensa a deusa,
incontinente voa

Lá do empinado Olimpo. Qual estrela,

Se, ao nauta e às hostes portentosa, a envia O alto Satúrnio,
fulgurante brilha;

Tal desliza na arena e ali se ostende. Pasmam da aparição e
entre si rosnam Grevados Gregos, picadores Teucros:

“Quer o árbitro da guerra a paz firmar-nos, Ou da matança
renovar as cenas.”

Ei-la, entre a chusma Teucra, simulada No Antenórida impávido
Laodoco, Pós o robusto Pândaro deiforme,

Que em meio estava das do rio Esepo Tropas abroqueladas que
o seguiram.

Chega e de golpe: “Queres-me um conselho, Ínclito Licaônio?
Expedir ousas

Ligeira seta a Menelau? Ganharas Honra e o Teucro louvor, e o
régio Páris De bens te enriquecera, ao ver domado Por ti, na
triste pira, o márcio Atrida.

Eia, abaixa-lhe o entono; ao de arco exímio Lício Apolo
hecatombe de cordeiros Primogênitos vota que lhe imoles,

Teu palácio ao rever na santa Zélia.” Néscio desta arte o suadiu
Minerva, E ele o seu arco destojou brunido.

Espreitando a lascivo agreste capro Ao pular de um rochedo,
roto o peito, O estirava supino: artífice hábil

De palmos dezesseis lhe engenha os cornos, E lhos alisa e de
ouro os encastoa.

Apóia em terra este arco, e o tende e ajusta; Escudam-se os
intrépidos consócios, Temendo o assaltem marciais Aquivos,
Primeiro que seu rei ferido seja.

Destapando o carcás, tira empenada Intacta frecha, de atras
dores fonte,

Que ao nervo adapta: e a Febo arcipotente Cem anhos
primogênitos promete,

Para quando voltar a santa Zélia.

Puxa o extremo chanfrado e a táurea corda; A corda à mama
encosta e o ferro ao arco; O arco arredonda-se e desarma o
estalo;

O estalo zune, e voa a seta aguda, De abreviar-se no sangue
impaciente.

Houve o Céu, Menelau, de ti cuidado: Palas depredadora ocorre
e a frecha Desvia-te empezada, qual de leve

A mosca enxota a mãe da criancinha Sopita em meigo sono; a
ponta mesma Dirige aonde fechos de ouro atacam

Talim que ao peitoral duplica a força. Pelos dedáleos cinturão e
coura,

Ela perfura a malha tão provada, Reparo derradeiro, e a pele
esflora: Cruor escuro da ferida mana.

Quando o marfim mulher Meônia ou Cária Para cãibas eqüinas
purpureia,

Na casa exposto, o invejam cavaleiros; Mas tem só de arrear
ginete régio: Tal, Menelau, tingiram-se-te as rijas Coxas,
pernas, luzidos tornozelos.

Ao roxear do sangue, o rei dos homens Horrorizou-se, e
Menelau com ele;

Mas, fora vendo a seta e o nervo e as barbas, Alento cobra o
generoso peito.

Com mágoas dos consócios, Agamemnon Tem-no e grave
suspira: “Irmão dest’alma, Sagrei-te à morte com selar por
todos Pugnasses tu. Feriram-te e calcaram

Os Troianos a fé; mas vãs não foram Hóstias, nem libações,
nem destras dadas: Se do Olimpo o senhor hoje os não pune,

Há-de os punir; com suas vidas próprias, De esposas, filhos,
pagarão de sobra.

Cuido próximo o dia em que Ílio sacra E o rei beloso e o povo
seu pereçam: Lá das alturas, da perfídia em ódio,

A égide horrenda agitará Satúrnio; Nem fútil é seu ódio. Mas, se
a Parca Tronca-te a vida, ó Menelau, que luto! A Argos sequiosa
voltarei, de infame

Labéu marcado; que, na pátria os Graios Só tendo a mente, a
Príamo e aos Priâneos Deixaremos a palma e Helena Argiva.

Podres em Tróia jazerão teus ossos,

Sem concluir-se a empresa; e um desses feros, Do claro
Menelau sobre o sepulcro

Motejará: — Sacie o rancor sempre Deste modo Agamemnon,
que infinitas

Falanges trouxe em balde às nossas plagas: Abandonando a
Menelau valente,

Já vogou sem despojo ao doce ninho. — Antes que eu ouça tal,
me engula a terra!”

O herói flavo o assegura: “Nem te assustes,

Nem aterres o exército; que a seta Letal não foi: meu boldrié
salvou-me,

E o cinturão e a malha, obra de mestre.” E inda Agamemnon:
“Oxalá, dileto; Mas adestrada mão tenteie o golpe,
Com bálsamos te aplaque as tetras dores.” Nisto, virando-se ao
divino arauto:

“Já já, Taltíbio, a Macaon procures, Peritíssimo filho de
Esculápio;

Que presto acuda a Menelau, que um Lício Ou Tróico archeiro
de frechá-lo acaba,

Por glória sua e pesadume nosso.” O arauto logo, às lorigadas
linhas

Lustrando, o heróico Macaon procura: No meio estava de
escudadas hostes,

Que o seguiram de Trica em poldros fértil. Aproxima-se, e
rápido: “Agamemnon Chama-te, Esculapiada; não tardes,
Acode, acode a Menelau, que um Lício Ou Tróico archeiro de
frechá-lo acaba,

Por glória sua e pesadume nosso.” Sobressalta-se o médico;
atravessam

O exército, e em redor acham do louro Maioral vulnerado os
chefes Dânaos. Extrai da parte Macaon a seta,

E no extrair as farpas reviraram: Saca o bálteo listado, a cinta,
a malha De primor, e à ferida já patente

Chupa o sangue, e lhe asperge os linimentos Que ensinara a seu pai Quiron amigo.

De Menelau enquanto se ocupavam,

Rompe arnesada e em forma a Teucra gente; Lembra aos Gregos a lide, as armas vestem. Dormir, tremer, não viras Agamemnon,

Ou recusar peleja, sim o honroso Conflito apressurando. O erin-
incrustrado Coche e os cavalos anelantes larga:

Tem-nos o auriga Eurímedon, rebento De Ptolomeu Piraide, a quem prescreve Atrás venha de passo, a fim que o tome,

Quando o girar os membros lhe afadigue. O Atrida a pé de fila em fila ordena,

Os mais zelosos eloqüente inflama: “Nada afrouxeis, que Júpiter, Aquivos,

Traidores não defende: os que infringiram O pacto e a fé, serão de abutres cevo;

Ílio assolada, filhos seus e esposas

Breve em nossos baixéis transportaremos.” E os que titubam repreende amargo: “Valentões de balheta, oh! pejo e opróbrio!

Sois corçoelhos tímidos, que lassos

De correr a campina, esmorecidos

Param sem ânimo? Aguardais que altivas Popas abordem na
alva praia os Teucros, Para saber se a mão vos dá Satúrnio?”

Por entre a chusma, em tudo pondo cobro, Chega-se aos
Créssios, que na frente armados O militar Idomeneu já tinham,

Em vigor javali; na retaguarda Os incitava Merion. De vê-los

Exulta o rei dos reis, contente e afável: “Nos feitos, Créssio
herói, prezo-te acima Dos crinitos varões, té quando à mesa
Misturam na cratera o vinho de honra: Bebem regrado os mais;
teu copo sempre,

Qual o meu transbordando, a gosto empinas.

Vai combater, e teu renome iguala.” Idomeneu responde:

“Camarada Jurei ser-te leal; não falto. Inspira Denodo aos
outros, acelera a pugna: Infratores do pacto, a morte, o exício
Recairá sobre infiéis Troianos.”

Alegre o Atrida progredindo, encontra

Os dois Ajax de ponto em branco, e em torno Um negrume de
espessa infantaria.

Do oeste às vezes bruna píceca nuvem Traz pelas vagas túrbida
procela;

O pastor, que a divisa do penedo, Freme e à gruta recolhe a
grei balante: Assim um e outro Ajax movia ao prélio Aguerridas
intrépidas falanges,

De enfuscados broquéis e horrentes piques. Gostoso o Atrida,
rápido lhes fala:

“Ajax, cabos de Argivos lorigados,

Fora ultraje animar-vos; que vós mesmos Forte a bater-se
estimulais o povo.

Oh! Jove, Palas, Febo, em todo peito

Soprassem vosso ardor! Presto, às mãos nossas,

Desabaria a Priameia Tróia.” Prossegue, e topa o arguto orador
Pílio, Que os seus alinha, férvido acorçoa

O grande Pelagon, Alastor, Crômio, E Hémon e Bias príncipes
das gentes; Atrás bastos peões, da guerra esteios,

E na vanguarda os éqüites e os carros, Entremete os poltrões,
que à força pugnem. A conter seus corcéis avisa os donos,

Por que as alas não turbem: “Confiado No manejo e valor,
sôfregos Teucros Ninguém ataque só, nem retroceda;

Que mais débeis sereis. Do próprio carro Quando alguém desça
e a carro hostil afronte, Enreste a lança, que é melhor partido.

Assim nossos avós, com força e manha, Derrocavam muralhas
e castelos.”

Tal o decano tático procede;

O grã rei jubiloso o exalta e gaba:

“Conforme o coração, robustos fossem Teus joelhos, teu corpo!
Inexorável

Te consome velhice: oh! se ela em outrem

Já carregasse, e remoçar pudesses!”

E Nestor: “Não ser eu como antes era, Quando Ereutalion matei famoso!

O Céu nunca aos mortais confere tudo, Moço então, hoje a idade me acabrunha. Mas, tal qual sou, no prélio os cavaleiros Ajudarei de alvitres e conselhos,

Dos provectoros ofício: os que eu mais ágeis Dardem, gladeiem, no verdor fiados.” Avante, passa ao campeão Petides,

A quem Cecrópios adestrados cercam; Sem lhes dar inda o al’arma, o fino Ulisses Perto forma os não lerdos Cefalenses; Pois, começando apenas o alvoroço, Aguardam que remeta aos inimigos Outra falange Aquiva e estréie a pugna.

Olha-os o rei dos reis acrimonioso: “Menesteu cujo pai Jove alentava, E tu poço de ardis e estratagemas, Tardios trepidais? Com ígnea força

Combater vos cumpria antesignanos; Que sois nos meus convites os primeiros,

Quando os chefes Aqueus se banqueteam: Regalai-vos de
assados saborosos,

E dulcíssimos copos vos saciam;

E ora esperais que em menear o bronze Dez Graios batalhões
vos antecedam?” Rude Ulisses contesta: “Que te escapa Do
encerro destes dentes? Nós remissos!

Nós que atroz morte aos picadores Teucros Já movemos? Se o
tens a peito e o queres, De Telêmaco o pai ante as bandeiras
Verás, Atrida, e vãos discursos bastem.” O rei sente-lhe o
enfado, e a sorrir torna: “Sublime solertíssimo Laércio,

Não te arguo excessivo. Sim, de acordo Comigo sempre vai tua
alma grande.

Eia, rompe a tardança: eu me retrato;

E o Céu risque a lembrança desta ofensa.” Finda a revista no
pugnaz Tidides,

Que entre os corcéis estava e unidos carros, Mais a de Capaneu
briosa estirpe.

Tal observa Agamemnon e o censura: “Tremes, Diomedes, o
êxito receias?

Ah! teu pai de tremer não se aprazia; Sempre entre os seus
maior se abalizava: Nunca vi, mas o afirmam testemunhas. A

Micenas contudo hóspede veio, Quando, com Polinice igual aos deuses, De Tebas sitiava os sacros muros,

E ambos gente e socorro nos pediram. Quisemo-lo servir, porém vedou-nos Dial prodígio infausto; e na tornada, Ao juncoso arribaram verde Asopo.

De Etéocles no paço, num convívio Tideu, como legado, imensos topa: Sozinho entre os Cadmeios, destemido Muitos então a duelo desafia,

E de Palas por graça a todos vence.

De emboscada, ao regresso, despeitosos O acometem cinqüenta cavaleiros,

Com chefes dois, Meon divo Hemonides, O inconcusso Antofônio Licofonte.

Ele os castiga, e por celeste auspício Poupa a Meon, que núncio envia a Tebas. Tal foi Tideu Etólio, pai de um filho

Melhor de língua e de valor somenos.” Sofre-o Diomedes respeitoso e mudo,

E Estênelo é quem fala: “Atrida, mentes; Sabe que de mais fortes blasonamos

Que nossos pais: com Jove e o Céu propício, Bem poucos, derruindo-lhe as muralhas, Tomamos Tebas a de sete portas;

Eles, ímpios e insanos, pereceram. Nossos avós conosco não compares.” Sério o encarou Tidides: “Cala e atende. Fogoso o grande rei não culpo, amigo, De grevados Aqueus urgir ao prélio:

Se destrói Ílio santa, a glória é sua,

E ingente o luto, se nos falha a empresa. No ímpeto nosso intrepidez provemos.”

Do carro em armas salta; o bronze aos peitos Do furibundo campeão remuge,

Pondo nos corações gelado medo. Antes que rolem na sonora praia, No alto encapela Zéfiro as maretas,

Que na terra a fremir túmidas quebram,

Té que no promontório em cerco espumam:

Tais, sob os cabos seus, vão-se adensando Graias falanges em fervor contínuo.

Tácito ia o soldado e atento às ordens; Creras a turba toda emudecida:

Na marcha o vário arnês lampeja e fulge. Qual a miúdo inúmeras ovelhas,

Ao mungi-las do leite o rico dono, Balam, gemer ouvindo os cordeirinhos; Assim clamava o exército contrário: Misto confuso de nações remotas,

Não tinha o mesmo grito, acento ou língua. Uns Gradivo, outros
insta a gázea Palas, Fuga, Terror, Discórdia sitibunda,

Parenta e amiga do sanguíneo Marte;

Que, tímida ao princípio, aos Céus remonta, No chão caminha e
a fronte enubla e esconde. Esta, ao passar, aqui e ali semeia

Raiva homicida, mestos ais dobrando. Juntos os campos, já de
escudos e hastas

E de éreas malhas chocam-se os guerreiros; Os copados
broquéis do embate rugem; Gloria o vencedor; soluça arcando

O moribundo; o sangue alaga a terra. Qual, inchados jorrando
estrepitosos Do monte ao vale, rios dois volteiam

Num mesmo abismo, e longe o estrondo escuta Espantado o
pastor: assim, por todos

Lavra o susto, baralha-se o estampido. Antíloco encetou num
da vanguarda, No Teucro Talisiada Ecepolo,

A quem fura o morrião de basta coma, E brônzea cúspide o
frontal penetra: Enoita-se-lhe a vista, e como torre Baqueou.

Por despi-lo, o Calcodôncio Digno rei dos Abantes, pretendendo
Isentar-se dos tiros, debruçado Agarrando-lhe os pés, desvia a
tarja: Magnânimo Agenor com ênea ponta Lhe vulnera o vazio e
os órgãos laxa;

A alma o corpo deserta, e em acre pugna Sobre ele Argeus e Troas rosto a rosto, Quais lobos carniceiros, se abalroam.

Lanceia o Telamônio a Simoésio,

Filho de Antemion, solteiro e imberbe:

No Ida, os gados a ver baixando às margens Do Símois com seus pais, a mãe o teve; Donde vinha-lhe o nome. Aos que o geraram Em frutos não pagou ternura tanta,

Pelo bronze de Ajax em flor cortado: A destra mama atinge e lhe atravessa

O ombro a lançada, que o rebolca e estende. Ao pé de úmido lago o choupo liso,

Que a rama e o cimo exalta, o carpinteiro Talha a ferro aceirado, por que em rodas Curve-o de belo coche, e à beira o tronco Jaz do rio a secar; destarte o jovem,

A quem despoja o herói, murchece e tomba. A Ajax, na chusma, o Priameio Antifo

De arnês betado aponta: a Leuco, assecla De Ulisses, na virilha o dardo alcança;

E Leuco, indo arrastando a Simoésio, Larga-o das mãos e dele a par descamba. Raivoso pelo amigo, em brilho aêneo,

Se envia Ulisses às primeiras filas;

Tem-se, os lumes rodeia, a lança brande. Afastaram-se os Teucros; mas o tiro

Não se esgarrou, que a Democoonte fere, De Príamo bastardo, o qual de Abido Frisões árdegos trouxe: a letal choupa As fontes passa; a vista se lhe enteva, Soam-lhe com fragor na terra as armas.

A vanguarda, Heitor mesmo é rechaçado. Recolhendo os cadáveres e em grita, Com mor ímpeto os Gregos acometem.

De Pérgamo olha Febo e iroso brama:

“Constância, forte gente, ânimo, Teucros. Não têm corpos de pedra ou ferro os Dânaos, Que brônzeo gume expilam; nem de Tétis Crinipulcra os protege agora o filho,

Que mesto em seus baixéis recoze a bilis.” De alto assim troa o deus; mas a Tritônia, De Jove augusta prole, de ala em ala, Onde os vê túbios, acalora os Dânaos.

Diores de Amarinceu do fado é preia:

Um calhau de enche-mão, que joga o de Enos Dos Traces condutor Piso Imbrasides,

No tornozelo destro o aleija; o canto

Os tendões ambos e ossos lhe esmigalha:

A alma exalando, a bracejar aos Gregos, De costas cai; no umbigo a lança Piso Mete-lhe; os intestinos se derramam, Eterna escuridão lhe cobre os olhos.

Toas Etólio ao matador se atira,

Pela mama ao pulmão lhe enterra o bronze; Aproxima-se dele, e a válida hasta

Lhe extrai dos peitos, puxa logo a espada, Que lhe traspassa o ventre e a vida rouba. Desarmá-lo não pôde, que em redondo Hastatos sócios de topete hirsuto,

Beloso embora, a Toas repeliram. Assim, dois capitães ali ficaram,

Um Trácio, um dos Epeus eriarnesados, E outros bravos com eles pereceram.

Quem, de golpes ileso ao longe e ao perto, Guiando-o Palas, pelo campo andasse,

A nenhum dos guerreiros acusara. Muitos naquele dia Aqueus e Frígios, Em pó submersos, prosternados foram.

L I V R O V

A Diomedes robora e esforça Palas, Para que ele se exalce e em fama cresça.

Indefesso arde-lhe o elmo, arde-lhe o escudo: Como a estrela outonal que mais cintila Banhada no Oceano, áscuas de fogo Da cabeça e dos ombros lhe flamejam. Ao denso do tumulto o impele a deusa. Vulcâneo antiste, o probo e rico Dares Com filhos dois, Fegeu e Ideu, vivia, Teucros pujantes, que das linhas partem Em seus ginetes; mas a pé, Tidides.

Propínquos já, Fegeu primeiro atira;

Por sobre o esquerdo braço a tremente hasta Roça apenas o herói, que a sua esgrime, Nem a desprega em vão: rasga-lhe os peitos, Rola-o do carro, donde o irmão saltando, Sem defendê-lo, a nera morte evita

Num nevoeiro, em que do luto parte Forrou Vulcano ao velho. O nado egrégio De Tideu belacíssimo os cavalos

Empolga e entrega aos seus, que a bordo os ponham. A Dares morto um filho, um subtraído,

Turbam-se os Teucros. E a de garços olhos, A mão tomando a Marte: “Ó Marte, exclama, Flagelo de homens e eversor de muros,

A quem quer que a vitória assine Jove, Teucros e Aqueus não deixaremos livres, Para de Jove a cólera atalharmos?” Assim Palas arreda o sevo nume,

E a ir o induz às veigas do Escamandro. Cada Argeu cabo, os Frígios em destroço, Prostra um fugido. O rei dos reis precede: Às costas entre as pás, de um bote, enfia O celso Hódio Halison, da biga o deita;

Rumor na queda horrendo as armas deram. Festo, renovo do Meônio Boros,

Da pingue Tarne vindo, ao montar, presto Lanceiro Idomeneu famigerado

A destra espádua lhe varou: do carro Veio abaixo, e o toldou feral caligem; Dos fâmulos do herói foi despojado.

Ao bom monteiro Estrófida Escamândrio

Não valeu sagitícola Diana,

Que de longe a tirar e a caçar feras, Quantas geram-se em brenhas, o ensinara: O pique Menelau do tergo aos peitos

Lhe enterra, e ao baquear as armas toam. Fereclo tomba, do Harmonides garfo, Do Harmonides prendado por Minerva, Que tudo com mão prima fabricava; Que autor foi, dos oráculos ignaro,

Das naus irmãs em que Alexandre a ruína Trouxe de Ílio e do
artífice a tristeza: Merion, após o filho seu, na destra Nádega o
fere, e a ponta por debaixo

Do osso alcança a bexiga; os joelhos frouxam, Cai lamentoso, e
véu letal o cobre.

Meges mata a Pedeu, bastarda prole

De Antenor, que entre os seus criou Teano, Comprazendo ao
marido e compassiva: Destro o Filides no toutiço a lança

Prega, os dentes lhe passa e a língua tronca; De riço o metal frio
agudo morde.

Hipsenor, divo ramo do veemente

Dolópiôn, do Escamandro sacerdote, Por nune venerado, ao
gládio escoa-se De Eurípilo Evemônides preclaro:

Este, à carreira, de um fendente no ombro, Cerce cortou-lhe o
braço, que de chofre Sanguíneo jaz no campo; urgente fado Lhe
ocupa os olhos de purpúrea morte.

Enquanto acres pelejam, mal discernes

Se é dos Graios Diomedes, se é dos Frígios: Sanhoso andava,
qual voraz corrente

Por chuviros de Jove intumescida,

Que inunda e as pontes arrebatada, e os valos Dos vergéis,
esperança dos colonos;

Ia arrasando os batalhões Troianos, À vastadora fúria não bastantes.

O Licaônio, que na arena o adverte A derrotar falanges, o arco atesa;

O armo direito, no ímpeto, lhe frecha Pelo cavo da coura, do volúvel Passador cruentada, e ledó grita:

“Eia, avante os corcéis, bizarros Troas;

Que o mais tremendo Aquivo está frechado,

Nem longo a dor suportará violenta,

Se da Lícia em verdade urgiu-me Febo.” Foi jactância:

Diomedes não sucumbe; Recua até seu coche, e ao Capaneio:

“Desce, a vira cruel me arranca, amigo.” Pula Estênelo, e do ombro a extrai ligeiro; Pelas orlas da malha o sangue bolha.

Diomedes ora então: “Meu voto acolhe, Palas, filha do Egífero indomada:

Se hás a mim e a meu pai na acesa pugna Favorecido, assiste-me de novo;

A meu dardo se afronte, e eu puna aquele Que aseteou-me, e gaba-se que em breve Nem mais verei do Sol a claridade.”

A preces tais, Minerva o enrija e alesta, Reforçando-lhe o braço, e perto fala: “Peleja afouto; que te pus, Diomedes, No peito o coração do vibra-escudo

Bravo Tideu. Rasguei-te a venda e névoa, Para os mortais e os
numes distinguires: A qualquer deus respeita e não resistas;
Mas, se Vênus Dial sair a campo,

Com érea choupa vulnerá-la podes.” E aqui desaparece a gázea
Palas.

Torna ao conflito o herói; se à frente há pouco Era atroz, o furor
se lhe triplica.

Quando o leão, que assalta agreste bardo, Sem rendê-lo o
pastor golpeia e assanha, Foge e a grei desampara; a pulo a
fera

Trepa, amedronta o ermo, umas sobre outras Atropela as
lanígeras ovelhas,

Do redil sai ovante e ensangüentado: Anda assim na baralha o
cru Tidides.

Na mama, de ênea ponta, encrava Astino; Do caudilho Hipenor
descose à espada Pelo úmero a clavícula, e o despega

Do pescoço e da pá. Deixa-os morrendo, E atrás corre de
Abante e Polieido, Filhos do antigo intérprete Euridamas,

Que os despediu sem consultar os sonhos; Derriba-os Diomedes
e os despoja.

Envia-se a Foon e a Xanto, arrimos De Fenopo dos anos
consumido:

As almas lhes arranca, e ao pai coitado,

Órfão de prole, afunde em nojo e penas; Que os não recebe incólumes, e é força Com outros partilhar a sua herança.

Dois Priamidas num só carro topa,

Crômio e Equemon: do assento os precipita, Ao teor do leão que, em prado ou monte, Da novilha ou do touro a cerviz quebra;

Desarma-os, e a parelha os seus transportam. Da derrota cuidadoso, busca Eneias

A Pândaro entre o estrépido dos dardos, E acha e instiga o divino Licaônio:

“Que é do teu arco, singular frecheiro? A glória esqueces? Há na Lícia acaso

Quem ta pleiteie? Erguendo a Jove as palmas, Seta joga ao varão que, em mal dos Frígios, Rompe, ajoelha, esmorece a tantos fortes.

Será deus que furente exija ofertas, E de um deus o furor é pernicioso.”

E o Licaônio: “Em tudo se me antolha, Ó conselheiro de arnesados povos, Tidides coração; seus ginetes

E a rodela conheço e o casco oblongo.

Se um deus será, não sei; mas, se é quem digo, Não guerreia
sem nune: algum de perto, Cosido em névoa, lhe desvia os
tiros.

Entre a coura frechado no ombro destro, Cuidei mandá-lo a
Dite, e vivo surde:

Certo é-me hostil um deus. Nem biga tenho; Em casa novos, de
louças cortinas,

Onze carros deixei, parelhas onze,

A quem limpo centeio e espelta nutrem. Veterano meu pai, no
alcáçar nosso

Ao partir instruindo-me, insistia

Que do meu coche estimulasse os Frígios: O sábio aviso
desprezei, temendo

Que, afeitos a bom pasto, os corredores No estreito assédio
padecessem míngua. A pé vim, no arco afouto, que a Tidides E
a Menelau já disparei sem fruto; Ensangüentados, lhes irrita a
sanha.

Desprendi-o em má hora do cabide,

No momento em que chefe a Ílio amena, Por agradar ao divo
Heitor, marchava; Mas, a rever a pátria, o lar, a esposa,

O excelso meu palácio, destra infensa A cabeça me corte, se
em migalhas

Não queimo a fogo ardente os arcos todos, Meus desleais e inúteis companheiros.” “De arengas basta, replicou-lhe Eneias; Anda, varão, tentemos a fortuna.

Sobe-te ao coche, por que saibas como Dos cavalos de Troe os meus provindos, Pelo campo trotando, acossam, fogem: Hão de aceleradíssimos salvar-nos,

Se a Tidides reserva a palma Jove.

Sus, toma o látigo e as brunidas rédeas, E apeado contendo; ou, se o preferes,

A arrostá-lo te apresta, e eu reja a biga.” E Pândaro: “Os cavalos com mor tino, Auriga tu, governarás, Eneias,

Se à retirada nos forçar Diomedes: Estranhando-me a voz, da liça podem Não se apartar vagantes e espantados; E ele talvez, no alcance impetuoso, Nos prosterne e os solípedes te roube.

Tu pois menea-os, que de lança invisto.”

Ao coche então variegado ascendem; E o claro Capaneio, que os divisa

Na desfilada, pressuroso amoesta: “A ti vejo, amicíssimo Tidides,

Vir dois varões de pulso, o grande archeiro Que Licaônio se intitula e aquele

Que de Vênus se abona e Anquises nado. Retrocedamos nós; se a vida prezas,

Com fúria tanta avante não discorras.” O sócio o mira: “À fuga em vão suades; Não sou dos que trepidam nem recuam.

Tenho inda o meu vigor: montar me peja, Remeto a pé; que eu trema o veda Palas. Quando um na veloz biga nos escape,

Os dois por certo não. Se a douta deusa, N’alma te fique, me outorgar matá-los, Contém, das pinas suspendendo as rédeas, Esses corcéis, atira-te aos de Eneias,

Leva-os dos Teucros aos grevados Gregos. São raça dos que ao pai de Ganimedes

Em troco dera o Altíssonos, os melhores Que o Sol viu respirar e a ruiva Aurora:

De Laomedonte a furto, o régio Anquises Lhes submeteu seis éguas; dos que obteve, Quatro poldros cevando à manjedoura, Árdegos dois belazes doa ao filho.

Preá-los nos será de ingente glória.” Entanto, aqueles o ágil tiro incitam, E apropinquados, Pândaro começa:

“Ó do márcio Tideu vergôntea nobre, Da seta escarneceste; ora experimenta

Se mais serve esta lança.” E a lança expede: A érea ponta, acertando-lhe no escudo, Penetra a coura, e troa o Licaônio:

“Traspassado na ilharga, em breve expiras; Penso ter conseguido honra perene.”

Imperturbado o herói: “Falhou-te o bote; Se repousardes, um de vós ao menos Saciará com seu sangue o fero Marte.” Ei-lo dardeja, e ao rés das sobranceiras De Pândaro ao nariz dirige Palas

O êneo farpão, que os alvos dentes parte, A língua fende e a barba lhe atravessa: Do assento cai, e estruge o arnês lustroso:

Os sonípedes fogem de assustados;

Ele, exangue e esvaído, arqueja e morre. Protegendo o cadáver, insta Eneias, Que em derredor como um leão peleja;

De hasta longa e rodela, a quem se oponha A imolar decidido, horrendo ruge.

A dois varões dagora pedra enorme, Que Tidides agarra e só maneja,

Dá na perna ao Troiano, onde encaixado O fêmur gira, e a pele e os tendões ambos Lacerando, o acetábulo fratura:

De joelhos tomba, a forte mão se estriba, Enoita-se-lhe a vista; e fenecera

O de homens regedor, se não lhe acode Vênus, que o teve do boieiro Anquises. Trêmula a déia o cinge ao branco seio, E as

dobras lhe antepõe de níveo peplo, A resguardá-lo de inimigo dardo,

Que nos peitos profunde e à morte o envie; Safa à pressa do campo o seu querido.

A Estênelo do amigo as ordens lembram: Contém, das pinas suspendendo as rédeas,

Os seus corcéis, que do tumulto afasta; Corre aos de Eneias de vistosas crinas, Leva-os dos Teucros aos grevados Gregos; Entrega-os a Deipilo, que os embarque, Seu camarada com quem mais conforma. O Capaneio das nitentes bridas

Pega e os seus afervora unguissonantes; Vai com Diomedes encontrar-se alegre.

De atroz bronze este segue a inerme Cípria, Que os prélios não domina, qual Minerva Ou de muros Belona assoladora;

Sacrílego, entre a chusma, de hasta aguda Num salto esflora a tenra mão celeste, Roto o fragrante véu lavor das Graças: Pela palma lhe escorre o ambrósio fluido, O icor dos imortais: que nem pão comem, Nem bebem roxo vinho, e assim beatos Sangue não têm. Em gritos larga o filho; Febo o arrebatada e esconde em atra nuvem, Que de hostis remessões o ampare e salve. “Cede, o audaz vozeou, de Jove ó garfo; Não te basta embair mulheres frágeis?

Provaste a guerra; eu fio que ao diante Só deste nome guerra
te horrorizes.” Mesta a afligida, lívida a mimosa Cútis, sai do
bulício pela destra

Da acrípede núncia; dos Troianos

Acha à esquerda sentado o feroz Marte,

E em negrume os frisões e a lança ocultos. Aos pés do irmão
suplica: “Irmão! socorro; De áureo jaez empresta-me o teu
carro, Que aos celícolas pronto me conduza:

Dói-me este golpe do mortal Diomedes, Que ao pai Júpiter
mesmo arremetera.” Ele sentido o empresta; ela magoada
Monta com Íris, que laxando as bridas, Estende o açoite, e os
corredores voam. Já no escarpado Olimpo, a guia etérea

Pára e os desjunge, e ambrósio pasto os nutre. A Dial ajoelhou-
se à mãe Dione,

Que terna a beija e abraça e acaricia: “Que nume tanto ousou,
como se, ó cara, Um erro escandaloso cometeras?”

E a dos risos amante: “Não foi nume,

Foi Diomedes soberbo, quando a Eneias, Por quem mais
estremeço, ao perigoso Combate eu subtraía. A grega audácia,
Não somente a mortais, ataca os deuses.” “Filha, torna a
santíssima Dione,

Devora a dor. Gravíssimos pesares

Têm dado os homens ao discorde Olimpo. Meses treze Efialtos e
Oto Aloidas, Ligaram Marte a rígidas cadeias:

No éreo cárcere o sôfrego de lides Morrera das prisões
extenuado,

Se, advertido Mercúrio da madrasta Linda Eribeia, a furto o não
livrasse. Com tricúspide vira o Anfitriônio

A destra mama retalhando a Juno,

Causou-lhe agro tormento. A Plutão mesmo Do Egíaco esse
filho destemido

Com seta alada, à porta dos infernos Sobejo molestou:
martirizado

N'alma e no corpo, aos astros ele alçou-se, Do ombro robusto a
farpa inda pendente; Mas, pois o Estígio rei mortal não era,

Péon com bálsamo o curou suave. Ímpio o herói façanhudo,
arcipotente Violava assim do Olimpo os moradores. Por
Minerva açulado, ora Tidides Néscio atreveu-se a ti, não
cogitando

Que pouco dura quem se atreve aos numes, Nem da guerra
tornado, em seus joelhos Meigos filhos papai lhe balbuciam.

Tidides guarde-se hoje de que o dome Quem te exceda em
valor; que o sono quebre Sua Adastrina Egíale à família,

Casta chorando o Grego mais galhardo, Que lhe colheu
mancebo a flor virgínea.” Aqui da filha à palma o icor enxuga;
Sara a ferida, acalmam-se-lhe as dores.

Mordentes Juno Palas, que isto observam, Tentam Jove, e
começa a de olhos garços: “Padre, irritar-te irei? Se não me
iludo, Vênus estimulando alguma Argiva

Seus Teucros a seguir, por quem se fina, Indo animar a dama
bem velada, N’áurea fivela a mão rascou mimosa.”

Ele sorrindo a loura Vênus chama: “Não te compete, filha, deixa
a guerra Entregue a Palas e ao feroso Marte;

Cuida no doce amor, nas doces bodas.” Enquanto assim
discursam, contra Eneas Insiste o grã Diomedes, conhecendo

Que o protegia Apolo, e sem respeito

Quer prostrá-lo e despír de insígnies armas. Febo, em três
investidas, repulsou-lhe

O escudo refulgente; mas à quarta, Quando igual a um
demônio arremetia, O Longe-vibrador minaz troveja:

“Tem-te, mortal, aos deuses não te afoutes; Sidérea é nossa
raça, e humano rojas.” Lento recua o herói ao bote certo.

Pôs fora o Délio, em Pérgamo sagrada, Num seu delubro a
Eneas, de quem tratam No ádito vasto com decoro e zelo

Diana sagitária e a mãe Latona.

Forma o deus arci-argênteo uma figura, Do Teucro simulando o
arnês e o vulto; E em torno mutuamente os contendores

Aos peitos frangem de bovino espólio Ou redondos broquéis ou
leves tarjas.

Depois a Marte: “Ó Marte, exício de homens, De muros
destrutor, sangrento Marte,

Não lançarás do prélio esse atrevido, Capaz de acometer ao
padre sumo? Feriu de perto a Vênus junto ao carpo,

E a mim qual nume de arrojarse acaba.” Disse, e na celsa
Pérgamo assentou-se.

Marte no ardente Acamas se disfarça, Dos Traces capitão; de
fila em fila, Excita os Priamidas: “Até quando, Vós príncipes, de
Júpiter alunos, Consentireis aos Gregos a matança?

As vossas portas esperais que assaltem? Jaz por terra o
Anquisiada famoso,

Que ao mesmo Heitor em honras igualamos: Eia, salvemos o
guerreiro sócio.”

E um por um ele anima e os fortalece.

Já Sarpédon severo: “Onde os teus brios? Defender a cidade,
Heitor, contavas

Com teus irmãos e afins, sem outro auxílio:

Nenhum vejo daqui, nenhum descubro; Ante o leão sabujos
tremebundos;

E os aliados combatendo estamos. Lá da Lícia e do Xanto
vorticoso,

Deixando um filho tenro e a mulher cara E cobiçados bens,
venho ajudar-vos; Nada que perca tendo ou que me tirem, A
arrostá-lo comigo os meus exorto:

Em ócio, os teus acorçoar olvidas A resistir e a proteger seus
lares. Olha não sejam do inimigo preia,

Todos em ampla rede emaranhados, Nem chegue o fim da
populosa Tróia.

Cumpre que veles de dia e noite, e implores Aos convocados
chefes que, depondo Agravos seus, de pelejar não cessem.”

Mordido n'alma, Heitor pula do carro, Hastis sopesa, o exército
perlustra,

E aviva e alenta a horrífica batalha.

Os Teucrosolvem da fugida, e os Gregos Cerram-se e
aguardam com denodo o embate. Quando padejam trigo em
eira sacra,

E ao vento os grãos ciranda a flava Ceres, A moinha branqueja
amontoada:

Cobre os Dânaos assim o pó que alteia

Dos corcéis o estrupido aos céus de bronze. Novamente ao combate os coches rodam, As hostes já se travam, já se investem.

Marte, enublado, proceloso o campo Lustra e anda em auxílio dos Troianos, Dócil à voz do irmão de alfanje de ouro,

Que espertá-los mandou, vendo ausentar-se A ajudadora dos Aqueus Minerva.

Febo do ádito pingue esforça e expede O Anquiseo cabo; de revê-lo folgam

Vivo e incólume e ardente, e nada inquirem; Urge o afã que suscita o argenti-archeiro, Marte homicida, Erinis sitibunda.

Instam os Ajax e Ulisses e Diomedes,

Bem que os Dânaos de si desprezem gritos E as forças do inimigo, e estejam firmes.

Por Satúrnio amarrada a pico aéreo, Em calma estaca a nuvem, se dormitam

Bóreas e os mais que estrídulos espancam

Turbos vapores: a pé quedo os Graios Destarte o choque impávidos esperam. Agamemnon ordena e ativa as alas:

“Amigos, homens sede; no discríme

Vos sustente a vergonha. A morte poupa, Mais do que ceifa, os que a desonra temem; Os fujões desampara ajuda e glória.”

Eis fere a Deicoon, de Eneias sócio, Pergásides que, sempre antesignano, Era aos filhos de Príamo igualado: Não basta o escudo à furibunda lança, Que lho fura o talim e o baixo ventre; Com fracasso baqueia, o arnês ressoa. Dois rende Eneias da soberba Feres, Onde opulento o genitor morava,

Ramo do Alfeu, que à larga os Pílios banha: Do rio prole, Orsíloco imperante

A Diocleu gerou; do herói nasceram Gêmeos Créton e Orsíloco. Estes, hábeis Em todo o prélio, púberes navegam

A Ílio em poldros fecunda, e então querendo Os Atridas vingar, seu termo encontram:

Quais em montanha ou selva amamentados, Cachorros de leoa a bois e ovelhas Depredam gordas e os currais devastam, Até que êneos zargunchos os castigam;

Tais o indômito Anquísio aterra-os ambos, Semelhantes a abetos espigados.

O fero Menelau doeu-se deles;

Na frente erilustroso, a lança brande: Marte a cair o induz às mãos de Eneias. Sai o Nestório Antíloco: receia

Faleça o cabo Argivo e balde a empresa. Os rivais de haste em reste, se ameaçam: Antíloco aproxima-se do Atrida;

Bem que animoso, Eneias retrocede

Ao ver os dois varões que investem juntos. Estes, os mortos
miseros ao meio

Dos sócios arrastando, ao rijo tornam Da batalha, onde imolam
Filemene, De peltados altivos Paflagônios Mavórcio maior: o
bom lanceiro Menelau a clavícula partiu-lhe.

Joga Antíloco um seixo ao cotovelo

De Midon Atimniade, que os brutos Solípedes desvia: o ebúrneo
freio

Do punho escapa ao forte auriga e pajem; Logo o Nestório as
fontes lhe estoqueia; Ele, entre vascas, do artefato coche

De ombros revira e testa, e ali se afunda Na basta areia, até
que seus cavalos

Às patadas o enrolam na poeira. Chicoteia-os Antíloco e os
retira. Lobriga-os na revolta e a gritos rompe

Heitor, com Teucras hostes, que afogueia Marte e a grave
Belona: ela consigo

Traz o imano Tumulto; ele hasta enorme Após Heitor floreia, ou
já precede-o.

Tidides mesmo ao conhecê-lo treme; Retém-se como ignaro
viandante, Ao cabo de extensíssima campina, Ante rápido rio,
que espumoso

Ronca e ao mar se despenha. Ei-lo turvado: “O nobre Heitor,
amigos, admiramos

Guapo na lança e audaz; mas sempre um nume O resguarda, e
hoje é Marte em vulto humano.

Com firmeza os Troianos arrostemos; Só não queiramos resistir
a deuses.” Apropínqua-se Heitor; num carro mata Guerreiros
dois, Anquíalo e Menestes. Comiserado Ajax, de perto e quedo
Corre a fúlgida lança ao Selagides Ânfió potente em Peso e
pecoroso,

Que os Teucros por mofina ajudar veio; Entra a choupa o talim,
penetra o lado; Ânfió baqueia; o Telamônio acode

Para despi-lo; tolhe-o de arremessos Luzente nuvem, que no
escudo apara; Desprende o hastil pisando-lhe o cadáver; Dos
rojões oprimido, o herói não pôde Dos ombros lhe sacar as
pulcras armas: Temeu cercado ser pelos Troianos,

Que em pinha e hastatos com furor instavam, E inda que
altipujante o rechaçaram.

Do conflito no ardor, violento fado A Tlepolemo, Heráclida
bizarro, Contra Sarpédon concitou divino;

E estando fronte a fronte o filho e o neto

Do anuviador, começa Tlepolemo:

“Dos Lícios capitão, por que estremeces, Imperito guerreiro?
Quem te aclama Raça de Jove, mente; és mui somenos Dos
que o Egífero teve em prisca idade. Olha Alcides meu pai,
Leonino peito,

Que, os frisões reclamando a Laomedonte, Vindo em navios
seis com poucos sócios, Ermou de Ílio assolada as vastas ruas.

Teus soldados, cobarde, vais perdendo; Nem, fosses bravo, aos
Teucros valerias, Que do Orco às portas baixarás agora.” “Sim,
Tlepolemo, respondeu Sarpédon, Ílio santa pagou maldade e
ultrajes Desse ingrato que os brutos recusou-lhe, De tão longe
arribando o herói Tiríntio; Mas a ti minha lança, eu to predigo,

Dar-te-á morte escura e a mim renome,

Tua alma ao rei da lúgubre quadriga.” Arvorou Tlepolemo
hástia fraxínea,

E ao mesmo tempo tiros dois voaram: Sarpédon na cerviz lhe
embebe a sua,

De atra caligem lhe enoitece os lumes; De Tlepolemo a cúspide
ligeira

O osso da coxa esquerda ao Lício encrava, A quem seu pai
livrou da Parca acerba.

Tiram da liça o divinal Sarpédon,

Que em dor grave labora, e a ninguém lembra, No subi-lo a seu carro e em tanto aperto,

A crua ponta lhe extrair da coxa. Indo em braços Gregos Tlepolemo, A tal conspecto Ulisses comovido,

Na grande alma revolve se atrás corra De Sarpédon valente, ou se prossiga

No horrendo morticínio. Obstando o fado A que pereça o filho do Tonante

Por seu bronze afinado, contra a chusma O excitou Palas: ele ceifa a Crômio, Hálío, Pritânis, Alastor, Cereno,

E Noemon e Alcandro; e mais fizera, Se o galeato celso Heitor em frente Não marchasse adargado e coruscante, Susto incutindo. Folga de enxergá-lo

E com doente voz lhe diz Sarpédon:

“Socorro, ilustre amigo; dos contrários

Não seja eu presa: em vosso muro ao menos Me fuja a vida já que aos pátrios lares

Não me cabe voltar, nem ser de alívio À prezada consorte e a meu filhinho.” Nada o Priâmeo no ímpeto responde, Que ardente almeja repelir os Dânaos E muitos conculcar; mas nobres Lícios O capitão sob a ramosa faia

Do genitor Egíaco asilaram,

E o forte Pelagon, seu predileto, O freixo lhe extraiu.

Desfalecido

Ofuscaram-se-lhe os olhos; mas de Bóreas Fresco hálito
aspirando, o alento cobra.

A Heitor e a Marte os Graios não dão costas, Nem avançam;
mas cedem pouco a pouco, Sabendo o nune nas hostis fileiras.

Quem sob o herói e o brônzeo atroz Gradivo Caiu primeiro?

Quem postremo? Têutras Deiforme, Orestes picador, o Etólio

Treco hastato, Enomao, o Enópio Heleno, E Oréscbio de turbante
variegado,

Que tesouros em Hila acumulava Junto ao Cefísio lago, onde os
Beócios Viviam felizmente em grossas lavras. Em mísera
derrota observa os Gregos Satúrnica bracicândida: “Hui,
Minerva, Dial prole indomada, a tolerarmos

O Atroz Mavorte, a Menelau faltamos: Nem Ílio destruir, nem
voltar pode: Sus, nossa intrepidez manifestemos.” A olhicerúlea
deusa não se escusa.

Mesmo Juno augustíssima os cavalos Do metal fulvo arreia.

Hebe se apressa No carro de eixo férreo a pôr os curvos Orbes
de oito êneos raios, cujas cambas,

De ouro incorrupto, os chaços têm munidos De lâminas de
bronze: oh maravilha!

Roda em meões de prata, e prata e ouro Compõem da caixa os correões; a caixa

Por dois tornéis da frente as bridas lançam,

E um temão corre argênteo: Hebe no extremo Auripulcros lhe prende jugo e loros;

E ávida Juno de contenda e estragos,

Ata ao jugo os alípedes cavalos. Solta Minerva no paterno solho Bordado véu que esplêndido lavrara; Do nubícogo deus veste a loriga,

Veste o arnês dos combates lagrimosos. Fimbriado seu broquel medonho abraça, A que o Terror circunda: nele a Força, Nele a Perseguição, nele a Discórdia,

Nele vê-se a cabeça de Medusa,

Do Egífero portento, aborto horrível. De quádruplo cocar cinge áureo casco, De sobejo aos peões de cem cidades.

Monta ao fúlgido coche, enorme libra Válida lança, com que inteiras hostes, Do Prepotente filha, irada prostra.

Juno os tiros verbera: eis por si rangem Portões que as Horas guardam, sentinelas Da suma casa etérea, a cuja entrada Fechar e abrir lhes toca a nuvem densa.

Fácil transpõe o carro, e Jove as deusas No tope acham do Olimpo cumioso.

Fez alto Juno, e a seu marido sonda:

“Quê! não refreias, soberano padre, Marte cruel, que a tais e tantos Gregos, Ímpio e sem pejo, temerário abate?

Choro n’alma, e tranqüilos folgam Vênus E Apolo arco-de-prata que instigaram

O demente e sem lei. Tu não te agastas Se da batalha vulnerado o afasto?” Concedeu-lho o supremo: “Afila a Palas; É quem sói acossá-lo e confrangi-lo.” Leda o látigo estala e acena a déia; Espontâneo os ginetes pelo espaço, Entre o pólo estrelado e a terra voam.

Quanto alguém, de alta penha, ao longe avista, Se olha amplo roxo mar, tanto os celestes Atroantes corcéis de um pulo alcançam.

A Ílio chegadas, onde mescla a veia Ao Símois o Escamandro, desjungidos

Larga-os Juno, e em neblina cega envoltos, Ambrósio pastos lhes ministra o Símois.

Como tímidas pombas volteando,

A auxiliar os Dânaos se apressuram. Já num grupo de fortes, que a Tidides

Em pinha rodeavam, quais javardos E leões carniceiros nada imbeles,

A de alvos braços grita, sob a forma Do famoso Estentor, cujo éreo brado A guerreiros cinqüenta a voz cobria:

“Que opróbrio! Ó Dânaos de gentil presença! Enquanto era convosco o divo Aquiles, Nunca as Dardânias portas o inimigo, Da ardida lança com terror, transpunha; Hoje ante as curvas naus brigar se atreve!” Isto os aviva e alenta. A olhicerúlea

A Diomedes se vai, que ao pé do coche De Pândaro a frechada refrigera, Aflito e lasso, da rodela a soga Inundada em suor; e, ao levantá-la

Para a chaga absterger do negro sangue, Pegando-lhe do jugo, o punge a deusa: “Não semelhas Tideu: pequeno em corpo, Grande na ação, conter-lhe eu quis o fogo, E ao vir único a Tebas de enviado

Junto a muitos Cadmeios, prescrevi-lhe Que aos banquetes pacífico assistisse;

Mas ele alfim, seu ânimo escutando, Por mim sempre ajudado e protegido, Os Tebanos provoca e vence a todos. Ora eu também te ajudo e te protejo,

Contra os Frígios te inflamo e te afervoro; E essa fadiga te amolece os membros,

Ou torpe vil temor te esfria e enerva. Não, do filho de Eneu tu não procedes.” E ele: “Egíoca deusa, eu te conheço: Falar-te vou sincero e sem rebuço.

Nem temor, nem moleza me acobarda; Lembra-me o teu preceito; a brônzeo gume Na ação ferisse eu Vênus; mas que os outros Imortais respeitasse. Retirei-me

E aqui reúno os meus, porque estou vendo Marte mesmo a reger a Teucra gente.” Palas inda: “Mortal que n’alma prezo, Marte e a qualquer não temas, que em ti velo: Arremessa os corcéis e a Marte fere;

Um perverso inconstante não respeites, Que a mim e a Juno os Teucros prometera Em pró dos Gregos molestar, e insano

Ei-lo os Teucros defende e esquece os Gregos.” Disse, e Estênelo empurra, que do carro

Saltou mais lesto, e irosa com Diomedes Monta a par; de uma deusa e herói tamanho Do eixo a faia carregado geme.

De bridas e chicote, ela os cornípedes Deita a Marte, que sujo da carnagem Ao grã Perifas, dos Etólios honra, Filho do magno Oquésio, despojava. De Plutão põe Minerva o capacete, Para encobrir-se ao nune furibundo. Vendo a Tidides, o homicida o corpo Deixa disforme, exânime e estirado, E endireita ao galhardo cavaleiro.

Já fronte a fronte, suspirando Marte Por desalmá-lo, sobre o jugo e as rédeas Atesa o braço e esgrime; a lança aênea Da olhicerúlea a destra arreda e frustra. O herói despede a sua, que ao vazio Dirige Palas, onde o cinto morde:

Rasga-se a branda pele, e o brônzeo nume Urra, ao sacar-se a ponta, qual de nove

Ou dez mil combatentes o alarido

Em prélio aceso; aterra Argeus e Troas Do formidando Marte o grito horrendo. Como negreja no ar bulcão, tocado

Por terral estuoso, olha-o Tidides

No ir-se por esse espaço em grossa nuvem. Chega à sublime estância; ao pé de Jove Senta-se consternado, e imortal sangue Mostrando que manava da ferida,

Lamentoso bramou: “Com tais façanhas Não te enfadas, meu pai? Discórdia mútua, Por comprazer a homens, nos flagela,

E a causa és tu: geraste uma insensata, Em flagícios fecunda e iníqua sempre. Sujeitos os do Olimpo habitadores,

Te obedecemos todos; mas a peste Que produziste só, condescendente Nem a castigas, nem sequer censuras. Acaba de inflamar contra nós outros Do soberbo Diomedes a arrogância: Ele o carpo feriu primeiro a Vênus,

E a mim se me arrojou, nem que um deus fosse.

Se estes ligeiros pés não me valessem, Longas dores no fero
morticínio Estivera curtindo, ou vivo embora, De éreos golpes
cruéis desfalecera.” O nubícogo padre averso o encara:

“Cessem, versátil, importunas queixas. O celícola és tu mais
detestando:

A rixa amas e a guerra; herdaste o gênio Da indócil mãe, que
sopear me custa:

O mal creio te vem dos seus conselhos. Porém não sofro mais
que assim padeças; És meu filho, e pariu-te a esposa minha.

A seres de outro leito, ímprobo, há muito Dos Uranidas o
somenos foras.”

Manda a Péon então que dele trate: Péon lhe untou na chaga
linimentos;

E, não sendo um mortal, foi pronta a cura. Como o líquido leite,
em que alvo suco Verteu-se de figueira, de contínuo
Rapidamente remexido coalha;

Tão breve sara o proceloso Marte. Hebe o lava, o perfuma e o
paramenta;

Ele ao pé de seu pai de glória exulta.

Já remoto o verdugo, o exício de homens, Alam-se do supremo
ao claro assento Juno Argiva e Minerva Alalcomênia.

L I V R O V I

Sós na lide os mortais, de parte a parte Ígneo furor aqui e ali se
ateia;

Nos dois campos graniza, arremessada Entre o Símois e o
Xanto, ênea procela. Ajax, da Grécia muro, escala a Tróica
Falange, e livra os seus do Eussório Acamas, Dos Traces o
maior, mais formidável:

Dardo pelo cocar de espessa crina

O osso varou da testa, e em feral treva

Os lumes lhe apagou. — Diomedes rende O Teutrânida Axilo,
que opulento

Na grandiosa Arisba, humano em casa, Da estrada à beira
agasalhava a todos: Mas nenhum lhe acorreu no transe amaro,
Nem ao pajem Calésio, então cocheiro; Que ao reino de
Sumano ambos desceram. Prostra Euríalo a Dresos e Oféltio;
assalta Pédasos com Esepo, que houve gêmeos Bucolion da
náia da Abarbárea:

Vero Bucolion de Laomedonte

Primogênito filho, inda que espúrio, Ovelhas pastorava, e em
doce amplexo Concebeu-os a ninfa: os pulcros membros Lhes
dissolve e os despoja o Mecisteide.

A Astíalo o aguerrido Polipetes, A Pedites Percósio enfia Ulisses;
Teucro ao divo Etaon, a Ablero Antíloco; O rei dos reis a Elato,
que da altiva Pédaso o puro Satnióis gozava.

A Fílaco fuginte o heróico Leuto Veloz suplanta; Eurípilo a
Melântio. Partindo-se o temão desembestados

A Adresto os brutos, pávidos num ramo De tamargueira se
enlearam, quando Para a cidade em fuga os mais seguia: Testa
no pó, revira junto à roda; Menelau toma-o vivo e a lança
aponta; Adresto ajoelha e implora: “Sê piedoso, Por mim
resgate esplêndido recebe: Cobre, ouro, ferro variamente
obrado, Entesourou meu pai; com mão profusa Dará, se a
bordo me souber cativo.”

Já, de compadecido, ia entregá-lo

A um servo que o levasse à Grega frota; Minaz bramindo
acorre-lhe Agamemnon: “Débil a Teucros, Menelau, perdoas?

De certo agradeceram-te a hospedagem. Nem mesmo o
infante no materno ventre Escape à nossa fúria; em cinzas
Tróia, Inglórios todos insepultos jazam.”

Com tais razões mudado, o irmão lhe empurra O nobre Adresto;
a quem na ilharga fere, Supino estende, e a retrair o freixo,

O pé finca-lhe aos peitos Agamemnon. Nestor a gritos: “Eia,
amigos Dânaos; Nenhum, de Marte ó fâmulos, se atrase Para

às naus se tornar com pingue espólio: Matai, matai; que os mortos pelo campo Devagar ao depois saquearemos.”

Isto os atíça e alenta. E em Ílio os Teucros Talvez de acobardados se acoutassem

Lá se não fosse Heleno Priamides,

Augur sem par: “Em vós, Heitor e Eneias, Que sois no pulso e aviso os mais prestantes,

Lícios e Troas a esperança libram: De ala em ala, ide já deter os nossos,

Que em destroço nos braços das consortes Não se salvem, com riso dos contrários.

Mas, assim que exortardes as falanges, Nós, do cansaço opressos, neste aperto Combateremos firmes, para aos muros Ires, Heitor. A nossa mãe requeiras

Que as matronas congregue, e de Minerva Subindo ao sumo alcáçar, os batentes

Ao sacrário descerre; oferte às plantas Da olhicerúlea crinipulcra déia

De quantos peplos guarda o que mais preza Por grande e por donoso, e doze intactas Anejas indomadas lhe prometa

Sacrificar, se houver dos nossos filhos E das esposas dó, longe da santa

Ílio apartando o campeão Tidides, Formidoloso artífice da fuga.

Dos Gregos valentíssimo o reputo;

Nem de Aquiles, que prole crêem divina, Nos temíamos tanto:
agora aquele

Mais sanhudo se mostra e inelutável!” Concorde o irmão, do
carro em armas salta, Hastas pontudas brande, e por onde ia
Inflama os seus, que revertendo arrostam.

Vão-se escoando os Gregos da matança,

E o rumor se espalhou que em pró dos Frígios Do estelífero pólo
um deus baixara.

Clama a todos Heitor: “Ânimo, Teucros, Vós longínquos amigos
e aliados,

Sede homens, vosso ardor não se arrefeça, Enquanto vou-me a
idosos conselheiros

E às consortes propor que o Céu demovam Com preces e
hecatombes.” Nisto ombreia O galeato herói de copa o escudo,

E ao marchar o debrum de couro negro A cerviz lhe batia e os
calcanhares.

Na ânsia de pelejar, da liça em meio Glauco de Hipóloco e o
Tidides perto Já se afrontavam; mas falou Diomedes:

“Quem és, homem bravíssimo, a quem nunca Vi no conflito, que
os varões afama?

Tu na afouteza a todos longe excedes,

Expondo-te ao rigor da lança minha; Só filhos malfadados se me atrevem.

Do céu vens? Com celestes não contendo: Viveu pouco o Driâncio atroz Licurgo Que a tal se abalançou. De Baco as amas Pelo sacro Nisseio perseguidas,

Picou-as de aguilhada, e elas no afogo Deixam cair os tirsos; Baco mesmo,

De susto de um mortal, se atira às ondas, E trêmulo em seu seio o abriga Tétis.

Os de perene vida enraiveceram,

E o Satúrnio o cegou: de curto alento Sepultou-se aborrido pelos deuses.

Com bem-aventurados não me avenho. Mas, se a terra te nutre com seus frutos, Chega-te, e as raias tocarás da morte.” Então Glauco: “Magnânimo Tidides,

Quem sou perguntas? Como as folhas somos; Que umas o vento as leva emurchecidas, Outras brotam vernais e as cria a selva:

Tal nasce e tal acaba a gente humana. Pois o queres, conhece-me a linhagem;

É bem sabida. — Num recesso de Argos, A corcéis pacigosa,
avulta Efira,

Onde Sísifo Eólides, o astuto

Mais cadimo reinou; seu filho Glauco Teve a Belerofonte, a
quem prendaram Os Céus de esforço e garbo e gênio afável.

Mas de Preto a mulher, a diva Anteia, Louca de amores, desejou
furtiva Misturar-se com ele, e despeitosa

De não ter seduzido o casto peito Pérfida ao rei mentiu: —

Belerofonte

Intentou-me forçar; ou morre ou mata-o —, Em sanha Preto, a
cujo prepotente

Cetro os Aquivos sujeitara Jove, O exilou da cidade; e, religioso

Temendo assassiná-lo, urdiu na mente Feia vingança: de
funestas cifras

Ao sogro o envia com fechado rolo, Onde a sentença lhe traçou
de morte. Por numes escoltado, ao Xanto e à Lícia Plaga
admitido, em novenal hospício Lhe imolou touros nove o rei
benigno;

Mas na décima aurora dedirrósea O interrogou, pedindo-lhe a
tabela Que lhe fiara Preto. Os caracteres

Fatais lendo, a Quimera inexpugnável Mandou-lhe exterminar:
tinha esse monstro, De raça divinal que não terrestre,

A cara de leão, de serpe a cauda, Caprino ventre, ignívoma a garganta; E ele extinguiu-a por celeste influxo. Logo os Solimos debelou, façanha Que julgava a maior; e enfim deu cabo Das Amazonas varonis. De volta,

Os mais guapos da Lícia e destemidos, Juntos numa cilada, o herói desfê-los, Nenhum restando que levasse a nova. Nele então vendo o rei divino garfo,

O aquinhoou no império e aceitou genro; Em patrimônio os povos lhe escolheram Amplo vinhedo e lavras. Da princesa Houve Hipóloco e Isandro e Laodâmia.

Esta no toro do prudente Jove

O deiforme gerou pugnaz Sarpédon.

Belerofonte, já dos Céus malquisto,

Na alma comendo-se e evitando os homens, Sozinho errava pelo campo Aleio.

A Isandro, que os Solimos opugnava, Trucidou Marte; à Laodâmia Febe,

Que áureas bridas meneia em carro argênteo. Hipóloco é meu pai, que, no expedir-me

De Ílio em socorro, superior coragem

Me encomendou; que nunca desmentisse De meus nobres avós, não só de Efira, Da Lícia em peso altíssimos guerreiros.

Deste preclaro sangue eu me glorio.” Ledo no chão Diomedes prega a lança, E diz brandíloquo ao pastor de povos: “Certo hóspede paterno me és antigo; Por Eneu dias vinte agasalhado Belerofonte, mútuos se brindaram: Coube-lhe um bálteo fúlgido e puníceo; Coube a Eneu duplicôncova áurea taça,

Prenda que tenho em casa. Não me lembro De Tideu, que deixou-me em tenra infância, Indo à facção Tebana, infausta aos Gregos.

Sou teu hóspede em Argos; sê na Lícia O meu também.
Reciprocamos os tiros Mesmo evitemos na refrega: Teucros
Nem outros faltam que eu persiga ou renda, E Aqueus te sobram, se os depare a sorte.

Patenteemos, permutando as armas, Que dos avós o hospício respeitamos.”

Nisto, apeiam-se os dois, as destros cerram, Penhor de fé. Na troca dos arneses

Ofusca Jove a Glauco: pois demente Com Diomedes cambeia ouro por cobre, A valia de cem por nove touros.

Vizinho à faia Heitor e às portas Ceias, Cercam-no e indagam donas e donzelas Por amigos e irmãos, filhos e esposos. “Em regra aos numes obsecrai, responde; Ide, urge a muitas iminente luto.”

Os pórticos reais polidos passa:

Dentro, em lapídeas câmaras contíguas, Noras cinqüenta e os
Priameus dormiam; E no alto, além do pátio, numas doze,
Também contíguas e também lapídeas,

Os genros e as castíssimas consortes. A carinhosa mãe, que no
apartamento Visitava a pulquíssima Laódice,

O encontra e a mão lhe prende: “O duro prélio Deixaste, filho?
Ah! próximo lutando,

O odioso inimigo assédio estreita; E desejaste as palmas vir do
alcáçar

Para Jove estender. Fica-te um pouco, Vinho te quero ministrar
melífluo,

Com que libes ao Padre e às mais deidades: Restaurarás
bebendo as lassas forças;

Que o vinho as corrobora, e as esgotaste Por defender os
cidadãos lidando.” “Não, venerável mãe, torna o guerreiro, Do
suave licor não me ofereças,

Que me enerve e do brio me deslembre:

E ao das nuvens Senhor com mãos impuras Temo libar, e
infando é suplicá-lo

De sangueira poluto. Mas ao templo Da predadora Palas com
perfumes

Vai-te asinha, e as matronas congregando, Oferta aos pés da
crinipulcra déia

De quantos peplos guardas o que prezas Por grande e por
donoso; e doze intactas Anejas indomadas lhe prometas
Sacrificar, se houver dos nossos filhos

E das esposas dó, longe da santa Ílio apartando o campeão
Tidides, Incutidor feroz de espanto e medo.

Ao templo sobe; eu vou, se me ouvir Páris, Do ócio espertá-lo.
Aberta, o sorva a terra! O Olímpio o fez medrar, funesto à
pátria, Funesto ao rei. No inferno se afundisse,

Cuido que olvidaria os meus pesares.” Disse; a mãe volve ao
quarto, e pelas servas De Ílio convoca as donas. Desce mesma

À fragrante recâmara, onde os peplos Vários tinha e gentis,
lavor das moças Que trouxe da Sidônia o divo Páris, Da vez que
o largo pélogo sulcava

Com sua Helena excelsa. Hécuba escolhe Um que último
encontrou, mais recamado Grande e loução, fulgente como um
astro. Põe-se a caminho; as damas a acompanham.

Ei-las no sumo templo, que a Cisseide Fresca Teano, de Antenor
esposa, Dali sacerdotisa instituída,

Lhes escancara. As palmas logo todas Com pranto e grita para
o altar ergueram; E, aceito o peplo, o colocou Teano

Aos pés de Palas, deprecando à filha Pulcrícoma de Jove:

“Honra das deusas, De Ílio apoio, a Diomedes quebra a lança:

O pó morda, ó Minerva, às portas Ceias; Doze intactas
indômitas anejas

Te imolaremos já, se houveres mágoa Destes muros, de nós, de
nossos filhos.” Renui Tritônia a rogos tais; e enquanto

As mães votavam, ganha Heitor o alvergue, Primor que
engenhou Páris e os mais destros Operários de Tróia
executaram,

De átrios, salões e camarins soberbos, Junto a Príamo e Heitor
na cidadela. Entra o herói caro a Jove, sustentando De onze
cúbitos haste, onde encavada

Fulge ênea choupa, que aro de ouro aperta.

Na câmara acha o irmão lustrando a malha, Curvos arcos,
loriga e fino escudo;

E, entre as criadas suas, a Lacena

Às servas repartindo insignes obras. “Páris, disse agro Heitor, ó
desastrado, Ódio vão cevas, e por ti pugnando Perecem tantos!

Ruge em torno a guerra, Arde o clamor; e a ti mormente os
frouxos Competia aguçar. Vem, vem, desperta,

Antes que lavre o incêndio em nossos lares.” E o deiforme Alexandre: “Eu não to nego, Justo me argúis. Atende-me contudo:

Não por despeito aos nossos, mas por folga À dor pungente, em ócio me encerrava.

E brando agora mesmo Helena ao prélio Me compelia; abraçolhe o conselho, Porque alterna a vitória os seus favores.

Que eu vista as armas deixa, ou me antecede; Lá sem demora, irmão, serei contigo.”

Calou-se Heitor, e meiga Helena fala: “Oxalá, bom cunhado, eu fenecera

Nas entranhas maternas, ou que a brenhas

Um tufão me arrojara, ou me afundira No flutíssono mar, de horríveis danos Para não ser a abominanda causa,

Nem perpetrar sem pejo infâmias tantas! Mas, já que o fado o quis, eu fosse ao menos

Mulher de um bravo, a quem doesse o opróbrio E o motejar dos homens: sem firmeza,

Nunca a terá por certo, e o fruto espere. Agora neste escano, irmão, descansa Do afã que te salteia o peito e a mente, Por imprudência minha e culpa dele.

Ah! cruel condição! de Jove oprimidos, Fábula às gentes no
porvir seremos.” E o cristado varão: “Cortês e afável, Não me
contes reter: esta alma ferve Por ajudar os que por mim
suspiram. Ativa a Páris, que dos muros dentro Se me reúna: a
despedir-me corro

Da família, da esposa e meu filhinho; Ignoro se me outorgue o
céu revê-los,

Ou se domar-me ordene às mãos dos Gregos.” Nem mais;
segue, e acha fora de seu paço

Andrômaca gentil, que albitente, Com o infante e uma serva
bem velada, A gemer e a chorar na torre estava.

Desencontrando a cômputo incorrupta, Já da soleira, às fâmulas
virou-se: “Que é da senhora? declarai sinceras:

A uma de longo peplo ou minha ou sua Cunhada iria, ou
agregar-se as damas

Que a Palas crinipulcra infensa aplacam ?” Respondeu-lhe a
zelosa despenseira:

“Pois o queres a flórida princesa

Com nenhuma cunhada ou tua ou dela De longo peplo está,
nem entre as donas Que a Palas crinipulcra infensa aplacam;

Sim na grã torre de Ílio: ouviu que os nossos Eram da força
Graia assoberbados;

E, levando o menino em braços da ama, Como doida partiu
para as trincheiras.” Ei-lo as praças desanda e extensas ruas; E
às portas Ceias, no sair ao campo, Ocorre a esposa, de Eetion
nascida, Que os Cilícios, de Hipóplaco selvosa,

Rei dominava na Hipoplácia Tebas;

De Eetion, que a dotou grandiosamente Para dá-la ao Priâmeo
eriarnesado.

O tenro único Hectóreo, astro em beleza, A ama o afagava: o
nome de Escamândrio Seu pai lhe impôs, de Astianax o povo,
Por herdeiro do herói de Tróia apoio.

Tácito ele sorriu no filho absorto; A lagrimar Andrômaca nas
suas

A mão lhe aperta e clama: “Temerário! Perde-te esse valor, nem
te amiseras Desta criança, nem de mim coitada Cedo viúva;
que da Grega fúria

O alvo serás. A terra me sepulte, Se me faltares tu: só
pesadumes

Hão-de cercar-me, sem nenhum conforto. Pai nem mãe tenho:
rasa a de altas portas Cilícia Tebas, o tremendo Aquiles

A Eetion matou; com seu dedáleo Arnês, sem despojá-lo, o
queimou pio,

E térreo ergueu-lhe um túmulo, que de olmos Em redor as
Oréadas plantaram,

Do Egífero almas filhas. De irmãos sete, Num dia o Celeríssimo
no inferno Todos mos despenhou, quando pasciam Bois
flexípedes, cândidas ovelhas.

A augusta mãe de Hipóplaco rainha, Trouxe-a com basta presa;
ao depois solta Por um preço infinito, em seu palácio Vítima foi
de Artemide frecheira.

Tu me és, Heitor, mãe, pai, irmão, florente Consorte e amigo:
tem de mim piedade; Cá te fiques na torre; órfão não deixes

O infante e a mulher tua. A gente postes Cerca da bafreira,
onde acessíveis Prestam-se os muros nossos à escalada. Vezes
três os melhores a empreenderam, Os dois Ajax, Idomeneu,
Diomedes,

E os Atridas; ou fosse de agoueiros, Ou de seus próprios
ânimos impulso.”

E Heitor: “São meus, esposa, os teus cuidados; Mas dos Frígios
me temo e das matronas

De roçagantes opas, se em muralhas

Qual fraco a luta evado; e hei-de mim pejo,

Que tenho à frente combatido sempre, Vindicando a paterna e a glória minha. Prevejo n'alma o fim da sacra Tróia, Do corajoso Príamo e seu povo;

Ah! da pátria o porvir me aflige menos, Da mãe, do rei, de tanto irmão valente Estendido no pó, que de um soldado Brutal cativa e em pranto imaginar-te, E em Argos a tecer, e da estrangeira Por duro império, atroz necessidade!

À fonte ir de Hipereia ou de Messeide. E dir-te-ão, do choro teu movidos:

— Pobre mulher de Heitor, o herói que de Ílio Com mais denodo propugnava em torno! — De teu marido gemerás saudosa

Para te libertar. Cubra-me a terra,

Antes que os ais te escute e a rastos veja.”

Eis lança ao filho as mãos, que averso e em gritos, No seio da ama de elegante cinto,

Espantado se encolhe ao pátrio aspecto; A armadura o apavora, a juba eqüina Que da cimeira aênea hórrido nuta:

Sorriu-se Heitor, a augusta mãe sorriu-se. Despe o guerreiro o fulgurante casco, Pousa-o no pavimento; a seu querido

Em braços leve embala e o beija e ameiga: “Ó Júpiter, perora, ó deuses todos,

Como eu dai que este seja aos Teucros honra; Potente o cetro
empunhe; ao vir do prélio,

— Inda é que o pai mais forte —, alguém lhe exclame; Morto o
inimigo, no cruento espólio

Volte, e a mãe leda folgue.” À doce esposa O entrega então,
que entre chorando e rindo No fragrante regaço o filho acolhe.

Terno olhando o consorte, a acaricia:

“Por mim tanto, anjo meu, não te consternes: Contra o fado
abismar-me ninguém pode, Nem há nascido quem se furte ao
fado,

Por estrênuo ou medroso. A casa busca; No tear, no lavor, na
roca entende,

E as servas atarefa: aos homens de Ílio,

E a mim principalmente, a guerra incumbe.” Do chão leva o
emplumado capacete,

E retirou-se Andrômaca, amiúde

Atrás volvendo os olhos gotejantes.

Na cômoda mansão de Heitor sangrento Em luto encontra as
servas, que o pranteiam Vivo, por crerem que do urgente risco

Nem dos feros Aqueus se escaparia. Não langue Páris na
orgulhosa estância; De brônzeo arnês vistoso revestido, Com pé
ligeiro atravessava as ruas.

De centeio cevado à manjedoura,

Do amor pungido, a claro banho afeito, Roto o cabresto,
unguíssono cavalo

Pulsa o campo; a cabeça engala e emproa, A crina a flutuar
pelas espáduas;

Da bizzarria ufano, ágil galopa

Ao rio ameno e aonde as éguas pastam: Assim de Pérgamo o
Priâmeo em armas Desce, luz como o Sol, exulta e marcha;

De pronto e lesto alcança a Heitor, que vinha Da prática de
Andrômaca, e lhe fala Pressuroso: “Eu talvez, remisso às ordens,

Te hei, venerando irmão, contido o fogo.” E alegre Heitor:

“Quem saiba avaliar-te

Far-te-á justiça, ó caro; és denodado, Mas túbio e inerte e mole;
é-me penoso Exprobrarem-te os sócios, que padecem Pelo erro
teu. Avante; comporemos Estas questões, quando aprouver a
Jove Que, expulsos os Grajúgenas grevados, Em nosso lar
brindemos e erijamos Livre cratera aos sempiternos deuses.”

L I V R O V I I

Assim, das portas rui Heitor mais Páris, Ambos a respirar bélico incêndio:

Com tanto anelo festejados foram,

Como o vento que um deus bafeja amigo Do afã do remo a nautas quebrantados.

Páris mata a Menéstio, que olhipulcra Pariu Filomedusa em Arna ao régio Areito porta-clava; o irmão, de um bote, Sob o elmo o colo talha e estira Eione.

Ao Dexiada Ifino, que montava, Glauco dos Lícios de azagaia a espádua Fere, e do coche o atira agonizando.

Vendo a cerúlea déia o Graio estrago, Lá do Olimpo frechou para Ílion santa; Febo, o triunfo aos Troas desejando,

No enxergá-la de Pérgamo, apressou-se; Topam-se ao pé da faia; o Délio enceta: “Por que fúria e paixão voltaste, ó Palas? A indecisa vitória aos Gregos trazes?

Não tens dos Frígios dó; mas, se me atendes,

Suste-se o morticínio; ao depois, guerra, Té que Dardânia acabe; já que n’alma Vos compraz sovertê-la, ó cruas deusas.”

“Para isso cá descí, Tritônia acode;

Porém como aplacá-los?” — Segundou-lhe O Dial Febo: “O
ânimo exaltemos

De Heitor doma-corcéis, que desafie A duelo mortal qualquer
dos Dânaos; E os de fúlgida greva, de indignados, Algum
excitação que a briga aceite.” Ela consente. Ao genitor
benquisto

Heleno, este aventando arbítrio e acordo, Apresenta-se a
Heitor: “Ó tu Priâmeo, Como Jove sensato, o aviso queres
Seguir fraterno? Aquieta Aqueus e Troas: A duelar provoca os
mais famosos;

Inda não te é chegada a hora extrema; Isto mesmo colhi da
boca a numes.” Regozijou-se Heitor com tal conselho:

A haste ao meio pegando, avança, e as hostes Retém, sossega.
O Atrida os seus refreia.

N’alta faia de Jove Apolo e Palas,

De abutres sob a forma, alegres pousam, Vigiano os
guerreiros que descansam, De elmos, broquéis, de lanças
erichados. Qual, de Zéfiro à súbita refega,

Negreja o ponto e freme, as densas turmas Acaica e Frígia na
campanha ondeiam.

Eis de permeio Heitor: “Aquivos, Teucros, O que encerro no
peito ouvi-me atentos.

Não manteve o Satúrnio os pactos nossos; Mil desastres medita
e nos reserva,

Té que ajoelhe a turrígera cidade,

Ou em destroço as naus vogando fujam. Cavaleiros de prol na
Grécia há tantos: Um de mor brio, em singular certame,

Se atreva ao divo Heitor, medir-se venha. Proponho, e o
testemunhe o padre sumo: Se do herói caio ao bronze, leve as
armas, Deixe porém que Iíacas matronas

Em piedosa fogueira me consumam; Se a cruenta vantagem
dá-me Apolo, O arnês lhe tirarei, que em Ílio sacra

Do Longe-vibrador pendure ao templo,

E rendido seu corpo à instruta armada E exéquias feitas, os
crinitos sócios

Do amplo Helesponto às abas o tumulem. Em remeira galé do
pego bradem:

— Um valente ali jaz de antigas eras,

Que arrostando-se a Heitor morreu com honra. — E eterno
passarei de boca em boca.”

Entre o pejo e o temor, tudo é silêncio. Menelau mesto surge e
exprobra e geme: “Que! Jactantes Aqueus, antes Aquivas,

A Heitor nenhum se afouta? Oh negra infâmia! Quedos, em
água e pó sejais desfeitos, Cobardes sem pudor. À liça eu parto;

Que afinal o vencer do Céu depende.” Loução já se arreiava; e
ao Teucro braço, Que o seu muito mais forte, a luz perdera, Se,
em pé da Grécia os reis, o irmão potente Não lhe aferrasse a
destra: “Enlouqueceste? Siso, aluno de Jove, a dor sopeia;
De afrontar ao Priâmeo não capriches Terror dos campeões: o
próprio Aquiles Teme encontrá-lo e ter na glória quebra.

Entre os sócios te assenta: os Gregos outrem Suscitarão.
Pugnaz e insaciável

Seja Heitor, eu presumo que de veras, A salvar-se do lance e
ardente lide,

Os joelhos curve e refocile os membros.” Da razão convencido e
mitigado,

Os servos seus com júbilo o desarmam. Então Nestor: “Que luto
invade a Grécia! Que ais soltará Peleu, facundo e sábio, Équite
aos Mirmidões antigo espelho, Que alvoraçado em casa me
inquiria

De Aqueus filhos e pais, se ora abatidos O saiba todos e de
Heitor medrosos!

Alçando as palmas, rogará que a Dite A alma se vá dos órgãos
desatada.

Fosse eu qual era, oh! Jove, Palas, Febo, Quando os hastatos
Árcades e os Pílios Ante o rápido Céladon pugnavam,

De Feia aos muros, do Jardano às ribas! Divo Ereutalion, na frente as armas, Tinha de Areito. Areito rei, que as damas E os varões Corinete apelidavam,

Pois, de arco e pique não, de férrea maça Hostes batia. Num carreiro, estorvo

A manejá-la, por traição Licurgo

De hasta o salteia, ressupino o calca,

Despe-lhe o arnês, do brônzeo Marte prenda: Sempre ao depois o trouxe nas batalhas,

Té que envelhece e o doa ao companheiro Fido Ereutalion. Com tal socorro

Esse atrevido provocava a todos, E todos de encará-lo estremeciam;

Mas eu, do exército o menor, seguro Na força e ardência, me travei com ele: De Minerva por graça, obtive os gabos De conculcar o aspérrimo gigante,

Que na arena vastíssimo estendeu-se-me. Tivesse o meu vigor e aquela idade,

Que não me aguardaria o herói Troiano; Mas, da Grécia ó fortíssimos guerreiros, Nenhum de vós se move a combatê-lo!”

A repreensão do velho incitou nove:

O mor cabo se ergueu, Diomedes logo; Os robustos Ajax de ardor vestidos;

Idomeneu e Merion seu pajem, Do homicida Eniálio êmulo digno; Eurípilo Evemônides preclaro,

E Toas de Andremon e o grande Ulisses: Cada qual ser primeiro ambicionava.

O Gerênio tornou: “Decida a sorte;

O que for designado a Grécia o aprove: Ele na alma terá do esforço o prêmio, A livrar-se da luta e afronta grave.” Nisto, um por um, a cédula marcada No capacete a lançam de Agamemnon;

Mãos e olhos para os céus, a turba orava: “Padre, caia em Ajax, caia em Tidides,

Caia a sorte no rei da áurea Micenas.”

O elmo agita Nestor: sai um que espalha Geral contento: a cifra à destra e em roda Ia o arauto mostrando, e a recusavam;

Té que Ajax, que a traçou, de um só relance A reconhece, imerso em gozo a toma,

Larga-a no chão gritando: “É minha, ó sócios, Oh! que prazer! de Heitor vitória espero.

Sus, enquanto me arneso, ao bom Satúrnio

Convosco deprecai, não o ouçam eles; Ou seja em alta voz,
ninguém tememos. Na pátria Salamina exercitado,
Força ou perícia alheia não me abala.” Fitando o azul convexo,
entoam preces; E um do povo: “Triunfe o Telamônio,
Do Ida augusto senhor, máximo e eterno! Mas, se amas o
Troiano e dele curas, Equilibra o valor e a glória de ambos.”
Arma-se Ajax, de ponto em branco fulge.

Qual Marte Giganteu marcha entre humanos, Por Jove
expostos à roaz discórdia

E guerra atroz; com vulto assim medonho Sorrindo o herói,
muralha dos Aquivos, Alarga os passos, a hasta ingente libra:
Do aspecto os seus com regozijo fremem; Aos Troas frio susto
os ossos corre; Mesmo de Heitor o coração palpita:

Mas não pôde evadir-se e entrar na chusma, Sendo quem
promovera o desafio.

Vinha Ajax de pavês como érea torre, Que em Hila o exímio
correeiro Tíquio,

Seu apaniguado, lhe muniu de sete Couros de nédios bois, e em
cima de ênea Lâmina oitavo o reforçou; com ele

Dos peitos resguardado, perto e firme Troveja: “Agora
provarás, Dardânio, Quão lesto os Graios príncipes duelam.

Bem que o rompe-esquadrões Peleio Aquiles, Animoso leão,
curta a seu bordo

Ira e despeito contra o sumo Atrida, Restam muitos e tais que
barba a barba Te resistamos. O combate enceta.”

E o magno Heitor: “Ó maioral divino, Grã Telamônio, imbele não
me julgues Ou menino ou mulher: eu sei batalhas E matanças
dispor, zombar de ataques; Mover sei na direita, sei na
esquerda

O ardente escudo; em prélio sei pedestre Do sevo Marte ao som
medir meus passos, Montar de salto, afogear as éguas.

Mas homem tal ferir não quero a furto; Aguarda o bote, que
oxalá te alcance!” E o longo arremessão da enorme adarga

Seis couros entra, ao sétimo se apega; Da lança indômita o
reparo extremo, Que era oitavo e de bronze, intacto fica.

Veio o turno de Ajax, cuja hasta horrenda Na hostil profunda
lúcida rodela,

Finca-se entre a couraça artificiosa, Junto ao vazio a túnica
espedaça; Heitor se torce e a feia morte ilude.

Seu pique um do outro saca, investem-se ambos, Crus famintos
leões ou renitentes,

Híspidos javalis. No escudo amolga, Sem penetrá-lo, a cúspide
Priâmea. A rodela, num pulo, Ajax perfura,

Sangra o pescoço ao dono arremetente; O cruor mana escuro.
Mas não cessa

O galeato herói: retrocedendo

No campo agarra válido um penedo Áspero e denegrado; o
centro abola Ao dobrado broquel de tergos sete;

Circunsoa o metal. Mor pedra erguida, Ajax com fúria imensa a
expede e roda: O molar seixo quebra a Heitor a tarja,

Que, aos joelhos magoado e a tarja aos peitos, Cai de
espinhaço; mas levanta-o Febo.

Já se iam vulnerar de espadas, quando Núncios de Jove e dos
mortais, o Acaico Taltíbio e Ideu Troiano, cautelosos

Os cetros seus na briga interpuseram. E Ideu falou perito nos
conselhos: “Não mais, diletos filhos: do Tonante Ambos amados
sois, terríveis ambos, Confessamo-lo todos; mas é noite,

Cumpre à noite ceder.”— E o Telamônio: “Ideu, pronto obedeço;
Heitor comece,

Que os Dânaos provocou mais destemidos.” Acode o bravo
Teucro: “Ajax, dos Gregos És lanceiro o mais guapo; o Céu
doou-te

A grandeza, a prudência, a valentia: Suspendamos, até que
noutro encontro A um de nós a fortuna entregue a palma. Noite

é, ceda-se à noite: às naus Aquivas A alegrar volve amigos e consócios; Volvo de Príamo à cidade vasta

A consolar os meus e as pias donas

De roçagantes vestes, que suplicam Por mim no santuário.

Mutuemos

Comemoráveis dons; e os nossos digam:

— Eles em voraz sanha combateram,

Mas com sinais de estima se apartaram.” Nisto, ofertou-lhe a espada claviargêntea, De primor a bainha e fino bálteo;

Purpúreo cinto recebeu lustroso.

Aos Aqueus um regressa e o outro aos Frígios; Que, em susto há pouco, ao vê-lo exultam salvo Do invicto braço, e às portas o acompanham.

Ovante Ajax, à tenda Agamenônia Seus grevados Grajúgenas o escoltam. O amplo-reinante ali sacrificava Qüinqüene touro ao padre onipotente: Esfolam-no, retalham-no, espostejam, De espeto as carnes cuidadosos assam.

Pronto o festim, regalam-se os convivas De iguais porções; a Ajax embora desse O rei dos reis em honra o dorso inteiro.

Exausta a fome e a sede, abre a consulta O facundo Nestor, cordato sempre:

“Atridas e mais chefes, confundido

O atro sangue no límpido Escamandro, Muitos crinitos Graios
Marte acerbo

Tem mandado a Plutão; na aurora, tréguas. De mus e bois em
carroções colhidos, Queimem-se os mortos junto à frota; as
cinzas, De volta à pátria, aos filhos seus rendamos.

Todos numa fogueira e num sepulcro, Das naus e deles em
defesa, torres

Com portões para carros perto alcemos; Cave-se em roda um
fosso, que proíba De équites e peões o ardido assalto.”

O ancião termina, os príncipes aplaudem. Na cidadela, ao
pórtico Priâmeo Tumultuava trépida assembléia;

Sábio Antenor discorre: “O que em mim sinto Ei-lo, Dardanos,
Teucros e aliados.

Perjúrio é contender contra os Atridas: Restitua-se Helena e
seus tesouros; Senão, vos digo, triste fim teremos.” Mal
acabava, arrebatado surge

Páris, da loura bela Argiva esposo:

“Agravas-me, Antenor; al tu podias Excogitar: se falas sério, os
deuses Roubaram-te o juízo. A minha Helena! Ah! não, declaro à
face dos Troianos; Sim de Argos restituo o espólio todo,

Mais do meu lhe acrescento.” E foi sentar-se. Então Príamo,
igual no siso aos numes, Ergueu-se: “Ouvi, Dardânios e aliados,
O que hei no peito. O exército se esparza, Depois da ceia, em
rondas e atalaias;

Vá-se Ideu na alvorada à grega frota, E anuncie aos Atridas a
promessa

Do autor desta pendência. Em tal ensejo, Para os mortos
queimarmos tréguas peça; E findas, só da guerra o estrondo
pare

Ao dispor a fortuna da vitória.”

Todos, com mais respeito, lhe obedecem; Em ranchos vão cear.
N’alva Ideu parte; Em parlamento, à popa Agamenônia,
Achando os Graios servos de Mavorte, No meio anunciou com
voz canora:

“Atridas, vós aqueus de fina greva!

Príamo e outros senhores me ordenaram, Grato vos seja! que a
promessa exponha

Do autor desta pendência: os bens que trouxe (Ele antes
acabara!) em cavos bojos,

Dar-vos quer todos, e acrescenta muitos; Mas, apesar da
instância dos Troianos, Vos denega a mulher que em virgem

teve Menelau generoso. E também tréguas Pedem, para os
cadáveres queimarmos;

E findas, só da guerra o estrondo pare Ao dispor a fortuna da
vitória.”

Silêncio em torno reina, até que o márcio Diomedes o quebrou:
“Ninguém receba Riquezas de Alexandre, ou mesmo Helena: A
quem não for criança é manifesto

Que iminente ruína os Teucros urge.” A aclamação geral seu
dito aprova.

E Agamemnon a Ideu: “Já tens, arauto, A unânime resposta, e
eu dela folgo.

Quanto à queima dos mortos, consentimos; Dilatar não se deve
a cerimônia

Jucunda aos manes: este pacto assele

De Juno o excelso troador marido.” E aos imortais aqui seu
cetro eleva. Dardanos e Troianos congregados

O núncio aguardam, que, de volta a Ílio, A resulta expendeu no
ajuntamento.

Uns a lenhar, a carrear os corpos Aprestam-se outros: por igual
motivo, Das instrutas galés desembarcavam.

Tanto que o sol, ferindo monte e vale, Do manso undoso pélagos
arraiava, Topam-se todos. Cada um seus mortos Só distingue
ao lavá-los da sangueira, E lamentando os metem nas carroças.

Do grã Príamo aos seus vedado o choro, Tácitos os cadáveres
cumulam,

E celebrada a queima, se recolhem. Reprimindo igualmente a
pena e o pranto Combustos numa pira os tristes restos,
Volvem-se às naus os de elegante greva.

Antes d'alva, ao crepúsculo, operários Um túmulo comum, junto
à fogueira, Aos finados erigem: muro e torres,

Das naus e deles em defesa, perto Com portões para carros
edificam; Fosso profundo e largo externo cavam, De paliçada
em roda guarnecido.

A arte e perícia dos comantes Gregos, Do senhor dos trovões a
par, os deuses Olham com pasmo. O Enosigeu Netuno: "Júpiter,
vozeou, quem há no mundo

Que de ora avante nos consulte e implore? Não vês como os
Aqueus de ênea loriga, Sem preces nem solenes sacrifícios,
Trincheira e fosso e torreões fabricam?

Por onde a luz se expande, irá seu brado Calar o das muralhas
que eu e Apolo

A Laomedonte a custo levantamos.” Carrega-se o Nubícogo enfadado: “Poderoso Netuno, hui! que proferes? A deidade inferior fique esse medo: Por onde a luz se alargue, a tua glória se alargará. Tolera, e assim que os Dânaos Do caro ninho em busca se embarcarem, Para que de obras tais o rasto apagues,

Desmorona, submerge, arrasa tudo.

Cobre e de areia inunda a vasta praia.” Cai, nisto, o Sol: do afã cessando, matam Nas tendas reses e da ceia cuidam.

Em baixéis remetera Euneu de Lemnos, Prole de Hipsípile e Jason monarca, Medidas mil de vinho aos dois Atridas; O exército o comprava a bronze, a ferro Assacalado, a peles, bois e escravos:

O festim se adereça. Inteira a noite,

No campo os Dânaos, na cidade os Frígios, Ledos se deleitavam, quando alerta Aziago toa o pródigo Satúrnio.

Pálido lavra o susto; o vinho entorna Dos copos cada qual, nenhum bebia Sem prelibar ao prepotente Jove.

Deitam-se alfim, no brando sono pegam.

L I V R O VIII

Ao desdobrar seu manto a crócea Aurora, No vértice do Olimpo
cumioso

Junta o Fulminador a etérea corte;

Acena, e escutam-no: “O que em mim resolvo, Celícolas, sabeis;
nem deus, nem deusa

Renua, mas unânimes concorram

Para os projetos meus cumpridos serem. Se algum for socorrer
Aqueus ou Frígios, Cá voltará golpeado e vergonhoso;

Ou no Tártaro eu próprio hei-de afundi-lo, Gólfão de érea
soleira e férreas portas,

Do Orco distante como o céu da terra: Quem sou conheça.
Duvidais? Suspensa Da abóboda estrelada áurea cadeia,
Deuses e deusas, pendurai-vos dela

E juntos forcejai, que a Jove sumo

Nem mesmo abalareis; mas, se aprover-me, Puxar-vos-ei de
cima e a terra e os mares,

E enrolada a cadeia ao tope Olímpio, Penderá das alturas o
orbe inteiro:

Tanto os numes supero e tanto os homens.” Esta ameaça
espanta-os e emudece,

Menos a de olhos garços: “Pai Satúrnio, Senhor te confessamos e invencível.

Se combater porém nos é vedado, Permite aconselhemos os briosos Lamentáveis Aqueus, para que ao sopro Da ira tua não pereçam todos.”

E a sorrir o Nubicogo: “Tritônia, Descansa: austero fui, mas condescendo

Contigo, ó filha amada.” — Aqui, jungindo Erípedes corcéis de crina de ouro,

Monta cosido em ouro, em ouro o açoute Lavrado agita: a rápida parelha

Entre o sidéreo pólo e a terra voa.

No Ida, que em fontes brota e abunda em feras, Junto ao Gárgaro o autor de homens e deuses, Onde ara tem fragrante e umbroso luco,

Solta os frisões do coche e os enevoa; De glória a comprazer-se, está no pino

Contemplando a cidade e a frota Argiva. Depressa almoça a guedelhuda gente,

Arma-se. Em menor cópia armam-se os Teucros; Insta a lei de amparar filhos e esposas.

Francas as portas, com fragor borbotam Équites e peões. Já face a face,

De érea malha os guerreiros se rechaçam, Cruzam-se hastas, embatem-se rodela, Com tumulto e alarido: um cai gemendo, Este urra, outro alardeia; o sangue jorra. Cresce a luz matutina, o estrago é dúbio; Mas, quando o sol medeia, áurea balança Libra o Supremo, e dos partidos ambos De sonífera morte os fados pesa:

A concha dos Aqueus se inclina e abate; Sobe a dos Frígios e se eleva aos astros. Contra os Aqueus fulgura e do Ida toa; Eles de frio susto e assombro enfiam: Idomeneu retira-se e Agamemnon,

E os fulmíneos Ajax. Mau grado, resta Nestor só, dos Grajúgenas custódio;

Que Alexandre frechou-lhe um dos cavalos Nos testos e onde vem primeiro a crina, Sítio letal. Varado o cerebelo,

Dorido e em gêmeas, conturbando os outros, Ao pé da roda o bruto se debate:

E, enquanto a gládio o velho corta os loros, De Heitor as éguas buscam-no fogosas,

E audaz cocheiro as guia, o mesmo Heitor. Morto o Gerênio fora, se advertido Horrendo não bramasse o herói Diomedes: “Cauto Laércio, no tropel te ocultas?”

Vil por detrás um dardo não receias? Pára, afastemos o feroz
contrário

Do venerando amigo.” — Surdo Ulisses, Paciente e apressado,
às naus caminha. Antesignano, bem que só, Tidides Chega-se
ao bom Neleio, e sem demora: “Bravo ancião, mancebos te
perseguem: Torpe enerva-te as forças a velhice; Fraco é teu
pajem, teus cavalos débeis:

Monta, e prova os de Troe, pouco há tomados Ao nobre
Anquiseo artífice da fuga,

No encalço ardentes, no evadir-se lestos. Esses aos nossos
confia; o meu dos Frígios

Contra os carros desfeche; a Heitor mostremos

Se a lança em minhas mãos desvaira insana.” A Eurímedon e
Estênelo animosos

Deixa os corcéis Nestor, ascende e agita Logo o flagelo e as
artefatas rédeas

Ao coche de Tidides; que já perto

A Heitor esgrime a lança; a lança errada Ao do grã Tebeu filho
espeta a mama,

A Eniópeo fiel, que, em punho as bridas, Cai do assento, e os
ginetes retrocedem.

O arcar do sócio ao bravo Heitor consterna, Que mesto e aflito,
em busca de outro auriga, Expirante o abandona. Os
corredores

Não lhe tardou quem reja; encontra prestes Arqueptolemo
Ifitides galhardo,

Fá-lo subir e entrega-lhe os tirantes. Em derrota sanguenta,
encurralados Seriam dentro os Frígios como ovelhas,

Se ante o coche Diomédeo o pai dos deuses, Com medonho
estampido, não vibrasse Candente raio de sulfúrea chama:

Os solípedes fremem de assustados;

Perde as bridas Nestor: “Hui! não retardes,

Rege, Tidides, aos corcéis a fuga:

Do infesto Jove o desfavor não sentes? Hoje é pelo inimigo, e
se lhe agrade, A nós depois concederá vitória.

De Jove ninguém há, por mais pujante, Que à vontade resista
onipotente.”

Responde ele: “Ancião, tu bem ponderas; Mas dói n’alma que
Heitor jacte-se um dia:

— De mim fugindo se embarcou Tidides. — Antes fenda-se a
terra e em si me engula.” E o Gerênio: “Tidides, que proferes?

Heitor chame-te embora ignavo e imbele, Certo o não crêem
Dardânidas e Frígios, Nem as mulheres de adargados jovens

Que arrojaste no pó.” — Nisto, à carreira Os unguíssonos toca;
Heitor e os Troas Bramando chovem gemebundos tiros.

E o Priâmeo a zombar: “Tidides fera,

No assento os Graios campeões te honravam, Das viandas na
escolha e em cheias taças; Desprezam-te hoje, ó coração de
fêmea.

Foge, estes muros não transpões, donzela;

Sou quem to impede: acabarás primeiro Que arrastes a teu
bordo as caras Teucas.” Pugnaz Diomedes quis voltar seu
coche; Cuida e o pensa três vezes, três vitória Sinalando aos
Trojúgenas, murmura

Dos serros do Ida o pródigo Saturnio. Então vozeia Heitor:

“Sede homens, Lícios; Dardanos, Troas, afrontai perigos;

Seu denodado esforço a todos lembre. Acena-me o Tonante; a
glória é nossa, Ai deles! A meu braço empeço frágil, Essa
trincheira estultos construíram.

Lestos cavalos saltarão seu fosso.

Tratai próximo às naus de acender fachos, Com que eu mesmo
as abraze e imole nelas Os Aquivos no fumo estonteados.”

E afalando os corcéis: “Pagai-me agora, Xanto, Lampo divino,
Eton, Podargo, Da nobre Andrômaca Etiônia o penso, O doce
farro, o prodigado vinho

A vós primeiro do que a mim, que jovem Marido seu me ufano:
eia, alcancemos

De etérea fama áureo broquel Nestório De áureas
embraceadeiras, e dos ombros Desse Diomedes o gibão
dispamos, Primor Vulcâneo. Se os consigo, espero

Que os Aqueus esta noite às naus se acolham.” Deste orgulho
indignada, Juno augusta

No trono agita-se e estremece o Olimpo; Olha a Netuno:
“Enosigeu potente,

Que! dó não tens dos miserandos Gregos? Enchem-te eles
contudo em Hélice e Egas De guapos dons. Se os amas, seus
fautores Unamo-nos, e os Troas rechaçados,

A assentar-se no Gárgaro obriguemos O Amplo-fremente
solitário e triste.” “Cala-te, ousada, lhe gritou Netuno; Com
todos resistir eu não quisera

A quem único a todos nos supera.” Entanto, coches e peões se
apinham Desde a praia à trincheira e desta ao fosso; Que, a
Marte igual, os atropela e cerra

De glória Heitor por Jove cumulado.

E ardera a frota, se, de Juno a impulsos,

Por navios e tendas Agamemnon,

Na mão purpúreo manto, não parasse De Ulisses no baixel, que
era no centro, A fim de ouvido ser nos dois extremos, Onde o
arraial, em seu valor afoutos, O Telamônio e Aquiles
assentaram.

Alto vociferou: “Que infâmia, ó Dânaos, Pasmosos em beleza,
em obras torpes!

Que é dos brios que em Lemnos blasonáveis, De cornígeros bois
gostando as carnes,

Das crateras bebendo engrinaldadas? Cem ou duzentos cada
qual prostrava;

Hoje Heitor só nos vence, e as naus em chamas Vai devorar!... Ó
Padre, um potentado

Hás por bem afligi-lo e desonrá-lo? Teu culto preteri na instruta
popa? Tua ara não brilhou? Por toda a parte Gordura e coxas
te queimei taurinas, Cobiçando assolar aqueles muros.

Escaparmos, senhor, permite ao menos,

Não consintas que os Teucros nos destruam.” Anui, das queixas
condoído o nume,

A que salve-se o campo; envia uma águia, Infalível augúrio, a
qual das unhas Roubado o gamozinho à mãe ligeira Junto
larga do altar, onde os Aquivos

A Jove Panonfeu sacrificavam. Da ave Dial à vista, eles
furentes A peleja precipites renovam.

De tantos só Diomedes a carnagem, Transpondo o fosso em
vívidos ginetes,

Se gabou de estrear: muito antes de outrem. Mata o varão, que
elmado ia fugindo, Fradmonide Agelau; entre as espáduas
Enterra o dardo, que lhe sai aos peitos;

Ao cair do seu coche, o arnês ressoa. Logo os Atridas, os Ajax
ferrados De intrepidez; Idomeneu seguiu-se Com Merion, rival
do cru Mavorte; Mais o famoso Eurípilo Evemônio;

O arco elástico atesa e é nono Teucro. Este ao pavês do grande
irmão se abriga:

Seguro em torno esguarda, e assim que frecha E derriba um na
chusma, qual menino

Da mãe ao seio, para Ajax reverte,

Que sob o escudo esplêndido o protege.

A quem o exímio herói prostrou primeiro? A Orsíloco e Detor,
Crômio, Ofelestes,

O Poliemônio Hamópaon e Órmeno, Menalipo e o disforme
Licofonte;

O almo chão de cadáveres juncando. Do arco letal, que
batalhões descose

Contente o rei dos reis chegou-se a Teucro: “De povos chefe amado, eia, sê brilho

À Grécia e a Telamon, que a ti bastardo Criou-te em casa com paterno afeto; Honra-o de longe e paga-lhe a ternura. Se o Egíaco e Palas me consentem Soverter a cidade majestosa, Prometo-te após mim do prêmio a escolha, Uma trípode, ou carro e dois cavalos,

Ou moça esbelta que te suba ao leito.”

E Teucro: “Incitas-me, ínclito Agamemnon? Como! do ardor não vês que nada afrouxo? Deste que repelimos o inimigo,

A dignos campeões disparo setas;

Oito farpadas já vararam todas Corpos de oito mancebos valorosos; Mas o rábide cão tocar não posso.” Do nervo aqui desprega uma ansiosa

De embeber-se em Heitor; mas deste a berra, Na polpa entrando peitoral do insigne Gorgition, que a Príamo parira

Gentil consorte e airosa como as deusas, Castianira, de Ésima roubada:

Qual dormideira em horto ao peso dobra Do fruto e verno humor, a testa o jovem

Do elmo agravada inclina. — Eis outra em busca Zune de Heitor; mas, desviando-a Febo,

De Arqueptolemo audaz, que em sanha ataca, Prega-se à
mama; ao revirar do auriga Moribundo os solípedes recuam.

O herói, pungido n'alma, o deixa; as bridas Comete a Cebrion,
que ali presente,

Monta ao coche do irmão; de um pulo, em terra O galeato sevo
Heitor se apeia;

Bramindo horrendamente, um seixo aferra, Ávido corre a
Teucro, ao passo que este

Seta amarga destoja e ao nervo adapta, E o puxa e ombreia já:
mas o Priâmeo Joga a pedra à clavícula, onde os peitos Separa
da cerviz, lugar funesto:

Rota a corda, a munheca amortecida, Nos joelhos se escora, e
foge-lhe o arco.

Do irmão sem descuidar-se, à pressa o cobre Ajax com seu
pavês, té que dois sócios, Divo Alastor e Mecisteu de Équio,

Egro e gemente em braços o transportam.

O Olímpio inflama os Troas, que em seu fosso Acuam o inimigo;
Heitor à testa

Gira medonho os lumes: qual sabujo Pós javardo ou leão, nos
pés fiado,

Ancas mordeu-lhe ou coxas; tal, no alcance, Mata o mais
atrasado. Assim que os Dânaos, Depois de horrível perda, se

entrincheiram E vão às naus, aos céus em altas vozes Alçam
palmas; Heitor passeia em torno

Bem-crinotos frisões, e uns olhos vibra Como a Górgona ou
Marte sanguinário. A bracinívea Juno aguça a Palas:

“Ah! do Egífero prole, aos Gregos nossos Nem valem no lance
derradeiro!

Por fúria intolerável de um Priâmeo,

Que de mortes! que males! que desastres!” “Na pátria ele
acabara às mãos dos Gregos, Diz Minerva, se iníquo, insano e
duro,

Os ímpetos meu pai não me impedisse; Esquece que do céu
baixei freqüente Para ao filho acudir que ao céu mandava

De opressões de Euristeu carpidas queixas! Previsse eu tal, que
nunca o mesmo Alcides, Do Orco às validas portas enviado

A prender o atro cão do rei das sombras, Desse Estígio
escapara abismo fundo.

Hoje prospõe-me a Tétis, que os joelhos Beija-lhe e afaga o
mento, para que honre O urbífrago Pelides; mas ainda

A Glaucopide sua há-de chamar-me Aparelha os corcéis
enquanto à régia Vou me arnesar, a ver se o nosso aspecto
Alegra o herói famoso: a cães e abutres Cuido satisfará de
zerbo e carnes,

Junto às naus estirado, algum Troiano.” Presto a real Satúrnia
arreia de ouro

E orna a fronte aos cornípedes comados. Solta Minerva no
paterno solho Bordado véu que nítido lavrara;

Do nubícogo deus veste a loriga,

Veste o arnês dos combates lagrimosos; Monta ao fulgente
coche, enorme libra Hasta pesada, com que inteiras hostes, Do
prepotente filha, irada prostra.

Juno os tiros verbera: eis por si rangem Portões que as Horas
guardam, sentinelas Da suma casa etérea, a cuja entrada
Fechar e abrir lhes toca a nuvem densa; Dóceis transpassam-na
os corcéis divinos. Do Gárgaro as vê torvo, expede o Padre Íris
ali-dourada: “Eia, a caminho,

Voa e volta, e nos poupa ímpia contenda; Hei-de ao jugo,
assevero, os corredores Estropear, e derribadas elas,

O carro esmigalhar: do raio as chagas Nem em dez nos
sarrarão; Minerva

Saiba quem é seu pai. Vezeira Juno Sempre a contrariar, me
irrita menos.” Procelípede a núncia, do Ideu cimo Ao de
altibaixos grande Olimpo adeja;

Topa-as na falda: “Suspendei; mensagem Trago de Jove. Que furor vos cega?

Ele vos tolhe auxiliar os Dânaos. Sob o jugo assevera os corredores Estropear, e derribadas ambas,

O carro esmigalhar. Do raio as marcas Mais de anos dez comprovarão, Minerva, Quem é teu celso pai. Vezeira Juno Sempre a contrariá-lo, o irrita menos: Ousará, insolente ladradora,

Enristar contra Jove a enorme lança?” Íris foi-se, e virou-se a Palas Juno:

“Ó do Egífero prole, eu já não quero Que por mortais com ele contendamos. Vivam, pereçam, como ordene a sorte; Reto o Supremo a seu prazer decida.” E os comantes sonípedes revira, Que as Horas desjungidos ao presepe

Ligam suave, e às lúcidas paredes

O carro inclinam: mestas, entre os numes, Em selas de ouro as duas se recostam.

Do Ida ao céu roda o Padre em coche airoso; Que dos corcéis desprende, em linho o envolve Junto às aras Netuno. Do entronado Altissonante aos pés o Olimpo treme.

Sós de parte, assentadas, Juno e Palas Nem boquejavam; mas
percebe-as Jove: “Tristonha estás, Satúrnia, e tu Minerva?

Quão lassas da batalha gloriosa

Em que aborridos Teucros derrotastes! Esqueceu-vos que os
íncolas do Olimpo Ao poder do meu braço não resistem?

Antes mesmo das bélicas proezas,

Os melindrosos membros vos tremiam. Fulminadas, por certo,
em vosso coche Às mansões imortais não voltaríeis.”

Contíguas, gemem comprimindo os lábios Juno e Minerva, e
dano aos Teucros urdem. Cala e a seu pai Minerva oculta a
raiva; Mas Juno estoura: “Cru minaz Satúrnio!

Senhor te confessamos e invencível. Se combater porém nos é
vedado, Permite aconselhemos os briosos

Lamentáveis Aqueus, para que ao sopro Da ira tua não
pereçam todos.”

E o tonante: “Olhitáurea augusta Juno, Quem sou te mostrarei;
verás, se o queres, N'alva os teus feros Gregos em derrota.

Heitor há de acossá-los, té que esperte Um dia o ágil Pelides,
ante as popas No estreitar-se ao cadáver de Pátroclo
Sevíssimo conflito: é lei do fado.

Que presta vão rancor? Nem que te sumas Da terra e mares
nos confins, abismos

Do Tártaro onde Iápeto e Saturno

De aura jacunda e claro sol não logram; Nem que erres tão remota, iguais furores, Ó poço de impudência, em pouco tenho.” Não tuge a bracinívea. No Oceano

Cai o Sol, e após ele na alma terra

Se espalha a noite, com pesar dos Teucros; Mas aos Dânaos foi grata a espessa treva.

Das naus longe, ante o rio vorticoso, Do morticínio fora, a Heitor atentos, Caro a Jove, os Troianos se apeavam, E em lança de onze cúbitos, luzida

Com ênea cúspide e áureo anel em torno, Ele se apóia, e rápido perora:

“Ouvi, Dardanos, Troas e aliados. Pouco há pensáveis, destruída a frota, Em Ílio entrar ovantes; mas na praia

Salvou denso negrume as naus e os Gregos. Ceda-se à noite, e a ceia preparemos.

Ao pasto soltos os frisões crinitos, Vinho comprai suave, e o pão das casas E bois trouxei da praça e ovelhas gordas.

Lenhai com que entreter noturnos fogos, Até que a filha da manhã resplenda:

Pelo amplo dorso equóreo a gente Aquiva Não cometa às escuras escapar-nos;

Nem se embarquem sem risco, mas na praia Cure-se algum dos
tiros e lançadas

Que o firam no trepar; temam vindouros Guerra mover chorosa
a heróis Troianos.

Apregoai, de Jove amados núncios,

Que os de alvas cães e os púberes em rondas Nos muros velem
que imortais ergueram; Cada mulher seu fogaréu acenda;
N'ausência nossa advirtam sentinelas

De ataque súbito a cidade inerme. Isto se cumpra; de manhã,
guerreiros,

Mais vos direi. No Olimpo e em Jove espero Esses cães enxotar,
que em fuscos vasos Trouxe destino infausto, e infausto os leve.
De noite alerta, na arraiada prontos

Junto às naus excitemos o acre Marte. Verei se o Grã Tidides
me repele

Das popas à muralha, ou de hasta aênea

Se o prostro e arranco-lhe o sangüento espólio. Seu valor
provará, se deste braço

O embate sustiver, mas conto em frente Caia no albor do Sol,
com muitos sócios. Isento eu seja da velhice e morte,

E honre-me qual Minerva ou qual Apolo, Como o dia aos
Aqueus será funesto.”

O aplauso ecoa. Desjungidos foram

Os suados ginetes, e a seu coche

O tiro se encabresta. Ovelhas gordas

E bois trazem da praça e o pão das casas, Vinho compram
suave e lenha empilham; Fumo e cheiro do campo ao céu
remontam; Em ordem bélica, ufanosos todos

Ante os fogos pernoitam, quando no éter Sereno, em cerco da
fulgente Lua,

As formosas estrelas aparecem, Grutas, serros e brenhas
aclorando: Abre-se imensa a região sidérea,

E o pastor em si folga: de Ílio em face Iam-se tantos lumes
acendendo

Entre o Xanto e os baixéis. De mil fogueiras Homens cinqüenta
a cada uma assistem.

Farro e espelta os corcéis comendo, esperam A Aurora
apoltronada em pulcro sólio.

L I V R O IX

Ronda-se a praça. Os Dânaos sobre-humano Abalo invade,
irmão de frio medo;

Agro luto os fortíssimos domina.

Qual da Trácia a roncar Zéfiro e Bóreas, Incha a piscoso ponto,
e escarcéu turvo

Em monte arqueia e de alga inunda as praias; Tal borrasca aos
Aqueus revolve o seio.

Chagado n'alma o Atrida, arautos manda Convocar em
segredo a flor dos sócios,

E ele alguns sem estrépito procura. Mal abanca o tristonho
juntamento, Ergue-se, e como de árdua penha brota Negro olho
d'água, em fio lagrimando, Fundo suspira: “Príncipes e amigos,

Enredou-me o Satúrnio em lance infesto! Para a Grécia anuiu
que eu só voltasse Depois de Ílio assolada, e quer arteiro Que,
perdido o meu povo, inglório volte? Pois vença o prepotente,
que há prostrado Muitas, e muitas prostrará cidades:

Ele extirpar nos veda a excelsa Tróia; Naveguemos à pátria,
eia, fujamos.” Silêncio em todos concentrou-se mudo, Que
Diomedes quebranta belicoso:

“A tal delírio oponho-me, Agamemnon. É jus deste conselho, e não te agraves.

Perante jovens e anciãos, primeiro Tu de ignavo e cobarde me argüiste: O cetro e mando sumo deu-te o filho Do cáldo Saturno, mas negou-te

O maior dos poderes, a coragem. Louco? E esperas dos Graios a fraqueza De que os apodas? Se fugir cobiças,

Foge; tens franco o mar, tens perto os vasos Que alterosos da Argólida esquipaste.

Para exício de Tróia os mais cá ficam,

E caso os Dânaos contamine o exemplo, Sós Diomedes e Estênelo bastamos

A destruí-la: um nume nos protege.”

O entusiasmo estronda, e Nestor surge: “És, Tidides, sem-par no márcio jogo, E entre os eqüevos ótimo discorres:

Aqueu não há quem impugne e te conteste, Mas nem tudo previste. Bem puderas

Ser meu filho menor, e a reis comados Falastes sério. Destas cãs blasono,

E opinarei do mais: nenhum rejeite, Nem o máximo Atrida, meu conselho; Só deseja a intestina horrenda guerra Homem sem

lar, sem teto, sem família. Mas ao repasto obriga a opaca
sombra; Fora, esperta vigia e sentinelas:

Isto encomendo aos jovens, que ordená-lo Toca-te, ó rei dos
reis. É bom convides

Os mais provectos: vinhos te sobejam,

Que à Trácia em gregas naus contínuo exporta; O necessário
tens, em cópia servos.

Então se delibere, e o melhor colhas: Pouca é toda a prudência,
que as fogueiras Dos inimigos junto às naus flamejam.

Ah! quem se alegrará, quando esta noite Vai ressalvar o
exército ou perdê-lo.” Ouvem-no, a guarda aprestam: sete
cabos, O maioral Nestório Trasimedes,

Os mavórcios Ascálafo e Jalmeno, Afareu, Merion, Deipiro, o
nobre Licomedes Creôncio, rege hastatos Cada qual cem
guerreiros; que, de vela Por entre o muro e o fosso iluminados,
Curam da ceia. Aos próceres o Atrida Abre a tenda e os regala;
os convidados Apegam-se às gostosas iguarias.

Cheio o apetite, enceta o que antes sábio Tanto agradara, e
seu discurso trama: “Dos varões glorioso augusto chefe,

Por ti começo e acabo em ti: que Jove Dos povos concedeu-te
a monarquia: Cabe-te expor aos príncipes teu voto, E o deles
atender, se um mais discreto Se te inspirasse. Escuta-me e
decide.

Não pode haver mais salutar aviso

Que este que em mim pondero, não só de hoje, Mas dêz que, ó
divo garfo, em sanha Aquiles, Da tenda arrebataste-lhe
Briseida,

Contra o nosso querer e meus esforços:

Tu seu prêmio reténs; com dons e os obséquios

De amaciá-lo o meio excogitemos.”

“Sim, prudente ancião, responde o Atrida, Errei, confesso: o
herói de Jove amado Batalhões equivale, e em honra sua
Jove doma os Aqueus; mas, em desconto, Meus presentes
magníficos o amolguem, E enumerá-los vou: trípodés sete
Puras da chama, de ouro dez talentos, Caldeirões vinte
esplêndidos, com doze Ungüíssonos que ao páreo vencedores,
Me hão tais prêmios ganhado, que seu dono Do precioso metal
não terá míngua.

Sete acrescentarei prendadas moças, Que ele apresou na
populosa Lesbos E entre as escravas elegi mais guapas. Irá
Briseida mesma; e nunca, eu juro, Fui com ela varão, toquei seu
leito.

Isto já já; mas, quando apraza aos deuses Demolir as Priâneas
fortalezas,

O espólio ao dividirmos, de ouro e bronze As naus cumule, e
Teucras vinte escolha As mais belas depois de Argiva Helena.

Se Argos Acaica ubérrima atingirmos,

Seja meu genro, e igual ao próprio Orestes, Que, único herdeiro,
na abundância medra. Hei filhas três no vasto meu palácio,
Crisotêmis, Laódice e Ifianassa:

A de seu gosto, sem que a dote, leve À casa de Peleu; cá me
encarrego

De a dotar, como nunca o foi donzela: Célebres lhe darei
cidades sete, Cardâmile, Enope, Hira verdejante, Risonha Epéia,
pascigosa Anteia, Pédaso uvífera, a sagrada Feres; Todas não
longe da arenosa Pilos

E à beira-mar, em gado e armento opimas, Têm gentes que o
honorem como a nune, E amplos tributos a seu cetro paguem.

Isto lhe oferto, se remite as iras: Ceda exorável, que Plutão por
duro

O deus é que os humanos mais odeiam; Ceda, que sou do que
ele mais potente; Ceda, que sou do que ele mais idoso.” Inda o
Gerênio: “Soberano egrégio,

Dons não despiciendos lhe destinas. Legados, sus, ao pavilhão
de Aquiles; Aqui mesmo os nomeio, e não recusem: Fênix guie,
de Júpiter privado,

O magno Ajax, o sapiente Ulisses,

E arautos Hódio e Euríbatas com eles.

Águas às mãos, freio às línguas, deprequemos; De nós se
comisere o deus supremo.”

O aviltre aceitam: linfa arautos vertem, E de urnas coroadas
vertem servos Dos auspicantes pelos copos vinho.

Fartos de libações, iam saindo; Nestor a cada um lançando os
olhos

E ao Laértides mais, no empenho os firma De abrandar o
magnânimo Pelides.

Pelas do mar flutissonantes praias Ao padre Enosigeu vão
suplicando Que as entranhas do Eácida comova.

Já no arraial dos Mirmidões o encontram A recrear-se na
artefata lira,

Que travessa une argêntea, insigne presa Dos raros muros
d’Etion: façanhas

De valentes cantava, e só Pátroclo Tácito à espera está que
finde o canto. Chegam-se, à testa Ulisses; e o Peleio Em pé, na
sestra a lira, estupefato,

Com seu fido consócio, as destras cerra:

“Que urge? A que vindes? Bem que irado, amigos, Exulto ao ver os Dânaos que mais prezo.”

À tenda eis se encaminha; sobre escanos De purpúreo tapete os acomoda,

E ao seu dileto: “Na maior cratera

Tu mescles do mais puro e aprontes copos; Caríssimos varões meu teto acolhe.”

O camarada obedeceu contente.

Ele, ante o lar, em cúpreo largo disco Dorso depôs de ovelha e gorda cabra E de um cevado os succulentos lombos: Automedon segura, o herói perito

Em pessoa esposteja, enrosca e espeta; O Menécio deiforme atiça o fogo: Lânguida a flama, ao rúbido brasido Sobre as lareiras os espetos vira,

De sal tempera-os sacro; todo assado

Põe da cozinha à mesa, e o pão ministra Em lindos canistréis. Do Ítaco em face Toma a parede e as carnes trincha Aquiles; O sacrifício incumbe ao companheiro,

Que ao fogo atira as divinais primícias. Deitam mãos dos manjares os convivas. Já satisfeitos, cabeceia a Fênix

Ajax; Ulisses que o sinal percebe,

Rasa o copo e alça o brinde: “Aquiles salve! Ou do Atrida na
tenda, ou nesta agora, Semelhantes festins nos não falecem,
Onde pratos gratíssimos abundam; Mas os dissaboreia o
extremo risco

Da instruta armada, se ó de Jove aluno, Da tua intrepidez te
não revestes.

Já da trincheira à vista acampam feros Os Teucros e os
longínquos aliados, Que, acesas mil fogueiras, se gloriam
De entrar sem resistência em nossos vasos. O Satúrnio propício
lhes troveja:

Nele estribado e em si, terrível senho Rola Heitor, e sanhudo
não faz caso

De homens nem de outros numes; freme e invoca O lento albor;
às naus jura os aplustres

Mesmo romper, despedaçar no incêndio Em cinza e fumo
atônitos Aquivos.

Tremo que se efetue essa ameaça;

Que, longe das fecundas pátrias veigas, O céu nos fade a
perecer em Tróia.

Sus, bem que tarde, acode a aflita Grécia; Dor sentirás depois
se a desamparas, Pois o mal consumado é sem remédio: Salva
a tempo os Aqueus da fatal hora.

Peleu de Ftia, amigo ao despedir-te,

Para Agamemnon: — Filho meu, bradou-te, Minerva e Juno, se
o quiserem, força

Dêem-te e valor; sopeia tu no peito

O orgulho e humano sê, de rixas fuge,

Por que moços e velhos te honrem sempre. — De tal pai tais
conselhos esqueceste: Lembrem-te, enfreia as iras; se o fizeres
Provarás as larguezas de Agamemnon.

Ouve os dons que, em presença da Assembléia, O rei te
destinou: trípodas sete

Puras da chama, de ouro dez talentos, Caldeirões vinte
esplêndidos, com doze Ungüisssonos que, ao páreo vencedores,

Lhe hão tais prêmios ganhado, que seu dono Do precioso metal
não terá míngua.

Sete acrescentará prendadas moças Que em Lesbos apresaste
populosa,

E entre as escravas elegeu mais guapas. Virá Briseida mesma;
e, jura, nunca

Foi com ela varão, tocou seu leito.

Isto já já; mas, quando apraza aos deuses Demolir as Priâneas
fortalezas

O espólio ao dividirmos, de ouro e bronze
As naus cumules,
Teucras vinte escolha As mais belas depois de Argiva Helena.

Se Argos Acaica ubérrima atingirmos, Serás seu genro e igual
ao próprio Orestes, Que, único herdeiro, na abundância medra.
Há filhas três no vasto seu palácio, Crisotêmis, Laódice e
Ifianassa:

A do teu gosto, sem que a dotes, leves À casa de Peleu; fica-lhe
o encargo

De a dotar, como nunca o foi donzela: Célebres haverás cidades
sete, Cardâmile, Enope, Hira verdejante, Risonha Epéia,
pascigosa Anteia, Pédaso uvífera, a sagrada Feres; Todas não
longe da arenosa Pilos

E à beira-mar, em gado e armento opimas, Têm gentes que te
honorem como a nune, E amplos tributos a teu cetro paguem.

Tanto promete, as iras se te aplaquem. Mas, se aborreces com
seus dons o Atrida, Os consternados arraiais te movam,

Que hão de às estrelas elevar teu nome. Anda, imola esse
Heitor, que ousa afrontar-te. Raiva e alardeia que nenhum o
iguala

De quantos Gregos nossas naus trouxeram.” E o fogoso Pelides:
“Sem rebuço,

Dial sangue e astutíssimo Laércio,

Declaro-te o que sinto, em que hei sentado; Nem mais teimem
comigo, nem me azoinem. Qual do Orco as portas, abomino
aquele

Que de boca desmente o oculto n'alma.

Descubro a minha: o Atrida não me dobra, Nem outro Grego, a
tanto esforço ingratos

O acre ou forte em conflito, o imbele ou frouxo Quinhão parelho
têm e as mesmas honras; Têm o enérgico e o mole igual
sepulcro.

Que tirei de cruéis padecimentos,

De infindos prélios, de hórridos perigos? Ave sou, que afamada
olvida as penas, Pesquisando o cibato a implumes filhos. Noites
insones, sanguinários dias

Curti sem conto a contrastar guerreiros Pelas mulheres vossas.
Praças doze

Eu devastei por mar, onze por terra Nessas veigas Troianas.

Vim de alfaias E espólios carregado, e à vista os punha

De Agamemnon; que a bordo os ferrolhava, E poucos repartia a
reis e a cabos.

Estes os têm consigo: eu só dos Gregos, Fui da querida minha
defraudado...

Pois que durma e deleite-se com ela.

Por que esta guerra? O exército Agamemnon Por causa não
chamou da pulcra Helena?

Atridas sós entre os falantes amam? Ama a consorte sua o reto
e probo;

Eu muito amava aquela, embora serva. Arrancou-ma falaz: pois
basta, cesse

De me tentar em vão. Contigo e os outros Busque, Ulisses, as
naus livrar do incêndio. Sem mim já fez milagres, celsas torres,
Profundo e largo fosso e paliçadas:

Nem pode assim de Heitor suster o choque! Do fero Heitor, que
nunca, eu posto em campo, Quis longe pelejar das portas Ceias,
Nem da faia passar! um dia apenas Meu ímpeto arrostou;
salvou-se a custo.

O herói não mais profligo; e na alvorada, Assim que imole à
corte e ao rei celeste, Meus baixéis bem providos se o desejas,
Verás em nado, e ao som da ardente voga O piscoso
Helesponto irem sulcando.

Com favor de Netuno, à luz terceira Seremos nas de Ftia
amigas várzeas. Riquezas lá deixei, partida infausta! Bronze e
ouro, do sorteio, airoas moças,

Ferro polido ajunto-lhes; que o dado O magnânimo Atrida
retomou-me.

Repete-lhe isto às claras ante os Gregos, Por que todos se
indignem, se impudente Conta iludir algum. Protervo e ousado,
O descoco não teve de encarar-me.

Nem mais consulto, nem com ele trato: Enganou-me, ofendeu-
me; é de sobejo. De mim descanse; ao precipício corra, Que o
privou da razão previsto Jove.

Como a escravo o desprezo e os dons lhe odeio: Nem que o
décuplo e em dobro me ofertasse Do que amontoa e cobiçoso
espera,

Quanto Orcómeno importa, quanto a Egípcia Hecatômpera
Tebas entesoura,

Que, duzentos campeões de cada porta Vazando, carros vinte
mil despede; Nem que prometa os mares e as areias,

Me há de acalmar, sem que me pague o insulto Gota por gota.
A filha, não lha quero,

Vênus fosse em beleza, em lavor Palas: Aspire a genro de mais
polpa e vulto.

A preservar-me o Céu, de Hélade e Ftia Peleu me escolha
algumas dentre as virgens De príncipes colunas dos Estados,

E a que eu prefira me será consorte: O coração me pede grata esposa,

Que se afeiçoe aos prédios meus paternos. São à vida inferiores os tesouros

Que, antes do cerco, a populosa Tróia Em si continha, e as do vibrante Febo Da sáxia Pito do marmóreo templo:

Reconquistar podemos bois e ovelhas, Trípodes e frisões de ruiva crina:

Mas do encerro dos dentes a alma nossa Fora uma vez, não se recobra nunca,

A mãe déia argentípede o meu duplo Fado abriu: se debelo a grã cidade,

Não regresso, mas compro glória eterna; Se torno ao doce ninho, murcha a glória, Terei velhice longa e fim tardio.

Os mais que voguem: não vereis o termo De Ílio escarpada; o mesmo Altitonante

A mão lhe estende e exalta-lhe a coragem.

Ide anunciar aos próceres, Aquivos, É dever de legados, que outro plano

Tracem de proteger as naus e as tropas: Este falhou, persisto incontrastável.

Pernoite Fênix, e amanhã me siga,

Por gosto e não forçado, aos pátrios lares.” Tal dureza os
contrista, e calam todos; Mas geme e chora o venerando Fênix,
De mágoa e susto pela frota Argiva: “Se furente ir cogitas, sem
livrares

De ígnea peste os baixéis, como aqui, filho, Me abandonas?
Contigo, estranho jovem À guerra e discussões que heróis
afamam, Longevo o bom Peleu para Agamemnon De Ftia me
expediu, que na loqüela

Te amestrasse e no obrar: de ti repugno Desunir-me, ó querido,
nem que um nume Conceba remoçar-me e enverdecer-me, Qual
saí de Hélade em beldades fértil,

Do Ormenida Amintor pai meu fugindo. Por flava pelice este a
esposa ultraja; Para ter a comborça em asco o Velho,

A mãe súplice instou-me a conhecê-la, E fi-lo assim; mas
Amintor o aventá,

Ruge e impreca às Eumênides que nunca Um nado meu nos
joelhos se lhe pouse: Maldição tal os Céus, o inferno, Jove,

A tremenda Prosérpina, escutaram. Então (quanto o furor nos
cega e arrasta!)

Pérfido eu quis... O braço um deus reteve, E me salvou de
horrendo parricídio.

Para ficar no antigo irado alvergue Faltou-me coração.
Parentes obstam E amigos a rogar; degolam pretos Bífidos bois
e ovelhas vicejantes, Ao fogo pelam saginados porcos, Os
cangirões paternos se esvaziam.

Dormindo ao pé de mim com luz constante, Por turno, um vela
ao pórtico do pátio, Outro ao vestíbulo ante a minha alcova.

Décima noite negrejando, alerta

Forço e desfecho a porta o claustro pulo,

Sem que o percebam guardas, nem mulheres, Corro a Hélade;
em Ftia pecorosa

Tratou-me o rei bem como único herdeiro Que em vastas
possessões tardio houvesse; Nos confins de Ftiótide, opulentas
Lavras doou-me; os Dólopes governo. Eu te criei com mimo e
igual aos deuses; Nem com outro ir querias a banquetes, Ou em
casa comer, sem que a meu colo Te saciasse partindo as
iguarias, Regrado o vinho, que em vestido e seio Me
arremessavas, caprichoso infante.

Por ti que sofrimentos, que fadigas! Eu sem prole em ti via, ó
alma grande, Filho que me valesse em dúbio transe.

“Doma-te, essa aspereza mal te assenta: Rendem-se os deuses
de maior virtude, Glória e poder; acalma-os o culpado Com
libações e votos e holocaustos.

Gérmen do Eterno, as enrugadas Preces, Coxas, vesgas, pós
Ate se apressuram; Ate incansável, de robustas plantas,
Remexe a terra e a vexa; atrás, as Preces

A quem quer que as invoca o mal temperam:

Ai do que as repelir! Subindo ao padre Exoram que Ate mesmo
o fira e puna. Curva-te, Aquiles, do Satúrnio às filhas, Como os
demais heróis também se curvam. Se, obstinado, o Atrida nem
presentes Fizesse ou dons futuros, que amainasses Não te
pedira, posto que de auxílio Precisamos os Gregos; mas dá
muito, Muito promete, envia a suplicar-te

Os do exército eleitos que mais amas;

Nossos passos respeita e nosso empenho. A pertinácia tua era
escusável;

Mas de priscos varões nos conta a fama Que, se os picava a
cólera, exoráveis,

A brindes e razões eram sensíveis.”

“Ora, amigos, me ocorre um velho exemplo. Na amena
Calidona, encarniçados

Batiam-se os Curetes e os Etólios, Estes por defender, ardendo
aqueles Com fúria marcial por devastá-la.

Da auritrônia Diana foi castigo,

Porque Eneu, por olvido ou negligência

Lhe falhou com primícias de agros férteis, Nem de outros
imortais nas hecatombes A aquinhou: dorida a casta Febe

De alvos colmilhos despediu javardo,

Que o régio campo estraga, árvores prostra, Fruto e raízes
confundindo e flores.

Das vizinhanças, Meleagro Enides Chusmas de cães reúne e
caçadores Para o poder matar; tamanha fera Muitos mandou
primeiro à triste pira. A deusa entre os Etólios e os Curetes, Pela
cabeça horrenda e hirsuta pele,

Move guerra e tumulto. Enquanto o Marte Enides combatia,
inda que imensos,

O arraial os Curetes não largavam;

Mas, de ira, que incha o peito aos mesmos sábios, Contra a
mãe sua Alteia, em ócio esteve

Junto à mulher Cleópatra, progênie Da Evemina Marpissa, cujo
esposo Idas, então neste orbe o mais valente, Pela de pé
mimoso casta ninfa

De arco arrojou-se a Febo: Alcion em casa

A apelidaram, pois da mãe saudosa, Que roubado lhe tinha o
altifrecheiro: Como Alcion gemente suspirava.

Ele nutria a sanha, porque Alteia Rogava aos numes, e das
mãos ferindo A alma terra e de lágrimas lavada, Posta em
joelhos, imprecava a Dite

E à medonha Prosérpina que a vinguem Da morte dos irmãos
no próprio filho: Do Erebo fundo Erínis despiedosa,

Pelas trevas errando, ouviu-lhe as pragas. Às portas rui o
estrondo e abala as torres: Disputam-lhe anciãos e sacerdotes

A implorar que rechace os inimigos, Que no melhor da Calidona
escolha Cinquenta jeiras de fecundo prédio, Metade em vinhas
e metade em lavras.

Monta-lhe ao quarto o grave Eneu, cerrados Os batentes
sacode e observa o filho; Arrependida a madre e irmãs
suplicam,

E companheiros e íntimos amigos: Ele tenaz renui, até que
soube,

No quarto os gritos a dobrar e os golpes, Dos muros a escalada
e dentro o fogo.

Aqui chorando o exora a bela esposa, Da cativa cidade os
males pinta,

Arquejando os varões, em cinza as casas, Presas virgens de rojo
e as mães e os filhos. Tanto horror o comove; corre, veste
Brilhantes armas, os Etólios salva

Por ti, que à vista pulcros dons não tinha. Nenhum demônio,
amigo, assim te influa; É pior socorrer as naus combustas:

As dádivas recebe e vem conosco,

Um deus serás aos Dânaos; se as recusas, Mas te demoras,
menos honras alcanças, Bem que essa invicta mão remova a
guerra.” Ei-lo então: “Fênix pai, dos Céus benquisto, Honras
escuso; espero-as só de Jove,

Que há de abordo reter-me, enquanto alento Haja o peito e
sustentem-se os joelhos.

No imo isto agora imprime: não me turbes Com mesto choro
por amor do Atrida; Quero-te muito, em ódio não me sejas;

A ti cabe agravar a quem me agrave. Estes que voltem, reina tu
comigo.

Meiado o meu poder, meiada a glória: Terás mórbida cama, e à
luz da aurora, Se ficamos ou não, consultaremos.”

A Pátroclo eis acena estenda o leito,

A fim que os dois mais cedo se retirem. “Sábio Ulisses, rebenta
Ajax divino, Laércio nobilíssimo, a caminho;

Do bárbaro orgulhoso nada obtemos. Cumpre ao congresso,
que por nós aguarda, Levar a atroz resposta, aos mesmos dada
Que sem igual na frota o veneramos.

Do irmão, do morto filho aceita a paga, Numa cidade
congraçados vivem Ofendido e ofensor. No âmago alojás,
Pelides sevo, um coração de bronze,

Por conta de uma escrava, e te ofertamos Hoje beldades sete e
mil presentes!

Bane o despeito, reverente aos lares; Escolha dos Aquivos, tens
em casa

Amicíssimos teus que mais estimas.”

“Bem dizes, torna Aquiles, generoso Príncipe Telamônio; mas a
bílís

Se me intumesce ao recordar a afronta Que em público me fez
o audaz Atrida Como se eu fora ignóbil vagabundo.

Porém desempenhar ide a mensagem: A sanguinosa guerra não
me importa,

Antes que aos Mirmidões o herói Priâmeo Com incêndio e
matança o campo ataque; Da tenda e negra popa aqui
pretendo Para sempre extinguir-lhe o márcio fogo.”

Duplicôncova taça os dois empunham, Libam, vão-se, e o
Laércio precedia.

Servos e servas, de Pátroclo ao mando, Alastram cama de
ovelhumes peles, Fina alva tela e tinta cobertura;

Té que raie a manhã, deitou-se Fênix. Dorme Aquiles no fundo com Diomeda, Filha de Forbas de rosadas faces,

Cativa em Lesbos. Dorme além Pátroclo E Ífis airosa, que lha trouxe o amigo

Do íngrime Ciro, de Enieu cidade.

Chegando aqueles ao real, os Dânaos Recebem-nos em pé com áureas taças, E Agamemnon primeiro os interroga:

“Fala, adorno da Grécia, ó nobre Ulisses, Quer das naus afastar o hostil incêndio, Ou teimoso na cólera persiste?”

“Na cólera persiste, e inda mais agora, O paciente Ulisses respondeu-lhe;

Teus dons e a ti, chefe de heróis, desdenha: Diz que resolvas tu, com outros Graios, Como o Exército nosso e a frota escudes.

Vogar ameaça no luzir da Aurora,

E aconselha aos demais também naveguem À pátria cara: o termo não veremos

De Ílio escarpada: o mesmo Altitonante A mão lhe presta e exalta-lhe a coragem. Ajax o testemunha e os dois arautos, Prudentes ambos. Lá pernoita Fênix,

E Aquiles, sem forçá-lo, prescreveu-lhe Que em remeiros baixéis com ele parta.” Consterna-os a repulsa e calam todos;

Mas Diomedes belaz: “Com dons infindos,

Oh! nunca, rei sublime, o suplicaras! Era insolente, e refinou
soberbo.

Ou fique ou vá, nossa missão cumpramos: Peleje quanto queira
e um deus lho inspire. Nisto ora concordar: refeitos vamos

De Baco a Ceres, de homens força e brio, Nos recostar; e, assim
que a dedirrósea Aurora brilhe, eqüestre e pedestre

Ante a frota os perfis e acorções,

E tu mesmo combatas na vanguarda.”

O équite exímio em roda excita aplausos: Fazem-se as libações;
na tenda sua

Cada qual em descanso adormecia.

L I V R O X

Liga os demais a noite em mole sono; Em claro a passa o rei de tantas gentes, Gravíssimos cuidados ruminando: Qual de Juno pulcrícoma o consorte Lampeja crebro, se aguaceiro ajunta, Granizo ou neve que embranqueça as lavras, Ou se abre à guerra amarga as fauces negras; Tal suspira, e as entranhas lhe estremecem.

Turbado considera em cerco de Ílio

Os muitos fogos, o rumor dos homens, Das túbias e trombetas; mas, se atenta O Aquivo exército e as silentes praias,

Aos Céus queixando-se os cabelos carpe, No íntimo geme o coração brioso.

Melhor enfim parece-lhe ao Nelides Ir consultivo e combinar com ele

Como os Dânaos defenda. Ergue-se, os peitos Reveste, calça fúlgidas sandálias,

De um leão fulvo com sanguíneos laivos Pele talar enverga, apunha a lança.

De Menelau às pálpebras o sono Também não pousa; pelos Dânaos treme,

Que em seu favor sulcando a azul campina, Audazes debelar
vieram Tróia.

De um pardo forra com manchado espólio O dorso largo, aêneo
casco mete,

E hasta na mão robusta, o irmão procura, Supremo regedor
que o povo adora.

À popa ainda se armava, e ledos encontra Ao pugnaz Menelau,
que assim lhe fala: “Armas-te, augusto irmão? Noturno espia
Mandar intentas? Que nos falte hei medo Quem sozinho se
arrisque pelo escuro:

Requer nímia ousadia empresa tanta.” A quem o régio irmão:
“Celeste aluno, Precisamos conselho em tal perigo, Pois,
mudado o Satúrnio, hoje prefere De Heitor os sacrifícios. Nem vi
nunca,

Nem de algum filho ouvi de deus ou deusa, Que num só dia
como Heitor obrasse!

Mortal sim, mas de Júpiter válido, Executou façanhas
extremadas,

Que longo viverão na mente Argiva. Tu corre, a Ajax e
Idomeneu convoca;

Vou Nestor acordar, que incite os guardas, Cujas coorte sacra,
entregue ao filho

Mormente e a Merion, de grado o atende.” Submisso Menelau:

“De mim que ordenas? Ficar à tua espera, ou, convocados,

Vir ter contigo?” — O rei tornou-lhe: “fica; Receio um

desencontro em desvairados Caminhos do arraial. Por onde

fores,

Grita e alerta, nomeia em honra a todos Seus pais e estirpe; o

tom de orgulho evita. Participemos das comuns fadigas:

Desde o berço a lidar nos fadou Jove.” Com estas precauções o

irmão despede. Acha na tenda o maioral Nelides

Em brando leito, ao pé luzentes armas, O escudo, o capacete e

lanças duas,

O bem lavrado boldrié, que o cinge Ao comandar cruíssimas

batalhas, Pois dos anos ao peso inda reluta. No cúbito

arrimado, alça a cabeça,

A perguntar: “Quem ronda o campo e a frota Por treva espessa,

quando os mais repousam? Buscas um guarda ou

companheiro? Fala;

Que hás mister? Sem falar não te apropínqües.” “Nestor, glória

da Grécia, o Atrida acode,

Sou Agamemnon. Mais que a todos Jove Me oprime, e cessará

quando este alento Em mim cesse, e os joelhos não se dobrem.

Vagueio, por fugir-me o grato sono:

A guerra, o dano dos Aqueus me pesa; Por eles desfaleço
esmorecido;

O coração tituba e sai do peito,

Convulsos tenho os membros. Já que velas A meditar, à guarda
me acompanhes; Vejamos se em descuido as sentinelas
Dormem cansadas: próximo o inimigo, Empreenderá talvez
noturno assalto.”

E o de Gerena: “O providente Padre Nem tudo acabará que
Heitor cogita;

Creio, alto rei, que amargo lance o espera, Se Aquiles bane a
cólera funesta.

Já já te sigo. Despertemos outros,

Diomedes grã lanceiro; ínclito Ulisses, O ágil filho de Oileu,
valente Meges.

Ao divo Telamônio alguém se expeça

E ao régio Idomeneu, que as naus tem longe, E um do outro
não perto. Embora o estranhes, O honrado amigo Menelau
censuro:

Dorme, e tu só te afanas? Não devera Contigo os chefes
deprecar afável, Quando urge uma cruel necessidade?” Replica
o Atrida: “Às vezes a espertá-lo Eu te exorto, ancião, porque
amiúde Hesita e se retém, não por incúria,

Não por moleza, sim por ter os olhos Fitos no meu exemplo: a mim contudo Hoje ele antecipou-se, e os que desejas

Foi convocar. Às portas e entre os guardas Vamos, que juntos acharemos todos.”

E Nestor: “Nenhum Grego há jus agora

De argüi-lo e impugnar seu mando e aviso.” Então se arnesa, as nítidas sandálias

Ata aos pés, amplidúplice e punícea Clâmide abrocha de lustrosa felpa,

Rijo eriagudo pique hasteia, e parte. Ao gritar junto às naus dos lorigados, O cauto Ulisses lhe surgiu da tenda: “Porque sós percorreis na opaca noite

O campo e a frota? ameaça algum desastre?” E o Gerênio: “Prudente como Jove, Longânimo Laércio, não te agastes:

Dor crua agrava os Dânaos; vem conosco, Outro invitemos que da fuga ou prélio Deve deliberar. “Ulisses pronto

À tenda volta, abraça o escudo e segue-os. Dão com Diomedes fora, e em torno os sócios, Por travesseiro a adarga, a ressonarem,

Fixas de conto as lanças, o êneo lume O do raio imitando: o herói dormia

De um boi selvagem no estirado couro, Com purpúreo tapete à cabeceira.

O idoso Pilo ao calcanhar o toca,

E o repreende e admoesta: “Sus, Tidides; Inteira a noite logras?
Nem te acorda

O fragor dos Troianos, que se acampam Na colina e das naus
mui pouco distam?”

O herói sacode o sono e clama: “É nímio O ardor e zelo teu;
falecem moços

Que pelo acampamento aos reis despaches? És, magnânimo
velho, és incansável.”

E ele: “Amigo, assim é, galhardos filhos

Tenho e outros muitos que chamar-vos possam; Mas risco atroz
nos preme: vida ou morte Pende aos Gregos do gume de um
cutelo.

Tu, que és moço e de mim te compadeces, Ajax de Oileu
convoques e o Filides.” Leonina talar pele ombreia fulva

Logo Diomedes, pega a lança e corre, Volve aqueles guerreiros
conduzindo.

Juntam-se à guarda, e alerta em armas todos Estão seus
cabos. Se em vigia assídua

O redil ovelhum molossos rodam

E o lobo sentem vir do monte à selva, Mesclam ladros às vozes dos pastores, A quem morreu nas pálpebras o sono: Destarte, morto o seu na infausta noite O campo Teucro olhando os atalaias, Ao mais leve rumor atentos eram.

O ancião folga e os louva: “Assim! meus filhos, Nenhum se renda ao pérfido repouso,

Por não sermos escárnio do inimigo.”

Eis salta o fosso, e vão-lhe após os Dânaos Reis congregados; à consulta crescem Merion e o Nestório Trasimedes.

Num sítio pousam da sangueira puro,

Entre o espaço onde, envolto em sombra densa, Heitor pôs termo à Grega mortandade.

Quando uns e outros vários debatiam, Fere o ponto Nestor:

“Acaso, amigos,

Há quem, no braço afouto; ao campo extremo Dos bravos Teucros vá, para que apanhe Desgraçado inimigo, ou mesmo indague

Se eles ali permanecer tencionam, Ou recolher-se ufanos da vitória? Incólume e informado nos regresso,

Que terá fama eterna e insigne prêmio: De cada capitão que em nau comanda Preta ovelha e de mama um cordeirinho Alcançará, presente incomparável,

E sempre no banquete um posto honroso.”

Disse; todos em roda emudeceram, Falou porém Diomedes valoroso:

“O coração, Nestor, a entrar me impele No próximo arraial; mas outro sócio Me dará mor denodo e mor firmeza: Dois entre si advertem-se, combinam; Um, se concebe, é lento e menos ousa.” Querem-no já seguir de Marte servos Os Ajax, Merion; com ânsia o filho

De Nestor; Menelau de ardida lança: Anela penetrar no campo Ulisses,

Que tem sempre na mente empresas grandes. E o rei dos reis: “Amigo predileto,

Prestam-se muitos, à vontade escolhe; Nem por algum respeito ou má vergonha, Considerando o sangue e a realza,

Um inferior guerreiro tu prefiras

Ao que julgues mais apto.” — Assim discursa Pelo seu louro Menelau temendo.

Porém Diomedes: “Se me dás a escolha, Posso o Laércio preterir divino, Paciente, animoso, caro a Palas?

Com tão completo herói, constante e sábio, Ileso hei-de sair de ardentes chamas.”

E Ulisses: “Nem me gaves, nem rebaixes, Que os Dânaos do que valho estão cientes. Vamos, Diomedes; as estrelas caem, Acena o albor, a noite já descamba,

Resta apenas um terço.” — Vestem-se ambos De hórridas armas. Do belaz Nestório Tidides, que deixara a bordo a sua, Recebe adaga ancípite e a rodela,

E sem crista e cimeira elmo taurino, Simples galero, defesa de imberbes. Cede Merion a Ulisses o terçado, Coldre e arco, e de pele um capacete Que, de rígidos loros dentro o forro, De javali tem fora os brancos dentes, Em reforço com arte à roda apostos,

E feltro espesso o fundo lhe garante. De Eliona as casas de Amintor Ormênio Antólico arrombando, ali furtado

A Anfidamas, Citério o deu na Escândia; Em penhor Anfidamas da hospedagem,

A Molo; Molo, a Merion seu filho,

Que ao Laércio cobriu com ele a frente.

De ponto em branco, dos consócios partem. Pela estrada Minerva à destra envia

Garça que, invisível em feia baça treva, Grasnar ouviam. Ledo Ulisses ora: “Filha do Egífero, a quem nada oculto, Neste aperto me assiste, ó protetora,

Mais do que nunca; dá que às naus voltemos, Findas árduas
ações que aos Teucros doam.” Tidides segue: “Ajuda-me e
acompanha, Indomável Tritônia, como a Tebas

A meu pai, dos Aqueus eriarnesados Legado, que os largou do
Asopo às ribas. Aos cadmeios a paz Tideu levava;

Mas de volta acabou gentis façanhas, Graças a ti, benévola
deidade.

Preserva-me igualmente; em honra tua Aneja imolarei do jugo
intacta,

Larga de frente, com dourados cornos.” Encomendando-se à
fautora Palas, Deitam-se os dois leões por noite escura:

Por montes de cadáveres, por armas Da carnagem recente
ensangüentadas.

Também não dorme Heitor, excita os cabos E com eles
concerta: “Há quem se atreva, Por obter alto nome e digno
prêmio,

O inimigo espreitar? Prometo um carro E de cerviz altiva os dois
mais finos

Corcéis de junto a frota, a quem me explore Se inda a velam de
noite, ou se aterrados

E lassos de destroço, os Dânaos tratam

Só da fuga, e não mais guardá-la querem.” Disse, e em redondo foi silêncio tudo.

Mas um Dólou, do arauto Eumedes filho, Irmão de cinco irmãs, torpe de facha, Leve de pés, em ouro e bronze rico,

A Heitor voltou-se: “Heitor, o ânimo forte A perscrutar me instiga as naus veleiras; Arvora o cetro, o coche eri-esplendente Jura dar-me e os frisões do exímio Aquiles. Explorador não sou que iluda e falhe: Entrado no arraial, me acerco à popa Agamenônia; ali talvez da fuga

Ou da peleja os príncipes debatam.” O cetro pega Heitor: “Fico ao de Juno Altitonante esposo que essa biga

Outro nenhum transportará dos nossos; Nela só brilharás.” Foi jura falsa;

Mas Dólou inflamado encruza a arco, De lobo enfronha-se em fouveira pele, De pele de fuinha um gorro encacha,

Toma dardo pontudo, e às naus caminha, Donde por ele Heitor não terá novas.

Já, fora do tropel, cortava a trilha,

O Ítaco, ao lobrigá-lo: “Alguém, Diomedes, Sai da parte contrária, acaso espia,

Ou despir os cadáveres pretende? Passe por nós um pouco, e dele à pista,

O agarremos depois. Se em pés nos vence,
Para as naus, de hasta em reste, o impele sempre, A fim de que
não se esgueire e não se acolha.” Desviam-se e agachados
entre os mortos

Os deixa o incauto. Longe quanto os sulcos De mulas distam,
mais que bois aptadas

A charrua a tirar por denso alqueive,

Encalçam-no; ao rumor se tem, supondo Ser o do sócio que
avocá-lo vinham;

De lança a tiro, ou menos, reconhece-os, Rápido move os
joelhos fugitivo,

Mas eles apressados o perseguem: Qual dois sabujos de
raivosos dentes

Mais e mais lebre ou corça em brenha apertam, Que cisca-se a
guinchar, assim Diomedes

E Ulisses vastador o acossam lestos, Impedindo a escapula. À
guarda e à frota Próximo o espia, a vulnerá-lo Palas,

Por que nenhum blasone de primeiro, A Tidides influi, que
bradou: “Pára, Ou desta lança ao bote a vida rendes.” Aqui, de
jeito a vibra que lhe esfloresce O úmero destro e finque-se na terra:

Dólon, quedo e medroso, os queixos bate, Soa da boca pálida o
rangido,

Aferram-no açodados, e ele chora: “Vivo deixai-me redimir, que tenho Bronze, ouro, ferro de labor difícil, E vos dará meu pai riqueza infinda,

Se preso me souber na Grega armada.” Logo o matreiro: “Eu te afianço a vida, Conta a verdade sem temor. No escuro

Às naus caminhas, quando os mais repousam! Despir tentas os mortos? Vens mandado,

Ou por teu mesmo impulso nos espias?” O mísero a tremer: “Num laço infesto Caí de Heitor, o coche eri-esplendente

Prometeu-me e os frisões do exímio Aquiles, Em prêmio de ir pela sombria treva Explorar diligente, ao pé da frota,

Se inda a velam de noite, ou se aterrados E lassos do destroço, os Dânaos tratam

Só da fuga e não mais guardá-la querem.” Sorriu-se o astuto: “Apetecias muito, Frisões que homem nenhum sofreia e doma, Exceto o Eácio que gerou mãe deusa.

Mas tu sê franco: Heitor onde é que estava? Onde o seu márcio arnês, onde os cavalos? Onde o grosso da tropa, onde os vigias?

Eles ali permanecer intentam,

Ou recolher-se alegres da vitória?”

Volve o de Eumedes: “A verdade exponho. De Ilo ao túmulo
sacro, Heitor e os chefes, Livres do burburinho, deliberam;

Certos não há vigias e atalaias;

Os Troianos, senhor, todos alertas, Exortam-se ao luzir de
acesos fogos; A multidão porém de auxiliares,

Sem mulheres nem filhos, nos da terra

Descansa e dorme.” — “E dormem, torna Ulisses, Mistos mais os
Troianos cavaleiros,

Ou com longo intervalo? Nada encubras.” E Dólon: “Nada
encubro. Ao mar vizinham Cares, Caucomes, Lelagas, Peones

Arci-recurvos, ínclitos Pelasgos

A Fimbra, Lícios e arrogantes Mísios, Eqüestres Frígios,
campeões Meônios, Para que mais! se o campo entrar desejas.

Sentou na extrema os Traces recém-vindos Reso Eiônides rei
com seus cavalos,

Quais nunca vi grandíssimos e belos, Auras na rapidez, no
candor neve:

O coche é de relevos de ouro e prata;

Áureo o arnês de admirável artifício,

Não próprio de mortais, mais sim de numes. Às alígeras naus
levai-me agora,

Ou de rijo amarrar-me, até que à volta Verifiqueis se falo ou não sincero.”

Minaz Tidides: “Certo embora informes, De nossas mãos não contes evadir-te:

Se te soltarmos ora, ou te remires, Virás espia ou combatendo às claras,

Em torno as mesmas naus; se aqui te mato, Cessas por uma vez de ser danoso.” Súplice a forte mão do Grego ao mento Lança o infeliz; a adaga os tendões ambos Da garganta lhe tronca; inda falava,

E rodou-lhe a cabeça na poeira. De lobo a pele, de fuinha o gorro, O extenso dardo e o arco renitente

Sacam-lhe os dois, e à predadora Palas Oferta-os o Laércio deprecando:

“Aceita-os, alma deusa, a quem no Olimpo Invocamos primeira; tu nos guia

Dos Traces ao quartel e aos seus cavalos.”

Disse, eleva o despojo, e a tamargueira Folhuda em que o suspende esgalha, canas Lhe enfeixa à roda, que tornando enxerguem Na incerta pressurosa escuridade.

Entre armas e sangueira, enfim chegaram Dos Traces ao quartel, que de fadiga Ressonavam, dispostos em três filas.

Ao lado arneses belos, a parelha

Ao pé de cada um. No centro o Eiônides A dormir, tinha atrás do coche atados Em loros os sonípides ginetes.

Ulisses, que os descobre: “Ei-lo, Diomedes, O guerreiro, os frisões que assinalou-nos O morto espia. Tens a espada em ócio?

Desprega o teu valor; solta os cavalos,

Ou deixa-os ao meu cargo e imola os homens.” A olhicerúlea então lhe dobra o esforço;

Aqui e ali talhava, os ais restrugem, Roxa de sangue a terra: qual salteia Truculento leão rebanho ou fato Não vigiado; assim cai Diomedes

Sobre os Traces, e a doze arranca a vida,

Quantos ele estoqueia. Ulisses cauto Pelos pés arredava, por que andando Os novos crinipulcros não se espantem, Pouco avezados a pisar cadáveres.

O herói vai ao trezeno, ao triste Reso, Que expira ao despertar de um pesadelo, Onde Minerva toda a noite a imagem Lhe pôs daquela morte à cabeceira.

O Ítaco, desprendendo os corredores, Pelos freios da chusma a subtraí-los,

De arco os fustiga, havendo-lhe esquecido No vário assento o esplêndido chicote,

E a Diomedes adverte assobiando. Este, se audaz insista na matança, Pelo temão se o coche de áureas armas

Tire cheio, ou se o leve aos próprios ombros, Dúbio examina; mas ali Minerva:

“Já, regressa aos baixéis; não te afugentem, Ó filho de Tideu, caso outro nume

Alerte os Frígios.” Ele a voz divina Sente e monta um cavalo: o seu verbera De arco o Laércio; à desfilada arrancam.

O argenti-archeiro deus não cego espreita, Vê com Tidides Palas; desce e grita Furioso pelo Trácio Hipocoonte,

Bravo primo de Reso e conselheiro. Este salta, examina o sítio vácuo

Dos corcéis e os guerreiros palpitantes E o cruor fresco e negro; urrando geme, Chama o parente. Num ruído imenso,

Tumultua-se o campo: o feito o assombra; Salvarem-se os varões foi pasmo aos Teucros. Junto ao corpo do espia Ulisses pára;

O sócio apeia-se, o cruento espólio Toma e entrega ao de Júpiter valido, E torna a cavalgar. Tocados voam Para a frota os unguíssonos contentes. O Pílio o seu trotar sentiu primeiro:

“Se não desvairo, príncipes e amigos, De cavalos o estrépito me soa.

Oh! se Diomedes e o Laércio fossem, Com Troianos solípedes roubados!

Mas receio que à turba sucumbissem

Tão bizarros Aqueus.” — Mal acabava,

Desmontam-se eles: de alegria todos, Estreitadas as destras, o saúdam.

Interroga Nestor: “Esses cavalos,

Nobre Ulisses, da Grécia adorno e brilho, Onde os houvestes?

Penetrando o campo, Ou de um deus recebendo-os no caminho? Radeiam como o Sol. Não fico ocioso,

Bem que velho, e combato sempre os Teucros; Mas nunca tais corcéis meus olhos viram:

De encontradiço deus julgo um presente; Sois ambos do Núbico mimosos,

Da Glaucope sua amados ambos.” E Ulisses: “Ó Neleio, ó glória nossa,

Com tamanho poder, um deus querendo, Fácil nos doaria outros melhores;

Mas recém vindos estes são dos Traces. Diomedes chefes doze e o rei matou-lhes; Próximo às naus, do espia demos cabo

Que explorá-la Heitor e os seus mandaram.” Disse, e fez os corcéis pular o fosso,

E iam com eles os Dânaos jubilosos. Ao Diomedes presepe os ata em loros

Bem recortados, onde os mais comiam Suave trigo, e à popa sua Ulisses

O de Dólon depõe sangüento espólio, Enquanto a Palas sacrifício apontam. N’aba do mar cervizes, coxas, pernas,

Do suor que lhes mana, os dois expurgam: Depois que a sordidez mais crassa escorrem N’água salgada e o coração confortam,

Em tinas polidíssimas se banham, Untam-se de óleo, com prazer almoçam, E de plena cratera entornam vinho,

Que a Minerva melífico libavam.

L I V R O X I

Surgindo a Aurora do Titônio leito, O globo e os céus alumiaava,
quando

Jove a nera Discórdia às naus despede; A qual da guerra
sacudindo o facho, Parou no centro, na de Ulisses, donde Em
tendas e baixéis ouvida fosse

De Aquiles e de Ajax, que aos dois extremos, No seu valor
seguros, alojavam.

Brame horrentíssimo, e retine o grito Ao coração dos Dânaos,
que incessantes Anseiam batalhar, e então mais doce Lhes era
a pugna que a tornada à pátria.

Clama e intima Agamemnon que se aprestem, E aêneo luz. Com
prata finas grevas

Primeiro às pernas afivela; aos peitos Loriga veste, que
hóspede Ciniras

Mandou-lhe em dádiva, ao troar em Chipre A nova de ir a Tróia
a Grega armada: Compunha esmalte escuro dez estrias, Doze
ouro, estanho vinte; azuis ao colo

Três serpes iriando lhe trepavam,

Como o curvo sinal que o Padre em nuvens Aos falantes
gravou. De áurea tauxia

E de áureo boldrié, fulgura a espada Em argêntea bainha.
Adarga-o todo Estupendo pavês, maneiro e ingente,
Com dez êneos debruns, com vinte umbigos Branquíssimos de
estanho, e de aço bruno Disparava o do meio ameaçadora
A feia Górgona e o Terror e a Fuga; De argêntea faixa ao longo
se torcia Vivo dragão cerúleo, que recurvas Tinha cabeças três
num só pescoço. Do elmo de quatro cones tachonado
Crista lhe nuta horrenda e eqüina coma. Válidas eriaçadas
lanças duas
Toma, cujo fulgor fere as estrelas. Palas de cima e Juno, em
honra toam Do opulento senhor da grã Micenas. Prescrito a
cada auriga ter em ordem
Junto ao fosso os corcéis, ruidoso e imenso Antes d'alva o
alarido, a pé remete

Armados campeões, e atrás em fila Vêm vindo os carros. Do
éter o Satúrnio Rumoreja, e de sangue orvalho chove,
Presságio de que ao Orco iam ser muitas Almas de altos varões
precipitadas.
Além, num teso, o reto Polidamas Alinha os seus, e Eneas nume
ao povo, Mais os três Antenóridas, Polibo, Nobre Agenor, inda
solteiro Acamas

A imortais parecido; à frente a enorme Rodela vibra Heitor: qual
dentre as nuvens Sem véu nenhum reluz funesto Sírio,

E alguma vez se ofusca; assim na prima Ala aparece o herói,
percorre a extrema,

Prevê, dispõe, comanda, em bronze esplende, Como o tonante
Egíoco lampeja.

Quando centeio ou trigo os segadores Em farta messe opostos
vão ceifando,

O agro juncam de espigas: tais se prostram, Com mútua
horrenda clade, Argeus e Teucros; A desastrada fuga a nenhum
lembra;

Barba a barba, acometem como lobos.

Lutuosa a Discórdia olhando exulta,

Único deus que assiste: os mais, por cumes Do Olimpo, quedos
em mansões formosas, O Anuviador acusam, que aos Troianos
Destinava o triunfo; mas o Padre,

Sem lhe importar, a parte e ledos mira Naus e cidade, os
fulgurantes bronzes, O ferir e o morrer dos combatentes.

Enquanto ia crescendo a manhã sacra, A turba tiros cai; mas,
quando em vales De árvores decotar a mão sacia Lânguido o
lenhador, e ávido anela Almo sustento e seu jantar prepara, Uns
então pelos outros animados,

Rompem com brio os Dânaos as falanges. Agamemnon precede, e abate o régio Maioral Bianor e Oileu cocheiro.

Oileu se apeia e investe; mas na frente,

Sem que êneo casco o embargue, entrada lança Pelo osso, dentro o cérebro deturpa:

Doma-lhe a audácia o rei. Nus amo e pajem Da túnica e loriga, os abandona.

Foi-se a Ísios e Antifo Priameios, Legítimo e bastardo, ambos num coche: Era o bastardo auriga, Antifo ilustre Pelejador, os quais, pascendo ovelhas Em fraga Idea, atara em fléxeis vimes

E o seu resgate recebera Aquiles:

De hasta a Ísios o Atrida a mama fere,

A Antifo de um fendente ao pé da orelha Derriba; eis despede-os das brilhantes armas, Reconhecendo-os, pois a bordo os vira,

De quando o velocípede os prendera. Leão, que em toca assalta a corçozinhos, Fácil com dente rábido os lacera

E as tenras almas tira; a mãe coitada, Perto embora, não cuida em protegê-los, Trêmula em denso carvalhal se acouta, Suando evade-se à cruenta fera:

Assim, nenhum Troiano ousa acudir-lhes, Do Ímpeto Graio trépidos fugiam.

O argólico leão corre a Pisandro

E ao firme estrênuo Hipóloco, dois ramos De Antímaco valente,
o qual, peitado

Pelo esplêndido Páris, mais se opunha A ser entregue Helena ao
flavo esposo;

Toma-os num ponto e seus corcéis retidos, Pois largaram de
susto insignes rédeas, No carro de joelhos implorando:

“Vivos nos leva, Atrida, e aceita o preço Da remissão; que
Antímaco, pai nosso, Cobre e ouro encerra e trabalhado ferro, E
te há de encher de dádivas infindas,

Se presos nos souber na Argiva armada.” Falam chorando ao
rei com meigas vozes, E ele não meigas volve: “Que! sois filhos
De Antímaco belaz, que em Tróica junta Votou morte a
Grajúgenas legados,

A Ulisses divinal e a Menelau? Ora pagai-nos a paterna injúria.”

Disse, e um bote a Pisandro, pelos peitos, Lança do coche,
ressupino o estira;

Salta Hipóloco em terra, e a gládio o Aquivo Os braços e o
pescoço lhe decepa,

E como um tronco arbóreo à chusma o atira. Dali desfaz, com
outros bem grevados,

Hostes inteiras: a pedestre imola Pedestre, cavaleiro a cavaleiro; Pulvéreas nuvens ergue ericalçado O ruidoso tropel quadrupedante.

O rei vai na carnagem prosseguindo E acorçoando os seus: como edaz fogo

Em virgem mata, ao vário Eólio sopra, Árvores turbinoso extirpa e fende;

Ele assim talha e estronca os fugitivos, E a nitrir, entre as filas derrotadas, Rojam árduos corcéis vazios carros, Tristes por seus cocheiros, que ali jazem Mais gratos aos abutres que às esposas. A Heitor fora do pó, dos tiros fora,

Da carnívora ação, da gritaria,

Jove entanto conduz: na ânsia de abrigo, Já de Ilo o prisco túmulo trasposto,

À baforeira os Teucros se aproximam; Rugindo os segue o Atrida, e vai manchando Em cruor polvorento as mãos invictas; Retêm-se eles às portas junto à faia,

Uns a espera dos outros. Qual em noite

Borrascosa o leão pela campina

Pávidos bois acossa, e ao mais tardonho Rasga a cerviz com navalhadas presas, Sangue lhe chupa e entranhas; Agamemnon Tal os encalça e o derradeiro prostra:

Quem de costas caía, quem de bruços, Da régia lança aos furibundos golpes.

O herói tocava os muros; e eis baixando, Na destra o raio, o pai de homens e numes No pino do Ida em fontes abundante Senta-se, a nuncia ali-dourada chama:

“Rápido, Iris: Heitor que o pé reprima, Enquanto à frente o maioral dos Gregos Cortar nos batalhões, mas sempre alente Os seus a resistir o embate horrível.

Assim que o vulnerar ou dardo ou seta, Ao carro monte; eu lhe darei vitória: Há-de às instrutas naus levar o estrago,

Té que o sol tombe e venha a sacra noite.” Aerípede a nuncia do Ideu cume

À santa Ílio descendo, o Priamides Encontra em pé no aparelhado coche:

“Guerreiro na prudência igual a Jove, Isto ele aqui te ordena: o pé reprimas, Enquanto à frente o maioral dos Gregos Cortar nos batalhões, mas sempre alentes Os teus a resistir o embate horrível.

Assim que o vulnerar ou dardo ou seta, Montes ao carro, e te dará vitória:

Hás-de às instrutas naus levar o estrago, Té que o sol tombe e venha a sacra noite.” Some-se Íris. Heitor pula do coche,

Dardos brande erifúlgidos, alas corre, Provocando a conflito:
voltam face

Os Teucros logo; intrépidos os Dânaos Cerram-se firmes, a
peleja instauram; De encetá-la ansioso, rui o Atrida.

Celestes musas, declarai-me agora, Que ilustre auxiliar ou que
Troiano

Com Agamemnon se arrostou primeiro? Alto e audaz o
Antenórida Ifidamas,

Na altriz criado pecorosa Trácia.

De pequeno o educara o avô materno Cisseu, pai da
pulquérrima Teano;

O qual vendo-o na ovante puberdade, Para tê-lo consigo, deu-
lhe a filha.

Noivo, ao soar a empresa, vasos doze Tripulando, ancorou-os
em Percope, Veio por terra socorrer a Tróia.

De perto, frente a frente, já se investem: Agamemnon desfecha,
e o dardo aberra; Ele por sob a coira à cinta o apanha, Com rijo
pulso e esforço enterra a ponta,

Que o bom talim não fura, mas qual chumbo Topando amolga
em lâmina de prata.

Com garras de leão, furioso o Atrida

A haste a si puxa, arranca-lha, de um talho Cerceia-lhe o
pescoço e os membros solve. Por seus concidadãos sono éreo
dorme, Ah! longe da mulher que em flor obteve, Da qual nem se
logrou nem prole havia,

À qual cem bois doara e prometera Cabras e ovelhas mil dos
seus pastios. Despiu-lhe as pulcras armas Agamemnon, Entrou
com elas pela Argiva turba.

Coon, claro Antenórida e o mais velho,

Defunto o irmão, toldados sente os lumes; De esguelha
sorrateiro escorregando, Além do cotovelo, no antebraço

De Agamemnon a choupa enfia aênea: Ao golpe freme o rei,
mas não desiste; Hasta em punho dos ventos roborada,
Acomete a Coon, que de Ifidamas,

Do mesmo pai gerado, ia o cadáver Arrastando e a gritar que o
socorressem: Nisto, abaixo do escudo um bote acerta, Sob o
fraterno corpo é degolado.

Cheio o destino, ao Orco assim o Atrida Estes dois Antenóridas
remete.

Enquanto o sangue da ferida mana,

A gládio alas descose, a dardo, a pedras; Assim que estanca e
esfria, eis lancetadas Lhe vêm, não menos cruas que as da
frecha Que despedem no parto as Ilítias,

Filhas de Juno e mães de cruas dores. Monta, e magoado a seu cocheiro ordena Que aos baixéis o transporte, e vocifera Com voz tonante: “Príncipes e amigos,

Toca-vos repelir das naus o assalto; Veda o padre bater-me o dia inteiro.” O auriga para a frota os crinipulcros

Frisões verbera, que espontâneos voam; Sob os pés a poeira, a espuma aos peitos, O atribulado rei do prélio afastam.

Ausente o Aquivo chefe, trovejando Heitor instiga os seus: “Troianos, Lícios, De perto exímios Dardanos, sede homens, A vossa intrepidez vos lembre, amigos: Foi-se o herói, e o Satúrnio dá-me a glória; Maior a alcançareis, aos feros Dânaos Remessai-me os solípedes ginetes.”

Com isto inflama e os corações esforça. Como açula o monteiro a cães de fila Contra leão ou javali sanhudo,

O atroz Marte Priâmeo contra os Graios Os Magnânicos Teucros açulava:

Ao conflito se arroja impetuoso, Qual sibilante furacão das nuvens Salta e encapela o ferrugíneo pego.

Que heróis de Heitor a cólera provaram,

Ao cingi-lo o Supremo da vitória? Osseu logo, Agelau, Autono,
Opites, Com Dolope de Clício, Oféltio, Esimno, Oros, e enfim o
acérrimo Hiponoo:

Passa ao depois às turmas. Quando em luta Zéfiro exasperado
açouta as nuvens,

Que vivo Noto imbrífero ajuntara, Ao multívago sopra incha a
mareta, Remoinha e salpica a espuma os ares: Tantas vidas à
plebe Heitor segava.

Fora total o exício e irreparável, A fugida mortífera, a Tidides

Se não clamasse Ulisses: “Que! Diomedes, Nosso brio
esquecemos? oh! que opróbrio, Se o belígero Heitor nos toma a
frota!

Põe-te ao meu lado, amigo.” — “Sim, responde, Eu te
sustentarei; mas pouco importa,

Que Jove aos Teucros o triunfo apresta.” Disse, e a lançada à
sestra mama expele

Do assento ao rei Timbreu; no entanto Ulisses Lhe mata o
pajem Molion deiforme.

Da batalha estes fora à chusma investem,

Como a lebréus dois javalis bravosos: O ímpeto e assalto novo
a desbarata,

E os de Heitor perseguidos já respiram. Num coche os nados brilham do adivinho Meropo de Percote; irmãos que o padre Vedou que entrassem na homicida guerra, E a quem surdos as Parcas atraíram:

Priva-os Diomedes ínclito lanceiro

Do alento e belo arnês, enquanto Ulisses Mata Hipódomo e Hipíroco e os despoja. Do Ida olhando o Satúrnio, iguala a pugna, E as mortes fervem. Lanceou Diomedes

Na coxa o herói Agástrofo Peônio: Doeu-lhe dos corcéis faltarlhe o efúgio;

Que o pajem longe os tinha, e ele pedestre Acre avançava, até que a vida perde.

Heitor o adverte, e às hostes brame e acorre; Diomedes mesmo enfia: “Ulisses, olha,

Um turbilhão nos volve Heitor furente;

Constância, amigo, o embate rechacemos.” Nisto, o pique despede, e não baldio,

Bate-lhe na cabeça; mas do bronze

Repulso o bronze, a cútis nem lhe esflora; Tríplice o tolhe o elmo, dom de Febo.

Desaparece Heitor, e a poucos passos Cai ajoelhado, à forte mão sustido;

Um tenebroso véu lhe enfusca os olhos: Pela Teucra vanguarda
ia Diomedes Seu pique recobrar no chão pregado,

Quando em si torna Heitor e ao carro pula, No tropel se
confunde e o transe evita.

E o Grego, em reste a lança: “Inda escapaste, Cão, do corte
letal salvou-te Apolo,

Que entre o fragor das armas sempre invocas. Hás-de, ajude-
me um deus, comigo haver-te; Outros por ti mo pagarão
agora.”

Ao Peônio deitava-se, eis que o tiro Arma o taful da
emadexada Helena, Atrás do cipo tumular do antigo

Ilo, Dardânio padre: o herói despia

Do hasteiro extinto Agástrofo a couraça Vária e o broquel e o
grave capacete;

O arco dispara, a vira não desmente, Que ao pé destro as
falanges atravessa

E enterra-se no chão. Rindo ufanoso Páris sai da emboscada:
“Estás ferido, Nem me falhou a seta: oh! se te houvera
Profundado as entranhas! De ti, monstro, Respiravam Troianos,
que te hão medo, Assim como a leão berrantes cabras.”

E Diomedes impávido: “Insolente, Só bom no corno e rufião de
moças,

Vem cara a cara, e o arco e pleno coldre Verás se te
aproveitam: vanglorias

De arranhares-me um pé? não me inquieta, Foi de fêmea ou
criança espinho leve; Mossa não faz o golpe de um cobarde.

Meu dardo, sim, é ruína do em que toca, É pranto e mágoa da
carpida esposa,

De filhos desamparo; em sangue a terra Avermelha e apodrece;
em torno ao morto Mais que a mulheres os abutres chama.”

Põe-se Ulisses diante; ele se encosta

No amigo e extrai a farpa: em todo o corpo Sofre agras dores;
monta, e angustiado Manda ao cocheiro que o transporte a
bordo.

Dos seus abandonado Ulisses resta; Suspira e fala com sua
alma grande: “Ai! que farei? Se à multidão por medo

Me esquivo, é mau; pior, se aqui me apanham, Pois Jove há
dispersado os outros Graios.

Mas que indago, minha alma? Eu sei que é torpe O combate
largar; deve um guerreiro

Com firmeza ou ferir ou ser ferido.” Enquanto em si discursa, as
Tróicas turmas Sobrevêm adargadas e o torneiam,

Dentro a peste acolhendo. Se em balbúrdia Flóreos moços e
cães javali caçam,

Da mata surge a fera, os alvos dentes Nas recurvas queixadas
amolando; Apesar do rangido e aspecto horrendo,

Férvida a chusma o ataca: assim, de Ulisses Divino em cerco, os
Troas o acometem.

Ei-lo de hasta, ao famoso Deiopite

O ombro fisga, a Toon e Enono estende, E a Cersidamas, ao
pular da sela,

Por debaixo do escudo o umbigo ofende; No pó tomba o infeliz,
de palma em terra.

Deixa-os, e agride o Hipásida Caropo, De Soco generoso irmão
germano; Soco deiforme a socorrê-lo avança, Perto brama:
“Doloso e infatigável,

Filhos ambos de Hipaso, ou tens a glória De mortos hoje nos
despir as armas,

Ou desta minha ao bote a vida exalas.” Esgrime, e a choupa a
lúcida rodela Fura e a mesma couraça artificiosa, Rasga-lhe as
carnes das costelas: Palas As vísceras preserva. O golpe Ulisses
Mortal não o sentiu; recua um pouco: “Ah! fraco, diz, soou-te a
hora extrema: De progredir no prélio me tolheste; Mas desta
lança o gume, hoje to afirmo, Dar-te-á morte escura e a mim
triunfo, Tua alma ao rei da lúgubre quadriga.” Soco retrocedia,
quando a ponta

Finca-se atrás na espádua e sai aos peitos; Rui com fracasso; o vencedor o insulta: “Soco Hipasíada egrégio cavaleiro,

Do fim letal, ah! vil, não te evadiste;

Pai nem piedosa mãe te cerra os olhos; De asas batendo-te, aves de rapina

Te-hão de cruas tragar: morto eu, de Aquivos Respeitosos terei funéreas honras.”

Aqui, da pele e do copado escudo O dardo extrai que lhe vibrara Soco:

Dor curte acerba e lhe borbota o sangue; Ao vê-lo, os Teucros a exortar-se acodem; Retrograda e alça a voz; o grito ouviu-lhe O belicoso Menelau três vezes,

E volto a Ajax: “Ó Telamônio excelso, Do Laércio me soa o aflito brado,

Como de quem labora em grande afronta: Rompamos pela turba a defendê-lo.

Temo que só, por tantos apertado,

Pereça o herói, com mágoa dos Aquivos.” Marcha, e após ele o divinal guerreiro; Acham de Jove o aluno entre os contrários. Já frechado, fugaz galhudo cervo

Ao caçador se esquiva, enquanto o sangue Tépido escorre e movem-se-lhe as pernas,

Té que o doma a ferida, e em monte umbroso

Crus ávidos chacais vão lacerá-lo; Nisto, um leão rebenta
formidável, Que derrama os chacais e a presa toma: Assim
bravo tropel cercava o astuto

Herói, que de hasta em punho o amargo dia Repulsa audaz;
mas rui o Telamônio

De pavês torreante, e foge a turba.

A Ulisses Menelau sustém nos braços,

E o coche entanto o pajem lhe aproxima. Remete Ajax ao
Priameio espúrio Dóriclo e o mata; a Pândaco vulnera, Mais a
Lisandro e Píraso e Pilarte.

Quando o imbrífero nume das montanhas Torrentes rola, a
cheia o campo inunda, Secos leva lariços e carvalhos,

E o lodo arroja ao mar: Ajax destarte Vai cavalos talhando e
cavaleiros.

Isto ignorava Heitor, à esquerda e às ribas Do Escamandro a
pugnar, onde as cabeças Bastas caindo, há grita imensa em
torno Do grande Pílio e Idomeneu mavórcio.

Lá, de hasta e carro, Heitor passeia ardido,

E hostes brilhantes façanhoso arrasa;

Mas brecha entre esses bravos não se abriça, Se o raptor da
pulcrícama não fere

Com trifarpada seta no ombro destro Ao belaz Macaon pastor
de povos.

Desanimam-se os Dânaos, receando, Inclinado o conflito, ali
perdê-lo;

E à pressa Idomeneu: “Monta, Nelides, Honra da Grécia; a
Macaon recolhe, Para a frota os unguíssonos dirige:

Por muitos vale um médico; ele os dardos Extrai, unge a ferida
e acalma as dores.” Sem demora Nestor sobe a seu carro,

E do exímio Esculápio o digno filho; Toca os ginetes, que de
grado arrancam, De voltar para as naus contentes voam. Do
coche Hectóreo, Cebrion dispersos Avista os seus e clama:

“Aqui num cabo De horrísona batalha combatemos,

E os mais Teucros, Heitor, baralha e espanca-os O Telamônio
Ajax, que reconheço

Pelo imenso pavês. Lá galopemos

Onde o estrondo é maior, onde a carnagem De équites e peões
é mais ferina.”

Ei-lo estala o chicote, e os crinipulcros, Sentindo o açoute, a
Gregos e a Troianos Corpos e escudos rápido calcavam:

Eixo e caixa de sangue afeiam gotas Que das patas e rodas se
espargiam. Heitor como arde por cortar na turba! Derrota,
esgrime, nem descansa o braço,

A gládio e lança e pedra assola e estraga; Porém do Telamônio
o encontro evita.

A Ajax do Olimpo Jove incutiu medo: De setêmplice tarja às
costas fica; Atento à chusma, atônito se aparta, Feroz volta-se,
e lento o passo alterna. Cães e campinos, em noturna vela,
Famélico leão do cerco expedem,

Vedando-lhe o cevar-se em pingues reses; Em vão remete, que,
de audazes pulsos Dardos voando e fachos, ruge iroso

Recua, e n'alva se retira mesto:

Assim, tristonho e invito, Ajax temendo

Pelas Aquivas naus, deixava os Teucros. Apesar dos meninos
que o fustigam, Dentro a seara tosa asno tardio;

Sem que fracas pauladas o inquietem,

Só deixa o pasto quando a fome extingue: Tal, dos golpes
zombava o Telamônio Dos valorosos Teucros e aliados;

Lembra-lhe o brio próprio, encara ou foge Contendo as hostes
de assaltarem juntas A Grega frota. Em meio ele só brame

Dos exércitos ambos; chovem tiros, Fincam-se no pavês, muitos
na areia, De embeber-se nas carnes desejosos. Eurípilo

Evemônio, ao vê-lo opresso, Corre com brava ardente lança ao cabo Apisaon Fausiade, por baixo

Do diafragma o fígado lhe vara

E afrouxa-lhe os joelhos. A appear-se Vai por despi-lo, e o arco atesa Páris; Na destra coxa, a Eurípilo vibrada, Quebra-se a frecha e cruas dores causa. Ele aos seus revertendo ilude os fados,

E forte vocifera: “Aqueus e amigos, Alto! afastai de Ajax o escuro dia; Duvido escape da tormenta horrísona, Mas socorrei de Telamon o filho.”

De escudo aos ombros e hasta em reste, os sócios Junto ao ferido apinham-se; a encontrá-los

De frente Ajax reverte; em mó carregam, Pelo tropel qual fogo iam lavrando.

Suadas ao levar Neleias éguas

A Macaon e o dono, o Velocípede Reconhece-os da popa, donde a lide E a fuga lagrimosa contemplava;

Grita ao Menécio, que parelho a Marte, Princípio do seu mal, da tenda assoma: “Que me queres, Aquiles, que me ordenas?” O amigo então: “Pátroclo da minh’alma, Intolerável peso oprime os Dânaos,

E ante mim os figuro suplicantes. Presto, a Nestor pergunta, ó
caro a Jove, Qual dos chefes transporta golpeado; Pelo talhe o
Asclepiade parece;

Rápida biga seu semblante encobre.”

Dócil o bom Menécio ao companheiro, Entre o campo corria e
as naus Aquivas. Nestor e Macaon já n’alma terra Apeiam-se, e
desjunge antigo pajem Eurímedon o carro; as vestes ambos

Na praia do suor ao vento enxugam: Vão-se à tenda, em
camilhas se recostam. Bebida apresta a nítida Hecamede,

Filha do grande Arsímoe, que o Gerênio Por exceder a todos
nos conselhos, Houve em Tênedos, presa do Pelides.

Põe de azulados pés à lisa mesa

Flor de sacra farinha em disco aêneo, Recente mel e um pico de
cebola; Põe copa linda, que trouxera o velho,

De cravos de ouro, e de ouro um par de pombos Em torno a
cada uma de asas quatro,

Com dois no fundo, ali se apascentavam: Movê-la outrem sem
custo não pudera, E cheia o velho facilmente a erguia.

A divinal donzela Prânio vinho Dentro mescla, e raspado em
êneo ralo

Queijo caprino e uns pós de branco trigo; E os conforta com isto e os dessedenta.

Já se recreiam conversando, e à porta A um nume igual apareceu Pátroclo: Em pé Nestor, condu-lo pela destra Ao resplêndido escano; mas o núncio Renui dizendo: “Ancião de Jove aluno,

Não me assento; é terrível quem me envia Para saber qual fosse o vulnerado;

Vejo que é Macaon, a Aquiles torno. Tão colérico humor tu bem conheces: Em seus furores o inocente culpa.”

“Ah! clama o velho, sente Aquiles hoje Dos vulnerados pena? O luto ignora

Do campo inteiro? A bordo os mais estrênuos À mão tente ou de longe estão feridos:

A pique o Atrida e Ulisses, mas frechados Na coxa Eurípilo e no pé Tidides;

Arco a farpa enviou contra este amigo. Forte em vão, sem piedade espera Aquiles Que hostil fogo, apesar do esforço nosso, Consuma as naus, e pereçamos todos?

“Oh! pubente fosse eu robusto e ágil, Qual dos Epeus e Pílios na discórdia Pelo armento roubado em represália,

Quando o Hipiróquio Itimoneu, que em Élis Habitava, abati! sob
o meu dardo,

Ao defender seus bois, caiu na frente; Bravia a tropa,
derrotada, aos nossos Tudo largou: de ovelhas greis cinqüenta,
Iguais vacuns manadas, e não menos Varas de porcos e de
cabras fatos;

De éguas baias o triplo e seus mamotes. Folgou Neleu de noite
à nossa entrada, Porque estreei novel com tais proezas.
Pregões chamaram n'alva a quem devia Elide gado, e os
príncipes a presa

Pelos muitos queixosos dividiram. Como Hércules, talando as
nossas terras, Os melhores matara, e eu só restasse Dos filhos
doze de Neleu valentes,

Da míngua nossa e dano os lorigados Ultrajantes Epeus
escarneciam:

Meu pai quatro frisões mandara aos jogos

Disputar uma trípode, e os reteve

O rei de Elide Augeias; triste o auriga Veio contá-lo. Então
Neleu, da afronta Picado, reservou com seus pastores Em
boiadas e greis trezentas reses, Justa porção distribuindo ao
povo; Mas ao terceiro dia, ao celebrarmos Pela cidade aos
numes sacrifícios,

Tropa eqüestre e pedestre eis nos assalta, E ambos os Moliões,
inda mocinhos, Pouco versados em Mavórcias lides.

A íngreme Trioessa à margem fica

Do Alfeu, na extrema da arenosa Pílos: Na ânsia de sovertê-la,
a sitiavam;

Mas de noite, a campina ao traspassarem, Desce a Pílos
Minerva, incita e ajunta Ávida gente a pelejar disposta.

Neleu me crê bisonho e o coche oculta;

E a pé mesmo, entre os nossos cavaleiros, Me assinalei, guiado
por Tritônia.

Deságua o Minieio e banha Arena, Onde a Aurora esperávamos
celeste

E afluíam peões. O dia em meio,

Ante o Alfeu todo o exército, ao Supremo Feitas gratas
ofrendas, imolamos

Um touro ao santo rio, outro a Netuno, Juvenca indômita à
cerúlea Palas,

E ceiamos em ranchos e dormimos

A borda armados sempre. Aquele assédio Vastadores Epeus
mais estreitavam; Porém com Márcio arrojo os prevenimos: Mal
assomava o Sol, a Jove e a Palas

A suplicar, travamos a batalha.

Eu por Múlio a encetei, genro de Augeias, Que a filha
primogênita esposara

Flava Agamede, a qual da terra inteira As salutares plantas
conhecia:

De um bote, ao me encarar, na areia o estiro; Salto-lhe ao
coche, e o troto antesignano.

Vendo os Epeus dos équites caído

O chefe mais belaz, sem ordem fogem. Qual furacão ruí de
lança em punho; Coches tomei cinqüenta, e a cada coche
Derribei dois varões que o pó morderam.

De Actor e Molion prostara os filhos, Se, envoltos em negrume,
o avô Netuno Amplo-dominador os não salvasse.

Deu-nos vitória o Céu: matando fomos E armas colhendo no
alastrado campo; À cereal Buprásio, à pétrea Olênia,

E Alésio até Colona, os perseguimos, Donde gente e corcéis
retirou Palas; E um lá inda imolei. De volta a Pilos,

A Jove entre imortais rendiam graças, Entre homens a Nestor.
Fui tal no esforço. “Mas para si guarda o valor Aquiles;

Há de pesar-lhe o exército perder-se. Quando, amigo, eu e
Ulisses pela Acaia Levantávamos tropas, no agasalho

Das casas de Peleu, de Aquiles junto Nós te encontramos e a
teu pai Menetes:

Num claustro o ancião Peleu bovinas coxas Ao tonante
queimava, de áurea taça

Roxo vinho entornado em rubras chamas; Vós preparáveis
suculentas carnes.

Alvorçado Aquiles, pela destra

Nos trouxe do vestibulo, e assentados Nos regalou com pródiga
hospedagem. Repleta a fome e a sede, a minha arenga O ardor
vos avivou. Peleu de acordo, Vimo-lo ao filho prescrever que
fosse Pugnaz, constante, superior a todos.

O Actórides Menetes, a Agamemnon

Ao te expedir, clamava aos olhos nossos:

— Meu filho, em geração te excede Aquiles, Sem par na
valentia; és mais idoso,

Mais prudente: amoesta-o, e será dócil. — Tu paternos preceitos
olvidaste;

Ora, adverte esse herói: quem sabe se hoje Um nume há de
ajudar-te a comovê-lo?

Fazem muito os conselhos da amizade.

E se um presságio o espanta, e à mãe augusta Jove algum
declarou, mande-te ao menos Dos Mirmidões à testa a
esperançar-nos.

Seu belo arnês te empreste; que, os Troianos Contendo a
semelhança, da fadiga

Os mavórcios Aqueus talvez respirem,

E um respiro aproveita. A frescas tropas,

No primo choque, os inimigos lassos Fácil é rechaçar das naus
e tendas.” Disse; ao longo da praia, comovido, Corre em busca
do Eácida Pátroclo.

À nau se aproximou do sábio Ulisses, Onde era a cúria e o
foro e as santas aras: Ia ali da frechada coxeando

O destemido Eurípilo Evemônio,

Em suor testa e espádua, negro o sangue A merejar, mas
inconcusso o peito.

Exclamou condoído o herói Menécio: “Ai! tristes nossos príncipes
e cabos,

Que assim, longe da pátria e amigos lares, Cães cevareis em
Tróia! inda os Aquivos, Dize, aluno de Jove, inda resistem,

Ou da lança de Heitor serão domados?” E ele: “Excelso
Pátroclo, é sem refúgio, Vão cair ante a frota os Gregos todos.

Quantos bravos havia estão feridos; Cresce a força Troiana e
cresce a fúria. Mas tu salva-me e leva ao meu navio; Tira-me a
seta, em banho morno a chaga,

Asperge os lenimentos que de Aquiles Aprendeste, e que afirmam lhe ensinara Quiron dentre os Centauros o mais justo: Pois dos médicos dois, se não me engano, Na tenda sua Macaon de auxílio

De mão hábil carece, e Podalírio

O atroz Marte sustém no campo Teucro.” “Herói, torna o Menécio, que nos cumpre? Que será? Com recado para Aquiles Vou do Gerênio, dos Argeus custódio; Mas deixar-te não quero ao desamparo.”

Ei-lo, ao colo o transporta e o põe na tenda, Onde em couro taurino o deita o pajem; Sacando-lhe a punhal a acerba farpa, O cruor tetro lava, e machucada Amargosa raiz à coxa aplica; Veda o sangue, a dor calma, o golpe seca.

L I V R O X I I

Enquanto cura a Eurípilo o Menécio, Renhia-se o conflito; nem já
fosso Nem já larga trincheira às naus valia. Feita sem
hecatombes tal defesa

Da frota e presa opima, em ódio aos numes, Longa dura não
teve. Irado Aquiles,

Vivo Heitor, inda assente a régia Tróia, Era em pé dos Aqueus o
ingente muro; Dos Frígios morta a flor, ao décimo ano
Destruída a cidade, e retirados

Os restantes Grajúgenas, as obras Tratou com Febo de assolar
Netuno.

O Careso, o Heptaporo, o Esepo, o Ródio, O Reso, o Grânico, o
divino Xanto,

O Símois, que revolto escudos e elmos E heróis muitos rolara,
quantos rios

Prorrompe do Ida ao mar, Apolo a todos As fozes convertendo,
nove dias

Juntos os remessou contra as muralhas; Jove a chover mais
presto as aluía;

De tridente Netuno os alicerces

De pedra e estacas de labor tamanho Para o pego empuxava,
até que ao longo Do rápido Helesponto aplanou tudo: Na areia
litoral submerso o muro,

No álveo entrou cada rio, como dantes Formoso a deslizar.
Netuno e Apolo Tinham de assim fazer: mas ígneo prélio Então
zurrava em torno dos reparos, Traves das torres a soar batidas.

Flagelados por Jove se metiam

Nas cavas naus os Dânaos, receosos Do artífice da fuga Heitor
violento,

Que inda era um furacão. Se os lumes sevos Leão vibra ou
javardo a cães e à turba, Amiudam-lhe em quadrado os
caçadores Tiros e tiros; bem que o mate o brio,

Não treme ou retrocede, gira e tenta, E por onde assalteia as
linhas cedem:

Assim desfecha Heitor, que anima os sócios A transcursar o
fosso. À borda hesitam

A nitrir os corcéis, que, largo e fundo,

Árduo era de saltar-se e intransitável: Com precipícios em redor,
por cima Hirtos estrepes, do inimigo empeços, Volúvel carro a
custo o passaria;

Mas passá-lo os pedestres almejavam. A Heitor avizinhou-se
Polidamas:

“Temerário, e vós Teucros e aliados, Impelirmos ao fosso os corredores! Vendo não estais o perigoso passo, Pontudos paus e por detrás o muro? A cavalo vencê-lo é-nos defeso,

E naquela estreitura o dano é certo.

Se nos ama o Tonante e quer perdê-los, Sem glória acabem já, da pátria longe; Porém, se em novo ataque nos repelem, Seremos nesse fosso despenhados,

Sem nos restar quem leve o anúncio a Tróia. Ouvi-me pois: à borda os pajens fiquem

Os ginetes contendo, e a pé densados Sigamos nós a Heitor; se é vinda aos Gregos A luz funesta, relutar não podem.”

Aceito o justo aviso, Heitor em armas

Logo se apeia, e o mesmo os outros fazem; Cada auriga os frisões retém mandado.

Formam-se em corpos cinco: ao de mais gente, Mais duro e ansioso de romper os valos, Heitor comanda e o celso

Polidamas,

E também Cebrion, que Heitor escolhe

E a outrem menos bravo o coche entrega; Ao segundo Alcatôo, Agenor, Páris;

Ao terceiro, os Priâneos sábio Heleno E divinal Deifobo, mais de Arisba Ásio Hirtácio, que em nítidos cavalos Das margens do Seleis ali viera;

Ao quarto, o egrégio Anquíseo, e os Antenórios Hábil Arquéloco e pugnaz Acamas;

Ao quinto enfim, de ilustres coligados Sarpédon, Glauco e Asteropeu mavórcio. Eis os fortes que Heitor mais tinha em preço Depois de si, fortíssimo de todos.

Num grupo, à sombra de bovinas tarjas, Dão sobre os Dânaos, que encerrados criam, Sem resistirem, nos escuros bojos.

A Polidamas Teucros e os mais chefes,

Menos o príncipe Ásio, obedeceram: Insensato! Os corcéis (ruim fado o empuxa) Não larga e às naus se envia; mas ovante Não voltará seu coche a Ílion soberba; Infensa o enreda a Parca e o vota à lança De Idomeneu Deucálida. À sinistra,

Por onde à frota os équites Aquivos Voltavam, trota, e abertas inda as portas Acha de par em par e destrancadas, Para Aqueus fugitivos recolherem.

Altivo o carro expede, e os seus dementes Seguem-no a gritos, crendo abordo os Gregos; Mas dois robustos Lápitás o empecem,

De Peritôo o filho Polipetes

O homicida Leonteu parelho a Marte: Quais em montes
carvalhos corpulentos, Que, a chuvas renitindo e a ventanias,
Têm-se às grossas raízes penetrantes; Eles, no braço e no valor
fiados,

Às portas o grande Ásio esperam quedos. Contra o muro a
fremir, de escudos no alto, Na trilha de Ásio vão, do filho
Acamas,

De Enomao e Toom, Jameno e Orestes: À exortação dos
Lápitacodas Grevados Gregos, mas do assalto a vista Fuga
e alarido gera. Os dois rompentes São feros javalis que, em
brenha ouvindo

Bulha de gente e cães, de esguelha investem, Quebram da
selva e desarreigam troncos,

E até que um dardo os mate os queixos rangem: Aos peitos
seus, daqui dali ferido,

Ronca o fulgente bronze; afoutos pugnam Em si, nas tropas que
das torres chovem, De naus e tendas em defesa, pedras.

Qual tufão, sacudindo opacas nuvens, Lança em flocos a neve
n'alma terra; Assim das mãos Aquivas e Troianas Manavam
tiros, os calhaus zuniam, Broquéis e elmos do choque
estrepitavam. Gemendo o Hirtácio rei, nas ancas bate,

A blasfemar: “Ó Júpiter, mentiste!

Não pensava que Dânaos todo o esforço Das nossas mãos
invictas sustentassem. Quando em áspera toca nidificam

Fuscas vespas e abelhas, nunca deixam, Porém tenazes em
favor do enxame Ferram-se aos crestadores: tais à entrada
Aqueles, bem que dois, só prisioneiros Hão-de render-se ou
mortos.” Surdo Jove No ânimo guarda para Heitor a glória.

Nas outras portas outras pugnas fervem; Mas narrar tudo,
como um deus, não posso. Em fogo rochas contra os muros
voam: Mestos é força que os Aqueus propugnem, Mestos estão
seus protetores numes.

Os Lápitas carregam. Polipetes, Atalhando-lhe o ardor, pela
viseira, Cujo metal não veda a cúspide érea De esmiolá-lo, a
Dâmaso lanceia;

Pilon de igual maneira e Ormeno caem. Furioso Leonteu,
Mavórcio ramo,

Filho de Antímaco, ao talim de um bote A Hipómaco traspassa;
o gládio puxa, Rábido pela turba, e ressupino

Deita por terra Antífate; uns sobre outros, Vai prostrando a
Menon, Jameno e Orestes.

Enquanto eles cadáveres desarmam, Polidamas e Heitor mor
cópia guiam

De ousados campeões, que anelam brecha Abrir no muro e incendiar a frota.

Indo o fosso a transpor, à borda hesitam; Porque à sestra águia altívola pairando, Nas unhas traz cruento e palpitante Vivo enorme dragão, não descuidoso

De morder contorcido o peito e o colo

Da ave roubaz, que em agra dor e aos guinchos O larga em terra, e d'aura ao sopro adeja.

Do Egíaco o portento, o maculado Réptil, assombra e assusta; e Polidamas Vira-se para Heitor: “Heitor, meu voto Costumas reprovar; mas é desdouro

De um cidadão, no campo ou na assembléia, Servir o teu poder contra a verdade.

Franco serei: do assalto às naus cessemos. Do ávido arrojo à esquerda a revocar-nos Águia altaneira vivo e ensangüentado Esse dragão deixou cair das unhas,

Sem levá-lo por cevo ao caro ninho:

Assim, bem que, envidando o extremo esforço, Portas e muros aos Gregos arrombemos,

Pelo mesmo caminho à retirada

Nos forçarão das naus os defensores, Com perda imensa. É como o interpretara Áugur perito, e o povo obedecera.”

Minaz Heitor: “Pungente és, Polidamas; Sabes tu que opinar
melhor podias:

Se falas sério, a mente o Céu turvou-te. Do Altitonante o aceno
e mando esqueces, E por aves guiar-me ali-espalmadas

Queres, das quais nem curo nem me importa, Voem da destra
para o sol e aurora,

Ou da sinistra para o ocaso e trevas.

Ouvir cumpre o senhor de homens e deuses: Combater pela
pátria, ótimo agouro!

Temes pugnar? Em torno à frota Argiva Outros acabarão, não
tu, covarde

Sem ímpeto e firmeza. Mas, se fora

Da ação te vejo, ou seduzindo a outrem, Ao gume desta lança a
vida expiras.” Disse, e acomete; voz em grita, o seguem.

Do Ida o Fulminador, por dar-lhe a glória, Tufão manda, que
em nuvens de poeira Afoga os vasos e amolenta os Gregos.

No esforço e no sinal firmes os Teucros, Toda a muralha
derrocar tentavam:

Os parapeitos e merlões demolem, De alavancas pilares
desmantelam,

Os principais das torres fundamentos, Brecha esperando abrir.
Mas não recuam Inda os Aqueus; de tarjas premunidos, Vão da

ameia frechando os que a subiam. De torre a torre os dois Ajax correndo,

Aos frouxos brando animam, duro increpam: “Amigos, do mais fraco ao mais valente Necessitamos na aflição que vedes;

Não cabe a todos ser no prélio exímios: Sem temor de alaridos, exortai-vos; Avante, a fuga é vil. Talvez o Olímpio Rechaçá-los nos faça até seus muros.” Isto excita e afervora. Em dia hiberno,

Quando aos homens despede o Fulgurante Bastas lanças de gelo, eis calam ventos,

Constante em flocos neva, dealbando Vértices, cumes, hortos, veigas, prados; Mesmo encanece o mar no porto e praia, Mas vaga assídua o branco véu desmancha Com que Júpiter cobre a natureza:

De parte a parte, assim granizam pedras; Burburinho e fragor no campo ecoam.

Mas não quebrara Heitor com seus Troianos Portas e barras, se o prudente Padre

O seu bravo Sarpédon aos Grajúgenas, Como um leão a touros, não lançasse. Ao peito ênea rodela, onde hábil fabro Dúcteis lâminas pulcras adaptara

De bois a denso espólio e de ouro as orlas, Brande hastas duas. Quando o rei dos bosques Faminto vaga em busca de carniça,

O guardado curral tenta animoso
Contra zagais alerta e bons
rafeiros, Nem sofre ser da empresa repellido,
Sem que roube carneiro ou dardo o fira:

É como o herói divino audaz empreende
Romper o muro e derribar trincheiras.

Eis de Hipóloco o filho assim perora: “Glauco, por que na Lícia o
primo assento, Carnes e pleno o copo e as honras temos De
numes, e do Xanto à riba herdades, Vasto ameno pomar,
vinhedo e lavras?

É para hoje ocuparmos a vanguarda

Na ardente luta, a fim que um Lício diga:

— Nossos reis não debalde ovelhas gordas
Ou doce vinho logram; pois valentes

À testa nossa gloriosos marcham. — Amigo, se esquivando ora
esta guerra, À velhice escapássemos e à morte,

Nem combatera eu mesmo, nem te instara
Pela fama a pugnar; mas dos mil transes
Letais ninguém se exime: eia, ganhemos
Ou demos a ganhar embora a palma.” Glauco não se escusou.
Da gente Lícia

À frente ao vê-los Menesteu Petides
A torre que defende ameaçando, Estremeceu:
procura alguém de roda

Que o auxilie, e os dois Ajax, no posto, Avista insaciáveis de
pelejas,

Com Teucro ao pé, da tenda há pouco vindo. Era em vão seu
bradar, que os céus troavam De escudos e comados capacetes
Ao choque e estrépido, ao rumor das portas Que batidas a um
tempo restrugiam;

Logo a Toon: “Vai, nobre arauto, parte, Chama, chama os Ajax,
e acudam ambos; Fero aqui tem de ser em breve o estrago; Os
Lícios cabos de furor provado

Em tanto encontro, sobre nós desfecham. Se márcia lida o
embarga, o Telamônio Venha ao menos com Teucro arciperito.”
O arauto ao longo da muralha corre:

“A vós, Ajax, dos Gregos lorigados Chefes de prol, Vos pede
ajuda o filho De Peteu o caro a Jove, ambos segui-me Um
momento sequer; em breve o estrago Tem lá de ser maior, por
onde assaltam Os Lícios cabos de furor provado.

Se márcia lida o embarga, o Telamônio Venha ao menos com
Teucro arciperito.” Ao de Oileu presto fala o companheiro:

“Ajax, tu e o robusto Licomedes Excitai com firmeza o ardor
Aquivo; Vou socorrê-lo, e cá serei de volta,

Removido o perigo.” Disse, e marcha Mais Teucro irmão paterno, e vai com ele Pandion que de Teucro os arcos leva.

Na torre já, do muro atrás se postam

No instante em que da Lícia os reis e os cabos A ameia em negro turbilhão trepavam:

Foi rijo o encontro, horrísono o tumulto. No ardido Epicles, de Sarpédon sócio, Estréia Ajax, lascando enorme cimo

De um dos merlões, que o jovem mais florente Hoje com duas mãos nem levantara;

Alça o braço o mais alto, e o canto o elmo De quatro cones fende e o crânio racha: Da torre Epicles de mergulho tomba,

E a vida os ossos deixa. Teucro o pulso, Onde o viu nu, frechou do Hipoloquides Que o muro ia subindo: ele, cessando, Saltou furtivo, aos olhos subtraiu-se

E às vaías dos Aqueus. Ausente Glauco,

Dói a Sarpédon, que não larga a pugna; Segue e ao Testórida Alacmaon vulnera, Despega a lança, e o triste cai de bruços; Toa êneo vário arnês. Nervudos punhos Deita aos merlões, e inteiro um traz consigo: O muro é descoberto, é feita a brecha.

Eis Teucro e Ajax. De frecha em torno aos peitos Alcança Teucro a lúcida correia

Do vasto escudo: ao filho ampara Jove; Que ante as popas
acabe não permite.

De um bote ao mesmo escudo Ajax repele-o: Susta-se um
pouco, mas não perde o fogo

O Lício herói, na glória esperançado; Vira-se e clama: “Ó sócios,
esquecei-vos Da honra e intrepidez? Posso eu valente

Rasgar sozinho a brecha e abrir a estrada? Vamos, das naus o
ataque a todos cumpre.” De pejo então os Lícios mais refervem
Rodeando o seu rei; dentro os Aquivos,

Na urgente pressa, as hostes corroboram: Nem pode o esforço
de uns ir mais avante, Nem o de outros vedar o acesso ao
muro.

Quando em campo comum seus marcos fixam, De medida nas
mãos, dois litigantes

O terreno disputam palmo a palmo:

Tal a ameia os separa. Aos peitos roncam Harto o pavês, a
tarja, a leve adarga: Feridos pela frente, expiram muitos;

Ai do que mostra as costas e as desnuda! Sevo bronze as
traspassa e ao próprio escudo. Torres e parapeito escorrem
sangue,

Sem que ou Dânao repeda ou Lício avance. Qual de honesta
mulher, para que aos filhos, Traga o duro salário, as conchas
libram

O peso e as lãs, iguala-se a peleja,

Até que Jove a Heitor conceda a glória

De entrar primeiro o muro. A voz tonante Ei-lo esforça: “Investi,
briosos Teucros, Muro em terra, e na frota a voraz chama.” Na
orelha a todos retiniu seu brado: Remetem logo, ao parapeito
sobem, Lança nas mãos. Heitor pontuda e grossa Pedra
arrancou da verga de uma porta, Que ora nem dois forçados
camponeses

Poderiam mover, sem carreá-la:

Por Jove aligeirada, ele a maneja,

Como simples tosão que em sua esquerda Mal o ovelheiro
sente; vai direito

Ao biforme portão de bastas pranchas, Que muniam por dentro
encruzilhadas Barras duas e enorme fechadura;

Por não falhar o tiro, o herói de perto, Alarga as pernas e nos
pés se estriba; Rechina o grave seixo; os gonzos parte; Batentes
e portais horrendo estralam;

Cedem barras, pranchões uns contra os outros Se despedaçam.
Pula Heitor, medonho

Como escuro bulcão; brande hastas duas, Fulgura em bronze,
os lumes lhe chamejam; No ímpeto um deus somente o
suspendera. A transpor a trincheira instiga os Troas: Quais a
ameia superam, quais transcendem As broncas portas. Em
tropel os Gregos

Às naus se acolhem, num ruído imenso.

L I V R O XIII

Jove, Heitor já na praia, deixa aos Teucros A angústia e o peso;
aos Traces cavaleiros Fúlgidos olhos volve, aos Hipomolgos
Glatófagos longevos, aos rompentes Mísios, Ábios justíssimos
dos homens; Nem pensou que imortal algum viesse Favorecer a
Gregos ou Troianos.

Em não cega atalaia, do alto cume

Da Samotrácia umbrosa, contemplando A guerra o Enosigeu,
todo o Ida avista, A Priâmea cidade e as naus atenta:

Ali do mar saíra, e dos vencidos Graios com dó, se inflama
contra Jove.

Desse alcantil baixando, o monte e a selva Sob seus pés
retremem; dá três passos,

E ao quarto Eges alcança, em cujos mares Tem fundo áureo
palácio indestrutível.

Entra, junge os erípedes fogosos

De crinas de ouro, de ouro o corpo arnesa, De ouro o chicote
apunha artificioso,

E monta ao coche, pelas ondas voa: Conhecendo a seu rei,
surdindo exultam Cetáceos mil; a vaga alegre amaina;

A rapidez é tal que, sem molhar-se

O eixo de bronze, à frota em breve chegam. Entre Imbro áspera
e Tênedos, Netuno

Em ampla equórea gruta os brutos larga, Para de ambrósio
pasto alimentá-los,

E em peias insolúveis e inquebráveis

Áureas os prende, a fim que esperem quedos Que do exército
Aqueu seu dono torne.

Como incêndio ou procela, em sanha e urrando A Heitor
seguem os Troas, na esperança

De em suas naus exterminar os Gregos. Mas o que abarca a
terra, do áqueo pegu Estes veio animar; o vulto a Calcas Toma
e a voz indefessa, e mais abrasa Os ardentes Ajax: “Ajax,
mantende

O Aquivo alento, longe o frio medo. Não temo alhures o inimigo
ousado,

Bem que o muro passasse; hão-de contê-lo Nossos heróis: de
cá receio a fúria

De Heitor, que marcha como horrível chama, E de filho de
Júpiter blasona.

Um deus vos dê firmeza, e ânimo aos outros Inspirai; que há de
ser das naus repulso,

Embora o excite o mesmo Onipotente.” Aqui toca-os Netuno
com seu cetro,

E os fortalece e alesta-lhes os membros, A mão lhes faz robusta
e o pé ligeiro;

E abalou como açor, que as asas bate E se despenha sobre
fraca pomba.

Ajax de Oileu persente e ao sócio fala: “Não é Calcas aquele, ó
Telamônio, Mas íncola do Olimpo que, do vate

Sob o semblante, propugnar nos manda: É por detrás diverso e
na pegada:

Fácil no andar se reconhece um nume. Por combates meu peito
mais palpita,

Pulsa-me o braço e o pé.” — Responde o amigo: “Ora
espontâneo a mão da lança ferra,

O ânimo cresce, à luta os pés me impelem Só por só com o
indômito Priâmeo.” Enquanto alegres da peleja tratam,

O deus que os acendera, anima a outros, Que extremos ante as
naus do afã respiram; Dor íntima os trabalha e os esmorece,

E ao ver que o muro escala a Teucra gente, Lágrimas das
pestanas lhes borbulham, Crêem o exício infalível. Mas Netuno
Concita as Graias hostes; vem primeiro Aos heróis Teucro e
Antíloco e Deipiro, Merion e Leuto, Peneleu e Toas,

E exclamou: “Que vergonha, ó flor dos jovens! Em vós eu punha a salvação da armada: Cessais de combater, e eis luz agora Nosso dia supremo. Oh! Céus, com pasmo Vejo incrível milagre, às naus chegarem Fugazes Troas como fracos cervos, Que errantes na floresta, são de pardos Chacais e lobos, cevo: à força Aquiva Dantes nem a arrostar se abalançavam; Hoje em face das naus feros pelejam!

Do soberano é culpa, é dos soldados Que, a despeito das ordens, recusando O assalto repelir, matar se deixam.

Mas, se obrou mal no insulto ao grande Aquiles, Toca-nos ao conflito nos furtarmos?

Sus, não persistem no erro as almas nobres: Bravos dos bravos, onde o brio vosso?

Desculpo o imbele que recua e afrouxa; Mas arde-me no peito essa moleza.

O pejo e a repreensão vos falem n’alma: Cumulais nosso dano; o risco aumenta; Ante as naus já corusca o herói Priâmeo; Barras quebrou, despedaçou trincheiras.” Assim Netuno. Aos dois Ajax rodeiam Falanges tais, que Marte as aplaudira,

E a belígera Palas. Gente egrégia

A Heitor e os seus espera, escudo a escudo, Lança a lança, elmo a elmo, rosto a rosto; Flamejam confundidas as cimeiras

E undantes crinas, tão cerrados eram; Vibram-se audazes
freixos, vai travar-se O acérrimo conflito. — Heitor o enceta,
Com densos batalhões acre rompendo. Se, túrgida por chuvas,
a torrente Arruinador penedo arranca e rola

De pedregoso vértice, ele aos tombos Com ímpeto incessante o
bosque atroa, Té que em planície estaca e desfalece:

Tal Heitor, que estender ao mar o estrago Ia e destruir tudo, à
vista acalma

De unidos batalhões; a dardo e espada Contêm-lhe os Dânaos
o furor pujante. Rebatido repeda, e horrendo grita: “Pugnazes
Lícios, Dárdanos, Troianos, Constância! não é longa a
resistência: De lança espero aos Gregos esse basto Quadrado
penetrar, se é que me inspira De Juno o altíssimo e potente
esposo.” Isto os robora. De rodela alçada,

O Priâmeo Deifobo ardido avança Hasta fulgente Merion
certeiro Vibra, e Deifobo receando o bote,

No táureo escudo o apara, e ao pé da choupa Rebenta o cabo;
aos seus reverte iroso

O Grego herói, por ter falhado o golpe

E quebrar-se o arremesso; em busca de outro, Que deixara na
tenda, além do campo,

Corre; e crescendo fica o estrondo e a guerra. Teucro o primeiro prostra bélico Ímbrio, Geração de Mentor em corcéis rico: Habitava em Pedeu, por mulher tendo Medesicasta, Priameia espúria;

Mas, à nova da Grega instruta armada, Íncrito em armas veio, e em casa o sogro O honrava como a filho: o Telamônio Júnior de pique sob a orelha o fere; Sacado o pique, tomba como um freixo Que, vistoso de longe em pino excelso, Ao corte aêneo abate as folhas tenras;

Na queda as armas soam. Teucro ansioso Quer despi-las, e Heitor um dardo esgrime, Que ele esquiva, e aos peitos vai de Anfímaco, Do Netúnio Cteato insigne prole,

De fresco vindo; ao baque o arnês murmura. O elmo a desenlaçar-lhe Heitor se apressa; De lança o impede Ajax, que não lhe ofende O corpo horrendo em bronze, mas do escudo Passa-lhe a copa e intrépido o repulsa.

Heitor cede os cadáveres: de Atenas

Os divos chefes Menesteu e Estíquio Vão carregando Anfímaco; impacientes Os fogosos Ajax de Ímbrio se apossam:

Qual dois leões, que à densa moita levam Alta do chão nos queixos uma cabra,

De cães de fila aos dentes arrancada, Sustêm-no os dois guerreiros e o despojam. Pela morte de Anfímaco irritado

O Oíliades o estronca, e em ar de bola Joga à turba a cabeça,
que rodando

Aos pés do mesmo Heitor cai na poeira. Defunto o neto no
hórrido conflito, Parte Netuno irado ao campo Grego,

A maquirar dos Teucros a ruína;

Encontra o hasteiro Idomeneu, que, entregue Aos médicos um
sócio, no jarrete

Pouco há ferido e em braços carregado, Vem da tenda saciar-
se na batalha;

O Enosigeu lhe fala, na figura

De Toas Andremônio, que imperava Toda a Pleurona e a celsa
Calidona,

Do povo Etólio como um deus honrado:

“Príncipe dos Cretenses, onde os feros E orgulhosa ameaça dos
Aquivos?”

O conselheiro Idomeneu responde:

“Toas, nenhum varão, julgo eu, tem culpa, Pois todos hoje
denodados fomos:

Não há terror, desânimo ou frouxeza; Capricho é do Supremo
que os Aquivos Longe da comum pátria inglórios morram. Toas
belaz, os túbios sempre exortas;

Ora prossigas, e um por um despertes.” Mas o que abala a terra: “Nem de Tróia Saia mais, sim de cães ludíbrico seja, Quem neste dia abandonar o prélio, Anda; bem que só dois, já já, tardamos: Presta dos fracos mesmo unida a força; Mas nós com fortes pelejar sabemos.” Torna à peleja o deus, e o rei na tenda

Se arma e hastis dois meneia: qual, vibrado

Pelo Satúrnio do fulgente Olimpo,

Lampeja o raio com que assusta os homens; Tal no peito ao marchar o arnês brilhava.

Sai-lhe Merion seu pajem, que ia à tenda

Buscar um pique, e Idomeneu lhe fala: “Veloz Merion Molides, caro amigo, Por que deixaste o prélio? Estás ferido

E afligi-te algum dardo, ou vens por núncio? Languir não quero aqui, pelejar quero.”

E o prudente Merion: “Se o hás, pedir-te, Príncipe dos de Creta eriarnesados,

Venho um pique: no escudo o meu quebrou-se Do cru Deifobo.”

— Idomeneu replica:

“Se hastas queres, não uma, acharás vinte Sacadas a vencidos: eu me gabo

De bater-me de perto; assim, da tenda Luzem-me nas paredes
piques, dardos, E copados broquéis, lorigas, elmos.” Então
Merion: “Despojos tenho muitos Na tenda e fusca nau, mas
ficam longe.

Também no marte e ação, que ilustra os homens, Sempre
adiante, não deslembro a honra:

Talvez o ignore algum, mas julgo o sabes.” “Sim, continua o
herói, sei quanto vales; Mas por que mo recordas? Por escolha,
Se estivéssemos ora de emboscada

(Onde o medo aparece, onde a coragem; Onde o poltrão se
encolhe, e gela e embaça, E titubam-lhe os pés e os dentes
fremem,

E pressago do mal dentro em seu peito Descompassado o
coração lateja;

Onde o forte nem treme nem descora, Arde pelo combate e
quedo o espera), Quem teu vigor tachara ou tua audácia?
Talvez serás ferido na refrega,

Na nuca e dorso não, mas na arca e ventre, E sempre entre os
primeiros. Basta, e cessem Estas jactâncias, que estranhar-nos
podem; Da minha tenda uma hasta rija toma.” Celeríssimo o
herói traz éreo pique,

E segue o rei por se bater bramindo. Contra os Efiros ou briosos
Flégias, Quando Marte homicida vem da Trácia Com seu filho o

Terror, válido e ousado, Que os mais firmes assusta, inexoráveis
A um dos partidos a vitória inclinam: Em bronze coruscante
assim procedem Os cabos dois, e Merion começa:

“Deucálide, à sinistra investir queres, Ou queres à direita, ou
pelo centro?

Geral contenda, creio avexa os Dânaos.” E Idomeneu: “No
centro há defensores, Os dois Ajax e o nosso archeiro

Teucro, inda a pé galhardo; e, bem que estrênuo Seja Heitor,
formidando e impetuoso,

Muito árduo lhe será vencer tais braços E as naus incendiar,
salvo se às popas Darde o mesmo Satúrnio ardente facho: Não
temas que se dobre o Telamônio

A mortal que de Ceres coma os frutos, A bronze violável e a
penedos:

Nem ao rompe esquadões sem-par Aquiles, Com quem se
mede, exceto na carreira.

Marchemos à sinistra, a ver em breve Se a glória será nossa ou
do inimigo.”

Disse e o márcio Merion põe-se a caminho, De ponto em branco
assoma; o rei seu fogo Na turba acende, e junto às naus se
travam. Se em dia seco sibilantes ventos

Sublevam temporal, pulvérea nuvem

Levanta-se em remoinhos das estradas: Assim mescla-se a lide;
anseiam mútuos Enterrar no contrário ou dardo ou seta.

Mortais farpas zunindo as carnes rasgam;

Deslumbra e olhos comprime o fulgor d'elmos, De encontrados
broquéis, de corsoletes

Recém-polidos: fora despiedoso

Quem não se entristecesse e ali folgasse. Os de Saturno
poderosos filhos Discordes aos varões dor grave urdiam:

Júpiter, que o triunfo a Heitor prepara, Não quer o Graio exício,
quer de Tétis Honrar a prole, o glorioso Aquiles; Magoado, a
furto o rei da salsa espuma Surge a bem dos Grajúgenas
vencidos, E ira veemente contra o irmão concebe.

São ambos de um só sangue, mas primeiro Foi Júpiter nascido
e há mais ciência:

Às claras pois Netuno os não socorre, Mas sob alheia forma os
esporeia.

Os dois corda insolúvel e infrangível Da atroz pendência pelos
cabos tiram,

Que os joelhos enlaça e a muitos prostra. Grisalho embora,
inflama os companheiros Idomeneu, que aterra e dá nos
Teucros.

De Cabeso Otrioneu, da guerra à fama, De fresco vindo, a
Príamo pedia,

Sem dotá-la, a belíssima Cassandra, Prometendo expulsar de
Tróia os Gregos: Sob a fé régia, a combater valente Arrogante
marchava, quando a lança

Reluz de Idomeneu, que ao ventre o encrava Pela aênea loriga;
ele baqueia,

E o Cresso ali blasona: “Se a palavra Ao de Dardânia, Otrioneu,
cumpires, Dos mortais rei te aclamo: a filha sua Te afiançou;
nós chamaremos de Argos

Ao teu dispor do Atrida a mais formosa, A expugnares conosco
Ílion soberba.

Vem às naus assentar nos desposórios: Sogros também iliberais
não somos.” Pela perna ei-lo o puxa; ultriz lhe ocorre Ásio a pé,
cujo tiro em mãos do auriga Segue atrás respirando: ávido
busca

Ferir a Idomeneu, que sob o mento Lesto lhe embebe na
garganta a choupa: Qual, para náutico uso, cai no monte, Por
secure de artífice amolada,

Robre duro, alto pinho ou branco choupo; Tal jaz ante seu
coche, e estruge os dentes, E de punhos agarra o pó sanguíneo.

O auriga de terror nem retrocede Para escapar: o infatigável
pique

De Antíloco lhe passa e a coira e o ventre: Ele em lascas do
assento precioso

Tomba e expira, e o magnânimo Nestório Toca os ginetes para
as Gregas filas.

De Asio em vingança a Idomeneu Deifobo Dorido esgrime:
Idomeneu previsto

Sob a rodela táurea e de êneas orlas,

De aptos manúbrios dois, se agacha todo; A hasta por cima
voa, e roça o escudo Que árido ronca; não frustrâneo o bote
Pesado, por debaixo do diafragma

Do Hipáside Hipsenor de povos cabo, Talha o fígado, os órgãos
lhe descose.

Troa Deifobo sobremodo ovante:

“Asio inulto não morre: às portas mesmas Do atro Plutão
regozijar-se deve,

Pois lhe dei companheiro da jornada.” A Antíloco mormente o
gabo aflige;

Que, inda assim, do consócio não se olvida, Mas acorrendo sob
o escudo o ampara,

Té que em pranto Alastor e o de Équio filho Mecisteu morto o
amigo às naus carregam. Sempre agro Idomeneu, cobrir deseja

De tenebrosa noite algum Troiano,

Ou de chofre acabar salvando os Gregos. Vai-se a Alcatôo, de
Esietes prole,

De Jove aluno, herói que na ampla Tróia Para Hipodame
Anquises escolhera, Primogênita sua e mui prezada,

Prazer da augusta mãe, exemplo em casa De préstimo e
prudência e formosura: Tendo-o Netuno a Idomeneu votado,

Lumes lhe ofusca, as plantas lhe ata e impede, Que nem fugir
nem declinar pudesse;

Qual coluna ou folhuda árvore esbelta

Recebe o golpe, que éreo arnês lhe frange, Do gentil corpo seu
defesa outrora;

Muge a couraça, estrepitoso tomba; No coração tremente é
fixa a lança, E o palpitar extremo o conto vibra,

Té que o desarma o truculento Marte. Sem termo altivo,
Idomeneu troveja: “Pouco há por um, Deifobo, te jactavas; Por
três, cuidado, me cabe o gloriar-me.

Chega-te perto, provarás, demônio, Como é de Jove a estirpe:
o deus a Minos Gerou de Creta abrigo; este, ao famoso
Deucalion; Deucalion gerou-me,

E à larga impero nos Minônios reinos. Vim por teu mal, de
Príamo e seu povo.” Cala, e Deifobo ansioso cogitava

Se vá pedir auxílio a heróis Troianos, Ou se acometa só; creu
mais cordato A Eneas ir, postado na ala extrema, Desgostoso
do rei, que o não tratava

Conforme a seu valor: “Príncipe Eneas, Se te move o cadáver
de um cunhado,

Que te criou menino, a defendê-lo

Vamos; do hasteiro Idomeneu foi morto.” Comoto e em brasa,
a Idomeneu procura, Que não como criança a fuga toma;

É montês javali, que em ermo sítio

Audaz aguarda a gente e ouriça as cerdas, E contra cães e
caçadores pronto,

Os colmilhos aguça, em fogo os olhos. Firme o real Cretense o
ataque espera

Do Anquíseo impetuoso, e olhando em roda, Chama Ascálafo,
Antíloco, Deipiro,

Afareu, Merion, raios da guerra,

E presto brada: “Amigos, socorrei-me; Temo o expedito herói na
flor dos anos, De extrema robustez, belaz, cruento.

Fosse eu, qual sou no brio, igual na idade, Que um de nós
ganharia ingente glória.” Todos então num ânimo o rodeiam,

De escudo no ombro. Os seus concita Eneas, Fitando a Páris,
Agenor, Deifobo,

Chefes também; atrás marchava a tropa, Qual anda após o
ariete o rebanho,

Do pastor com prazer, do prado à fonte: Ao séquito brilhante o
herói jubila.

Ruem por Alcatão e enrestam lanças; Áspero o arnês ressoa
aos fortes peitos, Buscando-se entre as alas: mais se estremam
Os dois rivais de Marte, o Cresso e Eneias, No afogo de
embeber um no outro o bronze. Primeiro a Idomeneu dardeja o
Anquíseo:

O rei furta-se e balda o enorme golpe; Tremula a cúspide érea,
o chão profunda. Salvo ele, de Enomau nos intestinos

Metete pelo vazio a letal farpa;

No pó resvala o triste e o solo aferra: Idomeneu tirou-lhe o
pique longo,

Não a armadura; os remessões lhe chovem. Já frouxo, ir pelo
seu nem mais podendo, Nem lestes evadir-se a qualquer outro,
Fixo e tenaz peleja e a morte arreda,

Lento recua. Ao tardo herói Deifobo Rancoroso desfecha hasta
fulmínea, Que se esgarra, e em Ascálafo, renovo Do Eniálio,
pelo úmero penetra;

Ele de palmas deu consigo em terra.

Do filho a queda ignora o deus violento; Pois lá no Olimpo,
numa nuvem de ouro, Jove o retinha, e aos imortais vedava
Participar do acérrimo conflito.

Por Ascálafo o prélio se encrucece. O lúcido elmo rouba-lhe
Deifobo:

Pula o márcio Merion, no punho o espeta; Pontudo esse elmo
escapa-lhe estrondando; Qual abutre Merion de novo pula,
Saca e recobra o dardo e aos seus reverte. Da horrísona
tormenta o irmão Polites Em braços leva aonde o coche belo
Atrás o pajem tem; gemente à casa Transportam-no, e do
punho escorre o sangue. A ação prossegue, em tétrica alarida.

De Afareu Caletóride arrostante Lanceia a gola Eneias: ele
inclina

Da outra parte a cabeça, o escudo e o casco; Cerca-o morte
voraz, Toon dá costas;

Ao percebê-lo, Antíloco lhe fende Veia que a nuca pelo dorso
corre;

Toon supino aos Teucros tende as palmas: O Nestório,
esguardando-se, o desarma, Bem que a tropa lhe bata o vário
escudo; Mas não lhe ofende a carne éreo chuva, Que o salva
o Enosigeu de irosos tiros.

Nem larga o posto; inquieto brande a lança, Ou de longe ou de perto a ferir prestes.

Adamas, filho de Asio, que o presente, Prega-lhe a sua no broquel em cheio;

O mesmo azul Netuno o golpe esfria; Qual se fosse combusta, a frágil haste Meia fica pregada e meia em terra.

Aos seus vai-se acolher: veloz, de encontro, Fisga-o Merion por entre o umbigo e o púbis, Ferida a mais fatal que inflige Marte;

Segue do bote o impulso, a contorcer-se Bem como o boi laçado que os vaqueiros Trazem do monte à força; estrebuchando Breve palpita, que do corpo o Dânao

Saca-lhe a ponta, em sono o imerge eterno. Com seu Trácio espadão talha a Deipiro Heleno a fonte, e roto o casco rola

Aos pés dos Gregos, um dos quais o apanha; Nos olhos se lhe espalha escura noite.

Magoado assalta Menelau valente

O heróico Heleno, que seu arco atesa;

Um de lança, um de seta, ambos remetem. Aos peitos voa a seta, e é repulsada

Pela couraça: qual na eira ervanços

E negras favas, que estridentes sopros Ao ventejar atiram pelos ares,

A acerba frecha da armadura salta.

O bravo Atrida à mão que o arco tinha Sacode a lança, e a
lança a mão lhe crava

No arco brunido: à sombra dos seus Teucros Volta, e na mão
pendente arrasta o freixo; Que Agenor bom despega, e a chaga
envolve Na atadura de lã que havia o pajem.

Direito ao vencedor marcha Pisandro; Funesta sorte o leva a ser
domado Por ti, sublime rei. Já cara a cara,

Do Atrida a lança aberra; a de Pisandro Se lhe fixa ao broquel,
e estrala a ponta Nas lâminas de bronze. O Teucro ovante

N'alma se rega; mas de espada o Grego Claviargêntea
acomete; sob o escudo

O outro secure primorosa toma De oliagíneo cabo e terso e
longo:

Mais se encarniçam. No cocar eqüino Bate a secure; corta a
espada a fronte Sobre o nariz e os ossos lhe espedaça:

Em sangue aos pés derramam-se-lhe os olhos, Cumbo cai;
Menelau lhe calca os peitos, Despe as armas ao morto, a
gloriar-se:

“Sereis assim repulsos com pujança, Sequiosos fedifragos
Troianos.

Não basta, cães, o agravo e a nódoa minha; Do hospitaleiro
Jove altitonante,

Que Tróia há-de assolar-vos, sem receio, Por mim não
provocados, me roubastes Riquezas e a mulher que esposei
virgem, Por quem, traidores, acolhidos fostes!

Não contentes, às naus quereis pôr fogo. Matar Gregos heróis!
Pois incitados

Inda havemos no marte escarmentar-vos. Tudo isto vem de ti,
que em siso, dizem,

Vences, padre supremo, homens e deuses; Pois ora galardoadas a
aleivosos

Troianos, que só folgam de injustiças, De prélios e ímpia guerra
insaciáveis. Do sono todos e do amor se fartam, Como de
airosa dança e canto ameno, Mais suaves prazeres que as
batalhas: Eles nunca de estragos se aborrecem.”

Nisto, o cruento espólio entrega aos sócios, Entre os chefes
primeiros se mistura.

Sai-lhe o filho do régio Pilemenes Harpelion, que o pai seguira a
Tróia,

E à pátria não tornou: do Atrida o escudo Fere de hasta, que
amolga em êneas chapas, Vai recolher-se, em torno olhando
cauto; Merion de frecha a nádega direita

Lhe alcança, e a frecha por debaixo do osso Lhe atravessa a
bexiga: em mãos dos sócios A alma exalando, pelo pó se torce
Como um verme, e atro sangue a terra banha. Curam dele os
briosos Paflagônios,
Levam-no em carro a Ílio; o pai com estes

Ia chorando o filho não vingado. Furente Páris, que hospedava
o morto E a muitos Paflagônios, seta expede
Ao Coríntio Euquenor possante e forte, Que embarcou já ciente
do seu fado: Políido pai lhe disse, vate egrégio,
Que de mal grave em casa morreria, Ou junto à Graia frota a
mãos Troianas. Veio, por evitar castigo e opróbrio,
Do tetro morbo a dor; mas sob a orelha Dá-lhe a seta no
queixo, os laxos membros Desata, e o cerca de hórrida caligem.
Em fogo arde o conflito; e Heitor ignora Que à sestra os seus
perecem, que a vitória Os Dânaos vão ganhar: tanto os abrasa,
Tanto os protege o Enosigeu Netuno.
Persiste às portas, que assaltou por entre Eriadargadas hostes,
e onde em seco Protesilau e Ajax as popas tinham;
Lá se abaixava o muro, e mais renhido Peões e cavaleiros
combatiam:
Jônios de longas túnicas, Beócios,

Lócrios, Ftios, Epeus, das naus propugnam; Mas rebater o flâmeo Heitor não podem.

Na ala primeira Menesteu Petides

A flor de Atenas rege; a outros Fidas E Estíquio e Bias forte; os Epeus claros

Manda o Filides Meges, e Ânfió e Drácio; Medon e o pé-veloz Meneptolemo,

Os Ftios: é Medon bastardo filho

De Oileu e irmão de Ajax, e o da madrasta Eriópide havendo assassinado,

Longe da pátria em Fílace habitava; Do Filácide Ificlo o outro é prole.

À frente ambos dos Ftios belicosos, As naus entre os Beócios defendiam.

Os dois Ajax um do outro não se apartam; Qual negros bois que, a tosco jugo atados, Água a brotarem da raiz dos cornos, Iguais em ânimo, a charrua tiram,

E por duro maninho o sulco rasgam. Seguia ao Telamônio ardida gente,

Que lhe agüenta o pavês, quando o cansaço E harto suor afraca-lhe os joelhos.

O Oiliades não tinha alguma escolta, Que a pé seus Lócrios
aturavam pouco: Sem cascos éreos de cimeira eqüina, Broquéis
redondos nem fraxíneas lanças, De arco e lanosa bem tecida
funda Arrojam-se a vir, e a crebros tiros

As Troianas falanges derrotavam. Enquanto à frente opõem-se
os lorigados Aos do Priâmeo herói, detrás os Lócrios,
Inesperadamente a granizarem

Bastas pedras e setas, os conturbam. A Ílio ventosa, com
matança enorme, Fora a Troiana força rechaçada,

Se Polidamas não clamasse: “Avisos Contigo, Heitor, não valem.
Porque Jove Te fez guerreiro, os outros no conselho Cuidas
vencer? Nem tudo abraçar podes. Ele a uns doa bélicas
virtudes,

A tais a dança, a tais a lira e o canto: No peito põe de alguns
útil prudência,

Que as cidades mais guarda e os homens rege, E quem dela é
dotado o reconhece.

Franco te falarei. Flagrante guerra

Te coroa em redor; e os nobres Teucros, Depois do ataque, ou
têm-se à parte em armas, Ou poucos sendo, o número os
dispersa.

Retrocedendo, os próceres convoca: Deliberemos se investir nos
cumpre (O céu nos dê vitória) ou retirar-nos

Em seguro. Que os Dânaos se desforrem

De ontem receio: a bordo é sempre o homem Sequioso de batalhas, e eu duvido

Que ele de pelejar de todo cesse.”

Disto agradou-se Heitor, que armado apeia E acode com resposta: “Aqui retenhas

Os mais galhardos. Vou-me à esquerda, e volto Mal a pugna restaure e as ordens passe.”

Logo, a brilhar como nevoso monte,

Voa aos Teucros bradando e aos federados. À sua voz, a vir se apressam todos

Ao Pantóides virtuoso conselheiro. Heitor pela vanguarda Heleno busca,

Deifobo, Ásio de Hirtácio e o filho Adamas; A nenhum acha ileso: extintos parte

Em Gregas mãos jaziam; parte em Ílio, Ou de longe ou de perto vulnerados.

Da lagrimosa lide à extrema esquerda, Encontra o sedutor da pulcra Argiva, A animar, a incitar, e assim o exprobra:

“Mulherengo falaz, velo e funesto,

Que é de Heleno e Deifobo, Adamas e Ásio? De Otrioneu dá-nos conta. Ah! do fastígio

Tróia desaba, e incólume respiras.” “Irmão, replicou Páris,
mesmo insonte Me culpas sempre. Subtraído às vezes Me tenho
à guerra, sim; mas não cobarde Gerou-me nossa mãe; depois
que à frota

Nos mandaste, incessante arrosto os Gregos. Os que apontas
morreram; dois somente, Deifobo e Heleno rei, na mão feridos

Por hastas longas, os livrou Satúrnio. Guia-me aonde esse
ânimo te pede: Prontos estamos; contentar-te espero

Do meu próprio denodo: além das forças, Bem que abunde o
querer, ninguém peleja.” Destarte o abranda; e à rija pugna
marcham

Onde Cebrion e o celso Polidamas, Orteu, Falces e o divo
Polifetes, Resistem, mais os três Hipotiônios

Pálmis e Ascânio e Mórís, que da Ascânia Glebosa eram de
véspera chegados,

Por Júpiter às armas compelidos.

Qual, trovejando o céu, tufão no campo Rui e o pego flutísono
encapela,

Fervendo uma após outra a espuma e a vaga; Tais a seus
cabos, em compactas filas,

Os Teucros vão seguindo erifulgentes. Heitor à testa, a Marte
cru parelho,

De peles tem rodela e de êneas chapas, Elmo emplumado às fontes coruscante; Sonda as hostes em roda, e sob escudo Avança e crê turbá-las. Mas não curva O ânimo dos Aqueus, e a passos largos Ajax é que o provoca: “Vem, demônio, Vem de mais perto: amedrontar-nos cuidas! Imbeles não, mas nos castiga Jove.

As naus arrasar pensas; por estorvos Nossos braços terás: primeiro, saibas,

Extirparemos a orgulhosa Tróia;

Nem longe está que ao Padre e aos numes rogues Asas de gavião, com que os ginetes,

Entre nuvens de pó dispersa a coma,

Levem-te em fuga a Ílio.” — Entanto, uma águia Altiva à destra voa; a Graia gente

O fausto agouro jubilosa aplaude.

Retorque Heitor: “Bazófilo, devaneias? Do Egífero e de Juno veneranda

Assim fosse eu nascido, e igual nas honras Sempre a Tritônia e Apolo, como é certo Que este dia aos Aqueus será funesto.

Rasgar-te-ei também, se me arrostares, O mole corpo; de redenho e carne

A cães e abutres cevarás em Tróia.”

Disse, e a bramar o segue a flor dos sócios, E atrás em grita o
exército o aclama.

Lembra aos Dânaos seu brio, e guerra soam

Do horrendo assalto à espera. De uns e de outros Fere o clamor
de Jove a etérea casa.

L I V R O X I V

Entre o beber sentiu Nestor o estrondo: “Que será, grita, ó
nobre Esculapides? Perto a voz cresce de alentados jovens. Liba
tu roxo vinho, enquanto aquece

A de louras madeixas Hecamede

Banho em que lave da ferida os grumos: Vou da atalaia
examinar o caso.”

Nisto, o insigne broquel de Trasimedes, Que o paterno enfiara,
ombreia, toma Rija eriaguda lança; vê de fora

Triste espetáculo: em destroço o Grego, Atrás ufano o Teucro, e
rota a brecha.

Tácito quando o pélogo purpúreo Percebe o temporal, se
embrusca imóvel, E aguarda o vento que de Jove desça;

Tal, indeciso o velho, agita n'alma

Se ao conflito se deite, ou busque o Atrida. Mas o segundo
arbítrio enfim prefere.

Mútuo se encrua o ataque, e a brônzea malha De hastas e
gládios percutida soa.

Desembarcando, com Nestor se encontram Os vulnerados reis
de Jove alunos,

Ulisses e Diomedes e Agamemnon. Longe da liça, as naus em seco tinham N'alva areia; no plaino outras havia, E ante as popas o muro edificado:

A larga praia a todas não bastava, E apertaria as tropas. Numa escala

Montavam pois, do golfo enchendo a fauce Que abrangem vasta os promontórios ambos. Juntos os reis, para o combate olharem, Tristes vêm vindo às lanças arrimados.

A presença aterrou-os do Nelides,

E aflito o rei dos reis: “Da Grécia adorno, Por que o prélio carnívoro deixaste?

Receio o fero Heitor, que em parlamento Jurou não recolher-se, antes que a frota Queime e nos extermine. Essa ameaça

Ora, oh! Céus, vai cumprir-se; e, como Aquiles, Enraivecido[s] os grevados Gregos

A defender-me as popas se recusam.” Responde-lhe o Gerênio: “É mais que certo,

Nem o feito mudar poderá Jove: O muro, que fiávamos da frota Fosse reparo e nosso, está caído;

O incessante conflito às naus se estende; Nem saberás onde ele é menos acre, Pois destroço geral perturba os Dânaos; No éter freme o alarido, e a morte reina.

Se inda há remédio, agora o consultemos. Combater não vos
cumpre assim feridos.” Mas o rei: “Já que as popas nos
debelam, Sem valer fosso e muro, em que infalível Ter criamos
refúgio, e construídos

Com tanto custo, é que ao Supremo agrada Que em terra
estranha inglórios feneçamos. Nunca o pensei, quando
ajudados fomos: Exalta hoje os Troianos como a deuses;

Os ânimos nos liga e as mãos nos tolhe. Eia, escutai-me: as
naus do mar vizinhas Ponham-se em nado e em âncoras, à
espera Da calada erma noite; eles da pugna

Se absterão por ventura, e poderemos Deitar n’água as demais.
Da noite à sombra

Menor culpa é fugir que ser cativo.”

O fecundo em recursos torvo o encara: “Desses dentes, Atrida,
que proferes?

A vis antes mandasses, nunca a homens A quem, dos verdes
anos à velhice,

Deu Jove árduas facções levar ao cabo, Até que morte
honrada consigamos!

Como! A soberba Tróia abandonares, Que tanta pena e afã nos
tem custado! Cala, não te ouçam feio e insano voto,

Indigno de um cetrado, a quem de Argivos Tal e tamanho exército obedece.

Condeno o parecer de ao mar deitarmos No fervor da contenda as naus remeiras: Isso era incitamento aos vencedores, E a nós ruína; que, à manobra voltos, Os Dânaos da batalha afrouxariam.

Rei dos reis, teu projeto é pernicioso.”

E Agamemnon: “Tocou-me, ó sábio Ulisses, A tua increpação; nem mando à força

As naus desencalhar: de velho ou moço, Que ora opine melhor, o árbitro aceito.”

Logo Diomedes: “Junto a vós o tendes, Longe não vades, se quereis conselho; Nem vos indigne que eu mais moço fale: De Tideu prole sou, de estirpe ilustre, Que em Tebas jaz sepulto. Claros filhos, Que habitavam Pleurona e Calidona, Teve Porteu, chamados Ágrio e Melas

E Eneu, pai de meu pai, terceiro em anos E o primeiro em valor: viveu na pátria Meu avô; mas, depois de erros tantos,

(Foi permissão do Céu) de Adrasto em Argos Meu pai tendo esposado uma das filhas, Herdou casa opulenta, grossas lavras

De alamedas em torno, e muito gado; E excedia na lança os Dânaos todos.

Que é verdade o sabeis; que não provenho De imbele geração
nem baixa origem:

Não desprezeis portanto o meu conselho, Urge a necessidade;
à liça, amigos, Mesmo feridos: fora sim dos tiros,

Para evitarmos golpe sobre golpe, Com palavra e presença os
despeitados

E os remissos ao prélio excitaremos.” Marcham de acordo os
reis, o Atrida à frente. Nem cego os espreitava o grã Netuno,

Que, em figura de velho, de Agamemnon Pega a destra a
exclamar: “À vista agora Do Aquivo estrago e susto, o cru
Pelides, Sem de senso haver sombra, está folgando:

Pois morra, e de vergonha um deus o cubra! Nem todo o Céu te
odeia; os chefes Teucros Pelo campo, das naus para a cidade,

Verás de novo em pulverosa fuga.” Disse, e a correr soltou
Netuno um grito:

Qual de nove ou dez mil que o marte encetam, Ressoa a voz,
nos corações metendo

Força e vivo desejo de combates. Do vértice do Olimpo, mui
gozosa,

Acérrimo o cunhado e irmão pugnando A auritrônia descobre, e
no Ida sumo Multimanante a Júpiter sentado, Consorte
aborrecido; como o engane

A olhitáurea cogita augusta Juno: Ótimo pareceu-lhe ir ter com ele

Guapa e ornada e ao concúbito inflamá-lo, E um dormente sossego doce e meigo

Nos sentidos e pálpebras verter-lhe. À câmara se foi, do seu Vulcano Obra, a que ele ajeitou secreta chave,

Que nenhum deus a abrisse; fecha entrando Os fúlgidos batentes: com ambrosia Purifica primeiro o corpo amável,

Unge-o de óleo suavíssimo e sagrado, Cuja fragrância, no Dial palácio Esparsa, o pólo banha e a terra o sente; Perfumada, penteia e anela a coma, Que da imortal cabeça em flocos brilha; Dedáleo odoro peplo airosa veste,

Bordado por Minerva, e ao peito o enlaça Áurea presilha; um cinto em franjas belo Ajusta; nas orelhas bem furadas Pingentes mete insignes, de três gemas De água ofuscantes; enrola à testa régia Faixa nova e louçã, como o Sol clara;

Ata aos pés luzidíssimas sandálias. Do camarim saiu toda enfeitada,

E a parte a Vênus chama: “Escuta, filha: Negar-me-ás um favor, porque te enfada

Ser eu contrária a Tróia e a pró dos Gregos?” Respondeu-lha a enteada: “Augusta prole Do Grã Saturno, dize o que tens n’alma;

Que a minha é prestes a cumprir teu mando, Se for possível.” —
E a matreira Juno:

“Concede-me os desejos com que domas Humanos e imortais:
aos fins do globo Visitar o Oceano pai dos deuses

E a Tétis madre vou, que em seus palácios, Tomada a Reia, me criaram, quando

Exul à terra e ao mar in semeável A Saturno arrojou previsto
Jove:

Congraça-los pretendo; há largo tempo Do amor se abstêm, de cólera assaltados. Se os reduzo no leito a se afagarem,

Ser-lhes-ei cara sempre e veneranda.” E dos risos a mãe: “Nem recusar-to

Posso nem devo, a ti que em braços dormes Do nume soberano.” Eis da petrina Desprende o vário pespontado cesto,

Onde havia em desenho os amorosos Deleites, os colóquios, as blandícias,

Que abrem na mente ao sábio oculta brecha;

E ao lho emprestar: “Esconde-o, ele os mistérios Do amor encerra todos; não presumo

Que sem lograr o intento aqui retornes.” A olhitáurea sorriu,
sorrindo o guarda No alvo seio; e, mal Vênus se recolhe, Ela do
Olimpo rápida à Pieria

Desce e à risonha Emátia, aos níveos serros Traces prossegue, e
a planta o chão nem roça. Do Atos sulcando ao flutuoso ponto,
Pousa em Lemnos, donde era o divo Toas; Lá se encaminha ao
Sono irmão da Morte, A destra lhe estreitou: “Como antes,
Sono, Senhor de homens e deuses, tu me atendas, E a minha
gratidão será perene:

Depois de estarmos no amoroso leito, Sopita a Jove os
perspicazes lumes.

Terás pulcro áureo trono incorruptível, Em que se esmere o coxo
meu Vulcano, Mais um lindo escabelo onde repouses

Os refulgentes pés nas lautatas mesas.” E o Sono: “De Saturno ó
régio garfo, Outro imortal sem custo eu sopitara, Mesmo o rio
Oceano amplo-fluente,

Gérmen de tudo; a Jove, não me atrevo, Salvo se ele o mandar.
Já, por servir-te Me expus, no dia que da rasa Tróia

Seu magnânimo filho navegava: No Egífero eu suave e
sutilmente

Me insinuei; borrasca seva erguendo O destroço do herói tu
maquinaste; Longe de seus amigos o impeliste

À populosa Cós. Desperto o Padre,

O Olimpo assombra, em fúria a mim se envia, E do éter me jogara ao mar, se a Noite,

Dos homens e dos deuses domadora, Não me abrigasse: irado, se conteve, A celérrima Noite respeitando.

E ordenas que hoje corra igual perigo?” Juno assim contestou: “Que temes, Sono? Pensas que Jove troe a bem dos Frígios, Qual se agastou por Hércules seu filho?

Anda; em prêmio haverás para consorte A mais jovem das Graças Pasiteia,

Que hás sempre suspirado e almejas tanto.” Contentíssimo o Sono: “Tu mo jures

Pela água Estígia; n’alma terra a destra E no mar cristalino toque a sestra: Ínferos numes, que a Saturno cercam, Testemunha que em paga me prometes A mais jovem das Graças Pasiteia,

Que hei sempre suspirado e almejo tanto.” A bracicândida obedece, e invoca Tartáreos deuses, os Titãs chamados.

Perfeito o juramento, Lemnos e Imbro Desertando, enublados se apressuram; No Ida, em feras e arroios abundante, Largam Lectos e o mar; o monte sobem, E andando os cimos da floresta abalam. Sem que o lobrigue Jove, na ramada

Se oculta o Sono de um gigante abeto, Que pelo éter o tope
desferia:

Lá num gárrulo pássaro das selvas Se transforma, Cimíndis
nomeado

Pelos mortais, e pelos deuses Cálcis. Ao trepar Juno ao
Gárgaro, eminente Pico do Ida, o Nubícogo a descobre: Ao vê-
la, o amor enturva-lhe o juízo, Como a primeira vez que,
subtraídos A seus pais, ternamente se ajuntaram;

Veio encontrá-la e disse: “Por que, ó Juno, Sem carro nem
corcéis do Olimpo desces?” A ardilosa responde: “Aos fins do
globo Visitar o Oceano pai dos deuses

E a Tétis madre vou, que em seus palácios, De Reia a
pedimento, me criaram: Congraçá-los pretendo; há largo tempo
Do amor se abstêm, de cólera assaltados.

À raiz tenho do Ida os corredores Que por úmido e seco me
caminham.

Cá por ti venho, a fim que não te agaste Ir eu silente aos paços
do Oceano.” Replicou-lhe o Nubícogo: “Vai, Juno,

Depois que em doce enleio adormeçamos. Nunca deusa ou
mulher me inflamou tanto: Nem de Ixion a esposa, que o
valente

Me produziu divino Pirítoo; Nem a filha de Acrísio delicada,
Que me pariu Perseu de heróis espelho; Nem a do ínclito Fênix,
de quem tive Minos e Radamanto igual aos numes; Nem de
Baco, alegria dos humanos,
A mãe Sêmele; nem Alcmena em Tebas, A do indomável
Hércules meu filho; Nem inda a régia criniflava Ceres,
A gloriosa Latona, nem tu mesma: Hoje em fogo mais vívido
me acendes.” Ela acode: “Gravíssimo Satúrnio,
Que proferiste? Se amoroso queres Dormir hoje comigo no Ideu
cume, Tudo, olha, está patente: que seria,
Se aqui nos visse algum dos sempiternos
E aos demais nos mostrasse? Eu com que rosto Para os céus
dos teus braços voltaria?
Se o desejas, ao tálamo nos vamos
De rijas portas que te obrou meu filho: Quando for de teu gosto,
ali durmamos.” “Juno, torna o marido, não receies
Deus nem homem; tecer vou nuvem de ouro, Que ao mesmo Sol
impedirá de ver-nos,
Cujo olho é o mais fino e penetrante.” Nisto, ao colo o Satúrnio
abraça a esposa: Télus brota erva tenra, cróceas flores, Mole
jacinto, rosciado loto,

Fofa e macia cama que os soleva; Lúcido orvalho da áurea
nuvem cõa. Pelo amor subjugado, enquanto Jove No regaço de
Juno enlanguescia,

Do Gárgaro aos baixéis desliza o Sono, Para avisar o deus que
abala a terra: “Já já, socorre os Dânaos, glorifica-os, Pois que
Júpiter jaz por mim sopito, Em carícias de Juno adormentado.”
Instante assim o anima, e aleia e parte, Várias famosas tribos
invadindo.

Salta à frente Netuno: “Outra vitória Cederemos, Aqueus?
Heitor blasona Render as naus, por ver em ócio Aquiles; Mas
fará menos falta esse iracundo,
Se recíproco apoio nos prestarmos.

Segui-me pois; adarguem-se os melhores; De elmos e piques
fúlgidos, marchemos; Diante irei, nem cuidado nos resista,
Por ardente que seja, o Priamides. Seu pequeno broquel mutue
o forte Pelo escudo maior do mais imbele.”

Dóceis o escutam, mesmo os reis feridos, Ulisses e Diomedes e
Agamemnon.

Ao forte as fortes, ao mais fraco as fracas, Revestem márcias
armas: coruscantes Em éreo arnês os guia o rei das ondas,
Fulgúreo a manejar montante horrível; Mas, crendo injusto
combater, assusta

E reprime os contrários. Os Troianos Se aparelham também.

Crua batalha

Vai medonha empenhar-se: de uma parte Assiste o azul

Netuno; de outra, ordena,

E exorta e inflama os seus, o herói Dardânio. Incha o pego

inundando as naus e as tendas; Com tremendo alarido se

abalroam.

Nem tanto, a impulsos do sanhudo Bóreas, Brame na praia a

salsa equórea vaga;

Nem tanto o incêndio em labaredas freme, Ao queimar incitado

o monte e a selva Nem tanto pela coma dos carvalhos

Muge o vento mais sevo, quão ruidoso Toa o geral clamor no

ataque horrendo. Sem se esgarrar, estréia o Hectóreo dardo

Por Ajax, que arrostava; mas dois bálteos, O da tarja e do

gládio claviargênteo, Cercando o peito as carnes lhe

preservam. Raivoso Heitor de lhe falhar o tiro,

Por salvar-se recua: Ajax um seixo, Dos muitos que das naus

escoras eram E topavam-se a rodo, agarra e joga;

O seixo a revoltões, por sobre o escudo, Junto ao pescoço lhe

acertou nos peitos. Roble que extirpa o fulminante Jove,

Trescala odor sulfúreo, e quem vê treme, Do raio e da caída:

assim baqueia

Heitor no pó; largado o pique, o seguem O escudo e casco, e o
vário arnês ressoa. Os Aqueus, na esperança de arrastá-lo, A
gritos correm, jaculando crebros:

Ninguém pôde ferir de perto ou longe De povos o pastor; que
em roda acodem Com Polidamas Agenor e Eneias, Sarpédon
chefe Lício e Glauco insigne,

E os mais guerreiros de broquéis o escudam. Levam-no em
braços aos frementes brutos, Atrás pelo escudeiro ao coche
atados,

Que a Ílio gemebundo o conduziram; Mas ante o vau do Xanto
revoltoso, Rio gentil progênito de Jove,

De água fresca o borrifam desmontado: Ele o espírito cobra, o
céu fitando,

E em joelhos vomita um sangue negro; Tomba de novo, e os
olhos se lhe enturvam, A alma do golpe ainda esmorecida.

Fora da liça Heitor, mais se enfurecem Os Dânaos. Lesto pula e
fere de hasta O Oílíades a Satnio, que uma Náíada Linda pariu
do Satnióis à margem,

De Enopo que seu gado ali pascia; Apanha-lhe o quadril, supino
o abate: Em torno ao corpo assanha-se o conflito.

Por vingá-lo, o Pantóides Polidamas Brande a Protoenor
Arcilícides

Cruel dardo, que o fisga no ombro destro; Vai de palmas à
terra, e Polidamas

A bradar sem medida se ufaneia:

“O Pantóides brioso um dardo inútil Por certo não vibrou; nele
apoiado

Um Dânao, creio, a Dite baixa agora.” Sente, mais do que
todos, esses gabos O belaz Telamônio, a cujo lado

Caiu Protoenor, e expede o bronze; Num salto oblíquo, furta-se
o Troiano Ao golpe atroz, que, por querer divino, Arquéloco
Antenórida recebe:

Na junta que ao pescoço une a cabeça,

Talha a vértebra extrema e os tendões ambos; Primeiro do que
as pernas e os joelhos,

No chão batem-lhe a testa e boca e ventas. Chasqueia Ajax
também: “Falemos sério, Bom Polidamas, no varão prostrado
Vingo a Protoenor; nem me parece Ignóbil ou covarde, e pelos
traços

De Antenor é parente, irmão ou filho.” Ele o conclui, e a mofa os
Teucros punge. Acorrendo lanceia o irmão Acamas

A Prómaco Beócio, que puxava Pelos pés o defunto, e ovante brada:

“Valentões de balhesta e de bravatas, Não sós teremos luto; a vós alquando Vos ceifa a morte: ao gume desta lança, Vosso Prómaco dorme; inulto, vede, Longe não jaz Arquéloco. O valente

Sempre em seu lar depreca a irmão que o vingue.” Isto os Gregos magoa, e mais ao régio

Peneleu, cuja fúria contra Acamas, Que a não susteve, rui; o bote alcança A Ilioneu, que o pecoroso Forbas,

De Mercúrio o Troiano predileto, Único a mãe pariu: da sobancelha Por baixo, a ponta o lagrimal penetra, E vaza-lhe a pupila e sai à nuca;

Ele de palmas tomba. A gládio o Aquivo A cabeça decepa-lhe, que elmada

Como a da dormideira foi rolando;

E, inda no olho metida a farpa aguda, Ergue o troféu sangüento, alardeando: “De Ilioneu preclaro aos pais queridos Anunciai-me ó Troas, que o lamentem No ululante palácio, já que a esposa Do Alegenório Prómaco ao marido Não saudará também com rosto ledó, Ao regressar a Graia mocidade.”

Cessa, e medrosos pálidos os Frígios

Contra a Parca um refúgio em roda esguardam.

Celestes Musas, declarai-mo agora,

Que Argeu cruentos conseguiu despojos, Dês que a vitória
desviou Netuno?

Ajax primeiro imola o Mísio cabo Girtíade Hírcio; Antíloco a
Mermero Desarma e a Falces; Merion derriba

A Hipótio e Mórís; Teucro, a Perifetes E Protoon; nailharga o
Atrida ensopa Do maioral Hipérenor o bronze,

E os rotos intestinos lhe derrama:

Em treva os olhos fecha, o alento exala Pela crua ferida. A
muitos prostra

O ágil filho de Oileu; pois, do inimigo

No encaço, a pé ninguém se lhe igualava, Quando fuga e terror
Jove incutia.

L I V R O X V

Do valo e fosso com matança expulsos, Té seus carros vão indo
espavoridos: No Ideu cimo do grêmio da consorte Erguido
Jove, os Teucros vê fugindo

E os Dânaos com Netuno a persegui-los,

E entre os sócios, mais longe, Heitor jazendo Sem tino, em
ânsias, vomitando sangue,

Por um pulso não débil vulnerado;

E, condoído, o pai de homens e deuses A Juno olha terrível:
“Com teu dolo Que danos, embusteira, produziste!

Heitor fora da ação e em fuga as tropas. Não sei bem se, em
castigo desta insídia, Aqui pespegue-te um gibão de açoites.

Já não te lembra que, em algemas de ouro Infrangíveis e aos
pés duas bigornas, Entre as nuvens e o éter pendurei-te,

Sem que os raivosos numes te valessem? Do limiar do Olimpo o
que o tentasse Fora à terra sem folgo despenhado.

Nem o nojo aplaquei, de, unida a Bóreas Proceloso, o meu
Hércules jogares,

Pelo ponto infrugífero sem rumo, À populosa Cós; dali salvei-o,

Depois de tanto afã repostos em Argos. Eu to recordo, e saibas
que improfícuo Te é concúbito e amplexo, a que ardilosa Do

alto vieste cá para enganar-me.” Juno a tremer: “A terra e o
céu convexo A Estige inferna, aos deuses formidável, Essa
cabeça atesto sacrossanta

E o nosso toro conjugal, debalde

Nunca invocado: não por meus conselhos Infenso a Heitor,
Netuno ajuda aos Gregos; Mas, de seu moto próprio, comoveu-
se

De que ante a frota sua os derrotassem. Vou, se te apraz,
Nubícogo, exortá-lo A se afastar, conforme às ordens tuas.”

Sorriu-se o Padre: “Se, olhipulcra Juno,

Comigo ante os mais deuses concordares, Netuno ao meu
querer, bem que repugne, Breve se renderá. Sincero falas?

Pois da celeste corte Íris me envie

E Apolo arcipotente. Ao campo Argivo Íris baixe e me intime ao
rei dos mares Que abandone o combate e se recolha. Febo
robore a Heitor e ao prélio excite, Calme-lhe as dores de que jaz
opresso: Ele de novo aos trépidos Aquivos

Mande a Fuga e o Terror, e em montões caiam Junto às
remeiras naus do herói Pelides.

Este a Pátroclo instigará, que, ante Ílio Muitos matando e ao
claro meu Sarpédon, Sob a lança de Heitor por fim sucumba:

A Heitor imolará furioso Aquiles. D'então concederei vitória aos Gregos, Té que, por traça de Minerva, assolem Ílion soberba; mas não sofro austero

Que os auxilie um deus, antes que o voto Cumpra selado com meu nuto, quando Os joelhos abraçou-me a rogar Tétis

Que eu lhe exaltasse o vastador Aquiles.” Submissa a bracinívea, do Ida monta

Ao celso Olimpo. Como o pensamento

Voa do que há lustrado longes terras, E volvendo lembranças diz consigo:

— Estive eu lá —; destarte os ares frecha Comota Juno. Os congregados numes, Ao avistá-la no celeste alcáçar, Levantando-se as taças lhe oferecem; Toma a de Têmis, que formosa e afável Se lhe apresenta: “A que vieste, Juno?

Tu pareces de susto repassada:

Teu marido o Satúrnio é disso a causa?” “Têmis, respondeu ela, não mo inquiras; Sabes quanto é cruel e imperioso.

O festim continue; ouvireis juntos

O anúncio e duro mando: homens ou deuses, Poucos regozijar-se agora podem,

Se é que inda algum se alegra nos banquetes.” Aqui seu trono ocupa, e os deuses fremem.

Nos lábios um sorriso, escrito o luto Na turva testa e negras
sobrancelhas,

Indignada prossegue: “Oh! Nós dementes, Que, em sanha
contra Jove, refreá-lo

Com razões ou com forças desejamos!

Longe, nem disso cura, e se gloria De absoluto senhor
incontrastável: Tolerai pois o mal que dele mana.

A Marte um coube: Ascálafo está morto, Homem que ele mais
ama e tem por filho.” Marte, às punhadas nas robustas coxas,

Urra e chora: “Celícolas, o filho

Não me estranheis que vingue, a raio embora, Em sangue e pó,
no morticínio o Padre

Me derribe ante as naus.” — Súbito a Fuga Manda e o Terror
aparelhar o coche, Armas fulgúreas veste. Mor seria

A indignação do Olimpo contra Jove, Se do sólio, temendo
pelos deuses, Não saltasse ao vestibulo Minerva:

A tarja do ombro, da cabeça o elmo, Da rija mão lhe saca a
brônzea lança, E conteve-lhe a fúria: “Desalmado,
Enlouqueceste; já não tens orelhas,

Nem siso, nem pudor. Não compreendeste O discorrer da
augusta Soberana,

De Jove Olímpio em nome? Queres mesmo

Voltar cá de mil dores contristado, E atrair sobre nós infindas penas?

Deixando ele os Troianos e os Aquivos, Virá de chofre nos lançar do Olimpo, Um por um, inocentes e culpados.

Por teu filho, to ordeno, abranda a cólera: Outros inda mais bravos têm caído

E cairão; progênie ou parto nosso,

Árduo é livrar da morte, imposta aos homens.” Então Minerva o reconduz ao trono,

E Juno a parte chama Apolo e Íris,

Núncia entre os imortais: “Ide apressados, Jove no Ida vos quer; fitai-lhe o vulto

E obedeci à risca as ordens suas.” Disse, e outra vez no sólio colocou-se. De vôo os dois, no Gárgaro, cabeça Do Ida multimanante, asilo a feras,

O onividente Júpiter acharam, De odorífera nuvem circundado:

Corteses param; satisfeito acolhe-os De obedecerem pronto à sua esposa, E a Íris se endereça: “Ao rei Netuno

Anuncia fiel quanto eu prescrevo:

Já já, largue a batalha; ao céu remonte, Ou se recolha ao mar. Se refratário

E indócil for, pondere se é de força Bastante a me arrostar; pois de mais velho E muito mais potente me glorio,

Bem que a bazófia de igualar-me tenha,

A mim que enfreio e aterro as mais deidades.” Aerípede a núncia, impaciente,

A Tróia voa, qual saraiva ou neve, Gelada pelo frio e seco Bóreas; Súbito: “Crinicérulo Netuno, Mensageira do Egífero a ti venho.

Já já, larga a batalha; ao céu remonta, Ou recolhe-te ao mar. Se refratário Ousares ser, pondera se tens forças De arrostá-lo em furor, pois se gloria De mais idoso e muito mais potente,

Bem que a bazófia tenhas de igualar-te

A quem aterra e enfreia as mais deidades.” Arde e urra Netuno: “Ah! se é potente, Orgulhoso ameaça constranger-me,

Seu par em honras. De Saturno e Reia Nascemos três, ele, eu e o rei Tartáreo. Feita a partilha, em sorte pertenceu-me O pélagos espumoso, a Dite as sombras, O éter nublado a Jove e o largo pólo;

É-nos comum a terra e o celso Olimpo. Sujeito não lhe sou; nos próprios reinos Do altíssimo poder goze tranqüilo.

Como um vil, do seu braço não me assusto: Imponha aos que gerou filhos e filhas,

A se curvar sem réplica obrigados.” Íris contesta: “A Júpiter,
Netuno,

Tão cru recado! Nem sequer o alteras?

O erro emenda o prudente. Assaz conheces Que as Fúrias ao
mais velho assistem sempre.” “Reto falas, tornou-lhe o azul
monarca;

Inda bem, quando o núncio a tempo adverte. Mas do igual, por
direito e por destino, Pungem nímio arrogâncias e ameaças.

Desta vez por mim quebro: só lhe digas, E n’alma o sinto, que,
se a mim contrário E a Minerva Ageleia, a Juno e a Hermes

E ao rei Vulcano, a Pérgamo sustendo, Recusar aos Aquivos o
triunfo,

Há-de ser nossa cólera implacável.” Aqui, ficando os Graios
consternados,

Por entre as ondas se abismou de um salto. Então Júpiter: “Vai,
meu filho Apolo,

Ao nobre Heitor. O Enosigeu sumiu-se, Esta destra evitando: a
luta nossa

Aos ouvidos, no inferno, até zoara Dos que o trono rodeiam de
Saturno; Mas foi dita escapar-se-me furente, Que eu enxuto
vencê-lo não podia.

Pega, sacode a égide fimbriada,

Ó divinal frecheiro, espanta os Gregos; Cura de Heitor, o alento
lhe vigores,

Até que no Helesponto às naus se acoutem: Como respirem
traçarei folgado.”

Lesto e contente, Apolo do Ida parte, Semelha ao gavião, terror
das pombas, Pássaro o mais ligeiro; acha o Priâmeo Já
sentado e não mais desfalecido, Reconhecendo os sócios que o
ladeiam,

Sem ânsias nem suor, pois o alentava Do Egífero o querer;
disse-lhe ao perto: “Longe da ação, te assentas e esmoreces!

Que dor viva, Dardânio, aqui te invade?” Lânguido o herói:
“Quem és, ótimo nume, Que me interrogas? Junto às naus,
ignoras Que, ao lhe imolar os sócios, uma pedra Aos peitos
atirou-me Ajax valente,

O ímpeto meu tolhendo? A alma exalando, Ir ver Plutão cuidava
e os negros manes.”

Mas o deus: “Sus, mandou-me do Ida o Padre Ajudar-te: sou
Febo de áureo alfanje,

Teu patrono e de Pérgamo: não tardes, Compele contra as naus
teus cavaleiros; Diante, abro-te a via e espanco os Dânaos.”

Disse, e o reforça e infunde-lhe alto brio.

De cevada nutrido à manjedoura, Do rio afeito à veia, se o
cabresto

Quebra o corcel, de patas pulsa o campo, Alça a testa,
arrogante e nédio agita

Na espádua a crina: levam-no os joelhos Aos notos sítios onde
as éguas pastam:

Assim marchava Heitor, à voz de Febo, Concitando apressado
os cavaleiros.

Se galgos e vilões, em mata ou penha, Cervo acossam galheiro
ou montês cabra,

E aos berros do animal, que os fados poupam, Sai barbudo
leão, do ardente encaço

Retêm-se: tais os Dânaos, que de estoque E bipontudo pique a
Teucra gente Atropelavam, dêz que Heitor avistam Correndo as
alas, tomam-se de medo,

E aos pés o coração lhes cai a todos. Mas Toas Andremônio,
flor Etólia,

Ao dardo exímio, estrênuo fronte a fronte, Que em discussões a
poucos dava a palma, Cordato arenga: “Oh! Deuses, que
prodígio! Heitor, que morto críamos ao golpe

Do Telamônio, incólume ressurge! Certo algum dos Supremos o
preserva, E ei-lo nos vai solvendo muitas vidas, E solverá; pois
cuido que aparece,

Do Tonante incitado. Ora, atendei-me: A multidão à frota
recolhamos;

E os conspícuos do exército, cerrados, De lança em reste, o
choque repulsemos. Por fogoso que seja, Heitor espero

Que receie agredir a tantos Gregos.” Isto os convence. Os dois
Ajax e Teucro,

Merion e o rei Cretense e o márcio Meges, Enquanto às naus se
retirava a tropa, Contra o Priâmeo um denso corpo formam.

Dos seus à frente, a largo passo investe Heitor; e os guia Febo
anuviado,

A de franjas brandindo égide horrenda, Obra e esmero das
forjas de Mulcíber, Com que derrama Jove os combatentes.

Sustêm o embate os Graios: o tumulto Misto ecoa; dos nervos
setas fremem; Bravos hastis nos campeões se encarnam, Ou,
com gana de em sangue saturar-se, Desfalecem no meio.

Quando pára

A égide Febo Apolo, a tiros morrem

De parte a parte; quando a move e os olhos Nos Dânaos fixa e
formidável troa,

Moles e túbios seu denodo esquecem.

Qual manada ou rebanho, que a desoras, Falto o pastor,
salteiam duas feras, Afugentam-se os Gregos: enviou-lhes Febo
o terror, aos Teucros a vitória.

Cada herói prostra alguém na debandada. Imola Heitor a
Arcesilau, caudilho

De arnesados Beócios; mais a Estíquio, De Menesteu brioso o
camarada.

Imola Enéas a Medon, bastardo

De Oileu e irmão de Ajax, que o da madrasta Eriópide havendo
assassinado,

Longe da pátria em Fílace habitava; E a Jaso, Ático chefe, e
dito prole Do Bucólida Esfelo. A Mecisteu

Na ala primeira imola Polidamas, A Équio Polites, Agenor a
Clônio. Ao revirar Deiooco, o bronze Páris

Da espádua por debaixo atrás lhe prega. Enquanto o espólio
sacam, pelos valos Ao fosso os Gregos de tropel se atiram, A
encerrar-se no muro constrangidos;

E Heitor gritava, impondo aos seus que avancem,

Nem lhes importa a sanguinosa presa: “Quem das naus se
alongar tema esta lança; Cães tem sós de rojá-lo ante a cidade,
Sem que irmão nem irmã lhe acenda a pira.” E os cavalos nas
pás fustiga e trota

Pelas filas; a ameaça repetindo,

Os mais, entre alarido, os seus propelem. Destorroando a pés no fosso as bordas, Ponte ampla alonga Febo, como o tiro De hasta que destra mão sopesa e vibra.

Passam-na em turmas; de égide ele à testa, Fácil destrói o muro, qual menino

Que, na praia a brincar, desmancha e pisa E de areia confunde o fabricado:

Foi como, Arcipotente, aos Gregos tanto Labor desfeito, em fuga os aterraste!

Eles, suspensos ante as naus, se exortam, E olhos e mãos para o estrelado pólo, Em alta voz deprecam; sobre todos Clama o Gerênio, dos Argeus custódio: “Na Argólida feraz, de ovelha ou touro

Se ao queimarem-te, ó Padre, as coxas pingues,

Ao regresso dos Gregos anuíste,

Lembre-te, Olímpio, o extremo dia arredes, Nem consintas que os Teucros nos oprimam.” Trovejou no éter Jove, a prece ouviu-lhe.

Do Egífero ao sinal, mais aferventa

E o prélio encrua Heitor. Qual salsa vaga Ruge à fúria do vento, e as amuradas Sobrepuja crescida; assim trasbordam

O muro, em algazarra, os assaltantes. Já dentro, barba a barba combatiam

Uns, dos carros, com lanças bipontudas: Outros, com fustes longos de éreo gume, Armas navais nos bojos reservadas.

Das popas longe enquanto era a peleja, Do virtuoso Eurípilo na tenda Conversando Pátroclo o deleitava,

E à chaga a dor com bálsamos lenia: Porém, dentro no muro ao ver os Teucros,

Em grita e fuga os Dânaos, carpe, aos murros Nos quadris, geme e chora: “Eu mais não devo Estar contigo, Eurípilo; a derrota

Sobe de ponto; o servo de ti cure,

Vou compelir Aquiles ao combate.

Quem sabe se um bom nume há-de ajudar-me? Do amigo a voz os corações comove.”

Presto levam-no os pés. Firmeza e audácia Não podem rebater os poucos Teucros, Nem estes, prerrompendo as hostes Graias, Naus invadir nem tendas: qual indústre Carpinteiro, amestrado por Minerva, Prancha marítima a cordel nivela;

Da linha assim teimosos não se apartam, E assim da frota em roda se entrechocam.

Rui contra Ajax Heitor; o embate agüentam Cerca de uma das
popas, sem que obtenha Um, repulso o rival, incendiá-las,

O outro, o varão forçar que um deus guiava. A Caletor filho de
Clício, ao tempo

Que um lenho ia queimar, Ajax de um bote O peito arromba,
com fragor baqueia, Larga o aceso tição. Heitor, que o primo

Vê revoltado no pó, brada e conforta: “Lícios e Troas, campeões
Dardânios,

Nenhum de vós afrouxe em tanto aperto;

Não deixes despojar de Clício o filho, Morto aqui no recinto em
que pugnamos.” E contra Ajax dispara, e o tiro emprega Em
Licofron Mastório, de Ajax pajem

Dês que em Citera assassinou, divina, Pátria sua, um varão:
perfura a ponta Pela orelha a cabeça; vai de costas

Ante um baixel, e solvem-se-lhe os membros Do amigo ao pé,
que freme e a Teucro chama: “Sangue meu jaz rendido ao
braço Hectóreo. O filho de Mastor, fiel companha,

Que de Citera vindo, hóspede em casa, A par de nossos pais
honramos sempre:

Que presta o arco letal que deu-te Apolo?” Teucro o percebe, e
de arco teso e aljava Corre a frechar a Clito Piseonório,

Que, auriga do preclaro Polidamas, Armando aos gabos do
Priâmeo e Troas, Batendo as bridas revirava as éguas

Ao grosso das falanges perturbadas: Votos recusa a Parca;
atrás lhe zune E adere à nuca a seta lagrimosa:

Tomba do assento; as éguas retrocedem, Rojam vazio
estrepitando o carro.

Óbvio o Pantóides veio, e a biga ardente A Astinos entregou
Protiaônio,

E ordenando que o siga passo a passo, Reuniu-se aos primeiros
contendores. Teucro outra seta ao nobre Heitor aponta, Cuja
morte livrara as naus do ataque; Mas Jove, que o presente e
nele vela, Negou tal glória ao jovem Telamônio,

Nas mãos quebrou-lhe a corda: escapa-se o arco, E a seta
esgarra pelo aêneo peso.

Teucro estremece e clama: “Ajax, um nume Nos burla certo; o
arco lançou fora, Rompeu-lhe a nova corda, que hoje mesmo
Liguei torcendo-a para crebros tiros.”

Diz-lhe o mais velho: “Irmão, depõe esse arco E farpões que
dispersa ívido nume;

Pega do escudo, longo pique arvora, Aos Troianos remete e
anima as tropas; Ao menos, sem perigo não se apossem Da
instruta frota; ousados resistamos.”

O arco na tenda encosta, e abraça Teucro O quadrúplice
escudo, enfia insigne

De eqüina hórrida crista elmo comante, Válida lança empunha
de érea choupa, E em reforço de Ajax volta açodado.

Falhando as setas por mercê divina:

“Amigos, brama Heitor, sede homens, Teucros, Dardanos,
Lícios, e quem sois vos lembre.

A frecha eu vi baldar-se ao grande archeiro; Fácil descobre-se o
favor de Jove,

Quando exalta ou suplanta os que lhe agrada: Ele nos glorifica
e abaixa os Dânaos;

Unidos assaltai. Quem mortal golpe Beber de perto ou longe,
honrado acabe: Quanto é belo salvar os bens e a casa,

E os filhos e a mulher, deixar-lhes pátria, Se os Dânaos para a
sua as velas derem!” Com tais vozes denodo inspira a todos.

Além, se opunha Ajax: “Que pejo, ó Gregos! Vencer hoje ou
morrer! Guardai-me as popas: Se o de fulgúreo casco e undante
as rende, Contais a pé chegar ao doce ninho?

Ouvis como furente a incendiá-las

Incita os seus? Por certo que os não manda Bailar, mas
combater. Melhor conselho

É mão por mão travarmo-nos com eles. Ou já perder a vida ou conservá-la; Inultos pouco a pouco a não gastemos, Com menores guerreiros contendendo.” Seu discorrer os corações roborava.

A Esquédio Perimédites, caudilho

Fócio, Heitor mata; Ajax mata a Laodamas, Claro Antenórida e pedestre cabo;

A Oto Cilênio, chefe Epeu galhardo, Companheiro de Meges, Polidamas. Salta-lhe Meges: furta-se o Troiano, E o golpe esgarra: não permite Apolo Que o Pantóides à frente ali pereça;

A lança os peitos atravessa a Cresmos, Deita-o por terra; e, ao desarmá-lo o Dânao, Sai Dolope, fogoso hábil hasteiro,

Prole do ótimo Lampo Laomedônio, Que ao Fileides ao meio passa o escudo

Rosto a rosto, embaçando a ponta em juntas

Convexas placas da loriga espessa: Da assente Efire do Sileis à margem

Trouxe-a Fileu; dom foi do régio Eufetes, Para que ele em batalhas se munisse,

E agora à morte lhe subtrai o filho.

No cocar do elmo aêneo o pique Meges Eis crava-lhe, e o penacho destacado Brilha puníceo e fresco entre a poeira.

Inda assim, briga e insiste esperançoso; Mas de hasta Menelau,
surdindo a furto, A Dolope traspassa pela espádua:

Ao peito sai a cúspide raivosa

E o debruça na arena; os dois correram

Dos ombros a arrancar-lhe as pulcras armas. Heitor aqui
desperta os consangüíneos, Mormente a Menalipo Hicetaônio:

Este em Percote armentos pastorava;

Mas acudindo à guerra, espelho aos Teucros, Príamo em casa o
honrava como a filho.

Acoimado assim foi: “Quê! Menalipo, Remissos nós! E a ti nem
te comove

O morto primo? O afogo em despojá-lo

Não vês? Segue-me: os Gregos é vergonha Combatermos de
longe: ou se exterminem, Ou nade Ílio no sangue de seus
filhos.” Marcha, e com Menalipo a um deus parelho. Os Aqueus
excitava o Telamônio:

“Tende, amigos, pudor no atroz conflito: A morte menos ceifa os
que enrubescem Temendo a infâmia; sem socorro acabam E
sem glória os fujões.” Com tais palavras A repelir o ataque
inflama os Graios,

Que de êneo muro a frota circundaram; Porém Jove os
Trojúgenas alenta.

Súbito Menelau: “Nenhum dos nossos, Antíloco, te excede em juventude,

Em ligeireza e força; olha se um bravo Aqui prosternas.” Disse, e desaparece. O Nestório incitado, em roda esguarda,

Salta e esgrime: os Troianos se arredaram, Mas não se perde o fúlgido arremesso; Na mama espeta ao forte Hicetaônio

Que arremetia, e ao baque o arnês retumba. Qual despede o sabujo ao corçozinho

Que, da cova ao pular, sucumbe ao golpe De venábulo cru; tal, Menalipo,

Desfecha Antíloco a despir-te as armas. Sentido corre Heitor por entre as filas; Mas, bem que audaz, Antíloco lhe foge: Assim mosca-se a fera, morto havendo A rafeiro ou pastor, antes que em pinha

Assaltem-na os vilões. Heitor e os Teucros Tiros mortais bramando lhe amiúdam;

Só pára e a face volta ao pé dos sócios. Famélicos leões às naus carregam,

Os decretos de Júpiter cumprindo, Que os esforçava e amolecia os Gregos. De Tétis escutando a injusta prece, Quer deprimi-los e exaltar a glória

De Heitor, que à frota infadigáveis chamas Há-de arrojar; e
espera o árbitro sumo

Ver pelas negras naus luzir o incêndio, Para a seu turno
acabrunhar os Teucros E aos Dânaos conceder cabal vitória.

Júpiter pois a Heitor suscita e abrasa, Ardente por si mesmo: o
herói braveja,

Como o lanceiro Marte, ou voraz fogo Ateado em profunda e
basta selva;

E, por graça do Egífero que acima Dos varões o elevava, ele
campeia,

Fulgor no torvo olhar, na boca espuma, Na frente o casco
horrendo flutuando. Ah! Palas já lhe encurta a fatal hora Sob o
tremendo Aquiles! Voa entanto Alas a desfazer, por onde avista

Arneses mais louçãos, mais condensados; E, apesar do desejo,
em vão trabalha, Pois num quadrado os Gregos renitiam:

Firmes o embate aparam, qual penedo Repele o choque de
sonoros ventos,

De alva mareta que o salpica e ronca. Ruindo enfim pelo tropel,
um facho Meneia Heitor. Se em rápida procela Encanece o
escarcéu, nas cintas bate

E de água inunda a nau rajada enorme No velame a zunir:
enfiam nautas,

Por tão pouco da morte separados: A alma no peito Argivo
assim tituba.

Se dá no armento, em paludoso pasto, Um leão carniceiro, e o
guarda inábil Não sabe defendê-lo: atrás e avante Pula a fera,
no meio uma devora, Trêmulas dispersando as mais novilhas:
Assim por Jove e Heitor são destroçados Os Dânaos todos; e o
Troiano chefe Mata um só, Perifetes de Micenas,
Filho desse Copéo, que ao divo Alcides De Euristeu duro as
ordens intimava.

De indigno pai, mas em virtudes raro, Sábio entre os Miceneus,
ágil, valente, Ali deu maior gabo à lança Hectórea: Ao virar-se
na extrema orla do escudo, Que descia aos talões, embaraçou-
se; Cai de costas, e às fontes o elmo soa Medonhamente: ao
baque Heitor ocorre,

A hasta lhe enterra ao pé de muitos sócios, Que mestos
socorrê-lo não podiam,

Do formidável pulso tremebundos. Forçados os Aqueus,
defronte haviam As dianteiras naus, e as mais vizinhas

Ao mar tinham detrás; num corpo todos, Junto aos seus
pavilhões as linhas cerram. Medo e pejo os retêm, mútuos se
animam, Sempre a vociferar; Nestor Gerênio,

Deles custódio, a cada qual suplica

E obsecra por seus pais: “Constância, amigos, Dos homens o labéu temei: lembrai-vos

Dos filhos, das mulheres, dos haveres, Dos vossos vivos pais, dos já defuntos; Pelos ausentes vos conjuro e imploro, Tende-vos quedos, não fujais, Aquivos.” Com isto acesos, removeu Minerva Nuvem divina que os cegava: às claras Vêem o assalto geral da frota em roda; Vêem a Heitor e os seus bravos, de reserva Quantos estavam, quantos combatiam.

O magnânimo Ajax entre os consócios Não quis ficar: naval brandindo chuça De alguns vinte dois cúbitos, com pregos Reforçada, ao convés de uma das popas O passo largo monta; e, como eqüestre Volantim, que do campo uma quadriga

Toca para a cidade e as ruas corre,

De cavalo em cavalo aos pulos sempre, Mulheres e varões embasbacando,

De convés em convés o herói saltava;

Sobe aos astros a voz, que assídua os Gregos A proteger instiga as naus e as tendas.

Nem com a armada chusma era o Priâmeo; De chofre, como invade uma águia parda Gansos ou grouos ou colilongos cisnes

Que em bando à fresca riba se apascentam, Vai contra um vaso de cerúlea proa:

A mão de Jove o impele e os seus Troianos. Tão furioso o
conflito renovou-se,

Que disseras intactos e indefessos Pela primeira vez se
acometiam.

Diverso ânimo os leva: os Dânaos lutam Não cuidando escapar;
os de Ílio contam Extinguir seus heróis e às naus pôr fogo:
Insistia a esperança e o desespero.

A popa aferra Heitor que alada e bela Trouxe a Protesilau, nem
mais à pátria O há-de restituir: Aqueus e Troas

Matando-se esta nau se disputavam. Não bastam frechas,
dardos; testa a testa, De uma alma aviventados, pelejavam

A gume de secures, de bipenes,

De montantes e piques bipontudos.

Caem de ombros e mãos punhais e alfanjes, De escuros punhos
e maçãs fornidos;

Flui o sangue de envolta e o chão denigre. Não larga Heitor a
popa que aferrara,

E seguro no aplustre, aos seus bradava: “Fogo, Teucros, cerrai-
vos. Luz o dia Em que Júpiter sara os nossos males; Tome-se a
frota que, apesar dos numes, Tão fatal nos tem sido, por frieza

De velhos que, atalhando os meus desejos, De a vir bater o
exército impediam:

O Tonante, que a mente nos turbava, Hoje é quem nos alenta e nos compele.” Disse, e afervora a pugna. Ajax, em tiros Submerso, morrer pensa e pouco a pouco Do tombadilho para um banco passa

De sete pés: dali, de chuça arreda

A quem trazia a infatigável chama, Sempre atento e a rugir com voz terrível: “Márcios Dânaos heróis, firmeza, amigos, Sede o que fostes sempre: acaso temos Atrás qualquer socorro e um forte muro? Falta-nos gente fresca e torreada

Munida praça; o mar nos tolhe e estreita; Na terra estamos dos belazes Teucros, Longe da própria: em tréguas não fiemos, A salvação consiste em nossos braços.” Sua arma então brandindo formidável,

A perseguir a quem, de Heitor a instâncias, De facho às cavas naus se aproximava, Repentino ele o fere, e a doze estende.

L I V R O X V I

Da nau fervia o prélio, e ao divo Aquiles Vem Pátroclo a verter
cálido choro, Como de celsa rocha em fio brota

Fundo olho d'água. Comovido o encontra O amigo velocípede:
“Pátroclo,

Pranteias molemente? És qual menina Que, da mãe apressada
após, retêm-na Pelo vestido, e em lágrimas olhando, Insta-lhe
até que em braços a receba.

Aos Mirmidões, a mim, que novas trazes? Veio de Ftia um
núncio? Vivem, consta, Menetes e Peleu, cujo trespasso

Tinha de entristecer-nos. Ou lamentas

Os que ante as cavas naus ingratos morrem? Não me ocultes,
amigo, as mágoas tuas.” Gemente assim Pátroclo: “Não te
agastes, Aqueu sem par; dor grave oprime os nossos: Os mais
valentes já feridos jazem,

De lança o Atrida e Ulisses, e frechados Na coxa Eurípilo e no
pé Diomedes.

Médicas mãos os curam cuidadosas; Mas não se dobra teu
rancor, Pelides. Nunca ira tal me cegue, herói funesto! Quem
mais em teu valor fiar-se pode, Quando não livras da ruína os
Gregos? Nem te gerou, cruel, Peleu nem Tétis;

Filho és do turvo mar, de broncas penhas. Se agouros temes, se de Jove arcanos Declarou-te a mãe deusa, ao menos dá-me Teus Mirmidões, e aos nossos lume escasso Talvez serei. Tua armadura emprestes: Crendo-te em liça os Teucros, é factível Cessem do assalto, e aos márcios Gregos deixem Útil breve respiro em tanta lida;

Frescos nós outros, o inimigo lasso Fácil do campo e naus rechaçaremos.”

Ai! Néscio implora, e o fado e a morte chama. Suspira Aquiles: “Como! Eu, bom Menécio, De agouros me temer! De Jove Tétis

Nada me revelou. Mas dói-me o agravo

De um prepotente par, que o prêmio ganho Por minha lança na invadida praça,

A jovem bela escrava, arrebatou-me; Dói-me sim que esse Atrida ma tirasse, Como das mãos de ignóbil vagabundo. Olvide-se o passado, nem perpétuo Ódio quero nutrir: de não depô-lo

Voto fiz, sem primeiro à minha esquadra

Chegar o estrondo e a pugna. O arnês que pedes, Veste-o, conduz os Mirmidões fogosos:

De Teucros nuvem basta as naus circunda; Pouca ourela da praia aos Dânaos resta; Ílio em peso concorre e afouta inunda.

Oh! Não vêm mais luzir meu capacete: Se o rei me fora justo,
em fuga tinham O fosso de cadáveres enchido;

Ora, opugnando, o exército encurralam. Não mais braveja a
Diomédea lança,

Os Dânaos resguardando; a voz calou-se Das goelas do Atrida
abominável:

A de Heitor homicida aos seus troveja; Guerreiros vivas o
triunfo aclamam.

Sus, Pátroclo, das naus remove a peste, Anda, acomete; a frota
não se abraça,

Que nos deve repor na doce pátria. Ouve e do meu conselho
não te olvides,

A fim que honras os Dânaos me prodiguem, E a cativa gentil
me restitua

Com magníficos dons: repulsos, volta; Embora o esposo
altíssimo de Juno

Te apreste a glória, os bélicos Hectóreos

Não combatas sem mim, que me é desdouro; Nem ávido
exultando na carnagem,

Aos muros de Ílio o exército avizinhas; Pois descera do Olimpo
um dos Supremos, Talvez o Longe-vibrador que os ama.

Salva as naus e retorna; eles pleiteiem Em raso campo. Ó
sempiterno Padre,

Minerva e Apolo, a morte a nenhum Teucro E a nenhum Grego
poupe; escapos ambos, Sós Ílio sacra derribar nos caiba.”

De rojões, entretanto, Ajax vexado, Mal se sustinha, que o
domava Jove

E o dardejar contino; em torno às fontes O elmo hórrido
rouqueja, que o brilhante Artífice cocar alvo é dos tiros.

Do pavês o ombro esquerdo já tem lasso, Mas quedo apara a
chuva de arremessos; De anélito açodado, os membros todos
Escorrendo em suor, nem resfolgava, Aumentando um perigo
outro perigo.

Musas do Olimpo, recontai-me como O fogo se ateou na Argiva
armada.

Onde a espiga se encava, de montante, Corta o Priâmeo o
freixo ao Telamônio, Que mutilado vibra hastil inútil,

E cai no chão tinindo a cúspide ênea. Treme o indômito Ajax
reconhecendo Que obra é celeste, que o senhor do raio Decide
e quer aos Teucros a vitória; Enfim recua. A infadigável chama,
Remessada ao baixel, inextinguível Pega de popa a proa; então
veemente Bate Aquiles na coxa: “Eia, Pátroclo, Vejo lavrar tenaz
o hostil incêndio;

Não se nos tolha o meio à retirada;

Já já te arneses, e eu reúno as hostes.” Cinge o Menécio
deslumbrante saio;

Com prata afivelando, as finas grevas Ajusta às pernas;
estrelada e vária Aos peitos liga a do veloz Pelides Érea
couraça; o claviargênteo gládio Pendura; o grã pavês, sólido
ombreia; Põe à forte cabeça o casco insigne,

De nutante penacho e horrendo crista; Válidas lanças a seu
pulso adapta, Que a do Eácida exímio, por disforme, Argeu
nenhum, só ele, manjava:

Cortou Quiron seu freixo no alto Pélion, De heróis futuro dano, a
Peleu dado.

A Automedon manda aprontar o coche,

A quem mais preza após o rompe-esquadras, Pajem fiel, no
afogo das batalhas.

Este junge os ligeiros Xanto e Bálio,

Ao vento iguais: Podarga harpia, ao sopro De Zéfiro num prado
os concebera

Junto ao rio Oceano. Ata à boléia Com imortais corcéis Pédaso
fero, Preia de Aquiles d’Eetion nos muros. O filho de Peleu, de
tenda em tenda,

Arma os seus. Quando crus vorazes lobos, O estômago a instigá-los, dilaceram Montês cervo ramoso, em alcatéia, Rubros os queixos, com delgadas línguas Lambem de cima a funda escura fonte; E, teso o ventre, a impar, cruor vomitam, Mais gana inda os instiga e os acorçoa: Dos Mirmidões os príncipes, não menos, O amigo audaz famintos e animosos Do Eácida ladeiam, que os ginetes E adargados belígero afervora.

Cinqüenta lestes naus a Tróia Aquiles, Caro ao Satúrnio, trouxe, com cinqüenta Remos em cada uma, e a cabos cinco Diviso o mando, presidia a todos.

Menéstio encouraçado era o primeiro, Que a Espérquio rio, gênito de Jove, Polidora pariu, de Peleu filha,

Gentil mulher que ao deus se unira assíduo: Nado o criam de Bóros Periério,

Que lhe esposara a mãe com dote imenso. Era Eudoro o segundo, que houve oculta

A de Filas garbosa Polimela:

O Argicida Mercúrio amou-a, vendo-a Cantos guiar e danças da auri-archeira Diana estrepitosa, e manso ao quarto Subindo virginal, teve este egrégio Rápido campeão; mas, dêz que ao lume Do sol o deu cruíssima Ilitia,

Casou com Polimela o Actório Equecles, Dotando-a com mil
dons: o avô cuidadoso O criou como seu. Era o terceiro Pisandro
Memalides, que excedia

Na lança os Mirmidões, Pátroclo exceto. Quarto, o équite Fênix;
era o quinto Alcimedon famoso Laerceio.

Tudo Aquiles ordena, e diz severo:

“Não vos esqueça, Mirmidões, que a bordo Ameaçáveis os
Troas; que freqüente, Condenando meu ódio, me exclamáveis:

— De fel a mãe te amamentou, Pelides; Tirano, os sócios à
inação constranges; Pois que a ira fatal caiu-te n’alma,

De volta à casa o pélogo sulquemos. —

Ei-lo o conflito pelo qual bramíeis: Quem tiver coração, corra
aos Troianos.” A voz régia afogueia as filas todas.

Como, a prova dos ventos, o arquiteto Em parede superba
ajunta as pedras;

Ajuntam-se, elmo a elmo, escudo a escudo, Lado a lado, os
varões: tocam-se e ondeiam Indistintos penachos e cocares.

Sós dois, Pátroclo e Automedon, concordes Em ferir a batalha,
os precediam.

Vai logo à tenda Aquiles, abre a tampa Da que a mãe
argentípede, à partida, Lhe dera arca louçã, de agasalhados
Capotes cheia, e túnicas e mantas

E tapetes felpudos: copa tira

De alto lavor, em que ele só bebia E a Jove só libava; com enxofre

Untada a expurga e em água a purifica; Também lavando as mãos, purpúreo vinho Despeja, e em meio dos guerreiros posto, Nos céus a vista, ao fulminante Padre,

A seus rogos atento, assim brindava:

“Jove Pelasgo, tu que longe habitas E imperas em Dodona hiberna e fria, Dos Selos teus intérpretes cercado,

Que de pés andam nus e em terra dormem, Perfaze ora os meus votos, já que os Dânaos Por honrar-me afligiste: eu permaneço,

E de muitos à testa envio o sócio;

Dá-lhe vitória, altíssimo, e a coragem No peito lhe confirma; Heitor aprenda Se é de si forte o amigo, ou se invencível É só quando combate à minhailharga.

Mas, depois que do assalto as naus liberte E do tumulto, incólume aqui volte,

Com meu arnês inteiro e os meus soldados.” Previsto Jove, anui somente em parte:

Salve Pátroclo as naus, mas não se salve. Depois que liba súplice, o Peleio

Entra na tenda, e a copa na arca fecha; À porta volve, e
espectador ainda Quis ser da atroz mortífera batalha.

Como Pátroclo bizarro as hostes marcham, Té que aos Troas
remetem corajosas.

Quando as vespas, que encelam-se na estrada, Insensatos
meninos irritando,

Público mal preparam buliçosos, Por descuido se as toca o
viandante, Elas com forte coração rebentam

Em defesa do enxame: assim prorrompem Os Mirmidões, e a
cuquiada ruge.

Grita Pátroclo: “Ó sócios do Pelides,

De quem sois recordai-vos, com façanhas Esse herói dos heróis
honremos hoje:

O amplo-dominador confesse a culpa De agravar o fortíssimo
dos Gregos.” Com tal estímulo, adensados ruem;

Das naus em torno o alarma horrível soa. Vendo ao Menécio
coruscar nas armas

E o mesmo auriga, trépidos os Teucros Se desconcertam;
cuidam congraçado O Eácida veloz, e olhando em roda

Cada qual busca efúgio à instante Parca. Pátroclo estréia, com
fulgente lança, Onde mais tumultuam, junto à popa

Do Grã Protesilau: fere o armo destro

A Pericmeu, que os équites Peônios Caudilha de Amidon e do
Áxio largo; Vai de costas, no pó gemendo rola,

E a flor de seus espavoridos fogem. Remove e extingue o fogo,
e atropelados Da nau já semi-ardida os Frígios deita: Por entre
as outras, com ruído enorme Derramando-se os Dânaos, os
repulsam. Se alquando espalha Júpiter fulgúreo

O negrume do cimo da montanha, Aberto o máximo éter,
aparecem

Rocas, píncaros, bosques; tais os Dânaos, Livres do incêndio,
um pouco respiraram: Porém dura ainda a pugna; que os
Troianos Costas não davam todos, mas forçados

Iam deixando o campo e resistindo. Cada chefe um contrário
acossa e mata. Logo a bronze o Menécio de Areilico Fratura o
fêmur e o debruça em terra.

A Toas, que do peito arreda o escudo, Prosterna Menelau. Na
arremetida,

Meges lanceia a perna, onde há mais polpa,

Ao nobre Anficlo, e os nervos lhe descose; Letal escuridão lhe
cega os olhos.

Antíloco Nestório de érea ponta

A Atínio espeta o lado e o prostra. Máris, Ante o fraterno corpo,
ao Grego vibra; Mas Trasimedes, prevenindo o golpe, No ombro
lhe mete a cúspide, e lhe corta Os músculos do braço e o osso
escarna: Baqueia Máris em medonha treva.

E dois irmãos a Dite assim remete, Ambos hasteiros, a
Sarpédon caros,

Filhos de Amisodar, que, infensa a muitos, A Quimera nutria
insuperável.

Na baralha a Cleóbulo impedido O Oiliades empolga, e na
garganta

Lha ensopa toda e em sangue a espada aquece: Purpúrea
morte o imerge em noite escura.

Lícon e Peneleu, que se entrechocam, Botes errando, às lâminas
recorrem: Lícon no hostil cocar imprime o gládio, Que pelo
punho estrala; sob a orelha, Peneleu de um revés lhe fende o
colo,

E a cabeça, da pele só retida,

Lhe dependura e os órgãos lhe desata. Merion desenvolto após
Acamas,

Ao montar, o escalavra no ombro destro: Ofusca-se-lhe a vista
e rui do coche.

De pique atroz Idomeneu, de Erimas Por sob o cérebro
atravessa a boca, Racha alvos ossos e desloca os dentes: Os
olhos dois infiltram-se de sangue,

Sangue das ventas bolha e abertas fauces; Da nera morte o
envolve a nuvem baça.

Cada herói Grego assim talha uma vida. Como lobos roazes
que, de espreita,

A mães roubam cabritos ou cordeiros, Cujo pastor os descuidou
no monte,

E aos balantes imbeles despedaçam;

Dão sobre os Troas, que olvidando o brio, Só na horríssima fuga
se afiúzam.

Ansioso o grande Ajax a Heitor procura; Que, adargando
experiente os ombros largos, Dos tiros o zunido ou silvo
observa,

E inclinada a vitória, inda constante

Vela nos companheiros. Qual do Olimpo Ao céu vai nuvem, se o
nimbozo Padre O éter sereno tolda, as naus expedem

O trépido Tumulto: os de Heitor passam Em debandada, e os
rápidos ginetes Apartam-no dos seus, que o fosso embarga.
Quantos corcéis, na escarpa escorregando, Quebram temões,
donos e coches largam!

Uns alenta o Menécio, outros acossa Com ignito furor: em gritos fogem,

As estradas enchendo, e os corredores, Por turbilhões de pó que os ares turvam, Das naus e tendas à cidade voam.

Trota e se envia onde há maior distúrbio, E minaz urra: sob os eixos muitos

Rolam dos voltos clamorosos carros. Os imortais unguíssonos dos deuses, Dom preclaro a Peleu, transpõe o fosso

De um pulo; e de ir o impulso tem Pátroclo Sobre Heitor, que é de biga arrebatado.

No outono, quando Júpiter, sanhudo Contra o julgar dos homens que a justiça

Do foro banem sem temor dos numes, A negra terra agrava de chuveiros, Com tal fúria desfecha, que em dilúvio Rios dos montes, sementeiras e agros Arrasando, a gemer se precipitam

No vasto mar purpúreo: assim nitrindo Iam na desfilada as Teucras éguas.

Rotas as hostes, para as naus Pátroclo, De Ílio tolhendo o ingresso desejado,

As repulsa, e entre a praia e o Xanto e o muro Gira a vingança e a morte. Nu de escudo Fere a Pronos o peito; os membros laxa,

E fragoroso expira. De outro bote Prostra o Enópio Testor, que perturbado

No assento encolhe-se e demite as rédeas: Pela destra maçã lhe fisga os dentes,

A si contrai a lança; e, qual se pesca

De linha e anzol, de cima de um rochedo, Grã sacro peixe, pela boca hiante

Do carro abaixo o tira inanimado. Joga uma pedra a Eríalo que arrosta, O elmo parte a cabeça racha em duas;

Por terra se debruça, e a morte o cinge. Pátroclo, um após outro, ao chão derriba A Erimas e Anfotero, Epalte e Pires, Équio e Ifeu, Tlepolemo Damastório,

A Polímelo Argeiades e Evipo.

Dele Sarpédon vendo os seus domados,

Repreende os nobres Lícios: “Que vergonha! Onde, Lícios, fugis? Como sois ágeis!

Corro a provar o armipotente braço, Que a tantos campeões tolhe os joelhos.” Do carro eis salta e apeia-se Pátroclo.

Quais, de bico recurvo e garra adunca, Sobre alta penha aos guinchos dois abutres,

Travam-se eles gritando. — Ao contemplá-lo, Para a consorte e irmã suspira Jove:

“Dos homens o mais caro, ai! Meu Sarpédon, À lança do Menécio está votado:

Hesito n’alma se na Lícia o ponha, Subtraído ao combate lutuoso,

Ou se ao cruel destino o deixe entregue.” Mas a augusta olhitáurea: “Que proferes, Ó formidável Júpiter? Salvares

Mortal à triste Parca já fadado!

Salva-o, porém do Céu não tens o assenso. Digo mais, e reflete, à pátria vivo

Se envias teu Sarpédon, outros numes, Da injustiça irritados, hão de os filhos

Muitos livrar que ante Ílio estão pugnando. E do teu predileto se hás piedade,

Mal do Menécio a mão do alento o prive, Consente à Morte e ao Sono que o transportem À opulenta alma Lícia: irmãos e amigos

Façam-lhe exéquias e lhe sangrem pios

Túmulo e cipo, aos mortos honra extrema.” O pai de homens e deuses resignou-se; Mas pelo filho, a quem da pátria longe

Na feraz Tróia imolará Pátroclo, Asperge a terra de sanguíneo orvalho. Já se contrastam; mas Pátroclo ao bravo Pajem do rei Sarpédon, Trasimelo, Vulnera no imo ventre e solta a vida.

Sarpédon brande a lança impetuosa, E o golpe errado a pá direita fere

De Pédaso corcel, que em vascas geme

Na arena a espernear e arcando expira. Xanto escouceia e Bálío; o jugo estala, E as bridas se embaraçam no que atado Ao temão jaz no pó. Na afronta, o hasteiro Automedon provê: de Junto à coxa Robusta saca a lâmina aguçada, E ao da boléia presto aos loros talha. Direita a imortal biga ao freio acode. Aos dois rói nova sanha e fogo novo: Inda a Sarpédon falha a cúspide ênea, O ombro só roça esquerdo; mas certo Pátroclo o pique lhe enterrou por onde O coração as víceras torneiam.

Como o carvalho, ou choupo ou celso pinho, Para naval fabrico, ao truz desaba

De afiada secure; ante os cavalos

E o carro jaz, e o pó sanguíneo apalpa, Os dentes a estrugir. Qual fulvo touro, Soberbo entre a flexípede manada, Sob os colmilhos do leão morrendo, Muge, inda se debate; assim, vencido, Gemente o rei dos adargados Lícios,

A bracejar, o camarada chama: “Diletíssimo Glauco, mais que nunca,

Mostra o que és, sê pugnaz, o mando assume. Por Sarpédon
concita os cabos todos

A pelejar; tu mesmo a lança enrestes. Infâmia e opróbrio te
será perpétuo Os Gregos despojarem-me o cadáver,

Onde os Lícios heróis as naus disputam. Eia, as tropas inflama,
inabalável.” Cala, afila o nariz e empana os lumes,

Revolto em morte. O Aqueu lhe calca os peitos, A cúspide lhe
saca e entranhas e alma.

Os Mirmidões retêm corcéis que vagam Açodados, sem coches
nem senhores.

De Sarpédon a voz contrista a Glauco, Nem este lhe valeu, que
na mão preso Tinha o braço, e a frechada o confrangia Do
Aquivo Teucro na mural contenda; Mas ora a Febo: “De Ílio, ou
da possante Lícia, Escuta-me, ó nume arcipotente;

Queixas em qualquer parte e rogos ouves De afligido mortal:
picadas sinto

Lancinantes, o sangue não se estanca,

O ombro é pesado, o pique mal sustento. Nada posso
compreender; mas jaz Sarpédon, Sem que ao valente filho
acuda Jove.

Ó rei, sequer me sara esta ferida, Alivia-me, a fim que esforce os Lícios E o cadáver eu mesmo lhe defenda.” Benigno Febo, as dores já lhe acalma,

Veda o sangue e o robor. Exulta Glauco Da proteção do deus; primeiro os chefes Lícios procura, e a cheio passo aos Teucros Agenor se dirige e Polídamas,

Mais a Eneias e Heitor, e a este exprobra: “Sócios esqueces que da pátria e amigos Longe perecem, nem salvá-los queres!

Sarpédon morto jaz, da Lícia apoio, Valoroso, eloqüente e justiceiro;

Pelas mãos do Menécio o prostrou Marte. Indignai-vos, consócios, de que o dispam E insultem Mirmidões, vingando irosos Aos que ante as naus a botes aterramos.”

Lavra um luto geral; que, estranho embora,

Esteio era de Tróia, e o mais galhardo Entre os galhardos Lícios.

Por Sarpédon

Chameja e os guia Heitor; Pátroclo, os Dânaos, Instigando os Ajax de si fogosos:

“Vós Ajax, dantes sempre os mais estrênuos, Hoje aos Teucros. O herói que entrou primeiro No Graio muro, em terra está, Sarpédon.

Possamos nós despi-lo e encher de afrontas, A bronze
escarmentar os que se oponham!” De estímulo os Ajax não
careciam.

Uns e outros firmam-se em renhida pugna, Teucros e Lícios,
Mirmidões e Aquivos, Com medonho alarido e fragor de armas.

Para estrago maior em torno ao corpo Do amado filho, Júpiter
estende Lôbrega noite sobre o atroz conflito.

Olhinegros Aqueus primeiro afrouxam, Ferido um Mirmidon não
lerdo, prole De Agacles valoroso, Epigeu divo,

Que em Budeia magnífica imperava, E morto um primo audaz,
súplice veio A Tétis argentípede e ao marido,

Que a Tróia em poldros fértil o enviaram Do seu rompe-
esquadrões na comitiva: Sobre Sarpédon quando a mão já
punha, De uma pedrada o elmo Heitor partiu-lhe E em duas a
cabeça; do cadáver

Descai por cima, e a feia Parca o cinge. Qual açor caça a
gralhos e estorninhos, Entre os primipilares, anojado

Pelo defunto sócio, tu Menécio,

De chofre dás nos Lícios e Troianos, De seixo a Atenelau
Itemeneides Os tendões rompes da cerviz; recua Com seus
primipilares o Priâmeo:

Quanto, ou no jogo ou na homicida guerra, Alcança um tiro de
esforçado pulso,

Ganham tanto os Aqueus e os Teucros perdem. Glauco o
primeiro se voltou, matando

O caro filho de Calcon, Baticles,

De Hélade opulentíssima habitante

E o Mirmidon mais rico: este após ele, Já quase o apanha; de
repente o Lício Vira-se e a lança embebe-lhe no seio:

Ao baquear do braço, um grito soltam,

Com mágoa os Dânaos, com prazer os Troas, Que em derredor
se apinham; mas briosos Vêm de encontro os Aqueus. Merion
derriba O audaz Laogono, de Onetor progênie,

Do Ideu Jove ministro e um nume ao povo; Sob a orelha e a
maxila o fere e prostra:

A alma afunda-se logo em treva horrenda. O Anquíseo a Merion
dispara, crendo

Sob o escudo o enfiar na arremetida; Ele previsto se proclina, e
o freixo Por cima zune, enterra-se na areia,

E o conto fixo treme, até que Marte A fúria impetuosa lhe
aquieta,

Pois dardou mão robusta o bote inútil. E Eneias irritado: “És bom dançante; Mas o pique, Merion, certo fosse, Que para sempre te afracara as pernas.”

Ao que retorque o hasteiro: “És forte, Eneias; Mas nem a todos que arrostar-te ousarem, Tu contes extinguir. Mortal nasceste; A tocar-te o meu bronze, embora sejas

Na destra afouto, me darias glória,

Tua alma ao rei da lúgubre quadriga.” Mas o Menécio a Merion censura: “Que te apresta o falar, valente amigo?

Antes que um morda o pó, com feros nunca Arredarás os Teucros do cadáver:

O braço à guerra, ao parlamento a língua; Não palavras, sim obras.” Nisto avança, Marcha e o ladeia Merion deiforme.

Qual soa ao longe a mata, em fundo vale, Dos lenhadores aos contínuos golpes,

Ei-los em todo o campo o estrondo excitam De êneos arneses, bipontudas hastas, Elmos, lorigas, e broquéis e espadas.

Desconhecera o experto ao Lício cabo, Desde a cabeça aos pés de pó coberto E sangue e tiros: cercam-no e vozeiam,

Como em curral, na primavera, moscas De alvos tarros de leite em roda zumbem. Júpiter, fitos no combate os olhos,

Medita ansioso de Pátroclo o fado: Se ali sobre Sarpédon o
Priâmeo

O imole e dispa, ou se ele a vários inda Lance no extremo afã.
Por fim resolve Que o fâmulos de Aquiles à cidade

Com matança repila o chefe e os Teucros. O coração primeiro a
Heitor quebranta,

Que à pressa monta e exorta os seus que fujam, A balança Dial
pender sentindo.

Nem os Lícios resistem, vendo em meio Jazer seu rei de um
vasto morticínio, Pois sobre ele muitíssimos caíram, Quando o
Satúrnio o prélio exasperava. Despem-lhe as éreas coruscantes
armas, Que às naus remete o vencedor Pátroclo. Diz a Febo o
Nubícogo: “Anda, filho,

De sob os dardos meu Sarpédon ergas, Puro do negro sangue,
a parte, em veia Limpa o lava, e de ambrosia perfumado Veste-
lhe imortal roupa, e o dá que o levem Os dois gêmeos cursores
Morte e Sono

À opulenta ampla Lícia: irmãos e amigos Façam-lhe exéquias e
lhe sagrem pios Túmulo e cipo, aos mortos honra extrema.”

Dócil Apolo, do Ida ao campo desce: De sob os dardos a
Sarpédon ergue, Puro do negro sangue, a parte, em veia Limpa
o lava, e de ambrosia perfumado

Veste-lhe imortal roupa, e à Morte e ao Sono O dá, que na alma
Lícia o depuseram.

A Automedon excita e aos inimigos Deita o coche Pátroclo; e,
se os preceitos Louco não desprezasse do Pelides,

O trespasso evitara. Mas os de homens Vence o aviso de Jove,
que afugenta

E ao forte que instigou tolhe a vitória,

Ao Grego estimulando. — A quem, Menécio, Derribaste primeiro,
a quem postremo, Quando a morrer os deuses te chamaram?

A Adresto e Equeclo e o Mégades Perimo, E Autonoo, e Epistor
e Melanipo;

Depois a Elaso e Múlio, enfim Pilarte:

Mata-os, os mais persegue. E a de altas portas À tremebunda
lança ajoelhara,

Na grã torre se Apolo não parasse,

Em mal dos Dânaos e a favor dos Troas.

O herói pelo espigão do altivo muro Três vezes trepa, três a
eterna destra

O empurra e bate-lhe o fulgente escudo; Qual deus indo a
investir, minaz o impede O Longe-vibrador: “Não mais,
Pátroclo,

À brava lança tua os fados vedam Ílio santa arrasar; compete
a braço

Que o teu muito mais forte; ao grande Aquiles.” Temendo a
frecha do agastado Apolo, Retrograda o Menécio. Às portas
Ceias

Tem-se Heitor, cogitando se os cavalos De novo atire à turba,
ou clame às tropas

E as congregue ante o muro; e, enquanto hesita, Aproxima-se
Apolo em forma de Ásio,

Tio seu maternal, mas verde e guapo,

De Dimas geração, que às Frígias margens Do Sangário
habitava, e assim lhe fala:

“Que vil moleza, Heitor! Oh! Quanto em forças Te cedo, eu te
excedesse, que da inércia

Te havia de pesar. Anda, coragem! A Pátroclo os ungüisssonos
propele;

Busca matá-lo, e dê-te a glória Febo.”

Disse, e torna à refrega: Heitor ordena Ao belaz Cebrion que
açoute as éguas

E entre em peleja. O deus corre as fileiras, Turba e assusta os
Aqueus, exalça os Teucros. Despreza os mais Heitor, só trata e
marcha Contra o Menécio, que do coche pula,

Na sestra o pique, na direita um branco Áspero seixo oculto, e
forcejando Errado o joga, mas não foi baldio,

Que acerta em Cebrion, Priâmeo espúrio, Tendo as rédeas
auriga: às sobancelhas O esmecha a pedra e o osso lhe
espedaça, Aos pés vaza-lhe os olhos na poeira;

Ele exânime ao chão vai de mergulho. E Pátroclo a zombar: “Oh!
Como é ágil! De nau saltara no piscoso ponto,

Como da sela, e a mergulhar nas vagas, Sustentara de
ostrinhos a maruja.

São bons mergulhadores os Troianos.” Aqui, remete a Cebrion,
em guisa

De agro leão, que ao devastar o cerco, É malferido, e nímia
ardência o perde.

Pronto apeia-se Heitor. Qual num cabeça Crus também dois
leões esfomeados Morta corça tetérrimos disputam;

Os dois, Pátroclo e Heitor, da pugna mestres, Cortarem-se
almejando a sevo bronze, Brigam por Cebrion: dos pés o aferra

O Menécio, e o Priâmeo da cabeça; Teucros e Argeus frenéticos
se abarbam.

Quando, em floresta ou brenha, de Euro e Noto O certame
sacode o cortiçoso

Corniso e o freixo e a faia, gemebundos Seus longos ramos confundindo, estralam Num contínuo fragor: tais se entrelaçam, Não pensando na fuga desastrosa,

De Cebrion em roda os contendores, Em recíproco ataque a trucidar-se.

Lanças pregam-se e dardos, setas voam Dos nervos rechinando, e a rodar pedras Aos combatentes os broquéis abolam; Da boléia esquecido, o herói se estira

De pó num turbilhão por grande espaço. Enquanto o Sol montava, a tiros morrem

De parte a parte; mas no seu declive Era imensa dos Gregos a vantagem, Que a Cebrion arrancam do tumulto E do acervo das armas e o despojam.

Pátroclo a Marte igual, medonho urrando, Três vezes rui, três vezes mata a nove; Mas ah! da quarta, ó campeão divino, Luziu teu fim! Terrível sai Apolo;

Oculto em nevoeiro, a mão pesada Lhe carrega no dorso e largos ombros; Vidra-lhe os olhos súbita vertigem; Desenlaçado o esguio capacete,

Rola aos pés dos unguíssonos tinindo; Sangue e pó suja as crinas e a cimeira, Nunca dantes manchadas, quando ornavam Do divo Aquiles a venusta fronte:

Na cabeça de Heitor, para seu dano, Pôs Jove esse elmo.
Reforçado e rijo De Pátroclo nas mãos rebenta o pique; Dos
loros o pavês se lhe desliga; Mesmo Febo a couraça lhe
desprende.

Quedo e estúpido, os membros entorpece:

Traspassa-o pelas costas o Pantóides Jovem Euforbo, auriga e
hasteiro insigne, Celérrimo e adestrado, que dos carros Novel já
despenhou vinte inimigos,

E a ti, Menécio, te feriu primeiro,

Sem derribar-te; e, assim que extrai a lança, Mete-se no tropel;
pois não se atreve Encarar com Pátroclo, bem que inerte.

Este, opresso de um nune e vulnerado, Aos seus retrocedendo,
ia salvar-se; Mas Heitor, ao magnânimo ferido

E em retirada, vem por entre as alas, No vazio lhe ensopa o
aêneo gume:

Tomba o herói com fracasso, e os Gregos gemem. Qual se um
leão com javali forçudo,

Beber ambos querendo em fonte exígua, Luta cruel empenha
em árduo cume,

Té que o cerdo açodado enfim sucumbe; Tal ao Menécio, a
tantos pernicioso, Desalma Heitor. Sobre ele ovante o insulta:

“Creste assolar, demente, a pátria nossa,

E à tua, subtraído o livre dia,

As Teucas embarcar: por defendê-las Deste dia servil, é que os
sonípedes Corredores de Heitor à pugna o levam; Por guardar
seu decoro, é que na lança Os Troianos supero belicosos.

Hão de comer-te, mísero, os abutres! Nem vale o forte Aquiles,
que ao ficar-se Recomendou-te certo: — Às naus bojudas Não
me revertas, cavaleiro amigo,

Sem que de Heitor ferino aos peitos rasgues A cruenta loriga. —
Essas palavras Seduziram-te, louco, e te perderam.”

E lânguido o Menécio: “Ora blasonas! Domado eu fui por
Júpiter e Apolo,

Que o próprio arnês dos ombros me arrancaram. Sem eles,
como tu vinte guerreiros

Pelo meu dardo acabariam todos; Mas fatal sorte e o filho de
Latona,

E entre os mortais Euforbo, me renderam: És terceiro e despojas
um finado.

Escuta, e fixo o tenhas: longo tempo Não viverás; a Parca já te
espera

Sob a lança do Eácida invencível.” Disse, e expira: dos membros
desatada, A alma voa aos infernos lamentando

O seu viril esforço e mocidade.

Ao morto fala Heitor: “Por que me agouras Destino tal? Quem sabe se inda ao nado Da pulcrícoma Tétis hei-de a vida Extinguir?” Nisto, o calca, e o êneo pique Da ferida sacando, o ressupino

Corpo com ele afasta; o enresta ansioso Trás o pajem deiforme do Pelides, Automedon, que os imortais ginetes,

A Peleu dom celeste, arrebataram.

L I V R O XVII

Menelau, no conflito percebendo

Que jaz Pátroclo, a proteger seu corpo Entre a vanguarda
marcha erifulgúreo: Qual gemente primípara novilha Meiga
cerca o filhinho, o louro Atrida

Pugnaz, de hasta e rodela, ameaça firme A quem se
apropinquare. Mas ante o morto O galhardo Pantóides pára
ousado:

“Vai-te, potente rei de Jove aluno, Anda, abandona-me o
cruento espólio; A mim que, dos belígeros consócios,

O herói feri primeiro. A imensa glória

Tu não me impeças, ou te arranco a vida.” Suspira o Dânao:

“Que indecoro orgulho, Satúrnio pai! Javardo nem pantera,

Nem leão, de natura truculentos, Certo alojam nos peitos a
fereza

Que respiram de Panto os guapos filhos. O Équite Hiperenor,
que frente a frente

Chamou-me o Aqueu mais fraco, sem dos anos

Lograr-se, creio, ao pé não foi dar gosto Aos venerandos pais e
à cara esposa: Desgraça igual terás, se aqui me arrostas;
Escondido na turba, o fado evites.

O mal tarde os estultos reconhecem.” Indócil torna Euforbo: “Ó fero Atrida, Pagarás a ufanía, o irmão defunto,

O recente seu tálamo viúvo,

Dos nossos pais o luto e mágoa infanda. Por consolar a Panto e a nobre Frontis, Essa cabeça e arnês eu lhes oferte.

Mas cessem moras; de provar é tempo

A quem assista o medo, a quem o esforço.” Então, brandida, a cúspide recurva Embaça no broquel. Porém o Atrida

Ora a Jove, e ao contrário, que recua, A gola espeta; com robusto afinco,

Lhe afunda a ponta e o brando colo passa: Ao fragoroso baque as armas fremem; Como a das Graças, lhe salpica o sangue De ouro e prata a madeixa entretecida.

Qual, se o colono a pálida oliveira

Em terreno alimenta solitário

Que em mananciais abunde, ela formosa Viceja, e de alvas flores enfeitada Balança a coma ao vário Eólio sopro,

Té que um pegão furioso a desarreiga

E esfolha a encova; assim virente Euforbo, Em terra e exânime, é do arnês despido.

Quando sevo leão, criado em brenhas, Rouba dos pastos a melhor bezerra, Quebra a cerviz a dente, e lacerando-a O cruor

chupa e sorve-lhe as entranhas; Zagais e cães de longe
amiúdam gritos, Mas descorado medo o pé lhes tolhe: Assim
Teucro nenhum tinha a coragem De abalançar-se a Menelau
sublime; Que arrancara ao Pantóides a armadura, Se ívido
Apolo, disfarçado em Mentos, Cicônio chefe, repentino ao
márcio Priâmeo não clamasse: “Aqui persegues

A biga, Heitor, que humanos mal sopeiam, Exceto Aquiles, de
mãe deusa prole;

E o flavo Atrida, a proteger Pátroclo,

O valor terminou do exímio Euforbo.” Disse, e volta à batalha. A
Heitor profundo Nojo calou; de giro, encontra o jovem Rubro
humor a manar da atroz ferida,

E o Grego a despojá-lo: entre as fileiras Trota, a estrugir agudo,
eribrilhante, Como Vulcânea chama inextinguível. Ouvindo-lhe o
estridor, o Atrida geme, Fala à sua alma: “Se abandono o
espólio E o Menécio, que jaz pela honra minha,

Hão-de estranhar-mo Aqueus; a Heitor se arrosto Só por
vergonha, a gente que atrás segue

Do seu elmo êneo e vário, há de envolver-me. Titubas, alma? A
quem brigar se atreve

Dos Céus contra um válido, a ruína é certa. E alguém me
estranhará ceder ao homem Que um nune guia? A voz de Ajax
soasse! Ambos, à divindade resistindo,

O caro morto menos mal seria

Restituirmos ao soberbo Aquiles.” Neste comenos, já de Heitor
à vista, Solta o corpo; virando-se por vezes,

Como leão barbudo retrocede,

Que expulso a dardos e a ladridos e urros, Invito e em sanha do
curral se aparta.

Junto aos seus tem-se, busca em roda o grande Ajax, que à
sestra o peso atura todo,

E assombrados por Febo anima os sócios; Direito a ele corre:
“Ajax amigo,

Pátroclo a defender nos apressemos; Sequer seu nu cadáver
tenha Aquiles, Pois de Heitor galeato o arnês é presa.” Comoto
parte Ajax, e o flavo chefe, Pela frente. A Pátroclo já despido
Arrastando ia Heitor, para entregá-lo, Decepada a cabeça, aos
cães de Tróia; Mas, perto Ajax com torreado escudo, Ele à turba
se acolhe, ao coche pula,

E em troféu à cidade envia as armas. Do pavês cobre Ajax o
herói defunto, Como a leoa ampara os seus cachorros

Que em selva ataca chusma de monteiros. E os olhos eferados
revolvendo,

Os retrai às franzidas sobrancelhas.

Ao bravo Menelau, que o ladeava, Recrescia no peito o luto acerbo.

Turvado o argúi o Lício Hipoloquides:

“Com esse garbo, Heitor, não vai teu brio; És fugaz, e te exalta injusta fama.

Só com teus cidadãos cogita os meios De salvar a Troiana sociedade:

Meus Lícios não terás. Que lucro houveram Da constância e denodo em tantos riscos?

Há-de um guerreiro obscuro em ti fiar-se, Quando preia aos Grajúgenas largaste

O camarada e hóspede Sarpédon, Em vivo teu apoio e de Ílio esteio?

Nem dos cães te esforçaste a preservá-lo! Ouçam-me, e a casa voltaremos todos,

E Ílio embora desabe. Aos Teucros falta O coração dos que ousam pela pátria Sofrer trabalhos e afrontar perigos; Aliás, Pátroclo a rojo aos celsos muros De Príamo subira, e as pulcras armas

E o nosso rei tivéramos, em troca

Do Aqueu fortíssimo ante as naus prostrado,

Fâmulo caro do espantoso Aquiles.

Mas de Ajax te amedrontas; quando o encaras, Pois vence-te em valor, desapareces.” Indignado o Priâmeo: “Altivo e agro Me insultas, Glauco? Amigo, o mais prudente Eu te julgava da glebosa Lícia;

Mas ora insano de tremer perante O grande Ajax me acusas. A peleja

Nunca assustou-me, ou dos corcéis o estrépito; Sujeito-me do Egíaco à vontade,

Que audazes afugenta e a glória tira

Ao próprio que instigou. Tu fica, observa Se em todo o dia fraco sou, qual pregas, Ou se a qualquer Argeu, por mais valente, Arredar sei do corpo de Pátroclo.”

Presto bradou: “Sede homens, Lícios, Teucros, Do vosso ardor, ó Dárdanos, lembrai-vos;

No entanto, visto o arnês do exímio Aquiles, Por mim saqueado ao bélico Pátroclo.”

Da liça lagrimosa então saindo,

Corre aos que a Ílio santa o arnês levavam; Alcança-os breve; manda o seu, que muda

Pelo de Aquiles, imortal presente Feito a Peleu; do velho dado ao filho, Que o não trará por certo na velhice. Jove de parte o viu cingindo as armas Divinas, e a cabeça meneando,

Falou consigo: “Ai! Longe a morte cuidas, E ela te acerca: do que tremem todos Revestes a armadura, e o forte e ameno Amigo seu matando, sem decoro

Dessa armadura mesma o despojaste.

Mas vou de glória encher-te, em recompensa De não voltares: triste! À esposa tua

Nunca apresentarás o arnês de Aquiles.” Anui e arqueia as pretas sobranceiras,

A Heitor adapta o arnês; Mavorte horrendo Lhe exalta o brio e os membros lhe vigora. Ei-lo os mais feros busca; eriesplendente Semelhando ao magnânimo Pelides,

Se dirige a Medon, a Glauco e Mestles, A Asteropeu, Tersíloco, Hipotoo, Disinor, Fórcis, Crômio e Enomo vate,

E clama e exorta: “Ouvi-me, inútil bando

Cá não chamei das convizinhas tribos, Sim fiel gente que dos Gregos duros Nos defenda as mulheres e os meninos. Por sustentar seu zelo, esgoto os povos De víveres e dons; cumpre que ousado

Cada qual morra ou vença: é lei da guerra. Quem a Ajax repelir e aos muros Teucros Rojar Pátroclo, de metade logre

Do espólio todo, iguale-me na glória.”

Disse; em coluna, de hasta em reste, avançam Contra os
Aqueus, e ao Telamônio esperam Arrancar o cadáver.
Insensatos!

Ele é que há de arrancar a vida a muitos Sobre o cadáver; mas
primeiro exclama: “Querido Menelau, de Jove aluno,
Escaparmos não conto. Hei grande medo Ceve em Tróia o
Menécio a cães e abutres, Quanto por mim receio e por ti
mesmo: Heitor, bélica nuvem, tudo envolve; Negreja o nosso
derradeiro dia.

Eia, os mais fortes chama: oh! Se te ouvissem!”

Pronto o guerreiro Menelau vozeia:

“Chefes Aquivos, príncipes e amigos, Os que bebeis à mesa dos
Atridas,

E honrados sois de Jove e regeis povos, Do conflito no ardor
mal vos distingo, Mas indignados vinde; a todos peje

Ser escárnio o Menécio a cães de Tróia.” Súbito Ajax de Oileu,
por entre as alas, Se precipita, e o rei Cretense e o pajem, Rival
de Marte, Merion cruento.

Quem poderia recordar os nomes

De Graios tantos que a peleja instauram? Heitor condensa as
tropas e arremete: Como, de um rio à foz por Jove inchado,
Mugem contra a corrente as salsas ondas

Que o mar vomita à praia; assim dos Teucros Muge o clamor.

Num ânimo os Aquivos,

De êneos escudos a Pátroclo muram,

E névoa em torno aos coruscantes elmos Lhes derrama o
Satúrnio, que o prezava; A defendê-lo excita os companheiros,
Pois odioso lhe era aos cães de Tróia Deitado ser o fâmulo de
Aquiles.

Olhinegros Aqueus primeiro o corpo Trépidos abandonam, sem
que os toquem Ávidas lanças dos bizarros Teucros.

O morto iam rojando, e a poucos passos Acorre o Telamônio,
que no aspecto

E gentis feitos superava os Dânaos, Exceto o divo Eácida: à
maneira

De javali, que em montes perseguido, Virando-se entre a mata
impetuoso, A molossos dissipa e a caçadores;

Rompendo o grande Ajax pelas fileiras, Fácil espanca Iíacas
falanges,

Que a Pátroclo circundam, na esperança De arrastá-lo à cidade
e alcançar glória. Filho Hipotoo do Pelasgo Letos,

Para agradar aos Frígios e ao Priâmeo, Liga o talim do
tornozelo aos nervos, Entre o barulho o tira; eis, não valendo
Muitos que o desejavam, pela turba Salta Ajax, o elmo aêneo

lhe atravessa, E o da forçada mão fulmíneo bote Fende o cocar
eqüino, e pelo encaixe

Do hastil espirra o cérebro sangüento. Soltando o pé do herói,
desfalecido Sobre o cadáver se estirou de bruços,

Longe da alma Larissa, aos pais ah! nunca Há-de pagar
terníssimos cuidados,

Pois gume atroz cortou-lhe os breves dias. Darda Heitor contra
Ajax, que atento esquiva O resvalante golpe, mas o emprega
No Ifítio Esquédio, exemplo dos Focences, Que em Panopeia
alcáçar tinha vasto

E em muitos imperava: a brônzea ponta Dá no pescoço e do
ombro sai por cima; Na queda ronca o arnês. Ao Fenopides
Fórcis, que de Hipotoo contendia,

Ajax rompe a couraça e pelo ventre A cúspide lhe embebe nas
entranhas; De palma em terra o belicoso arqueja. A vanguarda
recua e o Teucro chefe;

Em grita os Gregos, a Hipotoo e Fórcis Os corpos rojam, da
armadura despem. E os de Ílio ignavos abrigar-se iriam,
A vitória os Grajúgenas obtendo,

Mau grado a Jove, por virtude própria, Se a Eneias não
desperta o mesmo Apolo, Em figura do Epítides Perifas,

Que arauto envelhecera ao pé de Anquises, E por sábio e sisudo
era afamado;

Perto lhe fala: “De que modo, Eneias, Vós contra um nume
salváreis Tróia? Emulando os heróis que eu via outrora, Em seu
denodo e em seu valor seguros, Na intrepidez de numerosas
tropas: Jove antes é por nós que pelos Dânaos; Mas fugis
aterrados, sem pugnardes.” Olha Eneias, conhece o Argenti-
arheiro, E a voz desprega: “Heitor e auxiliares, Que desdouro é
cobardes retornarmos, Repulsos dos Aquivos! Ora acaba

De revelar-me um deus que o Padre sumo Será por nós.
Comilitões, coragem!

Direito aos Gregos; em sossego ao menos Eles às naus Pátroclo
não recolham.”

Fora eis avança e pára, e assim que os Teucros Voltam face, a
Leócrito lanceia,

De Arisbas filho; o bravo rola e expira. E logo o camarada
Licomedes Encarna impetuoso o pique ardente No fígado por
baixo do diafragma,

De Apisaon Hipáside, e o prosterna: Da ubertosa Peônia digno
chefe,

Depois de Asteropeu, mais se estremava. O márcio Asteropeu
rompe sentido

A provocar os Dânaos, mas debalde; Eles, Pátroclo a rodear,
em pinha

De lanças e broquéis lhe fazem muro. De fileira em fileira, Ajax
proíbe

Sair das linhas e deixar o morto; Firmes ordena todo o choque
esperem.

Roxeia o sangue; uns sobre os outros morrem, O chão
banhando, Lícios, Troas, Dânaos;

Mas destes menos, porque em massa lutam, E com mútuo
socorro se protegem.

Qual fogo o prélio ardia, e pela treva

Que o Menécio ocupava e os contendedores, Creras extinto o
Sol, extinta a lua:

Logravam-se os demais, em mole ataque,

De ar sereno e de claro esparso lume, Campina e montes a
brilhar sem nuvem, E de longe e interruptos pelejavam, Tiros
mortais recíproco evitando;

Os mais fortes no centro, os afligiam Caligem, dor, fadiga e
sevo bronze. Dois heróis todavia inda ignoravam, Trasimedes e
Antíloco, a desgraça

Do bom Pátroclo, e acérrimo o supunham Em meio do conflito,
enquanto apenas, Dos sócios prevenindo a perda e a fuga,
Distantes combatiam, por cumprirem

De Nestor os conselhos à partida. Pelo companha do veloz
Pelides Cruel ferve o certame o dia inteiro, Pés, joelhos e
pernas, o cansaço Afraca a todos, em suor escorrem

Sujas faces e mãos. Quando mandados Servos, dispostos em
redor, estiram De enorme touro a gordurosa pele,

Puxam-no, até que, o leve humor purgando E impregnada
grossura, o couro espicham:

Assim, daqui dali num curto espaço O cadáver puxando, uns
esperavam A Pérgamo levá-lo, outros à frota.

Cresce o tumulto; e, ao vê-lo, os aplaudira Mesmo o feroz
Gradivo e irosa Palas: Tanto ali nesse dia áspero estrago

De varões e corcéis difundiu Jove! Morto o amigo inda Aquiles
não sabia.

Sendo ao longe a contenda e junto aos muros; São das portas
cuidava que voltasse,

Pois subverter a Tróia não podia,

Sem ele nem com ele: a mãe por vezes Descobriu-lhe de Júpiter
o arcano.

Ele então lhe ocultava o caso horrível Ao seu mais caro sócio
acontecido.

Lança a lança, incessantes se matavam. Dizia um Grego: “É feio
às naus voltarmos; Primeiro, amigos, nos engula a terra:

Antes morrer que dar a glória aos Teucros De rojá-lo à cidade.”

E um Teucro: “Amigos, Melhor é que nos dome a Parca a todos;
Ninguém mais o cadáver desampare.”

Assim, de parte a parte, se animavam. Enquanto insistem, sobe
ao céu de bronze Pelo infrugífero ar rumor de ferro,

Os cavalos do Eácida arredados, No pó sentindo o sólito
cocheiro, Obra de Heitor ferino, lagrimavam: Já brando, já
minaz, estala o açoute

O Diório Automedon; mas nem queriam Do amplo Helesponto
reverter às praias, Nem ao combate; quedos, como o cipo De
varão no sepulcro ou de matrona, Ante o nítido carro, de olhos
baixos,

Do seu guia saudosos, quentes gotas Vertiam sobre a areia; em
cerco ao jugo Manchada lhes flutua a espessa crina. O Satúrnio,
do choro condoído,

A cabeleira abana e entre si fala:

“Qual! Não sujeitos à velhice e à morte, Ao rei mortal Peleu
doados fostes,

Para entre humanos padeceres mágoas? As criaturas são mais infelizes

Das que na terra movem-se e respiram!

Em coche que tireis nunca o Priâmeo Se assentará, que o vedo: não lhe basta Ufanar-se das armas temerário?

Ânimo hei-de infundir-vos, por que a salvo Automedon vos reja. À instruta frota

Levar inda a matança aos Troas caiba, Té que o Sol caia e assome a sacra noite.”

Logo inspira aos corcéis força incansável: Ei-los, o pó da juba sacudindo,

O coche entre uns e outros arrebatam.

Em cima Automedon, que a dor comprime, Rui qual de chofre abutre sobre gansos; Ora foge ao tumulto, ora se envia

Ao mais basto; repele-os sem matá-los, Que, só no divo assento, era impossível Suster as bridas e jogar da lança.

Do Emônio Laerceu o avista o filho

Alcimedon, que pára: “Um deus te cega! Só, na vanguarda combater intentas?

O sócio egrégio, Automedon, foi morto,

E exulta e ombreia Heitor o arnês de Aquiles!” Respondeu-lhe o Diório: “A que outro Grego,

Depois do auriga divinal Pátroclo, Posso entregar, Alcimedon, a biga? Pois que ele preia foi da Parca horrível, Toma o chicote e as artefatas rédeas; Que a pé vou pelejar.” — o Laerceides

Pula ao carro, o chicote e as rédeas pega; Automedon se apeia. Heitor adverte-o, Volta-se a Eneias: “Príncipe, os cavalos Do Eácida veloz, observo, trotam

Com inábeis cocheiros: se me ajudas, Empolgados serão; pois de arrostar-nos Aos dois guerreiros faltará coragem.” Aplaudes o Anquíseo. Vão direitos ambos, Com sólidos broquéis de couro táureo, De múltiplas lâminas forrados.

Crômio e o deiforme Areto os acompanham, Credo imolar os dois e haver a biga

De árdua cerviz: dementes! Não sem sangue Automedon consentirá que voltem.

Este ora a Jove, o peito hirsuto mune De fortaleza, e ao fido sócio fala:

“Perto os corcéis, Alcimedon, me tenhas,

E às costas me respirem: não presumo

Que Heitor amaine a fúria, antes que monte Os comados frisões, nos mate, em fuga Ponha os Aquivos, ou na empresa acabe.” Então chama os Ajax e o louro Atrida,

Por socorro a bradar: “Curem do morto E preservem-no fortes
que o circundam; O escuro dia repeli de vivos:

Os Teucros de mor brio a nós remetem, Entre o choroso prélio,
Heitor e Eneias. Pousa o evento aos joelhos dos supremos:
Daqui dardejo, e deixo tudo a Jove.” Disse, e de Areto na rodela
o pique Penetrando sem custo, lha atravessa,

Pelo bálteo lhe fura o baixo ventre: Qual, se afiada secure de
um mancebo De boi silvestre sobre os cornos talha O nervo
todo, pula e cai a rês;

Tal pula e cai Areto, e nas entranhas Hasta fremente as forças
lhe descose. Despede Heitor a Automedon a sua: Este previsto
se proclina e livra:

Atrás se enterra a choupa e o conto abana, Até que Marte o
ímpeto lhe quebra.

De espada iam bater-se, a não romperem Os dois Ajax
ardentes pela turba, Acudindo ao chamado; receosos

Vão-se Eneias e Heitor e o divo Crômio, E Areto fica de rasgado
seio:

O márcio Automedon lhe tira as armas A jactar-se: “A Pátroclo
este é somenos, Mas algum tanto o nojo me alivia.” Logo o
espólio cruento ao carro sobe, Tendo punhos e pés
ensangüentados,

Como um leão que fez de um touro pasto. Sobre o corpo
recresce a lagrimosa Contenda, exacerbada por Minerva,
A quem, já de outro acordo, o pai supremo Do céu mandara
acorçoar os Gregos:

Bem como quando Jove aos homens tende O áreo purpúreo,
indício de batalhas,

Ou de fria procela, que suspende Rurais trabalhos e entristece o
gado; Ela coberta assim de roxa nuvem,

Do campo a dentro, a cada qual suscita. Primeiro a Menelau,
que estava perto, A forma e a voz de Fênix indefessa

Assumindo, clamou: “Que opróbrio, Atrida, Se os cães de Ílio
consentes lacerarem

O consócio fiel do exímio Aquiles! Eia, o exército anima, e sê
brioso.”

E o pugnaz Menelau: “Se, ó padre Fênix, Augusto velho, me
assistisse Palas,

E da chuva de setas me abrigasse Eu por certo a Pátroclo
socorrera, Cuja morte me pesa e me angustia;

Mas o fogo de Heitor e o voraz bronze Consumem tudo, e Jove
o glorifica.” Alegre de invocada ser primeira, Joelhos e ombros
lhe vigora a deusa; Põe-lhe no peito negro a teima e audácia

Com que a mosca, enxotada, insiste e morde, Pois é de sangue humano apetitosa.

Próximo de Pátroclo, a lança brande: Pelo talim perfura o Teucro Podes, Rico e forte plebeu, de Eetion nado,

De Heitor estimadíssimo conviva;

Que, ágil a se escapar, de roldão tomba. Para os Aquivos ao regalo Atrida,

A Heitor exorta Apolo arcipotente, Em Fenope de Abido, filho de Ásio, O hóspede seu mais caro, disfarçado:

“A que outro Grego, Heitor, serás tremendo, Se a Menelau, guerreiro pouco ilustre,

Tens hoje medo? Ousa ele só de rastos Levar teu fido sócio, o estrênuo Podes, Entre os primipilares abatido.”

O herói, de alma toldada e erifulgente, Sai da linha. A de fímbrias Jove apunha Égide jaspeada, o Ida enubla;

O escudo a sacudir, corisca e toa, Em sinal da vitória dos Troianos. Primeiro foge Peneleu Beócio;

Que de hasta, frente a frente, Polidamas O ombro lhe esflora e o osso lhe descarna. Heitor vulnera o corpo a Leuto, filho Digno de Alectrion; que, da ação fora, Trépido em roda olhando, se retira,

Porque na mão suster não pode a lança. Idomeneu de Leuto o
vê no encaço,

À mama atira, o pique na couraça

Pelo encaixe estralou, com Tróico aplauso. Heitor joga ao
Deucálide, que ereto

No coche estava; o bote errado apanha A Cerano, que lá da
altiva Lictos Como escudeiro a Merion seguira.

Pedestre Idomeneu, da armada vindo, Dera alta glória aos
Teucros, se os cavalos Não traz Cerano, que de Heitor ferino
Salva o Cretense rei, mas perde a vida:

A ponta o fere sob a orelha e o queixo, Os dentes lhe espedaça
e tronca a língua; Ele do coche rola e solta as rédeas.

Curvo as colhe Merion, dizendo: “O açoute Maneja, Idomeneu,
sus, corre à frota:

Para os Dânaos, bem vês, não há vitória.” Já, temeroso, o
crinipulcro tiro

Toca o rei para bordo. Ajax percebe

Com Menelau que a sorte é pelos Teucros, E o celso Telamônio
assim discorre:

“Ah! sente o mais estulto que o Satúrnio É contra nós: os
inimigos dardos,

Ou do imbele ou do bravo, ele os dirige; Os nossos pelo chão frustrâneos morrem. Eia, a melhor maneira excogitemos

De ir com Pátroclo e encher de gosto os sócios Que tristes nos aguardam; nem já contam Suster as cruas mãos de Heitor invicto,

Sim ante as naus cair. Oh! Para Aquiles, Que do amigo suponho ignora o fado,

Houvesse um núncio! Mas ninguém descubro, Que homens e carros basta névoa esconde.

Jove aos Dânaos dissipa tal negrume, Serena o tempo, dá-lhes vista aos olhos; Pereçam, pois te apraz, à claridade.” Do pranto seu comiserou-se o Padre;

A caligem desfez. Refulge o campo À luz do sol, e o Telamônio instando:

“Olha e vê, Menelau, se está com vida O magnânimo Antíloco Nestório: Corra, ao belaz Eácida anuncie

Do predileto amigo a desventura.”

Põe-se a caminho logo o bravo Atrida. Como leão, depois de haver de noite Cães provocado e vigilantes guardas, Que cevar-se nos bois lhe não consentem, Lasso de vãos assaltos, esfaimado,

O curral deixa e de manhã se aparta, Mesto e raivoso, expulso
por audazes, Contínuos dardos e tições voantes; Assim,
forçado, o valoroso Atrida

Saiu, temendo que por medo os Gregos Entregassem Pátroclo,
e disse: “Ó nobres Chefes Ajax, tu Merion, não vades Esquecer-
vos do mísero Menécio;

A quem urge ora a Parca, e em vida todos Sabem como era
generoso e brando.”

Mal acaba, se foi. Como águia, dizem De agudíssimos olhos
entre as aves, Das nuvens lobrigando em verde moita Lebre
ligeira, de repente a empolga, Lacera e mata; assim, de Jove
aluno, Com vista perspicaz em torno, indaga Pelas falanges
todas se inda vive

Antíloco Nestório. Estava à esquerda Concitando o combate, e
já de perto

Lhe fala o Atrida: “Aqui me escuta, amigo, Um triste anúncio,
que oxalá não fora.

Por ti conheces que o triunfo Jove Reserva aos Teucros e a
ruína aos Gregos: Jaz Pátroclo fortíssimo, dos nossos

Com mágoa imensa! Voa às naus de Aquiles: Venha salvar
sequer o nu cadáver,

Que de Heitor galeato o arnês é presa.” Antíloco, de ouvi-lo triste e mudo, Pegada a voz, em lágrimas rebenta; Mas obedece, confiando as armas

A Laodoco esforçado, que os ginetes Lhe moderava, e aceleradamente Choro os pés o levam para Aquiles, A anunciar-lhe o caso miserando.

Nem tu, bizarro Menelau, quiseste Suprir de Antíloco a sentida falta: Seus Pílios ao divino Trasimedes Encomendas, e volve a Pátroclo,

Junto aos Ajax parando: “O expresso voa;

Mas, contra o nobre Heitor em que urre Aquiles, Não pode agora vir, que está sem armas.

Deliberemos nós como remirmos

Da baralha este corpo e a nossa vida.” E o Telamônio: “Amigo, bem discorres. Já, tu com Merion carrega o morto:

Atrás nós cá, do mesmo nome e audácia, Que unidos sustentado o marte havemos,

Da chusma e do acre Heitor vos resguardamos.” Os dois erguem nos braços o cadáver; Bramindo, ao vê-lo, os Teucros se arremessam. Quando cães, precedendo aos caçadores,

Cerdo acossam ferido, impacientes

De espedaçá-lo, a fera a poucos passos Vira sanhuda e a
caniçalha foge:

Em barda assim, de bipontudas lanças E de espadas os Teucros
acometem;

Mas, tanto que os Ajax torvo os encaram, Em tropel de cor
mudam, nem se atrevem Sair da fila e disputar Pátroclo.

Após os dois que os levam pressurosos Move-se atroz peleja, e
de guerreiros

E de corcéis horríssono tumulto;

Qual, de estridentes sopros ao mugido Salta em cidade
repentino incêndio,

Que em vasta chama desmorona os tetos. Como rígidos mus,
que da montanha, Labutando e em suor, ou trave ou mastro
Naval trazem por áspera azinhaga;

Vão ambos o cadáver transportando. E os Ajax o inimigo lhes
arredam, Ao teor do mamilo nemoroso

Que, na campina opondo-se à torrente, Afasta o rio e lhe desvia
o curso.

Em mó porém os Teucros os perseguem, Mormente o nobre
Heitor e o divo Eneias; E por estes repulsos, à maneira

De uma nuvem de gralhos e estorninhos, Que ao ver o gavião,
terror das pombas, Guinchando foge, em alarida os Gregos Se
esquecem do combate e retrocedem.

Muito arnês cai no fosso à retirada; Não cessa todavia o
morticínio.

L I V R O XVIII

Arde a peleja, e Antíloco despede. No já completo a meditar,
Aquiles Ante as naus esporadas suspirava

Dentro em sua alma nobre: “Hui! por que os Dânaos Turbados
pelo campo as naus procuram?

É que os numes o trago me preparam Por minha mãe predito;
ela afirmava

Que mão Troiana ao Mirmidon mais forte Roubaria, inda eu
vivo, a luz diurna: Certo jaz morto o mísero Menécio!

Cá voltar o mandei, remoto o incêndio, E nunca expor-se do
Priâmeo à fúria.”

Enquanto assim pensava, o bom Nestório Chega-se, em
quentes lágrimas lavado: “Ai! Pelides sem-par, ouve o mais
triste Fúnebre anúncio, que oxalá não fora:

Nu disputa-se o corpo de Pátroclo,

E Heitor brilhante lhe possui as armas.” O herói súbito enubla-
se: aos punhados, De pó suja a cabeça e o rosto afeia,

Denigre em cinza a túnica olorosa; Carpindo e lacerando as
gentis faces, Por grande espaço o grande corpo estira. As que
ele cativara e o seu Pátroclo, Mestas lamentam, saem fora e o

cercam, A punhos contundindo o seio belo, Laxos os membros.

O Nestório aflito

Chora, nas suas tendo as mãos de Aquiles, Receia que este a ferro se degole.

O urrar medonho ouviu-lhe a augusta madre Com seu pai no áqueo pego, e ulula e geme. Logo a torneiam Glauca, Toa, Acteia,

Neseia, Espio, Cimódoce e Talia, Olhipulcra Hália, Jera, Agave e Doto, E Melita e Cimótoe, e Linoria,

Proto, Ferusa, Dinamene e Dóris, Calianira, Anfinome, Dexamene, Nemerte, Apseude, Calianassa, Anfítoe, Panopéia, e a famosa Galateia,

Mais Climene, Oritia, Ianassa e Mera, E Janira e Amatia auricomada; Quantas Nereidas há nos fundos mares

Enchem-lhe a gruta argêntea, os peitos ferem. Tétis seu luto exala: “Irmãs, as penas

Sabei que me angustiam. Miseranda! O maior dos heróis pari mesquinha! Criado como planta em horto ameno, Forte medrava e belo, quando a Ílion

Mandei-o em naus rostradas. Ah! mais nunca Posso abraçá-lo no Peleio alcáçar!

Enquanto à luz do sol inda boceja,

Não me é dado abrandar seus pesadumes; Mas parto a ver na
ausência dos combates Que desgosto assaltou meu caro filho.”

Então saiu da gruta, e as mais com ela Vão lagrimosas
dividindo as vagas; Sobem de Tróia à praia, onde varadas

As numerosas naus de Aquiles eram. Do imo ele soluçava, e a
deusa um grito Soltando agudo, abraça-lhe a cabeça, Dorido o
coração: “Tu choras, filho?

Que amargor sentes? Fala, não mo encubras. Fez Jove o que
pediste alçando as palmas: Opressos, rebatidos e acuados,

Os Aquivos sem ti por ti suspiram.” “Sim, minha mãe, responde
gemebundo; Mas que prazer terei, se é morto aquele Que eu
tanto como a vida apreciava?

Heitor, ao trucidá-lo, da armadura O despojou, pasmoso dom
celeste

Feito a Peleu, no dia em que os Supremos No toro de um mortal
te colocaram.

Oh! Também com mortal fosse ele unido, E entre as marinhas
déias habitasse!

Não te causara dor imensa um filho, Que não hás-de rever no
lar paterno. Nem respirar o peito me consente

No meio de homens, sem que a lança minha

A alma arranque de Heitor, vingue a Pátroclo.” “Ah! torna Tétis alagada em pranto,

Que dizes, filho meu? Se Heitor sucumbe, Tens iminente o fado.”

— “Pois morramos, Diz soluçando Aquiles, já que ao sócio, Que tão longe expirou do pátrio ninho, Remir do bronze hostil não me era dado; Já que voltar a Ftia me é defeso;

Já que a tantos Grajúgenas amigos

Das mãos Hectóreas preservar não pude; Já que, excedendo na peleja a todos,

Quanto no parlamento alguns me excedem, Fiquei-me aqui da terra inútil peso.

Dos numes, dos mortais, vá-se a discórdia, Vá-se a ira que cega ao mesmo sábio:

Ela mais doce do que o mel estila, Evapora-se e cresce e os peitos incha; Tal ma acendeste, poderoso Atrida. Mas deslembremos a cruel injúria, Submissos à fatal necessidade.

Do meu Pátroclo ao matador já corro, Embora os Céus a morte me acelerem. Hércules a esquivou, tão caro a Jove? A Parca e Juno em cólera o domaram. Eu jaza onde cair, se é tal meu fado; Porém colha primeiro ingente glória. De seio airoso as Dardanas e Teucas, Em mestos ais, das faces delicadas

Às mãos ambas as lágrimas enxuguem;

Sintam que eu repousava. Nem mo empeças,

Que nisto, minha mãe, não te obedeco.” A Argentípede logo: “É bom, meu filho, Que dos consócios teus o exício afastes: Ora, a exultar, o insigne Heitor ombreia A ênea tua armadura coruscante;

Mas não exultará sobejo tempo.

Tu não entres no marte, sem que eu volte Aos olhos teus: ao rei Vulcano parto; Haverás na arraiada o que precisas.”

E às Nereidas virou-se: “Ao fundo aquoso Ide, irmãs, e a Nereu contai meus males: Ao celso fabro subo, que a meu filho

Tempere e forje lampejantes armas.” Cessa; as Nereidas súbito mergulham, E ao celso Olimpo se encaminha Tétis.

Fremindo às praias do Helesponto os Gregos, Do fero Heitor batidos, se acolhiam,

Sem livrarem Pátroclo dentre as lanças; Pois, como chama, eqüestres e pedestres E o fulmíneo Priâmeo o perseguiam: Três vezes pelos pés ávido o agarra

E brama aos seus; de esforço revestidos,

Os Ajax vezes três do morto o expellem: Ele ardido, ora investe e escala as turmas, Ora tem-se a bradar, mas não recua: Sempre

aos dois campeões tenaz resiste, Qual faminto leão se aferra à presa, Apesar dos pastores que a vigiam.

E glorioso a rastos o levará,

Se, da corte celeste às escondidas, De Juno por mandado, não descesse A núncia procelípede ao Pelides,

A quem rápido clama: “Eia, ó dos homens O mais terrível, a Pátroclo salva,

Por cujo o corpo acérrimos contendem, Mortes reciprocando, uns a retê-lo, Outros querendo a Pérgamo arrastá-lo; Heitor mormente, que num poste almeja Espetar-lhe a cabeça decepada.

Sus, de ócio basta; pese-te a vergonha De jogo o amigo ser aos cães de Tróia:

Opróbrio é teu, se ultrajam-lhe o cadáver.” “Iris, que deus, pergunta-lhe o Peleio,

Te envia aqui?” — Responde-lhe a Taumância:

“Do Satúrnio a consorte soberana. Sublime ele o não sabe, ou qualquer outro Que habite os cumes do nevoso Olimpo.”

“Como, Aquiles tornou, pelejar posso?

Eles me têm o arnês; a mãe querida, Antes que volte, proibiu-me a guerra: Prometeu-me trazer Vulcânias armas.

E não sei que outras vista, exceto o escudo Do Telamônio Ajax;
mas este, creio,

Pelo Menécio luta e a morte espalha.” “Oculto não nos é,
replicou Íris,

Que roubaram-te o arnês: mesmo sem ele Vai-te ao fosso e aos
Troianos apareças; Da ação talvez atônitos se abstenham,

E os Gregos marciais do afã respirem: O mais breve respiro é
proveitoso.”

Dali sumiu-se. Ergueu-se o divo Aquiles; A grã Minerva a égide
franjada

Pôs-lhe aos válidos ombros, de áurea nuvem Refulgente o
coroou: qual monta o fumo

De ilha distante e praça, em morte horrível Dos cidadãos no dia
propugnada,

Onde, ao cadente Sol, nas atalaias Acendem fogaréus, por que
os vizinhos Tragam naval socorro; assim da nobre Cabeça o
resplendor feria os ares.

Ei-lo ante o fosso, obediente à madre, Sem mesclar-se no
prélio, alteia o grito, E o da mesma Tritônia inda o reforça,
Pelos Teucros lavrou tumulto e espanto. Como o clangor da
tuba, em duro cerco De hostes exiciais, o alarma soa,

A voz soou de Aquiles érea e clara: Treme o inimigo; retrocedem
coches, Dano os frisões comados pressagiam; Assustam-se os
aurigas, do Pelides

Ao ver sobre a cabeça o fogo horrendo, Mais por Minerva
cérula inflamado.

Vezez três sobre o fosso grita Aquiles, Três debandam-se os
Teucros e aliados; Na confusão, feridos por seu bronze,

Nos coches próprios doze heróis perecem. Ledos os Dânaos a
Pátroclo salvam,

E deposto em seu leito, em roda o choram

Amigos seus. O Eácida com estes Mestas lágrimas verte,
contemplando No féretro a jazer dilacerado

O fido sócio que enviara à pugna, Para não mais o receber com
vida. O infadigável Sol, da augusta Juno Constrangido,
mergulha no oceano,

E hão do cruel conflito os Gregos trégua. Os Troianos também,
cessada a lide,

Os tiros desjungindo a ceia esquecem

E em pé se ajuntam, que nenhum se assenta; Inda os assusta o
aparecer Aquiles,

Do funesto combate há muito fora.

A mão toma o Pantóida, único atento Ao passado e ao futuro, à
mesma noite Nascido com Heitor, seu companheiro, Mais
eloqüente, se inferior na lança;

Cordato orou: “Cautela agora, amigos: Não se aguarde no
campo a ruiva aurora; Toca a entrar na cidade, é longe o muro.
Irado esse homem contra o fero Atrida, Menos acres os Dânaos
combatiam;

Ledo eu cá pernoitava, na esperança De rendermos as naus
dupliagitadas: Hoje me temo do veloz Pelides.

Bravo como é, não ficará na liça

Do esforço marcial de Aqueus e Troas; Irá dentro as mulheres
disputar-nos.

Segui-me, isto não falha, eia, marchemos. A alma noite o retém:
se aqui nos colhe, Crástino alguém terá de exprimentá-lo.

Feliz do que se escape em Ílio santa! Muitísimos serão de
abutres pasto. Nunca eu ouça tal nova! Em que vos pese, A
concordar-se, à noite nos munamos

De valioso conselho: propugnemos Das torres nossas,
reforçando as portas Com travessas e barras bem travadas.

N'alva aos merlões em armas resistamos: Ser-lhe-á mais árduo
contender conosco; Se as praias deixa, voltará confuso,
Saciados os corcéis de vãos tentames

E correrias, sem pedir-lhe o peito A cidade assolar: antes que o
faça,

De vagabundos cães será tragado.”

Austero Heitor: “Despraz-me, Polidamas, Na muralha
encerrarmo-nos de novo: Não vos cansais de estardes
clausurados?

De ouro, de bronzes rica, humanas línguas De Príamo a cidade
apregoavam;

Mas vender as alfaias e os tesouros Foram-se à Frígia, foram-
se à Meônia, Depois de infesto Júpiter: e agora, Que rebater e
encurrular os Gregos

Ele outorgou-me... Insano, cal-te e cessa; Ninguém há que te
escute, e eu não permito. Obedecei-me à risca: ceie em ranchos

Todo o exército; vele homem por homem, Rondem, patrulhem.
Quem receia e cuida Perder seus bens, à tropa os distribua;

É melhor que ela os goze do que os Dânaos. Ao luzir da manhã,
batalha seva

Excite-se ante as naus. Se o divo Aquiles Surge, o caso talvez
será mais grave:

Do horrísono conflito eu não lhe fujo; Hei-de firme arrostá-lo, e
um de nós haja

Claro triunfo. A todos Marte ajuda,

E o que matar espera às vezes morre.” Cegos os Teucros por Minerva, aplaudem Este fatal arbítrio, e o bom rejeitam

Que expendera o sisudo Polidamas. Ceia depois o exército. — Os Aquivos Lastimando a Pátroclo a noite gastam, E ao luto a suspirar o herói preside,

Postas as sevas mãos do amigo aos peitos. Qual barbudo leão, que à densa fuma Chega tarde e acha faltos os cachorros, Triste e em sanha se atira pelos vales, Buscando o roubador e os seus vestígios; Tal geme e brada aos Mirmidões Aquiles:

“Céus, que promessa vã! Dentro em seu paço Ao grã Menetes segurei que ovante

A Opunta voltaria o filho amado, Da rasa Tróia com porção da presa!

Nem sempre cumpre Jove humanos votos. Ambos fadado está que rubriquemos

A mesma terra; e aqui terei jazigo,

Sem que à mãe deusa torne e aos pátrios lares.

Já que após ti, Menécio, à campa desço, Teus funerais espaço, até que eu mesmo Tire ao teu matador a vida e as armas,

E em desafogo Teucros doze ilustres Na pira tua imole. Entanto, junto Fiques das negras naus, e dia e noite

Carpindo em cerco, as Dárdanas formosas
De reguados seios
te pranteiem,

Essas que à lança ardidos conquistamos, Opulentas cidades
assolando.”

Então faz pôr ao fogo trípode ampla, Onde a sangueira
expurgue-se a Pátroclo: Assentam prestes num brasido o vaso,
Enchem-no, acendem por debaixo lenha, E a chama em roda
lambe e aquece o bojo. A água mal ferve no sonoro cobre,
Lavado e ungido esparzem-lhe nas chagas Um bálsamo
novene, e em lençol fino,

Da frente aos pés o envolvem sobre o leito, Alvo manto por
cima. Inteira a noite Choram-no os Mirmidões, geme o Pelides.
Jove à consorte e irmã: “Juno olhipulcra,

O ardor enfim de Aquiles inflamaste: Certamente os Aqueus
amplo-comados Provêm de ti.” — Responde a augusta Juno:
“Terrífico Satúrnio, que proferes?

Mortal e a nós somenos em cordura,

O homem consegue o intento contra o homem; E eu que as
deusas precedo, eu sangue e esposa Do nume soberano, eu só
não devo

Dano aos Teucros urdir e encher meu ódio!” Chega, entanto, a
argentípede Nereida

À Vulcânea estrelada e incorruptível, Estupendo labor do coxo mestre; Suado a azafamado aos foles o acha, Trípodes vinte a fabricar, adornos

Da aênea régia: em rodas áureas pousam, Com que espontâneo ao divinal congresso Vão-se e tornem-se à casa, oh maravilha! Perfeitas quase, as pegas só lhes faltam, Cujos cravos aguça. Ao tempo que ele Isto engenhava, aproximou-se Tétis.

Eis Cáris, de Vulcano a bem toucada Gentil consorte, a mão lhe aperta e fala:

“Deusa louçã de flutuante peplo, Eras aqui mui rara; a que vens hoje? Anda, vou pôr-te hospitaleira mesa.”

Já, de escabelo aos pés, dentro a coloca Em primorosa claviargêntea sela;

Depois chama a Vulcano: “Vem, que Tétis Algo há mister.” — O artífice responde: “Que! Vejo a deusa que salvou-me aflito, Quando ocultar esse aleijão querendo, Me fez do céu cair indigna Juno!

Quanto eu sofrera, a não me dar asilo, Mais do Oceano refruente a prole Eurínome formosa! Por nove anos Em cava gruta lhes forjei colares, Anéis, fivelas, braceletes, brincos:

Roncava espúmeo em torno o imenso pego; Homem nem deus algum de mim sabia, Porque Eurínome e Tétis me velavam.

Procura-me a pulquíssima Nereida; Pagar-lhe devo obrigações
tamanhas. Tu lhe apresenta opíparos manjares,
Enquanto os foles e instrumentos guardo.”

Já deixa a incude o monstruoso fabro, A vacilar nas bambas
frouxas pernas: Retira os foles, mete em arca argêntea Os
utensils; de esponja a cara enxuga, Pulsos, cachaço e cabeludos
peitos;

E, com túnica limpa e um grave cetro, Vem coxeando; o rei
trôpego esteiam Moças de ouro que às vivas assemelham Na
força e mente e voz, por dom celeste; Ladeiam-no cuidosas.
Tardo o passo, Vizinho a Tétis, em brilhante sólio

Senta-se, a mão lhe cerra acaricioso: “De roçagante peplo ó
deusa augusta, Raro aqui vinhas; que pretendes hoje? Fala
segura; o coração me pede

Fazer tudo por ti, se for possível.”

E ela a chorar: “Do Olimpo qual das deusas Tem curtido,
Vulcano, as amarguras

Que me propina Jove? Entre as Nereidas Fui só quem de um
mortal entrei no toro, Do Eácida Peleu forçada esposa:

Velho jaz e abatido; eu, mesta e aflita.

Parir deu-me e criar o herói mais bravo, Que medrou como
planta em horto ameno: Crescido, o enviei mesma em naus
rostradas Contra estes Teucros. No Peleio alvergue Não mais
hei-de abraçá-lo, e enquanto vejo E goza a luz do sol, vive em
tristezas.

Nem consolá-lo sei: roubou-lhe o Atrida

A quem houve em prêmio, e a dor e o pejo o ralam. Dante as
popas os Dânaos, rechaçados,

Nem saíam; deprecam-lhe os melhores E honrosos dons
prometem: nega-se ele,

Mas no seu mesmo arnês manda a Pátroclo E os Mirmidões,
que às portas Ceias pugnam O dia inteiro. E então caíra Tróia,
Se Apolo entre a vanguarda não matasse, Para glória de Heitor,
ao bom Menécio,

Que amplo estrago esparzia. A teus pés rogo Faças ao filho
meu de curta vida

Elmo, escudo, loriga e afiveladas

Grevas gentis: perdeu-lhe o amigo as armas; E ele opresso e no
pó jaz consternado.”

Diz Vulcano: “Sossega, não te aflijas.

Pudesse à minaz Parca subtraí-lo,

Como lhe hei de aprestar brilhantes armas, Dos humanos
espanto.” Eis vai-se aos foles, Vira-os ao fogo, e ordena-lhes
que operem. Eles em vinte forjas respiravam,

Ora com sopro lento, ora apressado, Segundo o que há na
mente e quer o artista. Cobre indômito ao fogo e estanho e
prata

E ouro pôs fino, ao cepo vasta incude, A tenaz numa mão,
noutra o martelo. Sólido forma o escudo, ornado e vário
De orla alvíssima e triple, donde argênteo Boldrié pende, e
lâminas tem cinco.

Com dedáleo primor, divino engenho, Insculpiu nele os céus e o
mar e a terra; Nele as constelações, do pólo engastes, Orion
valente, as Híadas, as Pleias,

A Ursa que o vulgo domina Plaustro, A só que não se lava no
Oceano.

Duas cidades povoou. — Solenes Bodas há numa: as noivas,
entre fachos,

Vêm dos tálamos, guiam-nas chamando

Por himeneu; de giro dançam moços, Tocam flautas e cítaras;
mulheres, Dos vestibulos seus, estão pasmadas. Apinham-se no
foro, a ver o pleito

Que por causa da multa as partes erguem De um recente
homicídio; afirma ao povo Um tê-la pago à risca, o outro o
nega, Produzir ambos testemunhas querem; Divide-se o favor,
soa o tumulto,

E impõe silêncio arautos; sobre lisa Pedra, em círculo sacro,
estão juízes, Que em varas dos arautos clamorosos,

Por seu turno opinando, em pé se encostam; Ali no meio há de
ouro dois talentos,

Para quem proferir melhor sentença. Na outra cidade, exércitos
se acampam A reluzir. Os cercadores traçam Destruí-la, ou
metade saquear-lhe

Do que há no soberbíssimo castelo.

Os de dentro, insistindo, armam ciladas; Em guarda ao muro os
velhos e as mulheres E os meninos deixando, uma sortida

Fazem com Marte e Palas, ambos de ouro E de ouro as vestes,
cujo brilho e talhe Dos humildes mortais os distinguiam.

Eles, já de emboscada ao pé de um rio E onde o armento bebia
não se despem Do fulgoroso bronze, e avante postam Vigias
dois que da chegada avisem

De negros bois e ovelhas. Já descobrem Uns pastores que,
alheios das insídias, Na avena divertiam-se, e improvisos Aos
miseros matando, se apossavam Do alvo rebanho e gado. Os

cercadores, Em assembléia, a bulha e o mugir fere, E montando os corcéis, rápido às abas Do rio empenham férvida batalha:

Vaga a Discórdia, o Susto; aferra a Parca

De fresco um vulnerado e um são e um morto, E os roja pelos pés, e tinto em sangue

Ata aos ombros o manto. Os combatentes Parecem vivos; de uma e de outra parte, Dos sócios os cadáveres carregam.

Mole alqueive insculpiu, largo, abundoso,

Três vezes amanhado, e o lavram muitos, Aqui e ali dos bois virando o jugo;

Ao fim de cada sulco, um homem sempre Lhes verte um copo de suave baco;

Eles outros começam, desejosos

De profundá-los todos. Bem que de ouro, Atrás negreja o alqueive, nem que arado Verdadeiro o fendesse: oh grã prodígio! Insculpiu loura messe, e dos ceifeiros Foice a talha afiada: em linha os molhos Por terra vão caindo; enfeixadores Seguem três para atá-los, e uns meninos Lestos atrás colhendo, os acumulam.

Numa paveia, o rei cetrado assiste, Silente e alegre; à sombra de um carvalho Arautos põem-lhe a mesa, espostejada Enorme

rês; mulheres aos ceifeiros Mesclam vária farinha e a ceia
aprontam. Áurea vinha insculpiu de roxos cachos,
Que ao peso verga, e arrima-se em argêntea Fieira de
tanchões; de estanho sebe,
Fosso de esmalte a cinge; uma azinhaga

Só tem para a vindima: adolescentes E donzelinhas, de ânimo
sinceros,

O doce fruto em canistréis apanham. Tange um menino
harmônico alaúde,

E canta com voz meiga ao som das cordas; Bailam tripudiando
os vinhateiros,

A repetir a ponto as melodias. Manada ali gravou de altivos
cornos:

De ouro e de estanho os bois, mugindo rompem Do curral para
o pasto, indo-se às margens

De ressonante caniçoso rio;

De ouro há vaqueiros quatro e mastins nove; Dois medonhos
leões na frente empolgam Um touro berrador, que a rastos
geme; Segue a matilha e a gente, mas as feras Chupam-lhe o
sangue e as láceras entranhas; Os vaqueiros seus cães debalde
açulam;

Os cães morder as feras não se atrevem, Bem que de perto
ladrem. — Pôs Vulcano Em vale ameno cândidas ovelhas,
E redis e tapigos e tugúrios.

Coreia ali gravou, qual na ampla Cnosso

Fez Dédalo à pulcrícoma Ariadna. Moços e virgens palma a
palma enlaçam. A terra pulsam: tènue linha as veste, Veste-os
guapo tecido azeitonado;

Elas flóreas grinaldas, eles trazem Áureos alfanjes em talins de
prata.

Com mestra e leve planta, ou já discorrem Qual do oleiro
tocada ao móbil torno Rápida volve a roda, ou já desfilam:
Deleita-se o tropel que em cerca pasma.

Dois adiante uma toada rompem,

A voltear e aos pulos. — Em remate, Na orla esculpiu do enorme
rijo escudo A ingente força do Oceano rio.

Depois forma a couraça mais que o fogo Resplandecente, e à
frente acomodado Grave brunido casco de áurea crista,

E de dúctil estanho as grevas tece. Completo alçando o arnês,
à mãe de Aquiles O deus o oferta; ao gavião parelha,

Toma as Vulcânicas coruscantes armas, Do alto nevoso Olimpo
se despenha.

L I V R O X I X

Do fluente Oceano a crócea Aurora Surgindo, homens e deuses alumia; E às naus Tétis baixando, o seu dileto

Em soluços encontra e os companheiros, Que em torno de Pátroclo o lamentavam; Pega da mão do filho a clara déia:

“Do céu vontade foi; bem que saudosos, Deixemo-lo em descanso, amado Aquiles. Tu Vulcânias recebe ínclitas armas, Quais não coube a varão jamais vesti-las.” Deposto aos pés do herói, o arnês retine.

De susto os Mirmidões fitar nem ousam Tal maravilha, apartam-se espantados: Ele, ao vê-lo, de cólera trasborda, Olhos em brasa, as pálpebras em chama; Folga de o manejar. De examiná-lo

Já saciado: “Minha mãe, profere, Certo a não fez mortal, obra é divina!

Armar-me irei; mas temo que entrem moscas Nas chagas do guerreiro e criem vermes,

Que ah! sem vida, o cadáver deturpando, Os dissolvidos membros lhe apodreçam.” E a genetriz: “Não cures disso, filho; Enxotarei eu mesma o agreste enxame Que imolados belígeros devora.

Jazesse um ano, que seria inteiro,

E inda melhor. Convoca os chefes Gregos; Apaziguado, ao rei
dos reis perdoa;

Do teu valor te escuda, ao prélio corre.” Disse, e brio
audacíssimo lhe infunde; Mas em Pátroclo, a preservá-lo, instila
Pelas ventas ambrosia e rubro néctar.

Ao longo vai da praia o divo Aquiles, E excitando os Grajúgenas
vozeia:

Surdem mesmo os que a bordo permanecem, Despenseiros,
pilotos, contramestres,

A olhar o campeão que às armas torna; Os fâmulos de Marte,
Ulisses nobre

E Tidides belaz, das chagas inda

Vêm manquejando, n’hasta abordoados E sentam-se diante;
último assoma

O sumo cabo, na áspera contenda

Por Coon Antenórida ferido.

Começa Aquiles: “Poderoso Atrida, Primeiro que a discórdia nos
roesse, Magoados corações por uma escrava, Oh! Diana ante
as naus a asseteasse, No mesmo dia que abati Lirnesso!

Nem tanto Aqueu prostrado o pó mordera, Nem do ódio meu
tenaz Heitor folgara:

Há-de lembrar nossa disputa aos Gregos. Mas enfim o passado é sem remédio; Curva-nos o destino. Amaino a fúria, Justo não é perpetuar as iras.

Eia, os comados sócios, Agamemnon, Ao prélio anima; ensaiarei se os Teucros Pernoitar junto às naus inda pretendem: Algum, penso, escapado à lança minha, Dobrar não deve os joelhos em sossego.” Conciliado o magnânimo Pelides,

Os Dânaos alegraram-se, e Agamemnon Do próprio assento orou sem levantar-se: “Márcios Gregos amigos, escutai-me, Não me atalheis: quem há, facundo embora,

Que no alvoroce ouvir ou falar possa? Desfalece o arengueiro mais sonoro. Dirijo-me ao Pelides; mas vós outros

Sede-me atentos. Os Aqueus me imputam Quanto o meu fado e Júpiter obraram

E a noctívaga Erínis, que Ate seva, Naquele dia que roubei-te o prêmio, Lançaram-me na mente. E que remédio? Ate o fez crua e atroz, que, intacto o solo, Sobre as cabeças dos varões passeia,

A ofender, a enredar. Nem mesmo a Jove Seu genitor poupou, que é proclamado Potentíssimo entre homens e entre numes, Quando, apesar do sexo, o enganou Juno, Indo a parir Alcmena a Hercúlea força

Na turrígera Tebas. A jactar-se Disse ele então: — Celícolas,
agora Vos declaro um segredo. Hoje Ilitia

Homem, dos partos árbitra, à luz manda Que os vizinhos
impere, e do meu sangue. — Matreira Juno: — É falso, tal não
cumpres; Ou jura-me solene que os vizinhos

Há-de imperar quem hoje nasça e caia

Aos pés de uma mulher, e de teu sangue. — Ele jurou incauto, e
arrependeu-se.

Voa do Olimpo Juno; busca em Argos A alma esposa de
Estênelo Perseides, Prenhe de sete meses, e imatura

À luz fê-la brotar seu tenro filho;

De Alcmena tolhe o parto e as agras dores. Veio contá-lo a
Jove: — Altitonante, Euristeu forte é nado, o Estenelides;

Merece, que é teu sangue, o império de Argos. — Pungido
n'alma, aos nítidos cabelos

O Satúrnio Ate agarra, jura à Estige

Não consentir no Olimpo e claro assento. Ate nociva a todos, e
a rodá-la

Do estelífero pólo a precipita:

Ela o afligiu de cá; gemia o Padre Vendo sob Euristeu sofrer
Alcides.

E eu, quando às popas destroçava os Gregos O galeato herói,
não me esquecia

De Ate que esta só vez tirou-me o siso. Pois Jove o permitiu,
quero aplacar-te:

Corre ao combate, o exército afervora; Tudo que ontem na
tenda o nobre Ulisses Te enumerou, terás. O ardor guerreiro
Sopeia, espera, e da nau minha servos Presentarão mil dons
que te contentem.” Responde o velocípede: “Os presentes Em
teu poder está, rei soberano,

Ou retê-los, ou dar-mos, como é justo: Agora, ao marte, não
convém tardanças; Há muito que fazer. De novo Aquiles

Se veja a derrotar falanges Teucras;

Batei-vos corpo a corpo, a exemplo dele.” E o cauteloso Ulisses:
“Bem que exímio Sejas, divino Eácida, à batalha

Sem comer nossos Gregos não constranjas; Que, encetada uma
vez, não será breve,

E um deus a instigará de parte a parte. Vinho e pasto os
restaure; o mais robusto Em jejum té sol posto não resiste:

O brio o incita, mas de fome e sede Pesado e mole, tremem-lhe
os joelhos. O repleto peleja o dia inteiro;

De ânimo audaz, não refocila os membros, Antes que cesse totalmente a pugna.

Almoce a tropa, as dádivas o Atrida Nos apresente em público, e tu folgues.

O rei nos jure, e em pé, que nunca a jovem Teve em seu leito, ou se ajuntou com ela. Mitiga-te com isto; e lauta mesa

Ele na tenda sua te aderece,

Para nada omitir-se. De ora avante

Sê mais reto, Agamemnon; que um monarca Em reparar a injúria não se avilta.”

E o rei dos reis: “Agrada-me, Laércio, Quanto em ordem e a ponto nos lembraste. Jurar é meu desejo, e às divindades

Perjuro não serei. Contenha o fogo, Nesta assembléia os dons espere Aquiles; Sinceros a aliança aqui firamos.

Concordo, Ulisses, toma a flor guerreira, Que nos traga os presentes e as cativas; E pelos vastos arraiais Taltíbio

A toda a pressa um javali conduza Que a Júpiter e ao Sol vítima seja.”

Replicou-lhe o Pelides: “Agamemnon, Glorioso monarca, isso fizesses, Quando, suspenso o ataque, menos ira O figado me inchasse. Tantos jazem,

De Heitor prostrados com celeste ajuda, E instais pelo festim!
Ao prélio, amigos; Vingança, e a folgo à tarde cearemos.

Nem bebida ou comer pela garganta

A mim me há-de passar; que em minha tenda, Para o pórtico os
pés, de agudo bronze

Está meu bravo sócio traspassado, Entre saudoso pranto: hei
só na mente Sangue e estrago, e soluços e agonias.” Torna
Ulisses: “Fortíssimo dos Gregos, Exceles tu na lança, eu na
prudência:

De um mais velho e instruído aceita o aviso. Cansados os heróis
que a muitos segam, Messe maior derribam, das batalhas
Quando inclina a balança o árbitro sumo.

Com nosso ventre os mortos não choremos; Diariamente os
esquadrões sucumbem; Como do luto respirar? Um dia

Sagre-se à dor, e enterrem-se os finados. Quem se livrou, da
sede e fome cure,

E em brônzeo arnês, indômito ao conflito Retorne amaro.
Incitamento novo Nenhum de vós aguarde; ai do que inerte
Nas popas se ficar! Num corpo, todos

Marchemos, gente forte, aos inimigos.” Presto escolhe os
Nestóridas e Meges, Melanipo e o Creôncio Licomedes, Merion
e Toas; vão-se à tenda régia.

Dito e feito: uma dúzia de cavalos, Mais vinte caldeirões,
trípodes sete, Guapas jovens prendadas apresentam, Sendo
oitava Briseida airosa e linda: Os que pesou talentos mostra
Ulisses, E os moços após ele o mais traziam;

Tudo à vista se expôs. — O Atrida ergueu-se; Taltíbio, um deus
na voz, sustendo arrasta

O javali para o pastor dos povos:

Este puxa o punhal que pende sempre Da bainha da espada, e
ao cerdo o pêlo

Em primícias raspado, alçando as palmas,

Se encomenda ao Supremo. Respeitosos Os circunstantes em
silêncio o escutam: Ele o céu largo fita, e assim perora:

“O ótimo atesto onipotente Padre,

E a Terra e o Sol, e as Fúrias que no inferno Punem falsários:
nunca foi tocada

Por mim Briseida, ou compartiu meu leito, Pura ficou. Se minto,
os sacros deuses

O castigo me inflijam do perjúrio.” Disse, e a punhal o javali
degola; Taltíbio a volteá-lo às brancas ondas O atira aos
peixes, e o Pelides clama:

“Júpiter, que de angústias nos reservas! No imo nem me ofendera, nem Briseida Me arrebatara o Atrida, se de morte Não quisesse ferir a tantos Gregos.

Ide agora almoçar; depois, aos Teucros.” E solve o ajuntamento, sem demora

O seu navio cada qual procura.

Aos de Aquiles as dádivas traspassam

Os Mirmidões, que em tendas as colocam; Assentam-se as mulheres, e escudeiros

Metem na estrebaria os corredores. Vê d’áurea Vênus êmula Briseida O lacerado corpo, e em roda ulula,

Rasga os peitos e o colo e as pulcras faces, Em pranto e a soluçar: “Pátroclo amigo, Vivo deixei-te e morto aqui te encontro, Sublime herói! De mal em mal tropeço!

Vi num dia expirar quem me escolheram

Meus dignos pais, e os três irmãos dess’alma Que gerou minha mãe; quando o marido Matou-me a bronze Aquiles e ao divino Mínete os muros destruiu, quiseste

As lágrimas reter-me, e asseveravas

Que, esposa eu transportada, em sua corte Farias que ele celebrasse as bodas;

Choro-te, ó generoso, ó compassivo!” E as mais, também o morto parecendo Gerner e prantear, por si carpíram.

Que se alimente os príncipes lhe pedem, Mas recusa o Pelides suspirando:

“Não me insteis, vos conjuro, ó camaradas: A dor não me permite alimentar-me;

Espero pela tarde.” E os reis despede. Ficam por consolá-lo os dois Atridas, Nestor e Idomeneu, Fênix e Ulisses; Mas seu único alívio é na carnagem.

De saudades anseia e em ais prorrompe: “Íntimo do meu peito, aqui na tenda

Lauto almoço me punhas, quando os Gregos Marte aguçavam lagrimoso aos Teucros: Ora tens roto o seio, e o nojo impede

Que eu beba e coma. Nem pior seria

Se morresse meu pai, que terno em Ftia Chora talvez por mim, flagelo de Ílio Da odiosa Lacena em desafronta;

Nem que em Ciro perdesse a prenda amada, Se é que vive o deiforme Neoptolemo, Contava o coração que eu só da pátria Longe acabasse, mas que tu meu filho

Em fresca nau de Ciro conduzisses, Para o meter de posse dos meus servos, Do meu celso palácio e mais riquezas.

Peleu cuida sem vida, ou velho e enfermo Se inda respira,
aguarda a cada passo

Do meu final desastre o anúncio triste.” Assim lamenta, e os
próceres com ele Dos longínquos penhores se apiadam.

Condoído o Satúrnio, a Palas chama: “Filha, o exímio varão
desamparaste;

Já não te importa Aquiles? Ante as popas Sentado assíduo
geme, e enquanto almoçam Os Dânaos todos, ele só jejua.

Para estancar a fome, eia, lhe instiles

Nos órgãos doce ambrosia e néctar puro.” Pronta por si, corta
Minerva os ares,

Qual arguto xofrango de asas pandas;

Baixa ao campo, onde os Gregos já se armavam, No Pelides
instila ambrosia e néctar,

Por que a fome os joelhos não lhe afraque, E à casa etérea de
seu pai remonta.

Das naus fervia a gente: como as neves Que Jove expede
gélidas, soprando Serenador e desenvolto Bóreas,

Broquéis surdem copados, malhas, elmos, Fraxíneas hastas,
côncovas lorigas;

Sobe o fulgor aos céus, ao lume aêneo

Ri-se a terra, ao tropel freme a campanha. No meio, olhos em fogo, estruge os dentes Sanhudo o herói, de mágoas devorado; Veste as obras do deus: com prata as grevas Às pernas afivela; o peito arnesa;

Ao tiracolo claviargêntea espada. Embraça o belo primoroso escudo,

Cujo imenso esplendor, ferindo as nuvens, Era como o da Lua, ou como a chama

Que arde elevada em solitário monte Para guia dos nautas que a procela Dos amigos alonga em mar piscoso. Como estrela, à cabeça o casco brilha

De eqüinas sedas e áureo undante crino Que em torno da cimeira pôs Mulcíber. Nas armas, prova o maioral de povos Se lhe iam bem: como asas o exalçavam. Tira do forro a pátria enorme lança, Que ninguém mais, só ele, manejava, Do Pélion freixo, a tanto herói funesto, A Peleu dantes por Quiron talhado.

Alcimo e Automedon a biga jungem

Com circunfuso loro, ajeitam freios,

Para o assento incrustado as rédeas puxam; Do hábil flagelo Automedon pegando,

Ao carro salta. Após, de ponto em branco, Aquiles monta, e como o Sol fulgura;

Aos Peleios corcéis tremendo brada: “De Podargo alta raça, ó Xanto e Bálio, Fartos nós da peleja, de outro modo Vosso auriga salvai no campo Graio:

Morto não me deixes, qual meu Pátroclo.” Xanto a cabeça inclina, e esparsa a coma Cai entre o jugo em terra; assim responde, Pois deu-lhe fala a bracinívea Juno: “Salvo esta vez serás, fogoso Aquiles; Mas perto a Parca tens, sem nossa culpa, Sim de um nume e do fado. Se a Pátroclo Os Teucros despojaram, por inércia

Não foi dos teus corcéis; foi na vanguarda

Prostrado pelo filho de Latona, Para Heitor gloriar-se. A ligeireza De Zéfiro no curso igualaremos,

Que se diz mais veloz; contudo é força

Por um deus e um varão domado seres.”

A voz lhe embargam neste ponto as Fúrias. Clama o herói indignado: “A morte, Xanto, Me vaticinas? Isso não te quadra.

Força é morrer, eu sei, de Ftia longe

E de meus pais queridos; mas aos Troas Hei-de saciar a sede de combates.” Nisto, à frente gritando, impele o carro.

L I V R O XX

Enquanto com o herói sedentos Graios

Se armam na frota, e na colina os Teucros, Do Olimpo sinuoso
expede Jove

Têmis, que gira tudo e chama os deuses À Dial corte: menos o
Oceano,

Rio algum não faltou, nem faltou ninfa

Que bosque habite ou fonte ou prado ervoso. Já do Nubícogo
em polidas selas,

Que lhe engenhou Vulcano, estavam todos, Quando cortês o rei
dos mares chega,

Toma seu trono e diz: “Senhor do raio, Por que de novo os
imortais convocas? Sobre os Aqueus e os Teucros deliberas,
Prestos a arder em sanguinosa lide?”

Responde o irmão: “Netuno, em mim penetras; Eu de Ílio curo,
bem que já no extremo.

Mas, do espetáculo a gozar tranqüilo, No celso Olimpo ficarei;
vós outros, A bel-prazer, a Gregos ou Troianos Auxiliai: se
Aquiles só combate

Os que de o ver atônitos fugiram,

Nem por um pouco o susterão, mormente Ora que pelo amigo enraiva e brame.

Temo que assole, contra o fado, o muro.” Com isto inflama os deuses, que discordes Vão-se: às naus, Juno e Palas, mais Netuno, O útil sutil Mercúrio, e o coxo nume

Duro e atroz, bem que as túbias lhe vacilem; Mas aos Troas, Gradivo de éreo casco,

O intenso Apolo, a madre, a irmã frecheira, Xanto e a ridente Vênus. Longe os deuses Da luta, ovantes os Aqueus floream

Da aparição de Aquiles, e os Troianos Tremem do velocípede, que em armas Lampeja e emula ao cru Belipotente; Mas, do Olimpo ao descerem, num ruído Ferve tudo: Minerva ora do fosso,

Ora da praia ressonante grita; Qual negro furacão rugindo Marte,

Anima os Teucros, ou do sumo alcáçar, Ou do Símois correndo os verdes coles. Mal os celestes o conflito abrasam,

Troveja horrendo Júpiter; Netuno

Abala a terra ingente e os celsos montes, Do Ida manante os cimos e as raízes,

A Troiana cidade e as naus Aquivas; Pálido o inferno rei do trono salta,

Com medo exclama de que, o chão fendendo, O Enosigeu aos vivos descobrisse

A hedionda mansão, terror dos homens, De que as mesmas deidades se horrorizam: Com tal fragor os imortais contendem!

Febo a Netuno opunha-se de setas; Palas a Marte; a Juno a de arco-de-ouro Do Longe-vibrador irmã fragueira;

Ao lucroso Mercúrio a mãe de Apolo:

A Vulcano o Escamandro, que os Supremos Xanto nomeiam, vorticoso rio.

Deus a deus se afrontava: mas Aquiles

Busca entre a chusma Heitor, que no seu sangue Da guerra o nume ceve. Apolo entanto

Esperta e incita o coração de Eneias, Simula a voz de Licaon Priâmeo: “Onde, ilustre Anquisiada, a promessa,

Que entre os copos fizeste ameaçadora, De arrostar o Peleio?”

— Eneias logo:

“Por que assim, Priamides, me constranges A pelejar contra o soberbo Aquiles?

Já nos medimos, do Ida já de lança

Me afugentou, caindo em nossos gados E arrasando-nos Pédaso e Lirnesso: Jove deu-me asas e vigor nas pernas;

Senão, domado eu fora; porque avante Minerva a derribar o
acorçoava

Com bronze agudo a Lélagas e Troas. Varão não se lhe atreve:
um deus ao lado Preserva-o sempre, e o tiro seu voando Sem
falência transpassa humanas carnes. Tivesse eu patrocínio igual
ao dele,

Que o Pelides não fácil me vencera, Ser de metal embora se
glorie.”

Febo tornou: “Depreca os Sempiternos. De inferior deusa vem,
que o dizem filho Da filha de Nereu; por mãe tens Vênus, Prole
de Jove. De éreo pique, a ele;

De seus feros, herói, não te acobardes.”

Assim o inspira, e o maioral de povos Briosos à frente sai e
armado brilha.

Juno em busca do Eácida o percebe

Turmas rompendo, e ao bando seu previne: “Olhai como isto
irá, Netuno e Palas; Contra Aquiles Apolo o Anquíseo impele.
Repulsemos o deus, e um de nós perto Corrobore o Pelides; o
herói sinta

Que deuses potentíssimos o escudam,

E outros em pró de Tróia em vão se empenham. Do Olimpo aqui
baixamos, para que hoje

Não padeça: ao depois lhe estale o fio Curto que desde o berço
as Parcas dobam. Se informado não for por nós Aquiles,
Temerá qualquer deus que infenso veja;

Que a presença de um deus sempre é terrível.” O Enosigeu
responde: “Não te assustes,

Fica-te mal, Satúrnica. Por mais fortes,

Nos abstenhamos, e os mortais que briguem: De atalaia
espreitemos. Entre em liça

Marte ou Febo, de Aquiles a ação tolham, Que travaremos
guerra; e estou que em breve

À divina assembléia e sacro Olimpo Terão de reverter, por nós
domados.” Então sobe à muralha o azul monarca

Por Minerva e os Troianos construída, Refúgio para Alcides, se a
tremenda Orca da praia o perseguisse ao plaino: Sentam-se ali
Netuno e os sócios deuses, De insolúvel nublado circunfusos.

D'além, Arcitenente, nesses coles

Os teus com Marte urbífrago te cercam. Uns e outros espaçosos
deliberam, Estrear duvidando o morticínio;

O Satúrnio de cima os esporeia.

Luzem no cheio campo homens e carros, Treme e reboa do
estrupido a terra;

Mas dois varões ao meio ardentes marcham, O Anquíseo
belicoso e o divo Aquiles.

De elmo a nutar pesado, avança Eneias, Minaz agita o escudo e
o peito cobre,

Brande êneo pique; vem de encontro o Grego. Sevo leão, que
um pago todo investe, Primeiro desdenhoso encara a turba;

Se de azagaia o sangra ousado moço, Torcido e hiante mostra
espúmeos dentes, Geme, de cauda açouta ilhais e coxas, Raiva,
olhos gázeos rola, aos dianteiros Pular ensaia ou perecer com
brio:

Tal fúria invade o coração de Aquiles Contra o galhardo
corajoso Eneias.

Já frente a frente, o pé-veloz começa: “Por que, Eneias, tão
fora estás da linha? Vens combater comigo, e imperar contas
Nos cavaleiros Teucros? Se venceres, Príamo em tuas mãos não
larga o cetro, Que há prole e mente sã. Talvez esperas, Por
matar-me, vinhedo e férteis veigas? Árdua empresa, pois cuidado
que esta lança Talvez te afugentou. Lembras-te quando, Longe
dos bois, do Ida rechacei-te?

Nem para trás olhavas na carreira, Até Lirnesso. Com Minerva e
o Padre, A Lirnesso abati, privei do livre

Dia as mulheres e comigo as trouxe;

Mas Júpiter salvou-te: hoje em vão pensas

Que ele te salve. Às linhas te recolhas; Evita o meu furor, fuge, que é tempo. Do erro tarde o insensato se arrepende.” Retorque Eneias: “Eu não sou, Pelides, Criancinha que assustes com palavras.

Posso também de injúrias carregar-te; Que sabemos de ouvida a estirpe nossa, Bem que avós teus não conheci de vista, Nem conheceste os meus. Prole te aclamam Peleia e da pulcrícoma Nereida;

Nasci de Vênus e do grande Anquises: Parte hoje destes chorarão seu filho; Pois não creio daqui nos separemos, De pueris bravatas satisfeitos.

Mas ouve, se te apraz ouvir quem somos, Que Júpiter gerou, como é constante,

A quem Dardânia ergueu; pois Ílion sacra Em pé não era, e do Ida fontanoso

À raiz os falantes habitavam.

Dárdano houve o riquíssimo dos homens Erictônio, que em brejos lhe pasciam Éguas três mil, da nédia raça ufanas:

Prenhes do amante Bóreas, na aparência De um corcel negro de azulada crina, Pariram doze poldros, que saltando Pela alma terra, a messe nem feriam,

E a brincar pela vasta equórea espalda, Leves no salso argento
escorregavam. Erictônio houve a Troa, que o príncipe Ilo Teve e
Assáraco após, e o mais formoso Dos mortais o deiforme
Ganimedes,

Para escanção de Jove arrebatado, Celícola gentil. Foi de Ilo
fruto

O exímio Laomedonte; o qual por filhos Contou Clício e Titon,
Príamo e Lampo, Hicetoon mavórcio. Cápis, que era

De Anquises pai, de Assáraco foi nado, Gerou Príamo a Heitor,
gerou-me Anquises, Gabo-me sim de uma prosápia ilustre;

Bem que, absoluto e onisciente, Jove Alça ou baixa o valor no
peito humano. Mas loquela infantil cesse entre as armas,
Podemos ambos despejar opróbrios

Que uma nau de cem remos abarrotem;

Que a língua é solta e infindos os dictérios, E troco é de um
convício outro convício.

Mas para que ralharmos, quais mulheres Que, na rua
assanhadas altercando,

Se insultam com verdades e mentiras? Pronto a pugnar, teus
feros não me aterram. Eia, as lanças de perto
experimentemos.”

E vibra a sua contra o escudo horrendo, Onde fixa ressoa a
cúspide ênea.

Turba-se Aquiles, e do peito o escudo Com mão robusta afasta,
receando

Que o magnânimo Eneas lho atravessasse: Deslembra estulto que
divinas armas Fácil ao braço de um mortal não cedem.

Lâminas cinco lhe dobrou Vulcano,

De cobre as duas, as de estanho em baixo, Áurea a do meio:
nesta embaça o tiro, Que as de cima traspassa o herói Troiano.

Então sua hasta longa expede Aquiles,

E a rodela inimiga no alto fura, Onde éreo fio em derredor
corria

E tênue couro: o arnês rebrame ao choque

Do Pelíaco freixo; o corpo Eneas

De susto encolhe, e a tarja ao longe estende; Ávido rasga o
pique as orlas duas,

Por sobre o dorso vara e o solo espeta. Livre do bote, os olhos
se lhe ofuscam De centúplice dor, sentindo a lança Perto no
chão pregada. Lesto Aquiles De gládio o investe com terríveis
urros.

Pega e meneia o Anquíseo pedra enorme, A dois varões
d'agora nímia carga:

Certo, por defender-se, o escudo ou casco Eneias lhe fendera;
mas à espada

O matara o Pelides, se Netuno

Aos deuses não bradasse: “Dói-me, ó numes, Que às mãos de
Aquiles o brioso Eneias Louco desça a Plutão, por confiar-se

No Longe-vibrador, que o não socorre. Por que inocente pagará
por outros

Quem sempre aos imortais mil dons oferta? Salvemo-lo, que
Jove há-de agastar-se

De o ver extinto. É fado que a progênie Permaneça de Dárdano,
a mais cara

Prole que de mulher teve o Satúrnio; A geração de Príamo ele
odeia:

Quer pois que Eneias reine, mais seus filhos, E os que dos filhos
procedendo forem.”

A quem Juno olhitáurea: “Considera Contigo, Enosigeu, se tu o
resguardas, Ou se acabe no instante o pio Eneias; Que eu e
Palas juramos ante os deuses

Nunca a um Teucro valer, nem que Ílio em cinzas Caia
abrasada pela Grega chama.

Isto ouvindo Netuno, entre o ruído E furor do combate, a Eneias busca; Derrama logo em torno do Pelides Cego negrume; da rodela saca

Do bravo Teucro o freixo de érea ponta, Põe-no aos pés do rival; com rude impulso Faz o deus que de um salto Eneias vença Muitas filas de heróis, de carros muitas,

E pare n'ala extrema, onde em batalha Armavam-se os Caucomes. Face a face, Presto Netuno exclama-lhe: “Insensato! Que deus ora te excita contra Aquiles,

Mais do que tu valente aceito aos numes? Ah! fuge de encontrá-lo, a não queres, Apesar do destino, ir aos infernos:

Mas, quando a morte o ceife, audaz propugnes; De outro Aquivo nenhum temer-te podes.”

Assim que instrui a Eneias, d'ante Aquiles Desfaz a névoa grossa. Este vê claro, Entre si diz gemente: “Hui! Que prodígio!

A hasta a meus pés, sumiu-se o herói que ardente Com ela eu quis matar! Os deuses o amam,

Não é vanglória sua. E bem, comigo Não mais se atreverá: salvou-se, basta. Ora sus; aguçado o esforço Aquivo,

Os mais Teucros provemos. Logo às filas Salta, exorta um por um: “Valentes Gregos, Longe estais; barba a barba, arremessai-vos: Por mais forte que seja, é-me impossível

A tantos perseguir, lutar com todos; Nem Mavorte imortal, nem Palas mesma Turmas tais acossando opugnaria.

Mas, quanto em mãos e em pés e em brio valho, Tudo vos sagro, e sem respiro aos Teucros

Me enviarei; nem folgará, presumo, Quem deste pique a tiro se aproxime.” Também Heitor concita, aos seus promete Ao Pelides marchar: “Bizarros Frígios, Aquiles não temais. Eu de palavras

Posso aos deuses me opor, nunca de lança, Que mais potentes são: nem tudo Aquiles Tem de acabar; obtenha uma façanha, Que outra será no meio mutilada.

Corro a encontrá-lo, embora ao ferro ou bronze Imite seu valor, seu braço ao fogo.”

Animados os Teucros, de hasta em punho, Em algazarra, em mó se precipitam

Mas a Heitor susta Febo: “Heitor, suspende, Que se da linha sais, a estoque ou dardo

O Aqueu te prostrará.” Da voz divina Heitor se abala, no tropel se esconde. De coragem vestido, urrando fero, Surge Aquiles.

De lança em duas racha A testa a Ifition, de imensos cabo,

Do turrífrago Otrinto insigne gérmen, De uma Naida parido sob o Tmolo

Nervoso, de Hides no opulento burgo; Ele baqueia, e orgulha-se
o Pelides:

“Tremendíssimo Otrintes, aqui jazes,

Bem que a família e os agros tens paternos Do lago Gíjes nas
risonhas margens,

Ao pé do Hilo piscoso e túrbido Hermo.” Entanto, Ifition se
imerge em trevas,

E a rodar Graios coches o espedaçam. A Demoleon, belígero
Antenórida, Pela viseira a têmpera atravessa;

Nem éreo o elmo ao campeão defende, Que ávida a choupa os
ossos e os miolos Quebra ou derrama: o temerário tomba. A
Hipodamas, que apeia-se e escapole, No dorso enterra a
cúspide: ele expira

A alma feroz, mugindo como touro

Que ante o Helicônio Enosigeu mancebos Arrastam, com prazer
do azul tirano.

Atira-se ao deiforme Polidoro,

A quem Príamo pai vedava a pugna, Porque era o seu menor e
estremecido; Porém, sobre os irmãos de pés ligeiro.

Vaidoso na vanguarda ia correndo, Quando Aquiles veloz lhe
enfia às costas, Onde encruzam do bálteo áureas fivelas Em
reforço da coura: pelo umbigo

Lhe sai a ponta; ajoelha-se ululando, E em letal noite os
intestinos colhe. Heitor, que vê rolar o irmão por terra Os
intestinos a reter, os olhos

Ofusca em treva, do Pelides longe

Não pode mais estar; brandindo a lança, Como chama
arremete. Exulta Aquiles E diz jactancioso: “Eis quem no peito
Mais me pungiu, matando-me o dileto! Cessemos de fugir-nos
mutuamente

Por atalhos do exército.” E prossegue

A olhar medonho: “Heitor, chega-te perto, Para mais breve a
morte receberes.”

O divo Heitor impávido responde: “Não sou menino que falando
assustes; Prescindamos, Aquiles, de impropérios.

Conheço que és valente e que me excedes; Mas dos deuses no
grêmio a sorte pousa,

E inferior eu talvez te arranque a vida, Pois também do meu
dardo a ponta fura.” Vibra o arremesso então, que ao leve
sopro De Palas, desviando-se de Aquiles,

Torna aos pés do senhor. Feroz bramindo Presto o Pelides rui sanguissedento;

Mas Febo, como deus, rápido leva

E encerra Heitor em tenebrosa nuvem. Três vezes o fogoso esgrime a lança, Três verbera a espessíssima caligem;

Da quarta enfim como um demônio troa: “Inda escapaste, cão; salvou-te Apolo,

Que entre o márcio estampido invocas sempre. Mas noutro encontro, se me assiste um nume, Certo mo pagarás: dos teus agora,

Quantos possa alcançar, farei matança.” Nisto, a cerviz a Dríope lanceia.

Deixa-o, fere na rótula o famoso Demouco Filetório, que detido

A gládio acaba. A Dárdano e Laogono, De Bias prole, do seu coche deita;

Este cai de um revés, de um bote aquele.

Troe Alastório prostra-se, rogando Que o deixe vivo, e igual idade alega

Por comovê-lo: estulto! É sem brandura

O atroz Peleio, e no ato em que aos joelhos Ia Troe abraçá-lo, a espada irosa Desentranha-lhe o fígado, que o seio

De cruor enche; inânime o coitado Escuros olhos fecha. Ao
perto em Múlio

De orelha a orelha embebe a choupa aênea. De estoque vara
do Agenório Equéclos

A testa, e o sangue a empunhadura aquece; Fatal purpúrea
morte o cega e rende.

A Deucalion dardeja onde se ligam Pulso e cúbito; o braço a
atormentá-lo, Aguarda a instante Parca: degolado, A medula
da vértebra despargue,

E ao longe elmo e cabeça, o tronco estira. A Rigmo estrênuo, de
Pireu nascido

Lá na glebosa Trácia, o ventre passa, De cima o arroja: ao
fâmulo Arcitoo, O coche ao revirar, perfura o dorso;

Derrui da sela, espantam-se os cavalos.

Qual, de árida montanha em fundos vales, Amplo devora a
mata imano incêndio,

A contorcer-se do Ábrego às rajadas; Assim furente, como um
deus, Aquiles Arde, e no morticínio a terra ensopa.

Qual a junta de bois de larga frente, Na eira a separar branca
cevada,

Mugindo os feixes pisa e os grãos debulha; Assim vão os
ungüisssonos calcando Corpos e escudos: sangue o eixo escorre,

Que das patas espirra; o assento em roda Gotas aspergem que
dos aros vertem.

As mãos o invicto herói, na glória aceso, De suor sujas leva e pó
cruento.

L I V R O XXI

Num vau do refluyente ameno Xanto, Gérmen de Jove, os
Teucros divididos, Parte à cidade Aquiles os rechaça,
Por onde à fúria do ínclito Priâmeo Os Aquivos na véspera
fugiram,

E ora, expandindo Juno um nevoeiro, Detinha os outros: parte
nas voragens Se despenham do fundo argênteo pego, E hórrido
ao longe as ribas retumbando, Entre abismos a nado esparsos
fremem. Se do fogo a um riacho os gafanhotos

Voando abrigam-se e os persegue o fogo, N'água medrosos
caem: assim de Aquiles Vão de envolta correndo homens e
carros, E do sonoro Xanto o bojo atulham.

Sob uma tamargueira esconde a lança, Como um demônio
pula, e só de espada, Rumina estragos, estoqueia e talha;
Gemidos e urros a seus golpes soam,

E rubeja a corrente. Qual de enorme

Delfim, que os vai tragando, em porto escuso Com susto
refugiam-se os peixinhos;

Tais os Teucros do Xanto impetuoso Nos recessos das bordas
se agachavam. Já de matar cansado, escolhe doze

Que do Menécio aos manes sacrifique; Do rio os tira, e como
uns corçozinhos Estupefatos, para trás os pulsos,

Ata-os com loros que gentis cingiam

Das túnicas em torno, e a bordo os manda. Sedento na
carnagem progredindo, Aquiles dá com Licaon Priâmeo

A escafeder-se; o qual foi seu cativo, De assalto à noite nos
paternos prédios, Onde uma baforeira a gume aêneo Para
chaços e cambas esgalhava.

De súbito empolgado, e na possante Lemnos ao filho de Jason
vendido, Hóspede Eetion d’Imbro ali comprou-o Por alto preço,
e o pôs na sacra Arisba, Donde ele fugitivo à casa veio.

Ao duodécimo dia que no seio

De parentes e amigos se alegrava,

Fê-lo um deus recair nas mãos de Aquiles, Que a Dite sem
refúgio ia enviá-lo.

Quando o avistou nu d’elmo e escudo e lança (Do rio ao se
escapar, tudo largara,

De suor e cansaço titubando),

Consigo o herói magnânimo se indigna:

“Oh! Que portento! Os que hei mandado aos mares Certo
ressurgirão do centro escuro,

Se este aqui surde que, vendido em Lemnos, Foi da Parca
poupado; nem reteve-o

O espúmeo salso mar, que enfreia a tantos. Prove a cúspide
nossa, a ver se torna Desta vez, ou se a terra ultriz, que impede
Os mais valentes, impedi-lo sabe.” Enquanto o herói discursa, o
triste anseia Abarcar-lhe os joelhos e esquivar-se

Ao negro fado: mas esgrime Aquiles; Prostra-se o moço
trêmulo, e por cima O pique vara e finca-se na terra, Desejando
fartar-se em carne humana.

Ele a sustém na destra, e com a esquerda

Abraçando-lhe os pés, rápido exclama: “De Jove aluno,
compaixão! Respeita Um como suplicante; pois de Ceres

O pão já te comi, quando apanhado, Longe do pai e amigos me
vendeste:

Cem bois ganhaste, hoje haverás trezentos. Depois de tanta
pena, há doze auroras Que de Ílio gozo, e a ti me entrega a
sorte E o rancor do Satúrnio! Curto em anos

Me produziu Laotoe, a de Altes filha,

De Altes que rege os Lélagas da margem Do Satnióis em
Pédaso escarpada: Príamo a teve esposa e outras princesas;
Dela nascemos dois, e exício és de ambos: Entre os peões da
frente a Polidoro

Já tu sacrificaste; a vez me toca.

Um mau gênio me trouxe, e não me salvo; Mas ouve ao menos:
tem de mim piedade, Que eu uterino irmão não sou daquele
Que do sócio privou-te e meigo e forte.” Assim perora, e imite
voz escuta:

“Louco! Em resgate falas? Grato me era,

Antes que ao meu Pátroclo urgisse a Parca, Perdoar a alguns
Teucros e vendê-los; Hoje a nenhum, que me depare um nume,
Perdoarei, mormente aos Priameios.

Amigo, morre; por que em vão pranteias? Também, melhor do
que és, morreu Pátroclo. Vês-me aqui belo e bravo, de mãe
deusa

E ilustre pai gerado? Pois violento Fado me ocorrerá, quer
manhã seja, Ou tarde ou meio-dia, quando a vida

Alguém de hasta me tronque ou seta alada.” Esmorecido e de
joelhos frouxos,

Larga o pique e sentado as mãos protende: Logo o aucípite
gládio puxa Aquiles, Entre a clavícula e a cerviz lho enterra;

Ele de bruços tomba, em sangue negro O chão regando. Por um
pé no rio

O vencedor o arroja a gloriar-se:

“Vai-te, e ao golpe te lamba audaz cardume: Nunca em fúnebre
leito a mãe te chore,

Mas em vórtices rola ao vasto ponto; Peixe entre a vaga turva
em cima salte,

E o ceve Licaon de branco zerbo.

Hei de ir-vos trucidando e perseguindo Até rendermos Tróia,
sem valer-vos

De argêntea veia o férvido Escamandro, A quem freqüentes
imolais novilhos, Vivos corcéis lançando-lhe às voragens. Sim,
com morte cruel pagareis todos

A de Pátroclo, ó vós que em minha ausência A alma a tantos
Aquivos arrancastes.”

O Xanto irou-se, e ali cogita o como Remova tal flagelo e os
Teucros livre. De ávida lança entanto investe Aquiles A
Asteropeu, de Pélegon gerado,

Que o foi de Áxio profundo e amplo-fluente, Com quem
mesclou-se Peribeia, a filha Maior de Acessameno: Pelegônio

Com duas lanças do Escamandro surge, Que alento lhe
infundiu, por indignar-se De que em seu seio Aquiles
despiedoso Tantos jovens heróis sacrificasse.

Já fronte a fronte, o pé-veloz pergunta:

“Quem és para encarar-me? Os que se atrevem

São de infelizes malfadados filhos.” E Asteropeu: “Magnânimo Pelides,

Quem sou perguntas? Cabo vim de hastatos, Há somente onze auroras, da longínqua Fértil Peônia; entronco no Áxio rio

De larga veia, a mais louçã na terra, No Áxio que é pai de Pélegon lanceiro, E este gerou-me. Agora pelejemos.”

Disse-o minaz; levanta o freixo o Aquivo. Presto ambidestro esgrime o herói Peônio: Uma hasta o escudo fere, e no ouro pára, Dom de Vulcano; o cotovelo destro

Esfola a outra, em sangue o tinge escuro, Finca-se em terra, as carnes anelando.

Segundo Aquiles de matar ansioso, Vibra o voante lenho, que erradio Vai metade pregar-se à ribanceira;

Puxa de junto a coxa o ardente gládio. Lidava Asteropeu com mão robusta Por despregar a furibunda lança,

Três vezes tenta e as forças lhe falecem;

Mas da quarta, encurvando-a por quebrá-la,

Pronto, abaixo do umbigo, uma estocada Vaza-lhe as tripas, e atra noite o cobre.

Salta-lhe em cima e o despe ovante Aquiles: “Jaze aí: se de um rio a origem trazes,

Lutar é árduo com Dial progênie: Provir dizias do Áxio amplo-fluente; Eu me glorio de provir de Jove:

O rei dos Mirmidões Peleu gerou-me, A este Eaco, a Eaco o padre sumo.

Quanto ele é poderoso mais que os rios, De um rio a descendência à dele cede.

Eis perto o largo Xanto, e não te vale, Pois nenhum ao Satúrnio se equipara; Nem o régio Aqueloo, nem o imenso, Flutíssono Oceano, donde os rios,

Os mares todos manam, fontes, poços; Porque este mesmo do Tonante treme, Do celeste fragor, do raio horrendo.” Então saca da borda o pique aêneo; Deixa o morto na areia e turbas águas, Onde enguias em roda e peixes fervem, E dos rins a gordura ávidos comem.

Caído o exímio cabo, os seus nos coches Do Xanto ao longo espavoridos fogem: Segue-os o celerípede, e lhes mata Astipilo, Ofelestes, Mneso e Trásio, Medon, Ênio e Tersíloco. Outros muitos, O herói prostara, se agastado o rio,

Em vulto humano de profundo pego Entre voragens não falasse: “Aquiles, Em crueza e denodo os homens vences, E o Céu te ajuda. Se os Troianos todos Exterminar concede-te o Satúrnio,

Sai do meu leito, ao campo o estrago leva; De mortos plena e estreita a clara veia, Não posso ao divo ponto abrir caminho, E inda mais de cadáveres me atulhas!

Príncipe, é muito, o assombro meu te baste.” E ele: “Divo Escamandro, como ordenas Será; mas eu não cesso, antes que encerre Na cidade os fedífragos Troianos,

E a braços com Heitor, ou morra ou mate.” Ao tropel eis dispara o atroz demônio,

E a Febo clama o rio: “Argenti-archeiro,

Do Satúrnio os preceitos não te lembram De assistires aos Teucros e amparares,

Té que o sol vespertino o prado obumbre?” Da riba entanto se despenha Aquiles;

Mas, qual touro mugindo e a revolver-se, Túmido o Xanto os apinhados mortos

De si furioso expele, esconde os vivos Na alva corrente e vórtices profundos, E o voraz homicida escarcéus turvos

Cerram, batem no escudo, os pés lhe embargam. Ei-lo, extirpando com porção da margem

Olmo que ali viçoso ia crescendo,

Sustém na rama a cheia e em ponte o lança, Por onde perturbado ao campo voa:

Após negreja o rio e alteia vagas, Para impedir o exício dos Troianos.

O herói saltando como um dardo alcança; Águia é fusca a dar caça impetuosa, Fortíssima e celérrima entre as aves:

Troa-lhe o arnês medonho, e oblíquo foge; Mas flutíssono o rio atrás o acossa.

Se de negro olho d'água o fontaneiro

Arroio aduz por hortos e plantios, E de enxada o regueiro desentope,

Decliva a linfa os seixos remexendo, Murmura, e em breve se adianta ao guia:

Tal (pois os deuses mais que os homens valem) Supera a enchente ao pé-veloz Pelides.

Sempre que arrosta e pára, a ver se à fuga Os celícolas todos o constangem,

Incha o rio e lhe banha e embate os ombros; Dá mesto um novo salto, e em roda o Xanto, Progênito de Jove, o enerva e cansa,

Rouba-lhe às plantas a inundada areia.

Geme enfim e olha os céus: “Nenhum dos numes, Ai! Júpiter, me livra deste rio?

Socorro, e apararei qualquer tormenta.

Não culpo outro imortal quanto a mãe culpo, Que mendaz com
morrer me acalentava

À frechada de Apolo ante Ílio sacra.

Oh! Matasse-me Heitor, o herói Dardânio Fora de um bravo um
bravo despojado.

Hoje inglório pereço, aqui submerso, Como o zagal mesquinho
que, ao passá-la,

A torrente invernal o engole e afoga.” Netuno e Palas súbito
aparecem

Em vulto humano, a mão nas mãos lhe tomam; E o grande
abalador: “Ânimo, Aquiles;

Jove o permite, ajudo-te eu com Palas; No Xanto perecer não é
teu fado, Refluir o verás. Escuta agora Prudente aviso: o braço
não repouses

Nem te recolhas, sem que dentro encoves Quantos possam
fugir e Heitor suplantes; Nós te aplainamos o triunfo e a glória.”
Finda, juntam-se os deuses; propelido, Ele ao campo alagado
se arremessa, Onde armas e cadáveres boiavam,

Com mor esforço, que lho influi Minerva, Salva de um pulo as
vagas. O Escamandro Não desiste; sanhoso e intumescido,

Mais se encarneira, ao Símois vocifera: “Caro irmão, reprimi-lo
ambos devemos, Ou, só por este esparsos os Troianos,
Desabará de Príamo a cidade.

Acode, acode; o álveo encham-te as fontes,

Os ribeiros concita, engrossa e estua, Derriba troncos,
desarreiga pedras, Contra o imano varão, que assim campeia
E ousa igualar-se a deuses. Que lhe prestam Garbo e vigor e
pulcro arnês, se tudo

Vai sumir-se em meu seio reminhoso E afundar-se no limo?
Aquiles mesmo,

Hei-de em saibro envolvê-lo e imensa vasa, Por único sepulcro;
nem seus ossos

Tem de colher-se, e exéquias celebradas, Sobre o corpo deitar-
se amiga terra.” Túrbido eis se encapela e avança urrando,
Subleva-se entre espuma e sangue e mortos; Mas, do Xanto
divino quando a vaga Vermelha o assoberbava, um grito Juno

Dá, receando que o revolto rio

Na voragem profunda o herói sorvesse, E recorre a Vulcano:
“Sus, meu filho, Combate o Xanto, e vasto fogo acende; Zéfiro e
Noto eu chamo, e uma borrasca Soprem do ponto a propagar o
incêndio, Que aos Troas armas e cabeças queime:

As árvores do rio e o leito inflama,

Nem te retenha o impulso ameaça ou rogo; Somente ao brado
suspende a fúria.” Disse, e o fogo rebenta; os corpos queima
Empilhados no campo, e o campo enxuga E estanca a
inundação; qual, pelo outono Desseca Bóreas encharcadas
veigas

E alegre o lavrador. Ao rio as chama

O Ignipotente inclina; olmos, salgueiros, Tamargueiras,
morraças, lotos, junças, Quanto as margens lhe adorna, abrasa
tudo: Peixes e enguias, do hálito Vulcânico Aflitos, pelos
vórtices mergulham;

Violento o Xanto, abafa e diz: “Mulcíber, Nenhum deus se te
opõe; lutar não quero Com tanto fogo, da contenda cessa;
Expulse Aquiles da muralha os Teucros. De rixas e de auxílios
que me importa?” Mais a ígnea tormenta se exaspera:

Qual de um cevado a banha, a derreter-se Em caldeirão que
muita lenha aquece, Crepita e bolha e espirra; assim fervia

Do Xanto o belo seio, e sem que as águas Pudesse despejar,
pois lhe vedavam Labareda e vapor, depreca: “Ó Juno,

Por que teu filho contra mim só raiva? Se é culpa, Ílio outros
numes favorecem.

Pois o mandas, me abstenho, e ele desista; Eu juro nunca mais
socorrer Tróia,

Nem que inteira a consuma o fogo Argivo.” Ouvia-lhe a prece a
bracinívea déia,

A Vulcano bradou: “Bom filho, basta,

Por humanos um deus não mais flageles.” Ei-lo súbito apaga o
imano incêndio,

E em regatos gentis reflui o Xanto: Os rivais, bem que irosa,
aparta Juno. Ali nos corações dos outros numes Cresce o furor,
o burburinho cresce, Reclama a larga terra e o céu remuge;
Porém no Olimpo Júpiter sentado,

Se regozija a rir-se do conflito.

Já, testa a testa, o fura-escudos Marte

Corre a Palas de lança: “Por que os deuses, Varejeira
audacíssima, discordas?

Lembras-te que, a Tidides instigando, A hasta sua, orgulhosa,
dirigiste,

E o meu corpo divino laceraste? Ora me vingarei daquela
afronta.” E na terrível égide, que ao raio

De Jove resistira, o desmedido Pique lhe crava; a recuar,
Minerva

Levanta negra pedra áspera e grossa, Com que seu campo
antigos demarcavam; Fere ao pescoço o turbulento Marte,

E lhe enfraquece os membros: sete jeiras Ocupa ao longo, e o
pó lhe mancha a coma, Com desusado ronco o arnês ribomba.

Rindo Minerva, gloriosa grita:

“Néscio! Atreves-te a mim que sou mais forte? As maldições da
mãe em ti caíram,

Furiosa de que os Dânaos desertasses E os fedífragos Teucros
auxílies.”

Disse, e os numes arreda. Conduz Vênus A Marte, que os
sentidos mal cobrando, Vai gemendo açodado. Avista-o Juno

E diz: “Prole do Egífero indomada,

Olha a mosca impudente, que inda leva Pela destra o flagelo
dos humanos Entre o aceso alvoroço: a ela, filha.” Folga
Minerva, e diligente parte;

Senta a pesada mão no peito a Vênus,

Que ajoelha e esmorece, e os dois prostrando, Orgulha-se a
Tritônia: “Assim caíssem, Quantos protegem contra os Gregos
Tróia!

Firmes e ousados como Vênus fossem, Grande minha rival, de
Marte apoio,

Que há muito, finda a guerra, ao nosso esforço A altanada
cidade se curvara.”

A deusa bracinívea aqui sorriu-se. Fala Netuno a Febo:

“Estamos quedos!

Já dado o exemplo, é torpe à casa aênea De Júpiter voltarmos sem combate.

Enceta: sou mais velho e mais ciente, Não me cabe o fazê-lo.

Estulto, esqueces, O que ambos sós em Tróia padecemos?

— Fora do Olimpo, um ano a Laomedonte Contratamos servir por justo preço,

E ele ordens arrogante nos passava:

Eu fundei-lhe à cidade inexpugnáveis Largos muros; flexípedes armentos Em vales do Ida e selvas lhe pastavas. Gratíssimas o termo as Horas trazem, E o tirano sem paga nos expulsa;

De algemas e grilhões vender-te ao longe E as orelhas cortar-nos prometia: Partimos da injustiça estomagados.

E em prêmio deste crime é que te negas De falsos a extirpar filhos e esposas?” Mas Febo rei: “Netuno, é coisa indigna Eu contender contigo por humanos, Que míseros, às folhas parecidos,

Ora viçam com fruto, ora emurhecem. Retiremo-nos presto, os mais que briguem.” Em respeito a seu tio, ele se aparta:

A caçadora irmã lho estranha e exprobra: “Foges, guapo frecheiro? Entregas fácil A vitória a Netuno, e esse arco

ostentas. Nunca mais te ouvirei no eterno alcáçar Blasonar,
como outrora entre os celestes, Que ao mesmo Enosigeu te
afrontarias.”

Nada contesta Apolo, e enfurecida A esposa do Satúrnio
veneranda À fragueira Diana encara e ultraja:

“E atreves-te, cachorra, a ter-me rosto? Essas frechas comigo
não te valem: Deu-te Jove, leoa entre as mulheres, Feri-las a
prazer; é menos árduo

Correr cervos e corços que aos potentes Reagir com vigor.
Provar se o queres, Quanto mais forte sou conhece agora.”

Com a esquerda eis lhe prende ambos os pulsos, Do ombro a
destra o carcás e o arco tira,

Com que rindo lhe bate pelas faces, Fazendo-a voltear: por
terra as setas, Foge a deusa a carpir, qual voa a pomba E ao
gavião se esconde em oca penha, De cujas garras a desvia o
fado.

A Latona o Argicida mensageiro

Cauto exclamou: “Contigo não combato; Esposa és do
Nubíogo, e receio, Prontíssima aos celícolas te gabes

De que à força de braço me venceste.”

Vai Latona colhendo arcos e frechas Envoltos na poeira, após a filha.

Esta chega do Olimpo aos éreos paços, Pranteia e senta-se ao paterno grêmio, O peplo a lhe tremer. Jove abraçou-a Com suave sorriso a interrogá-la:

“Que deus, filha, atreveu-se a maltratar-te, Como se um erro às claras cometesses?”

E a coroada caçadora: “Juno, A tua bracicândida consorte, Juno, que entre imortais lança a discórdia.” Sobe Febo entretanto a Ílio santa,

Vela nos muros, por temer que os Dânaos Contra o fado esse dia os subvertessem.

Entram no Olimpo os outros sempiternos, Quais agastados, quais de glória ovantes, Sentam-se em torno ao Padre. — Mas Aquiles Homens talha e corcéis: bem como, em chamas Por cólera celeste uma cidade,

Entre nuvens de fumo o vasto incêndio Causa a todos fadiga e a muitos morte; Ele os Teucros molesta, acoisa e rende.

Príamo ali do torreão divino

Os seus descobre sem defesa esparsos Ante o herói giganteu; choroso o velho Desce em terra, aos bravíssimos custódios Ordem passando expressa: “Tende abertas

Nas mãos as portas, por que em fuga os nossos Livrem-se do
furor do atroz Pelides,

E assim que dentro em salvo respirarem Trancai-as logo: o mal
está no cume!

Hei medo que essa peste invada os muros.” As barras e os
batentes se descerram

Para abrigá-los, e de um pulo Febo Vem socorrer os que a
cidade buscam, Sórdidos de poeira e ardendo em sede. Hasta
em reste, os encalça o velocípede, Ira o esporeia e glória; e as
rijas portas Certo arrombara, se no peito Febo

De Agenor Antenórida mor brio

E audácia não vertesse: ao pé da faixa,

Para o esquivar das graves mãos da Parca, Em atra névoa se
coloca perto.

Agenor, ao turrífrago avistando,

Pensoso pára, o coração lhe ondeia, Com quem fala
magnânimo e suspira: “Ai! Se fujo na turba ao fero Aquiles, Há-
de alcançar-me, e acabarei cobarde; Mas, se o deixo o tropel ir
derrotando, E pelo campo Ilíaco me deito

No Ida a matejar, então no rio Lavado e fresco do suor, à tarde

Entro em seguro... Que profiro? Ao ver-me Ir da cidade no
fugaz empenho,

Há-de apanhar-me e tenho certa a morte, Que ele os homens em força muito excede. Vou pois ante as muralhas encontrá-lo: Seu corpo a corte aêneo é vulnerável,

E uma só alma tem; que é mortal soa, Posto que lhe dê Jove eterna glória.” Volto, o Eácida aguarda, e combatê-lo Pede-lhe o coração. Qual sai pantera Da mata ao caçador, sem que o ladrido

A afugente ou perturbe, inda que a punja Pregada ou seta ou lança, não desiste, Antes que lute ou morra; assim não foge

O divino Agenor, mas quer medir-se Com o Eácida mesmo. Arrodelado

A hasta apontando, grita: “Ilustre Aquiles, Aos Troas derribar a grã cidade

Contavas hoje: inda por ela, insano Sofrereis muitas lidas; inda há nela Muitos varões de pulso, que a defendam Pelos queridos pais, filhos e esposas.

És tu que bebes hoje o mortal trago, Bem que audaz campeão terrível sejas.” Pronto, na perna o rigoroso tiro

Sob o joelho acerta, e em torno à greva Ressoa o estanho; é repelido o bronze Da arma recente por Vulcano obrada. Contra Agenor deiforme rui Aquiles, Porém Febo a vitória assim roubou-lhe: Cobre de nuvem densa o herói Troiano, Põe-no fora; tomando-lhe a figura, Coloca-se ardiloso ante o Peleio,

Que o segue rápido e abandona a liça; O Longe-vibrador entre
as searas

O atraí às margens do Escamandro pingues,

Pouco avante correndo afasta Aquiles, Que espera celerípede
alcançá-lo.

Entanto, aforçurados os Troianos Entram no muro; e, fora uns
pelos outros Nem esperar, nem conhecer querendo Os mortos e
os incólumes, se espalham Pela cidade, lassos, impacientes,
Quantos em pés ligeiros se escaparam.

L I V R O XXII

Trépidos gamos na carreira os Teucros À sombra dos merlões
se refrigeram Do suor e da sede, e os inimigos

De escudo sobre os ombros se aproximam. Como atado em
grilhões a Heitor a Parca Demora às portas Ceias, e ao Pelides

Fala Apolo: “Por que te afanas tanto? Cego de fúria, em mim
não vês um nume? Olha que és transviado, e os fugitivos

Dentro em seguro: um deus matar pretendes?” Turvo o herói:
“Crudelíssimo de todos,

Que assim me distraíste! O pó teriam Muitos mordido: a glória
me roubaste Salvando aqueles vis, sem me temeres; Mas de ti,
se pudesse, eu me vingara.” Então voa à cidade, e os passos
move Qual vencedor ginete, que soberbo Árdego pelo campo o
coche leva.

Já nele avista Príamo essa estrela Cão de Órion nomeada, que,
nascida

No outono, os astros vence em noite bruna Por grande e
resplendente, e agoura morbos Contra os homens calores
dardejando:

Na rapidez seu peito lampejava.

Bate o velho na testa, eleva as palmas, Soluça, roga ao filho,
que ante as portas Só por Aquiles brama: “Heitor, que fazes?
Sem auxílio a tal monstro não te oponhas; Longe em forças te
excede, e vai matar-te.

Oh! Quanto a mim fosse ele aos deuses grato, Que, sendo em
breve a cães e abutres cevo, Este meu coração consolaria!

Trucidando ou vendendo em longes terras Filhos tantos e tais,
privou-me deles;

Nem Licaon enxergo e Polidoro,

Que Laotoe me pariu formosa e casta: Se estão nos arraiais,
com ouro e bronze, De Altes famoso à filha inteiro dote,

Os remiremos; se a Plutão baixaram,

Dor é minha e da mãe que os procriamos; Será breve a do
povo, se de Aquiles

Não te prostra o furor. Entra, meu filho,

Não lhe dê glória tanta; para esteio De Tróia te reserva e das
Troianas.

Pena há de mim que, são de mente ainda, Sinto no cabo da
velhice males

Por Jove amontoados: filhos mortos, Filhas cativas, tálamos
corruptos, No tropel a esmagarem-se crianças,

Noras de rojo em brutas mãos profanas, Quiçá, de alma
arrancada a brônzeo fio, Cães ao portal em peças me devorem,
Guardas que à minha mesa eu nutri mesmo, E em meu sangue
apagando a raiva e a gana, Se espojem no vestibulo! Em
batalha Jazendo um moço, lhe aparece tudo

Nédio e composto; mas, defunto um velho, Já de cabeça
branca e branca barba,

De vergonhas à mostra, o lacerarem

Torpes cães... Oh! Miséria das misérias!” Ele carpe-se e rasga-se
ululando,

Sem demover-se Heitor. Hécuba em pranto, Lastimosa do seio
a mama tira:

“Esta respeita, ó caro, com que eu meiga

Teu vagir mitigava; a mãe to implora, Asila-te, meu filho, desse
monstro,

A sós não brigues. A matar-te a fera, Nem eu que te gerei, nem
tua esposa, No leito funeral te choraremos:

Serás perante as naus de cães pastura.” A lagrimar os velhos
ambos rogam: Mas Heitor inconcusso espera Aquiles, Que
agigantado assoma. Ao viandante

Se pascida em má grama espreita a cobra, Fica assanhada e a
vista acende horrível A enrolar-se na toca: Heitor não menos,
Quedo e fogoso, à torre proeminente

O escudo apóia fúlgido, e sentido

Fala em sua alma grande: “Ai! Se entro agora, Mo exprobrará
primeiro Polidamas,

Que a recolher a gente aconselhou-me, A noite em que aziago
alçou-se Aquiles. Fora melhor; a pertinácia minha

Danou do povo a causa! Os nossos temo E as Troianas de
peplos roçagantes;

Ouçõ em roda: — Ei-lo Heitor, que temerário

O exército perdeu! — Di-lo-ão por certo. Mais vale ou triunfar do
imano Aquiles, Ou morrer pela pátria em luta honrosa.

E se elmo e escudo e lança ao muro encosto, E indo encontrá-
lo, dar prometo Helena, Motivo desta guerra, e o que Alexandre
Nos trouxe em cavas naus, para os Atridas, Para os outros
Aqueus o que Ílio encerra;

Que de ancião com firmeza os Teucros jurem Nada ocultar, e
dividir ao meio

Quanta riqueza esconde a grã cidade... Quê! Deliras, minha
alma? Eu suplicante!

Sem mais dó nem resguardo, a mim sem armas, Qual imbele
mulher, há-de imolar-me.

Do rochedo e carvalho não é tempo De lhe ir falar como
donzela e moço,

Quando moço e donzela entre si falam. Combater, investir:
saiba-se, e presto,

A quem o Olímpio agora entrega a palma.” Entanto, igual a
Marte, avança Aquiles

De elmo a nutar, e à destra o lenho ingente, O arnês brilha em
seu peito à semelhança

De vivo ardente fogo ou sol no eoo. Trêmulo Heitor, ao vê-lo, as
portas larga, Deita a correr; em pés fiado Aquiles,

No encaço voa: açor montês imita,

Ave a mais lesta, que, ao fugir de esguelha Tímida pomba,
acerca-se guinchando Faminto à presa, a redobrados chofres.

Precipita-se Aquiles, e o Priâmeo Em susto move rápido os
joelhos.

Vão, pela estrada ao longo da muralha, Da atalaia à ventosa
baforeira,

E às claras fontes chegam donde bolha O férvido Escamandro:
uma flui quente, Como um lar acendido fumegando;

No verão mesmo a outra é sempre fria, Tanto quanto a saraiva
ou neve ou gelo. Ali, na paz que os Dânaos perturbaram, De
pedra em largas elegantes pias Cônjuges Teucras e engraçadas
virgens Roupa e vestes louças lavar soíam.

Transpõem-nas ambos: o que foge é bravo, É mais bravo o que
o segue: não bovina

Vítima ou pele, da carreira prêmios, Do herói Priâmeo se
disputa a vida. Qual circulando a meta os corredores, Para
ganhar-se ou trípode ou cativa, Ágeis galopam nos funéreos
jogos;

Os dois assim de Príamo ante os muros Giram três vezes.
Contemplando-os Jove,

Aos mais deuses discursa: “Ah! vêem meus olhos, Com
pesadume, a voltear aflito

Varão que, em Pérgamo ou cabeços do Ida, Muitas coxas de
bois me queima pio,

E atrás o Velocípede! Salvá-lo Deliberemos se nos cumpre, ó
numes,

Ou se antes convirá que o dome Aquiles.” A Olhicerúlea
exclama: “Onipotente Senhor do raio, à Parca já fadado

Livras um mortal! Seja; mas todos

Não to aprovamos.” — Respondeu-lhe o Padre: “Inda em nada assentei, sossega, filha,

Quero aprazer-te, ampla licença tenhas.” Isto, por si disputa, incita a Palas,

Que do Olimpo se arroja, enquanto Aquiles

Urge tenaz a Heitor. Se, em monte ou vale, Do covil a cervato ergue o sabujo,

A estremecer na moita ele se oculta, E o sabujo o rasteja até que o acha; Tal na trilha de Heitor ia o Pelides.

Sempre que às torres e às Dardânicas portas, Cujos tiros de cima o socorressem,

Pende Heitor, ele aos muros mais vizinho, Lhe vem de frente, para o campo o arreda. Como em sonhos não pode ao fugitivo Este alcançar, nem se livrar aquele:

Heitor assim de Aquiles não se livra, Nem Aquiles o alcança. E Heitor o golpe Evitara fatal, se ao lado Apolo

Não lhe aumentasse a força e a ligeireza? Acena Aquiles de cabeça às tropas,

Que a dardos não o ajudem, nem lhe tirem Ferir primeiro e só. No quarto giro

Juntos eles às fontes, alça o Padre Áurea balança; numa concha o eterno

Sono libra de Heitor, noutra o de Aquiles: Grave de Heitor a sorte a Plutão baixa,

E Febo o deixa. A déia olhicerúlea Se avizinha ao Pelides: “Ora espero,

Ó caro a Jove, encher de glória os Dânaos, Heitor aqui rendermos. De combates

O insaciável escapar não conte,

Nem que aos pés do Tonante o implore Febo. Tu quieto resfolga, e entanto eu mesma

Vou suadi-lo a pelejar contigo.”

Ele contente ao freixo de érea choupa Se encosta; e Palas a Deifobo o vulto

E a voz toma indefessa: “Heitor, gritou-lhe, Fogoso ante a muralha o fero Aquiles,

Ó divo irmão, te acossa; alto façamos Firmes a recebê-lo.”— E Heitor: “Prezado Me eras, Deifobo, sobre quantos filhos De Hécuba teve Príamo: hoje em dobro

Te prezo, irmão, que, ao veres meu perigo, Vens sustentar-me, e dentro os mais se ficam.” Então Minerva: “Nossos pais augustos

E os sócios, caro irmão, de medo frios, De joelhos, não sair me suplicavam; Mas dor interna o coração punziu-me.

Lutemos dardo a dardo e rosto a rosto, Sem pouparmos fadiga;
às naus vejamos Se ele nos leva o espólio sanguinoso,

Ou se desse teu pique hoje é domado.” Ei-la dolosa avança, e
ambos já perto, O galeato herói primeiro fala:

“Ante a cidade vezes três, Pelides, Sem te suster girei; não mais
te fujo; Agora a te arrostar me força o brio,

Ou vencer ou morrer. Porém guardemos Pacto que os deuses
testemunhem todos: Se da vida privar-te eles me outorgam,
Teu corpo restituo inteiro e puro,

E só das pulcras armas despojado; Igual favor Pelides, me
assegures.”

E ele feroz: “Um pacto ousas propor-me, Acerbíssimo Heitor!
Pacto há sincero Entre homem e leão, lobo e cordeiro?

Ódio nutrem recíproco e perpétuo. Não, tratados jamais; de um
de nós ceve O sangue esparso ao belicoso Marte.

O valor todo envida; ora te cumpre

N’hasta acérrimo ser e audaz guerreiro. Não tens refúgio, pune-
te Minerva

Por minha destra; as agonias vingo

Dos meus que trucidaste.” E aqui dispara: Furta-se Heitor;
Minerva às escondidas

Da areia arranca o pique, ao dono o entrega. Diz o Dardânio:
“Erraste, herói divino.

De Jove, gabas-te, o meu fado sabes. São dolos teus pra
remeter-me susto

E embotar-me o valor. Se o quer um nume, Não de costas, no
seio a ponta aênea

Me cravarás. Evita agora a minha,

Que em teu corpo oxalá se enterre toda. Será, tu morto, nosso
afã mais leve;

És o maior flagelo dos Troianos.” E desferida a lança, ao meio
acerta;

O escudo a repulsou. Do bote inútil Sentido o herói, demisso o
rostro, enfia Por não ter outra lança, e a gritos pede Uma a
Deifobo de alvo abroquelado; Este ali não se achava, e
conhecendo

A ilusão, clama Heitor: “Ai! morte os numes

Me aprestam já! Deifobo ao lado eu cria; Mas ele é dentro, e me
enganou Minerva. A Parca se apropinqua inelutável:

De longe o quis o Padre e o filho archeiro, Meus custódios
outrora. Urge-me o fado: Sequer não morro imbele; a glória
minha Vá ressoar grandiosa nos vindouros.”

Da espada aqui puxou, que lhe pendia Grande e fornida e aguda, e rui coberto, Bem como águia altaneira entre nublados Sobre tímida lebre ou tenra ovelha.

Iracundo e ferino investe Aquiles:

O escudo aos peitos brilha artificioso; No elmo de quatro cores relumbrante Áureo ondeia o penacho, que Vulcano Pela cimeira derramou. Qual Vésper, A mais donosa estrela em fusca noite, Fulge na destra a lança a Heitor funesta; Busca a jeito empregá-la, que a Pátroclo O arnês belo despido ao belo corpo Todo guarnece, e a crava em mortal sítio, Onde o pescoço ao ombro se articula;

Mas não lhe ofende a jugular o bronze, Nem tronca a voz. No pó rola o vencido;

O outro blasona: “Impune, Heitor, cuidavas Pátroclo despojar? Não vias, louco, Naquelas naus um vingador mais forte, Que vim hoje esses membros dissolver-te? Corvos te hão-de roer e torpes gozos,

E ele terá pomposo enterramento.” Balbuciante o herói: “Por teus joelhos E por teus genitores, eu te obsecro, Não deixes animal dilacerar-me:

Bronze e ouro aceites que meu pai te oferte E minha augusta mãe; Teucros e Teucras Ah! dêem meu corpo à fúnebre fogueira.” Torvo o Pelides: “Nem por meus joelhos, Nem por

meus genitores, cão, me implores. Autor cru do meu mal, tivesse eu forças

De tragar-te essas carnes palpitantes!

Não tens remédio algum: de tais presentes Nem que o décuplo e em dobro se me oferte Com promessa de mais, nem que te pese Príamo a ouro, tua mãe augusta

Há-de em leito feral chorar seu filho; Sê pasto e jogo de animais famintos.”

E a vasquejar Heitor: “Previ que os rogos, Ó férreo coração, baldados eram:

Talvez que esta impiedade irrite os numes, Quando, embora valente, às mãos caíres De Febo e de Alexandre às portas Ceias.” A morte a voz lhe embarga; a Plutão baixa A alma dos membros solta, a lamentá-lo Murcho em flóreo vigor da mocidade.

Não vive mais, e o vencedor o insulta: “Morre, venham meus fados quando Jove E os outros imortais cumpri-los queiram.” Então lhe puxa a lança e a põe de parte,

Despe-lhe o arnês sangüento. Em roda enxame De Argeus acode, que de Heitor pasmados, Admiram-lhe a estatura e gentileza;

Vem cada qual feri-lo, e entre si dizem: “Hui! Como Heitor é brando e mais tratável

Que ao deitar fogo às naus!” Com tais motetes, Lhe ia o tropel
o corpo vulnerando.

O espólio toma, e aos Gregos fala Aquiles:

“Chefes e amigos, por favor celeste,

Jaz o varão, que os Teucros todos juntos Mais nocivo: à cidade
arremetamos; Toca saber se abandoná-la tentam,

Ou contrastar-nos, bem que Heitor perdessem... Mas que
resolvo? Está Pátroclo morto

Ante as naus, insepulto e não chorado; De quem, mova eu na
terra estes joelhos, Nunca me esquecerei, nem se no inferno
Memória desta vida se consente.

O peã entoai, mancebos Dânaos,

E às naus frio o cadáver transportemos; Imensa glória sobre
Heitor ganhamos

Que era dos Troas como um deus honrado.” Logo, para ultrajá-
lo, aos pés lhe fura

Do calcanhar ao tornozelo as fibras, Bovinos loro mete, ao
carro o prende, Cabeça a rastos: com o espólio monta, Sacode
o açoute, os corredores voam. Rojado, o pó levanta, e o pó lhe
afeia

A coma negra, o vulto, que era há pouco Tão belo e nobre:
Júpiter a injúrias

Hostis o vota nos paternos campos! Da cena atroz à vista, a
mãe coitada Se carpe e rasga, o véu nítido expele, E ulula e
geme; triste o pai lamenta; Pela cidade o miserando povo

Soluça em pranto, qual se Tróia em peso Do excelso cume em
chamas desabasse. O velho mal continham de sair-se

Pelas Dardânias portas; e ele a todos, Rolando-se na lama,
suplicava,

A chamar um por um: “Ir só deixai-me, De mim não se vos dê,
perante a frota Ao cruel matador prostrado, amigos, Implorar,
comover: talvez respeite

Em mim o eqüevo de Peleu, que o teve E o nutriu para exício
dos Troianos.

Mormente a mim me cumulou de angústias: Quantos filhos em
flor me tem roubado!

Porém, dos que pranteio, um só de todos Me dói mais e me
arrasta ao centro escuro Heitor... Oh! Se em meus braços
expirasse! Em lágrimas eu mesmo, em ais e em luto,

Com a mãe que mo gerou desafogara.” Gemente o chora o
povo; entre as mulheres Hécuba rompe em lúgubres suspiros:

“Morreste, filho, e eu vivo! Dia e noite Eras o meu orgulho e
amparo d’Ílio, Eras um deus aos Teucros e às Troianas Já foste

nossa glória, e és um cadáver!” Entanto, aviso Andrômaca nem tinha De que o marido só restasse fora.

Em cima e no interior, tecia tela

Dúplice e esplêndida, em folhagem vária; E às servas ordenara emadeixadas

Um banho em ampla trípode aquecessem, Para quando voltasse da batalha.

Néscia! De banhos longe, a gázea Palas Domado o havia pelas mãos de Aquiles. Mas da parte da torre ouviu lamentos

E alto alarido; a lançadeira solta,

Convulsa fala: “Duas me acompanhem. Que será? Sinto a voz da augusta sogra; Tremor no coração me salta aos lábios, E os frígidos joelhos se entorpecem:

Algum dano sucede aos Priamidas. Oxalá que eu não ouça infausto anúncio! Mas temo que meu bravo Heitor sozinho Fora esteja, e o persiga o fero Aquiles; Que este lhe extinga a exicial coragem, Com que longe da turba e à frente lida,

Nunca a ninguém cedendo em valentia...” E das fâmulas duas escoltada,

Sai quase doida, a palpitar-lhe o peito; Sobe à torre, aos guerreiros se aproxima, E olha em torno do muro: a Heitor avista, Que de rojo os corcéis ante a cidade

Para as naus cruelmente arrebatavam; Enoitam-se-lhe os olhos,
e de costas Cai desmaiada, o espírito exalando.

A laçaria e fitas se lhe espalham,

Coifa e toucado, e o véu de Vênus prenda Quando, com dote
infindo, o esposo a trouxe Da casa paternal. Para a conterem

Ansiosa de acabar, de seu marido As irmãs e as cunhadas a
rodeiam. Enfim no coração recobra o alento,

Soluça e geme e chora: “Heitor, ai! Triste, Com fado igual
nascemos, tu nos paços Do rei Príamo em Tróia, eu na Tebana
Hipóplaco selvosa, onde criou-me

De menina Eetion para infortúnios,

E antes me não gerasse! Ora ao subtérreo Orco desces
profundo, e em luto e nojo No viúvo aposento me abandonas;

Nem do nosso filhinho és mais o arrimo, Nem ele o teu será. Da
crua guerra

A escapar, não se escapa à desventura; Mudado o marco, o
esbulharão do prédio. O pupilo no dia da orfandade

Perde os jovens amigos: baixo o rosto, Água nos olhos, se o do
pai segura, Um pela túnica, outro pela capa, Indigente é
repulso; o mais piedoso Bebida num copinho lhe escanceia,

Que os beijos banha e o paladar não molha. O que possui os
genitores ambos,

Fero da mesa o expulsa, espanca e enxota:

-Sai, conosco teu pai já não convive. —

Tal há-de vir choroso à mãe viúva

O infante meu, que aos paternais joelhos Com tutanos de ovelha se nutria,

E lasso de brincar, entregue ao sono, Da nutriz afagado ao brando colo, Contente em mole berço adormecia. Órfão, misérias sofrerá meu filho, Que Astianax os nossos denominam,

Porque eras, nobre Heitor, único apoio Destas muralhas. Ante as naus rostradas, Longe dos pais, hão-de roer-te vermes, Depois que nu te comam cães raivosos, A ti, que hás finas e elegantes vestes,

Por tuas servas e por mim tecidas.

Já que para a mortalha nem te servem, Em honra tua ao fogo vou queimá-las, Dos Teucros em presença e das Troianas.” As mulheres ao pranto ecos faziam.

L I V R O XXIII

Gemia a grã cidade, e pelas praias

Do alto Helesponto às naus se encaminhavam. Sem dispersar os Mirmidões, Aquiles: “Équites caros, disse, os corredores

Não soltemos; de coche, ao morto vamos O tributo de lágrimas pagar-lhe.

Assim que em ais ali desafogarmos, Desatem-se os cavalos e ceemos.” Após ele, os Aqueus nas crinipulcras Bigas circundam vezes três Pátroclo, E Tétis exacerba o luto e o pranto;

Do afugenta-esquadrões saudosos todos, O chão regam do choro, as armas regam. Em soluços Aquiles, urra impondo

As homicidas mãos do sócio aos peitos: “Salve, Pátroclo, na Plutônia estância!

Hei-de a palavra encher: Heitor em pasto A cães dar; em vingança, doze ilustres Jovens de Ílio ante a pira degolar-te.”
Aqui, no pó de bruços, obra indigna!

Roja à tumba do amigo o herói Troiano. As éreas deixam coruscantes armas,

Os cavalos altissonos desjungem:

Da capitânia em roda, o lauto aprestam Feral banquete: a ferro bois sangrados Mugem, balam ovelhas, berram cabras;

Tostam-se ao fogo de Vulcano os pêlos De gordos porcos de alvejantes presas;

Mana em torno a Pátroclo o sangue em ondas. Entanto, ao sumo Atrida o rei Pelides,

Iroso e consternado, os mais conseguem A custo conduzir. Chegados sendo

Ao real de Agamemnon, este arautos Canoros aquecer trípode manda,

Para expurgar-se da sangueira Aquiles. Este o recusa: “Pelo Deus supremo

E ótimo, juro não tocar em banho, Antes que ao meu Pátroclo a pira ateie, Sepulcro erija, este cabelo sagre:

Pena igual não terei, por mais que viva. Ora ao festim odioso nos prestemos.

N'alva ordena, Agamemnon, que à fogueira

Cumulem grossa lenha, a elevem digna

Do herói que baixa a Dite, e aos olhos nossos Hão-de sumir infatigáveis chamas;

Depois, o exército às muralhas marche.” Obedecem-lhe e comem, nem se queixam De quinhões desiguais; já bem ceados, Vai cada qual se repousar na tenda.

Só nas praias flutíssonas Aquiles

No meio jaz dos Mirmidões, num sítio Onde a vaga rugia; e,
quando o sono Meigo lhe espargue o alívio do cansaço, De
perseguir Heitor perante os muros E de tanto chorar, espectro
em sonhos, Ao mísero Pátroclo parecido

Em traje, em voz, no talhe e belos olhos, Põe-se-lhe à cabeceira:
“Aquiles dormes? E o morto esqueces que na vida amaste:

Sepulta-me, que junto às portas erro

Da ampla casa Plutônia; dos finados Repulsando-me as almas,
não permitem Com elas misturar-me além do Estige.

Dá-me essa mão, que em lágrimas eu lave;

Combusto apenas, do Orco mais não torno Em segredo não
mais consultaremos!

Tragou-me a sorte que de berço tive; A tua é perecer, divino
Aquiles,

Aos muros dos belígeros Troianos. Peço-te e recomendo que os
meus ossos Unas aos teus, Pelides, já que unidos Criados
fomos, dês que lá de Opunte Mocinho com Menetes vim a Ftia,
Porque, ao jogo irritado, involuntário Matei sem tento o filho de
Anfidamas. Teu pai me recolheu benignamente, Alimentou-me e
nomeou teu pajem; Nossos ossos encerre a de asas de ouro
Urna pela mãe deusa a ti doada.”

“A mim, dileto irmão, responde Aquiles, Vens com tais ordens?
Vou cumpri-las todas. Ah! chega-te, e sequer nos abracemos,

Desabafo ao pesar.” E as mãos lhe estende, Mas nada abraça,
alteia a sombra um grito, Como em fumo soterra-se. O Pelides,
Palma com palma atônito batendo,

Mesto profere: “Oh! Certo há no Orco fundo Vácuas imagens,
não tangíveis corpos:

A alma do meu Pátroclo, de estupenda Semelhança com ele,
aqui me intima

Tristíssima e chorosa expressas ordens.” Com isto o luto
acende, e a rósea Aurora Acha-o carpindo em cerco do
cadáver.

Da tenda gente e mus, que tragam lenha, Expede o Atrida, e
Merion com eles,

De Idomeneu guapíssimo escudeiro. Munidos vão de cordas e
machados,

E os mus diante; encostas, morros, vales

E azinhagas transpondo, às matas chegam Do Ida
multimanante; a bronze afiado Carvalhos de alta grenha à
pressa abatem, Que estrepitosos roncam; sempre alerta,
Carregam logo os mus, que o solo calcam Entre espinhais, do
plano desejosos;

E eles, prescreve-o Merion, carretam À praia troncos, onde o
herói sepulcro Erigir a Pátroclo e a si traçara.

Em torno ao lígneo monte se apinham.

Armar-se aos Mirmidões ordena Aquiles E as parelhas dispor;
alvoroçados

Revestem-se de bronze, aos carros montam Combatentes e
aurigas; seguem nuvens

De infantaria; o esquife amigos trazem, Que o morto cobrem de
aparadas crinas; O herói mesto a cabeça atrás sustenta, Que a
Dite envia com funérea pompa.

Deposto o esquife no lugar marcado,

A lenha empilham sobre. — O divo Aquiles Al medita:
afastando-se da pira,

Corta o louro cabelo, que florente, Votado ao rio Espérquio, lhe
crescia;

Geme, olha o negro mar: “Debalde, Espérquio, To consagrou
Peleu por meu retorno, Prometendo imolar uma hecatombe

E cinqüenta carneiros junto às fontes, Onde ara tens odora e
santo luco; Pois do ancião desatendeste as preces,

Nem torno à doce pátria. Assim, permite Que este cabelo o
amigo a Plutão leve.” Ao metê-lo nas mãos do seu Pátroclo,

Mais ateava o luto; o qual durara Além do sol cadente, se ele
mesmo

Não dissesse a Agamemnon: “Para choros Fica assaz tempo. Às tropas te compete Fazer cear: o funeral nos deixem;

Os cabos sós conosco permaneçam.” O Atrida a gente pelas naus desparze,

Das exéquias restando os funcionários. De pés cúbitos cem fogueira alçando, O corpo em cima contristados pousam.

Esfolam pretos bois, ovelhas pingues: Da gordura o Pelides unge-o todo

Em derredor as carnes lhe acumula. Ânforas de óleo e mel no esquife emborca; Árdusos quatro corcéis com pena lança

À fogueira, e dois cães também degola, Dos nove à sua mesa apascentados;

Os nobres filhos doze, obra inumana! De Troianos magnânimos imola,

E para os consumir atiça o fogo. A soluçar enfim o amigo invoca:

“Salve, Pátroclo, na Plutônia estância!

A palavra cumpri: queimei contigo

Os doze Teucros, não a Heitor Priâmeo, Que só destino a famulentos perros.” Ameaça em vão; de dia e noite Vênus

De Heitor aparta os cães, e por que a rojo Não se espedace, untou-o de rosado Óleo divino: adensa em roda Apolo Nuvem

cerúlea, impede que o sol forte Os músculos e nervos lhe desseque.

Não arde a pira entanto. O nobre Aquiles Cogita a parte, belos sacrifícios

A Bóreas vota e a Zéfiro; suplica, Libando em áurea taça, que animada O cadáver consuma a voraz chama. Íris o escuta e voa; encontra os ventos Na caverna de Zéfiro sonoro

Em banquete solene. A nuncia ao verem Queda à entrada lapídea, erguem-se todos, E cada qual o encosto lhe oferece;

Mas ela: “Não me assento, porque às margens Do Oceano e aos Etíopes retorno:

Quero participar das hecatombes,

Que aos imortais prodigam. Pede Aquiles A vós, Zéfiro e Bóreas, com promessas

E egrégios votos, que inflameis a pira

Ante a qual a Pátroclo os Dânaos gemem.” Foi-se; os ventos rugindo impelem nuvens, Com sopro hórrido e ríspido encapelam

O clamoroso pego, a Tróia arribam, Encostam-se à fogueira, o esforço dobram: Toda a noite respira e estala a chama;

De áurea cratera toda noite Aquiles, Em taça duplicôncova exaurindo,

O chão de vinho ensopa, evoca a sombra: Qual pai queimando os ossos do esposado Filho, com mágoa da família extinto,

O herói chora ao queimar os ossos, Roja-se em crebros ais perante a pira. Quando anuncia Lúcifer que os mares

Vêm desdobrar seu manto a crócea Aurora, O fogo langue e morre; ao Trácio ponto, Que freme inchado, os ventos se retiram.

Distante, lasso o herói, no sono pega;

Mas acorda ao rumor dos que se agregam

De Agamemnon em roda, e em pé discorre: “Atrida, e vós ó príncipes da Grécia,

Com roxo vinho o fogo apaguei todo; Os ossos do Menécio recolhamos, Fáceis de conhecer, porque ele em meio

Da pira estava, e os outros nos extremos, Mistos combustos homens e cavalos.

Em duplo zerbo envoltos, urna de ouro Guarde-os, até que a Dite eu mesmo desça. Túmulo alto não quero, mas decente: Amplo no-lo alçareis, quando aqui, Dânaos, Nas cavas naus partindo, me deixardes.” Prontos, com roxo vinho o fogo apagam

Da pira inteira, e ao fundo abate a cinza; A chorar do bom sócio os brancos ossos,

Com duplo zerbo, em urna de ouro colhem; Metem-na em véu
sutil, na tenda a fecham; Terra ao pé da fogueira amontoando,
Ao circular sepulcro as bases lançam. Feito o que, já voltavam;
mas detêm-os E assenta-os o Peleio em vasto corro:

Das naus vêm caldeirões, trípodes, vasos,

Vêm cachaçudos bois, ginetes, mulas, E airosas moças e polido
ferro.

Para o curso dos carros mostra os prêmios: É primeiro, formosa
hábil cativa,

E capaz de medidas vinte duas Trípode asada; é outro, égua
bravia

De seis anos, que um mu no ventre encerra; Terceiro, um
caldeirão nunca servido, Luzente e limpo, de medidas quatro;
Áureos talentos dois seguem-se; é quinto, Biaurito boião da
chama ileso.

Aquiles se ergue: “Atrida e Graios chefes, Eis os Prêmios dos
rápidos aurigas.

A ser diversa a causa do certame, Certo o primeiro à tenda eu
levaria;

Tenho imortais corcéis, que a todos vencem, Dom Netunino,
que Peleu passou-me:

Eu descanso e os corcéis. Ah! que lhes falta Quem, lavando-os
em límpida corrente, Os ungia e afagava as belas crinas;
Ora, espalhada a coma, aqui lagrimam, Com dor no coração!
Vós outros, eia,

Aparecei; do exército concorram

Os que em seus coches e cavalos fiam.” Disse, e lestos aurigas
se apresentam.

Filho de Admeto o maioral Eumelo, Afamado cursor, surgiu
primeiro.

Surgiu Diomedes na parelha ganha Ao salvo Eneias por mercê
de Apolo. Surgiu no seu Podargo o louro Atrida

E em Eta, égua veloz, que em paga houvera De Equepolo
Anquisíada Agamemnon,

Por dispensá-lo da Troiana guerra, E o deixar na opulenta
Sicione Fruir delícias, do Satúrnio dadas.

Foi quarto o nobre Antíloco, do grande Nestor filho, e agitava
amplo-crinita Biga de Pilos em voante carro.

Então seu pai desperta-lhe a prudência: “De pequeno te amou
Jove e Netuno, Que todo eqüestre jogo te ensinaram; Pouco
hás mister. Girar as metas sabes, Só dos lentos corcéis temo a
tardança: Nenhum rival te excede em manejá-los,

Bem que os tenham melhores. Sê, meu filho, Destro e previsto,
não te fuja o prêmio.

Mais vale arte que força ao carpinteiro; Arte guia o piloto em
lenho frágil

Da tormenta açoitado: assim, com arte Cursor vence a cursor.
Quem tudo libra Em cavalos e coche, anda às guinadas, A
vagar pelo estádio sem governo: Quem dos seus desconfia,
atento à meta Rente a circula, as bridadas retém firme

Ou laxa a tempo, olhando ao que o precede. Observas? Uma
braça está de fora

De lariço ou carvalho o seco tronco,

Pelas chuvas não podre; há brancas pedras, Uma de cada
parte, onde o caminho

Da planície no meio a boca estreita,

São feral monumento, ou priscos marcos: Lá pôs Aquiles da
carreira o termo;

Lá dirige o teu carro. À esquerda um pouco No assento inclina;
ameaça, grita, inflama Da direita o cavalo, afrouxa as rédeas;
Cerre-se o outro à meta, que pareça

I-la o meião rascando, sem que esbarres, E ofendas os corcéis
e o coche rompas: Opróbrio teu seria e alheio gáudio.

Filho, cautela: a meta se urges perto, Nenhum pode apanhar-te ou preterir-te; Nem que após te viesse Arion ginete, Raça imortal, possuído por Adrasto, Nem os que Laomedonte aqui nutria.” Ao filho assim adverte, e ao posto volve. Quinto apronta Merion comantes brutos.

Montam; sacode Aquiles no elmo as sortes Primeiro sai Antíloco Nestório;

Segundo Eumelo; é Menelau terceiro; Merion quarto; é último o sublime Tidides forte. Em linha se colocam; Indica o herói no plaino as longes metas; Onde era o de Peleu divino pajem

Fênix, que tudo imparcial decida. A gritos e a chicote a ponto incitam

Os corcéis que da praia ao campo arrancam. De pó nuvens aos peitos se enovelam, Crinas ao vento a flutuar: os coches

Ora tocam no chão, ora alto pulam; Têm-se firmes nas selas os cursores; Pelo triunfo os corações palpitam; Cada qual seus ginetes estimula.

Que a terra a esboroar, não correm, voam. Girada a meta, a toda brida voltam

Ao mar encanecido, e mais o afogo

Dos heróis se distingue. Longe avançam As éguas agilíssimas de Feres:

Depois, Diomedes nos cavalos Tróicos A respirar tão próximos,
que o bafo

De Eumelo o dorso aqueça e os vastos ombros, Ao coche as
ventas protendidas bufam.

Vencera ou fora dúbio o vencimento, Se infesto Apolo o açoute
luzidio Não sacasse a Tidides. Este brame,

D'água os olhos arrasa, ao ver as éguas Mais desenvoltas, os
cavalos menos, Por lhes faltar o estímulo. De Apolo Sente a
fraude Minerva, e de repente Restitui o chicote, alenta a biga:

De Admeto ao filho a déia quebra o jugo:

O temão rola, as éguas se extraviam: Cai junto à roda Eumelo;
aos cotovelos, Boca e nariz, ao pé das sobancelhas, Fere-se,
coalha a voz, lagrima irado.

Fulge avante o rival: prestou Minerva Aos sonípedes força, e
deu-lhe a palma. Insta o Nestório atrás do flavo Atrida Brada
ao paterno tiro: “Eia, estirai-vos Em celérrimo curso. Não
pretendo Com Diomedes lutar, a quem Minerva Afogueia os
corcéis, reserva a glória, Mas segui-me incessantes os do
Atrida: Eta fêmea é vergonha preterir-vos.

Por que desfaleceis? Prometo e faço: Não mais Nestor vos
tratará com mimo, Antes mortos sereis a brônzeo gume,

Se obtenho um prêmio vil por vossa incúria. Precipitamente
arrebatai-me:

Infalível ardil maquino, esguardo

Como no estreito a Menelau supere.” Da ameaça com medo,
eles disparam; O incansável Antíloco no instante

O passo viu: barranco era precipite, Pela invernada aberto no
caminho. Cose-se a ele o Atrida, um choque evita; Mas o rival
torcendo empuxa os brutos Um pouco fora, e desviado segue.

Em susto Menelau: “Suspende, insano, Enfreia o curso teu na
augusta via; Deixa que alargue, e passarás a folgo: Os carros
entre si não se espedacem.” Surdo aguilhoa Antíloco a parelha:
Correram quanto solto abrange o disco De atleta jovem, que o
vigor ostenta.

Recua Eta o Podargo: o Atrida cessa, Teme os coches e arreios
se embaracem, Por terra da vitória os contendores.

“Antíloco, bradou, sábio eras crido,

E ninguém há mais pérfido; prossegue, Mas sem jurares não
terás o prêmio.”

Logo afala os corcéis: “Bem que arrojados, Não demoreis; das
patas e joelhos Primeiro aqueles cansarão por velhos.” Dóceis,
à desfilada, eis se apropinquam.

De circo espectadores aguardavam Os férvidos alípedes
poentos.

O Cresso cabo os avistou primeiro, Na atalaia sentado, e a voz sentia Do mais próximo auriga; reconhece Baio ginete que na testa malha Branca tinha e redonda como a Lua;

Ergue-se e diz: “Amigos chefes Graios, Olhai vós: outro coche, outro escudeiro, Fora do que pensávamos, descubro.

Certo as éguas de Eumelo estão feridas, Que mais lestras eu vi dobrando a meta,

E enxergá-las não posso, inda que os olhos Por tudo espalhe. As rédeas lhe escaparam, Ou girou mal o guia, ou não conteve

Na meta o coche; que é talvez em peças, Derribado o seu dono, extraviadas

As éguas em furor. Em pé vós outros Atentai: não discirno, mas suponho O chefe Etólio ser, do cavaleiro Tideu prole condigna, Diomedes.”

O Oiliades o argúi: “Falas às tontas,

Idomeneu? Pela ampla arena as éguas Aerípedes vêm. Não és tão moço

Para teres a vista mais aguda. És temerário; não te cabe à toa Pronunciar, outros juízes temos:

Elas marcham diante, e as rege Eumelo.” Retorque Idomeneu:

“Sempre insolente, Malédico e rixoso, és entre os Gregos Inferior no demais. Ora apostemos

Uma caldeira ou trípode; Agamemnon Nos julgue, Ajax, à tua
custa aprendas Que essas rápidas éguas se atrasaram.” O
Oiliades replica exasperado;

E azedara a contenda, se o Peleio

Não se interpõe: “De injúrias vos abstende, Ajax e Idomeneu;
por certo em outros Escandecência tal estranharíeis.

Ora tranqüilos esperai por todos; Conhecereis em breve quais
ginetes Primeiro são no páreo, e quais segundos.” Não
acabava, e relumbrou Tidides, Fustigando entoados
vencedores,

Que empoeiram seu guia, o espaço tragam; De ouro e estanho
luzindo, o leve coche Na fina areia as rodas mal sinala;

Queda no circo a biga, dos pescoços E peitorais em bagas
escorria.

Diomedes pula da brilhante sela, Encosta ao jugo o açoite; sem
demora Toma Estênelo a trípode e a cativa,

Que entrega aos sócios, e os corcéis desprende. Antíloco Neleio,
mais por dolo

Que por destreza, a Menelau precede: Quanto um cavalo da
rodagem dista, Lambendo-a em círculo a peluda cauda; Ao
bater a campina em curso alado, Assim distava o Atrida, bem
que a tiro De disco esteve já: mais se alentava

Eta criniluzente, e, houvesse espaço, Fora certa a vitória. Atrás
o estrênuo Merion Cretense vinha, de hasta quanto O bote
alcança; que era larga a biga,

E ele mesmo o cursor menos perito.

De Admeto o filho, derradeiro, as éguas

E ornadíssimo coche a pé tirava. De vê-lo comisera-se o Pelides,

E aos Aquivos exclama: “Vem prosterna Do mais prestante a
unguíssona parelha! Justo é lhe darmos o segundo prêmio,

E o filho de Tideu guarde o primeiro.” Soa o aplauso, e de
Eumelo a égua fora, Se não reclama Antíloco: “Pelides,

Essa iníqua sentença me exacerba!

Negas meu jus com pena de que um nune, Frustrando-lhe a
destreza, lhe ofendesse

O coche e leve tiro! Aos céus rogasse, Não seria o postremo. Se
hás piedade E o amas, tens rebanho e ouro e cobre, Tens
escravas contigo e bons cavalos,

Com que ao diante, ou já, brindá-lo possas; Então a gosto
aplaudem-te os Aquivos.

Meu prêmio não darei; se alguém o anela, Ora de armas na
mão buscá-lo venha.” Sorrindo Aquiles, ao querido sócio

Disse afável: “Será como desejas;

De Asteropeu lustrosa Eumelo tenha

Érea couraça de alvo estanho orlada,

Que ele há-de apreciar.” Da tenda manda Que a traga
Automedon seu camarada.

Na posse do presente, Eumelo folga. O divo Menelau, sentido
iroso,

Do arauto, que silêncio impôs aos Gregos, Tomado arvora o
cetro: “Que é da tua Honra e prudência, Antíloco? Infamaste
Meu valor, meus corcéis, de encontro a eles Os teus de menos
brio atravessando; Príncipes Gregos, sem favor julgai-nos;
Ninguém diga: — Mentindo e prepotente O Atrida obteve do
Nestório o prêmio; Pois, se ronceiros os cavalos tinha,
Em violência e furor o avantajava. —

Eu mesmo o julgarei, nem cuido que haja Dânao que o
desaprove: ao rito nosso, De Jove aluno Antíloco, ante o carro,
O flagelo empunhando que agitavas, Tange os cavalos, por
Netuno jura

Que o meu curso impediste involuntário.” Responde o sábio
Antíloco: “Perdoa,

Rei Menelau; na idade e na valia

Me vences muito, os erros não ignoras Da cega juventude
irrefletida;

Sê comigo indulgente. A égua é tua, De mim recebe-a; se do meu quiseres, Tudo, ó ramo de Jove, aqui te oferto; Contanto que não saia do teu peito,

Nem perjure as deidades.” Nisto, a égua Ao rei trouxe o magnânimo Nestório.

Qual derrama-se orvalho nas espigas Da crescida seara ao vento crespas No coração do nobre Atrida aspersa A alegria o repassa, e verteu fora:

“Quebro, Antíloco, as iras, pois que nunca, Menos hoje, iludiu-te a mocidade;

Cauto os melhores enganar evites.

Graio nenhum mais presto me aclamara; Por mim tens padecido amargos transes, E teu bom pai e irmão. Rendo-me e dou-te Esta que é minha; testemunhem todos

Que alma ingrata não tenho e empedernida.” E a égua a Noemon, do moço pajem,

Remete, e aceita o caldeirão fulgente. Levanta Merion em quarto prêmio

Os dois áureos talentos. Resta o quinto, Biaurito boião, que entre o concurso Leva a Nestor Aquiles: “Velho agosto, Não mais verás Pátroclo; por memória, Esta fúnebre dádiva conserva.

É prêmio de honra, não de cesto ou luta, Dardo ou carreira: os anos te acabrunham.” Cala, e entrega o boião. Nestor contente Pega-lhe, e ajunta: “Bem discorres, filho: Nem fortes membros tenho ou pés ligeiros, Nem movo ágil na espádua o frouxo braço. Fosse eu na flor, como um Burpásio, quando Ao régio Amarinceu com ricos prêmios Funeral seus herdeiros celebraram!

Nenhum valente ali se me igualava,

Nem de Epeus, nem de Pílios, nem de Etólios; Venci no cesto o Enópio Clitomedes;

Na luta, o desenvolto Anceu Pleurônio; O celérrimo Ificlo, na carreira;

No arremesso, a Fileu e a Polidoro.

Os Actóridas sós me antepassaram,

Que eram dois, e invejavam-me a vitória De mor preço: os corcéis um destes gêmeos Regia sempre sempre, outro açoitava.

Tal fui; toca aos mancebos imitar-me: Hoje à cruel velhice a fronte curvo, Dante sobre os heróis me distinguia. Conclui os funerais do sócio egrégio. Teu benévolo dom me regozija;

Porque de mim te lembras, nem prescindes De acatar, como justo, o idoso amigo.

Largo o Céu te agradeça a cortesia.” Depois de ouvir os gabos do Neleio, Rompe Aquiles a turba, indica os prêmios Do pugilato cru: no circo amarra,

Primo, indefessa de seis anos mula, Braba e quase indomável; em segundo, Põe bicôncava copa: “Atridas, clama,

Vós grevados Argeus, que os punhos vibrem Dois prestantes varões determinemos:

A quem triunfo Apolo der às claras, Esse a mula obtenha laboriosa;

A bicôncava copa haja o vencido.” Surge o varão, nervudo e corpulento, Panopides Epeu, no cesto exímio,

E agarra a mula: “Quem deseje a copa, Venha; esta cuida que nenhum me ganhe; De primeiro púgil eu me glorio.

Não basta ser obscuro nas batalhas?

Mas não é de um mortal primar em tudo. Ouse qualquer, e com certeza afirmo

Que hei-de os ossos moer-lhe. Assistam muitos, Que o retirem daqui por mim domado.”

Reina mudo silêncio; mas deiforme Só levantou-se Euríalo, do régio Talaionides Mecisteu renovo,

O qual nos jogos fúnebres de Edipo Rendera em Tebas os Cadmeios todos. O lanceiro Diomedes o acorçoa,

E lhe almeja a vitória; ata-lhe um cinto, Guantes lhe calça de silvestre couro.

A ponto, ambos no circo se oferecem; Punho a punho engalfinham-se e rebatem; Bolha em cópia o suor, os queixos rangem.

O divo Epeu de chofre o rosto esmaga Ao circunspecto Euríalo, que ter-se

Mais não podendo, abate os pulcros membros. Qual, ao sopro do norte, em praia algosa D'água à tona enrugada salta o peixe,

E o serve a negra vaga; assim ferido Rolou, mas generoso Epeu levanta-o Com rijo braço. Amigos o transportam, Rojando inúteis pés, cruor cuspindo,

A nutar a cabeça e desmaiado;

Da bicôncava copa não se esquecem. Da luta prêmios dois apresenta Aquiles: Apta ao fogo, uma trípode é primeiro, Preço de doze bois; outro, uma serva,

Que se estimava em quatro e boa em tudo. Alçado aos Gregos diz: “Surgi, valentes, Vosso esforço provai neste certame.”

Soberbo o Telamônio ofereceu-se,

Depois Ulisses nos ardis fecundo.

Nus, mas tangados, mão por mão se atracam Da liça em meio,
como escoras mestras,

Na cumeeira traveja artífice hábil

Contra aquilões; constrictos os costados Pelo válido braço, harto
rouquejam; Pinga o suor; cruentas roxas bolhas Crescem nos
ombros e quadris; cobiçam Tamanha glória, a trípole
excelente: Ulisses derribar a Ajax não pode,

Nem este a Ulisses de vigor pasmoso. O tédio já lavrava, e Ajax
vozeia: “Divo astuto Laércio, ou me levantes, Ou eu to faça: o
resto incumbe a Jove.” Nisto, acima o levou; com treta Ulisses,
De um cambapé na curva, o laxa e estira, E sobre ele supino cai
de peitos:

O povo os admirava estupefato.

Vai também levantá-lo, e a custo um pouco Move-o do chão,
nos joelhos implicado; Sujos enrolam-se ambos na poeira.

Tentavam nova luta, quando Aquiles Os coibiu: “Cesse o cruel
certame,

Tais forças não gasteis. Vencestes ambos,

E o prêmio igual será. Fique aos mais Gregos A liça franca.” Os
dois heróis o escutam,

O pó limpam do corpo e se revestem. Para o pedestre curso,
ostende insigne Capaz de seis medidas uma argêntea
Cratera, em todo o mundo a mais formosa: Pela indústria
Sidônia elaborada,
Por mar chatins Fenícios a importaram, Dádiva a Toas; mas
Euneu Jasônio,
Que houve-a depois, de Licaon Priâmeo Solveu com ela o preço
ao bom Menécio. Então com ela premiava Aquiles
A quem fosse mais leve na carreira. Pôs ao segundo um gordo
boi vistoso; Áureo meio talento, ao mais tardio: “Sus, grita,
neste páreo assinalai-vos.” Surde o Oiliades bravo, o Ítaco
sábio, Surde Antíloco o jovem mais ligeiro;
Postam-se em fila: o termo Aquiles marca, E lhes acena. Da
barreira atiram-se:
Reluz avante Ajax, Ulisses perto, Quanto a que tece da petrina
airosa Afasta a lançadeira, que hábil joga, Trama extensa no
urdume entrelaçando.
Antes que o pó se apague da pegada, Ele a calca, e o pescoço
lhe bafeja
No alado curso. Aclamações e vivas Sustentavam-lhe o afogo
da vitória.

No extremo quase, em mente o Laercides Ora: “Auxílio, Minerva
olhicerúlea!”

A deusa o atende; os membros lhe agiliza, Pernas e mãos; já já
no fim, transvia

A Ajax, que sobre o esterco das mugentes Vítimas imoladas ao
Menécio, Resvalando, enlameia a boca e as ventas. Leva a
cratera o paciente Ulisses;

Ajax do boi silvestre aferra os cornos,

A bosta escarra: “Os pés falsou-me a deusa; Ah! de Ulisses mãe
terna o assiste sempre.” Com doce gargalhada o receberam.

Toma o Nestório o derradeiro prêmio, E diz sorrindo: “Amigos,
estais vendo,

O céu honra os proectos: pouco em anos Me sobra Ajax;
aquele, bem que nado Com nossos pais, é verde, e na carreira

Ninguém há que o supere, exceto Aquiles.”

O herói folgou do encômio, e respondeu-lhe: “Este louvor,
Antíloco, não perdes.”

E outro meio talento ao moço oferta, Que ledó e contentíssimo
o recebe.

Depois o pique trouxe e o elmo e escudo Que Pátroclo a
Sarpédon arrancara:

“Dois valentes agora se aparelhem

E provem seu denodo. Quem primeiro Com choupa aênea, à vista da assembléia, O arnês do seu rival tingir de sangue, Esse terá de Asteropeu rendido

Bela Treícia claviargêntea espada; Comuns serão as armas de Sarpédon: Lauto festim na minha tenda aceitem.” Surge o grã Telamônio e o grã Tidides. Preparando-se à parte, à pugna investem

Com cenho que aterrora e espanta os Gregos; Ardendo as lanças vezes três sopesam, Cerram-se três: o escudo Ajax perfura,

A couraça ao rival defende a pele; Por cima do pavês a cúspide ênea Busca Diomedes lhe embeber no colo.

Temendo por Ajax, partir os prêmios E o combate fechar determinaram;

Mas a Diomedes um montante Aquiles Deu com sua bainha e bálteo insigne.

Bruto, qual sai da forja, um disco expõe-se Que jogava Eetion, e o trouxe Aquiles Entre a riqueza ao forte rei tomada:

“Em pé, grita, o Grajúgena robusto;

Por vastos que haja o vencedor seus campos, Assaz ferro terá para cinco anos,

Sem quinteiro ou pastor ir ao mercado.” Polipetes pugnaz,
Leonteu deiforme,

O Telamônio e Epeu, se perfilaram. Epeu roda-o, nervoso e
pouco destro, Com risada geral. De Marte ramo, Foi segundo
Leonteu. Rijo e forçado,

O gigantesco Ajax transcende as marcas. Já Polipetes o torneia
e expede;

Quanto o báculo voa do boieiro A revoltões por cima da
manada,

Supera o tiro seu: ressoa o aplauso; Do rei braçudo ovantes
camaradas

Aquele enorme disco às naus recolhem. De ferro, aos sagitários,
dez bipenes,

Dez machadinhas põe; na arena, ao longe Um mastro erige da
cerúlea proa;

Alvo das frechas, num cordel apensa Do tope, atada aos pés,
tímida pomba:

“Quem, disse, nela acerte, haja as bipenes; Quem, aberrando,
os fios lhe desfaça,

Como inferior, as machadinhas leve.” Com ímpeto o rei Teucro
se levanta, Mais o escudeiro Merion. De Teucro Sai do elmo a
sorte; incontinente a vira

Dispara, sem que a Febo uma hecatombe Sagre de
primogênitos cordeiros:

Cioso o deus o arreda, mas a farpa

Corta os laços dos pés, que ao chão vieram; Ei-la nos céus
adeja, e os vivas soam.

O arco verga Merion e a seta aponta; Ao Longe-vibrador um
sacrifício Vota solene; à revoante pomba

N'asa entre as nuvens percutindo a seta, Ante o que a
desfechou fisga-se em terra;

A ave recai no mastro, o colo pende, A envergadura estira; a
veloz alma Evola-se, e distante o corpo tomba.

Fica espantado o povo. As dez bipeses Ganha Merion, e Teucro
as machadinhas. De atiradores prêmio, um longo pique
Presenta, e um caldeirão todo escultado, Puro das chamas, do
valor de um touro. Ergue-se o amplo-reinante e o Cresso pajem
Merion; mas atalha-os o Pelides:

“É sabido, Agamemnon, quanto em forças E em dardejar
exceles. Para bordo

Manda o vaso, eu te rogo, e o pique demos Ao bravo Merion, se
tu o consentes.”

Não se opôs Agamemnon: dado o pique A Merion, Taltíbio
arauto aceita

Para seu amo o caldeirão formoso.

L I V R O XXIV

Findo o certame, às naus dispersos correm; Cuidam na ceia, em
brando sono pegam.

Reluta à quietação, que enleia a todos, O Pelides saudoso a
revolver-se,

Ou supino, ou de bruços, ou de ilharga; Lembra-lhe a valentia, o
ardor daquele

Com quem tanto empreendeu, curtiu fadigas, Em duro marte,
em perigosos mares,

E debulha-se em lágrimas. Levanta-se, Vaga ao longo da praia,
até que as ondas A aurora purpureia: então, jungindo

O alado coche, atrás liga o Priâmeo; Roja-o três vezes do
sepulcro em giro, Torna ao leito, e no pó deixa o cadáver. Dói-
se Febo de Heitor, conserva-o puro,

De égide áurea coberto, a fim que a rastos Lacerado não seja
indignamente.

Do mau trato os celícolas ditosos Compadecendo-se, o Argicida
incubem De subtrair o divo herói defunto.

O arbítrio aprouve, menos a Netuno,

À irmã Satúrnia, à virgem de olhos garços: Elas a Príamo e seu
povo odeiam

Pela injúria e sentença de Alexandre, Que, em paga da lascívia
e amor infesto, Em seu tugúrio a Vênus dera o pomo.

Na duodécima aurora exclamou Febo: “Nunes cruéis, Heitor
seletas coxas

Não vos queimou de bois e nédias cabras? Morto, ingratos,
vedais que o veja a esposa, Mãe, filho e genitor, que o povo
inteiro Alce-lhe a pira e o funeral celebre?

Só vos agrada o iníquo atroz Pelides, Leão que, em si fiado,
ama cevar-se Na triste grei, sem pejo ou consciência,

Que humanos corações compensa ou pune. Quem perde irmão,
conjunto, ou mesmo a prole, Suspira e chora, mas o nojo
enfreia,

Que é dos humanos sorte o resignar-se: Este, roubada ao nobre
Heitor a vida, O arrasta pela campa do consócio; Contra
insensível barro afronta inútil,

Bruto furor que nos irrita e inflama.” Grita em cólera Juno:

“Argenti-archeiro,

Sócio dos maus, tais homens não compares: Heitor foi por
mulher amamentado;

Por deusa Aquiles, que, por mim nutrida, Esposei com Peleu,
dos Céus dileto:

Vós à boda assististes; ao convívio Tu, pérfido, na lira a decantaste.”

Logo o Tonante: “Não te enfades, Juno. Diferem muito em honras; mas aos deuses E a mim esse era o Teucro predileto; Nem dons poupava, libações, banquetes, Nidor e fumo, recompensas nossas.

Furtado não será, pois dia e noite Vela Tétis assídua. Aqui ma chamem; Discreto lhe direi que aceite Aquiles

A remissão de Heitor e o renda a Príamo.” A núncia procelípede, por Samos

E Imbro fragosa, ao pélagos descende, E o salso lago freme; cala ao fundo

Qual plúmbea péla que em selvagem corno Aos crudívoros peixes leva a morte.

Numa gruta acha a Tétis e as Nereidas,

Chorando o exímio Aquiles, n’alma Tróia Longe da pátria a falecer fadado:

“Vem, Tétis, que te chama o Onipotente.” A argentípede acode:

“Que pretende?

Ir aflita me pesa à etérea corte;

Mas Júpiter o manda, é quanto basta.”

Eis cinge a deusa augusta o véu mais negro, De todos
lugubríssimo, e dispara;

Íris de aérea planta a precedia,

E em derredor as ondas se apartavam. Tomam terra, ao céu
voam: lá sentou-se No feliz coro Tétis; a cadeira

Do Altitonante ao pé lhe cedeu Palas. Juno a consola, e em
ouro passa o néctar; Bebe a Nereida e restitui o copo.

E o pai de homens e deuses: “Cá vieste, Bem que indelével
mágoa em ti concentres; Conheço-o, Tétis, mas te exponho a
causa. Há nove dias sobre Heitor e Aquiles Urbífrago se alterca:
instam que a furto

O Argicida sutil salve o cadáver:

Eu, por nossa amizade e o que te devo, Deixar quero a teu filho
a glória toda. Anda, informa-o da cólera dos numes, Da minha
indignação, pela crueza

De reter ante as naus de Heitor o corpo; Remido o renda, se me
teme e acata.

Íris despacha ao Tróico rei brioso; Vá resgatar seu filho à Grega
frota,

E com largueza ao vencedor contente.” Frecha do Olimpo Tétis,
e acha Aquiles Em ais na tenda; os íntimos cuidadosos Para o
festim lanuda rês degolam.

Senta-se Tétis perto, a mão lhe afaga: “Filho, tua alma em lágrimas consumes? Enjeitas a comida, o leite esqueces?

Busca alívio em amante carinhosa,

Já que te acena a Morte e vou perder-te. Núncia de Jove, a indignação declaro Dele e de todo o Céu, pela crueza

Com que reténs Heitor e a Tróia o negas.”

Responde Aquiles: “Se é querer do Olímpio, Venha quem traga o preço e o corpo leve.”

Enquanto a mãe e o filho assim discorrem, A Príamo o Satúrnio Íris deputa:

“Sem demora, prescreve ao rei Troiano Que generoso rima o seu mais caro;

O vencedor as dádivas contentem. Ele que vá sozinho, e idoso arauto Governe andejas mulas e a caleça Onde o morto carreie; e vá sem medo,

Guia-lo-á Mercúrio aos pés de Aquiles.

Do herói não tema em casa ofensa alguma, Nem de qualquer: sisudo, humano e atento, Um suplicante poupará benigno.”

Disse; Íris procelípede ao palácio

Real chega: o alarido e o luto encontra, Filhas de choro umedecendo as vestes Em cerco ao velho no seu manto

envolto, Sujos cabeça e colo em cinza imunda, Que a rolar-se
aos punhados esparzira; Filhas e noras ululando, errantes,
Seus valentes invocam, tais e tantos, Pelos Aquivos golpes
derribados.

Ao rei trêmulo a núncia, em voz depressa

Para o não abalar: “Coragem, disse, Nada receies, Príamo. Aqui
Jove Benévolo me envia, e longe embora, De ti se compadece e
tem cuidado. Que resgates Heitor ele te ordena,

E o Pelides com dádivas comovas;

Que vás às naus sozinho, e idoso arauto Governe andejas mulas
e a caleça

Onde o morto carreies: e vai sem medo, Guiar-te-á Mercúrio
aos pés de Aquiles. Do herói ofensa alguma ali não temas,

Nem de qualquer: sisudo, humano e atento, Um suplicante
poupará benigno.”

Partiu-se: aos filhos manda o rei que aprestem Mular caleça, e
uma arca em cima liguem; Desce à fragrante câmara cedrina

De excelso teto, encerro de tesouros; Chama por Hécuba:

“Infeliz de Jove Me veio núncia prescrever que parta A remir
nosso filho com presentes.

Teu coração que diz? No meu resolvo Ir já buscar os arraiais
dos Gregos.”

E ela em soluços: “Onde o siso d’antes, Que estrangeiros e Teucros te louvavam? Sozinho ires às naus e ao cru verdugo Dos teus guerreiros numerosos filhos!

De ferro entranhas tens. Se ele te empolga, Sem dó, respeito ou fé, será contigo.

No interior destes paços o choremos; Pois ao pari-lo eu mesma, a feia Parca Fiou que, de seus pais ele apartado, Fartasse a gula dos sanhudos perros Do cruel, cujo fígado eu trincara Para vingar ultrajes do meu filho...

Ah! nem fugiu, nem se esquivou cobarde; Morreu firme, por Tróia e pelas Teucras De regoado seio combatendo.”

Replica o divo esposo: “Ave agoureira Tu não me sejas, nem me aqui demores: Não me convencerás. Fosse um terrestre Árúspice, adivinho ou sacerdote, Hesitar ou não crê-lo nos coubera;

Mas ouvi mesmo a deusa e a vi presente, Não baldarei meu rogo. E se é destino

Junto às naus Gregas acabar, acabo: Mata-me Aquiles; mas sequer meu filho

Nestes braços estreite, e em choro apague Meu amargo pesar, minha saudade.”

E destampando as caixas, doze aparta Peplos louçãos, mantas singelas doze, Doze tapetes, opas doze e estas Conformes várias túnicas; talentos Áureos dez, duas trípodes luzidas, Caldeirões quatro, e um copo superfino Que embaixador em Trácia lhe ofertaram: Nem reserva este em casa; a todo custo Redimir seu Heitor almeja o velho.

Do pórtico o tropel gritando arreda: “Fora, vis; dor não tendes nem tristeza, Para aqui virdes agravar a minha?

Ou folgais de que Jove me roubasse

Meu bravo Heitor? Senti-lo-eis, perversos; Ele por terra, sois dos Gregos preia.

Antes que Tróia aos olhos meus desabe, Do Orco me sorva o tragador abismo!”

Disse, e os toca a bastão; mal que os expulsa,

Os filhos nove increpa, Heleno, Páris, Divo Agáton, Antifono, Pamones,

E Deifobo, e Hipotoo e o nobre Agavo, E Polites belaz: “Sus, preguiçosos,

Paterno opróbrio! Em vez de Heitor, vós todos Jazêsseis ante as naus. Em Ílio, ai! Triste, Fortes gerei, nenhum dos quais me resta: Mestor deiforme, o campeão Troílo,

Heitor, que entre os humanos parecia

Não de um mortal nascido e sim de um nume, Perdeu-os Marte;
ignavos sós me ficam, Falsos, hábeis na dança, ou na rapina
De cabritos do público e de ovelhas. Como! Tardais em
preparar as mulas, Pôr tudo na caleça, a fim que eu parta!”
Humildes e submissos, leve e nova Caleça, arca, de buxo tiram
jugo

De embigo e anéis fornido, mais de um loro Jugal de nove
cúbitos, que agitam

Ao cabo do temão, por cuja argola E chaveta passando, com
três voltas

No embigo o enleiam de uma e de outra banda,

Em nó sumindo por debaixo as pontas; Na caleça, da câmara
trazido,

O resgate acumulam precioso; As solípedes mulas emparelham,
Com que a seu pai os Mísios regalaram; Ao velho os brutos
férvidos conduzem, Que ele mesmo criara à manjedoura: Estes
o arauto e o rei, no altivo pórtico, Jungem, n'alma conselhos
fomentando. Chega-se Hécuba triste, e em áurea copa Vinho
tendo suave, e junto pára

Dos corcéis: “Toma, liba, ao grã Satúrnio Roga feliz tornada, já
que à frota,

A meu pesar, o ânimo te impele; Suplica e exora a Júpiter
nimbozo,

Que do Ida em nós atenta, anúncio fausto: Voe à destra sua
águia a mais diletta; Vejam-na os olhos teus, e afouto partas.

Mas, se o altitonante o agouro nega,

Bem que ardas em desejo, eu não te exorto A ir às naus dos
furibundos Gregos.”

“Sim responde o bom rei, concordo, esposa;

Cumpra, a Jove implorando, alçar as palmas.” Nisto, água pura
à despenseira pede;

Ela queda sustêm bacia e jarro.

Depois que lava as mãos, recebe o copo; No átrio em pé, liba e
ora, os céus fitando: “Potente sumo deus, que do Ida imperas,
Dá que benigno se apiade Aquiles;

Tua águia mais diletta envia à destra; Vejam-na os olhos meus,
para que afouto Às naus eu vá dos furibundos Gregos.” Pródigo
o escuta Jove, e a caçadora Morfom manda infalível nos
augúrios, Percnon também chamada. Quanto é largo Portão
soberbo de opulenta régia,

Tanto ela à destra expande as asas fuscas; Tróia com regozijo a
viu librar-se.

Do ruidoso vestibulo, montado,

O rei despede o coche; Ideu prudente Rege de quatro rodas a caleça; Príamo atrás pela cidade excita

E os ginetes flagela. Os mais conjuntos,

Qual se andasse a morrer, chorando o seguem;

Tanto que da muralha ao campo desce, Mestos genros e filhos se recolhem.

Os dois compadecido avista Jove,

E ao seu Mercúrio fala: “É-te agradável Os homens freqüentar e a gosto ouvi-los:

Príamo às naus conduze, e o não pressintam, Antes que aos pés de Aquiles o introduzas.” À voz do excelso pai se inclina e apresta: Calça os áureos talaes, com que adeja

Sobre as terras sublime ou sobre ondas, Como rápido sopro; a vara empunha, Com que aos olhos mortais carrega o sono Ou desperta o prazer, e os ares tranca.

À vista já de Tróia e do Helesponto, Num príncipe galhardo se disfarça Em venusta e pubente juventude.

Aqueles, de Ilo o túmulo passado, Corcéis no rio e mulas abeberam;

A Mercúrio, ao crepúsculo noturno, O arauto enxerga: “Para nós caminha, Dardânida, um varão; cogita o meio De nos salvarmos: ou fugir no carro,

Ou de joelhos suplicar piedade.” Confuso o velho, atônito, hirta a coma, Retêm-se a estremecer. Mercúrio avança, A destra lhe segura e o interroga:

“Quê! De noite, ancião, corcéis e mulas Chicotas, quando o sono os mais procuram! De inimigos cercado, não te assustas?

Se algum te visse carretar no escuro Tesouros tais, que alvitre buscarias;

Não és mancebo, e um velho te acompanha, Para a qualquer ataque resistires.

Tu não me temas, defender-te quero, Pois te assemelhas a meu pai querido.” Príamo respondeu: “Bem dizes, filho:

Mas protege-me um deus, que me apresenta Guia esbelto e gentil, prudente e afável; Ditosos os mortais que te geraram!”

“Cordato falas, torna-lhe o Argicida; Mas sê sincero: onde as riquezas levas?

Por ventura a estrangeiros, que tas guardem? Ou todos Ílio abandonais com medo?

Ah! teu filho bravíssimo perdeste,

Nada inferior aos Gregos no conflito.”

E Príamo: “Quem és, de quem procedes, Ótimo jovem, que do extinto filho

Falas-me assim cortês?” — Então Mercúrio: “Informações de Heitor obter ensaias.

Muitas vezes o vi, mormente quando, Com assombro geral de lança botes Contra os baixéis os Dânaos rechaçava. Iroso Aquiles nos continha ignavos; Sou Mirmidon, na mesma nau viemos: Rico, velho também, de sete filhos,

Me expediu Polictor por seu companha, Feito o sorteio. O acampamento exploro; Pois, na alvorada, os olhinegros Dânaos Ílio acometerão, que já não podem

Os reis conter o exército feroso.” Príamo inda: “Se fâmulo és de Aquiles,

Dize, ante a frota jaz meu filho, ou preia Dos cães do vencedor foi lacerado?” “Jaz ante a frota, replicou Mercúrio; Aves nem cães o corpo lhe tocaram;

Há doze dias, puro está sem vermes,

De que os mortos na guerra são comidos. Ímpio, ao luzir da aurora, em torno o roja Do sepulcro do amigo: admirarias

Quão fresca se acha a carne, estanque o sangue, Sem mais lesão, fechadas as feridas,

Que lhe pregaram tantos. Já defunto, Gratos os deuses do Priâmeo curam.” Jubiloso o Dardânida: “Meu filho,

Bom é render o que se deve aos numes; Em vivo nunca Heitor os esquecia; Dele extinto os celícolas se lembram.

Toma este copo, e com favor supremo, Guarda-me e guia ao pavilhão de Aquiles.” “Sou moço, torna o deus, mas não me tentas; Na ausência do Pelides nada aceito;

Muito o venero, desfalcá-lo temo

E em seu ódio incorrer. Na via de Argos, Vás por mar ou por terra, hei-de ir contigo; Eu sendo o condutor, ninguém te ofende.” Eis pula ao carro; o açoite e as rédeas pega; Fogo inspira aos corcéis, às mulas fogo.

Junto às navais trincheiras o Argicida

Na ceia às ocupadas sentinelas

Sono infunde, a porteira abre e destranca, Introduz a caleça e o real coche.

Apropínqua-se à tenda, que de abeto Os Mirmidões para seu rei teceram, De hispida agreste cana a cobertura, Em derredor extensa paliçada.

Sustinha a porta, que cerrava o claustro, Línea barra, a três homens grave peso, Do só Pelides facilmente alçada;

O deus do lucro a Príamo a franqueia, Introduz a caleça, e em terra salta: “Velho, guiar-te aqui me ordenou Jove; Sou

Mercúrio. O Pelides não me sinta, Volto; a mortais favorecer às
claras

Não cumpre às divindades. Entra, ajoelha, Pela mãe Tétis, pelo
pai, depreca,

Para amansá-lo o filho seu memora.” Mercúrio se ala; Príamo se
apeia, Deixando fora a Ideu corcéis e mulas Seguiu direito;
achou de Jove o aluno Dentro sentado, à parte os sócios,
menos

Alcimo e Automedon, ramos de Marte, Que à mesa diligentes o
serviam,

Onde satisfizera a sede e a fome. Não visto passa o corajoso
velho, Até que prosternado, humilde beija

A mão terrível que imolou seus filhos. Quando por homicídio
alguém se exila, E em país estrangeiro e nobre albergue
Refúgio encontra, espectadores pasmam: Pasma Aquiles assim,
e os circunstantes Olham-se estupefatos. O Dardânio Súplice
roga: “Lembre-te, ó Pelides,

O idoso pai, como eu posto à soleira Da pesada velhice. Por
vizinhos Talvez oprimido, defensor não tenha; Vivo ao menos te
sabe, e folga e espera Ver tornar cada dia o egrégio filho.

Ai! Gerei tantos bravos na ampla Tróia, Dos quais eu penso que
nenhum me resta.

Cinqüenta ao vir o assédio, eram de um leito Dezenove, os demais de outras mulheres: Morte nos tem segado quase todos.

O único esteio nosso, pela pátria A combater, acabas de roubar-mo,

Heitor... Venho remi-lo à frota Argiva Com magníficos dons.
Respeita os numes; Por teu bom pai, de um velho te apiades:
Mais infeliz do que ele, estou fazendo

O que nunca mortal fez sobre a terra: Esta mão beijo que matou meus filhos.” De Peleu mais saudoso, o herói suspira,
Pega-lhe a destra e brando afasta o velho: Um de joelhos por Heitor pranteia; Outro chora seu pai, chora a Pátroclo:

De ambos o soluçar na tenda estruge. Desafogada em lágrimas a pena, Ergue-se da cadeira o divo Aquiles, Por si levanta a Príamo, e o compunge Branca a régia cabeça e branca a barba: “Ai mísero, sobejo hás padecido!

E a mim que te privei de extremos filhos, Buscas sozinho?
Entranhas tens de ferro. Senta-te; ao luto agora devemos tréguas. Viver sempre em tristeza é lote humano:

Existir sem cuidados é dos deuses. Há dois tonéis ao limiar de Jove De males e de bens: se misturados

Os derrama o Tonante, o que os recebe Ora sofre e ora goza;
mas, se entorna Somente males, em penúria o triste Vaga de
pesadume em pesadume,

Dos imortais ludíbrico e dos mundanos. Assim teve Peleu mil
dons celestes, Brilho, opulência, império e uma deidade Por
consorte; mas Júpiter negou-lhe

Ao trono sucessor, porque imaturo Devo longe acabar, sem que
de arrimo Lhe seja na velhice, em Tróia estando Para desgraça
dela e teu flagelo.

Também lograste já de quanto abrange Lesbos ao sul, de
Macaris morada,

A Frígia eoa e amplíssimo Helesponto; Brilhaste, velho, em filhos
e riquezas;

Mas, dêz que o Céu mandou-te a crua guerra, Geme Ílio de
matança e horror cingida.

A alma em luto perpétuo não consumas;

Com te afligir Heitor não ressuscitas; Quiçá maiores danos te
ameaçam.”

Mas Príamo: “Sentar-me, herói, não faças; Dentro sem sepultura
está meu filho.

Redimido, o mais breve mo presentes; Os dons que trago
aceita numerosos; Logra-os, à pátria volvas, tu que à vida E a

luz do sol gozar hoje me outorgas.” Minaz Aquiles: “Não me irrites, basta;

Heitor hei-de render, que prescreveu-mo, De Jove em nome, a genetriz Nereida.

Sei, não mo ocultes, Príamo, às naus Graias Conduziu-te algum nume: entrar no campo Nunca ousara mortal, por mais florente; Nem iludira os guardas, nem das portas

As barras facilmente descerrara.

Não me comovas mais com teus queixumes; Inda que és suplicante, eu posso, velho, Expulsar-te, infringindo a lei de Jove.”

Ei-lo, em susto, obedece; fora Aquiles Pula como um leão, mais seus dois pajens Alcimo e Automedon, que sobre todos,

Morto o Menécio, honrava. Eles desatam As mulas e os corcéis; na tenda assentam Ideu canoro; da caleça tiram

Do resgate os presentes preciosos; Dois mantos e uma túnica luzida

Reserva o herói de Heitor para envoltório. As criadas mandou lavá-lo e ungi-lo,

Sem visto ser do pai; receia que este Aflito rompa em cólera, e o constranja, Contra o querer de Jove, a assassiná-lo. Já perfumado, a túnica e um dos mantos

Lançam-lhe; Aquiles o ergue e o põe num féretro, Que os dois com ele na caleça metem.

Gemendo invoca o sócio: “Não te agraves, Pátroclo, se constar no reino escuro

Que Heitor a Príamo entreguei remido; Pois tive egrégios dons, e a melhor parte Ser-te-á consagrada, alma querida.” Volve à tenda e à cadeira artificiosa, Donde saíra, na parede oposta:

“Fiz, Príamo, o teu gosto, jaz teu filho No féretro; ao partir, na aurora o vejas.

Porém da ceia agora nos lembremos. Níobe de comer também lembrou-se, A quem seis filhos e seis filhas jovens O Arcipotente com a irmã frecheira

Prostrara a setas, porque a mãe formosa Se afrontava à pulcrícoma Latona, Tendo esta só dois partos, e ela doze: Os dois porém dos doze deram cabo.

Nove dias sangüentos e insepultos, Pois Jove o povo em pedra convertera, Celestes ao dezeno os enterraram.

Enfim comeu, de lágrimas cansada.

Ora em Sípilo, entre ásperas montanhas, Onde as ninfas, que às margens do Aqueloo Guiam coreias, como é fama, alverga.

Já transformada em rocha, inda sensível Estila a dor que os deuses lhe infligiram. Tratemos pois da ceia: ao transportá-lo, Divo ancião, prantearás teu filho.

Tens muito que chorar, sossega um pouco.” Súbito sacrifica branca ovelha:

Esfolam-na, esquartejam-na, e a preceito

Assam de espeto no brasido as postas; Em canistréis na mesa o pão reparte Automedon, e Aquiles trincha as carnes. Às viandas se deitam; e saciados, Príamo admira o talhe do Pelides

E a divina beleza, admira Aquiles A facúndia e presença do Dardânio.

Depois de mutuamente se esguardarem, O ancião começa: “De Jove aluno, Repassar pelo sono me permite:

Dês que às mãos tuas expirou meu filho, Não preguei mais as pálpebras; na cinza Rolo, em pranto recozo os meus pesares.

Ora um bocado engulo a vez primeira,

E em roxo vinho as fauces umedeço.” Estender manda ao pórtico o Pelides Belos colchões vermelhos, e por cima Tapetes e felpudos cobertores;

Saem fora de tocha e diligentes As cativas preparam duas camas.

O herói com falso medo: “Hospede amigo, No pórtico estarás,
porquanto os Gregos

Soem vir consultar-me n’alta noite;

Se algum te enxerga e informar-se Agamemnon, Ser-te-ia o
resgate retardado.

Que tempo dize aos funerais precisas, Para eu conter o exército
em repouso.” E o Tróico rei: “Se em funerais consentes

Ao meu bom filho, esse favor me é grato. Em sítio nós, a mata
longe temos,

Ílio aterrada: ao luto nove dias,

À sepultura o décimo e ao banquete, Ao túmulo o seguinte se
consagre;

Já que é força, ao dozeno combatamos.” “O que pedes será,
tornou-lhe Aquiles; O ataque sustarei todo esse tempo.”

E por mais segurança, a real destra Na sua aperta. Ao pórtico
dormiram Príamo e Ideu, cuidados revolvendo:

Mas dentro Aquiles e a gentil Briseida. Numes e campeões do
sono logram; Velando só Mercúrio negocioso, Cogita como às
naus subtraia o velho, E das portas iluda as sentinelas.

Põe-se-lhe à cabeceira: “Entre inimigos Repousas, por te haver
poupado Aquiles, Por excessivo preço Heitor vendendo?

Por ti vivo os que restam lhe dariam Presentes em tresdobro, se Agamemnon E outros Gregos aqui te lobrigassem.”

O rei, sobressaltado, o arauto acorda; Mesmo aparelha o deus corcéis e mulas, E sem que o sintam pelo campo os guia; No vau já do de Júpiter progênie Rápido Xanto, o vasto Olimpo sobe,

Ao desferir seu manto a ruiva Aurora. Ambos chorosos e em suspiros trotam, Nem dos varões nem damas percebidos; Porém, montando a Pérgamo, Cassandra Áurea e venusta, o amado pai descobre E o defunto na tumba e Ideu canoro; Pela cidade soluçando ulula:

“Vede, eis Heitor, ó Teucros e Troianas,

Que em vivo, ao regressar de horrível pugna, De júbilo e esperança o povo enchia.”

Nem homem nem mulher nas casas fica,

Todos em nojo à entrada se apinham Do cadáver em torno; avante a esposa E augusta mãe ao féretro se arrojam, Carpem-se a coma, tocam-lhe a cabeça. A turba lastimava, e até sol posto

Em pranto ali seria, se do assento

O rei não grita: “Às mulas dêem passagem, Depois de mestas lágrimas fartai-vos.” Arredam-se, e a caleça ao paço roda.

Em recortado leito o herói colocam, E músicos ao pé entoam
nênicas,

A que o fêmeo gemebundo coro

Triste resposta. A bracinívea Andrômaca, A cabeça ao
bravíssimo sustendo,

O luto enceta: “Esposo em flor troncado, Viúva me abandonas,
e o filhinho

Que em mim geraste por desgraça dele! Púbere não será, sem
que primeiro

Do fastígio arruíne a excelsa Tróia; Pois acabaste, ó guarda e
certo apoio De castas mães, de míseras crianças, Que
arrastadas às naus serão comigo.

Tens, meu Astianax, de acompanhar-me, Sob um cruel senhor
escravo indigno; Ou ser de horrível torre despenhado

Por Graio a cujo irmão, genitor, prole, Fez morder a poeira em
cem batalhas Teu valoroso pai, na guerra acerbo:

É por isso que o povo inteiro o chora. Dos parentes, Heitor, é
grave a pena;

Mas a dor que me punge é inda mais crua. Ah! moribundo a
mão nem me estendeste, Nem adeus me disseste e os bons
conselhos, Que dia e noite em pranto eu recordasse!” O lamento
fêmeo então redobra,

E Hécuba em ais prorrompe: “Heitor, meu filho O mais amado,
em vivo aceito aos numes,

És seu valido em morto. Os mais Aquiles Tomados os vendia
além dos mares,

Em Samos, Imbro, em Lemnos de árduo porto: A ti, cortada a
vida a brônzeo gume,

Te rojou pela campa de Pátroclo,

Se do inferno evocá-lo a que o mandaste; Mas fresco e belo
estás, como a quem Febo

Do arco argênteo vibrou rápida seta.” Exaspera-se o luto, e
Helena exclama: “Heitor, ó meu cunhado e o mais querido, Pois,
consorte me trouxe o divo Páris,

E oxalá que primeiro eu percesse!

Quase há vinte anos sou da pátria ausente, Nunca te ouvi
dictério e um só remoque; E, se irmã tua ou cunhada minha,

Irmão teu, minha sogra (pois no sogro Meigo pai sempre
encontro) me increpava, Manso e humano e indulgente o
coibias.

Choro-te pois e a mim, que, odiosa a todos, Não tenho quem
me ampare e me perdoe.” Seu suspirar maior tristeza infunde;

E ao povo imenso Príamo: “Troianos, Ide, lenhai, sem susto de
emboscada;

Que, ao despedir-me, Aquiles prometeu-me Só na dozena
aurora o saltar-nos.”

Ligam presto às carroças bois e mulos, Juntam-se ante a
muralha. Ingentes cargas De lenha acarretando nove dias,
Ao décimo entre lágrimas levantam,

E no cimo da pira Heitor colocam, E ateiam fogo. A dedirrósea
Aurora Veio raiando, e a gente refervia.

Depois que em roxo vinho apagam todos Em roda a chama,
seus irmãos e amigos, De arroios d’água as faces alagadas,
Em urna de ouro os brancos ossos colhem, De finos mantos
carmesins coberta,

Na cova a metem, que por cima forram De grossas lajes. Do
sepulcro ereto

Em roda há sentinelas, que previnam Dos de greva louçã
qualquer ataque. Já tumultado, aos paços reverteram, Onde
Príamo rei, de Jove aluno,

Lhes deu funéreo esplêndido convívio. Heitor doma-corcéis tais
honras teve.

InfoLivros.org

